

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Arquitetura
PROPAR – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura

**AS SOCIEDADES PRAIANAS NA ARQUITETURA DO LITORAL NORTE DO
RIO GRANDE DO SUL**

Marione Denise Otto

Porto Alegre, 2016

**AS SOCIEDADES PRAIANAS NA ARQUITETURA DO LITORAL NORTE DO
RIO GRANDE DO SUL**

Marione Denise Otto

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Arquitetura.

Área de concentração: Teoria, História e Crítica da Arquitetura

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Calovi Pereira

AGRADECIMENTOS

Ao professor Cláudio Calovi, pela orientação sempre segura e pelo apoio desde o início do mestrado.

Aos amigos e colegas da ULBRA Torres, especialmente, Marcos Bueno, Moisés Vitoreti, Enaldo Nunes Marques, Breno Clezar Junior, Karla Barros Coelho, Efreu Quintana, Enilton Braga, Ana Cristina Castagna, Bianca Breyer Cardoso, Marta Volkmer e Leonardo Garateguy. À Thaís Menna Barreto pelo incentivo e confiança. A Renata Matos, pela amizade e parceria sempre.

Aos amigos Luciane Lange e Leonardo Klafke

Aos que me auxiliaram no início desta jornada, Cicero Alvarez e Guilherme Essvein de Almeida.

Aos que colaboram de alguma forma na disponibilização de informações e materiais, Alessandra Gelain, Jorge Luís Stocker Jr., Leda Saraiva Soares, Silvia Korpalski, Willy Artman, Alessandra Szekut, Lourdes Zarpelon Kullmann, Cláudia Casaccia, Nélide Casaccia, Thaís Menna Barreto, Suzy Brucker Fayet, Beatriz Fayet, Sergio Marques, Tiago Chiesa, Luciane Lange, Jaime Batista, Luana Gonzalez Bassa.

Aos meus pais Arcildo Otto e Liane Otto, pelo seu exemplo e afeto.

A minha irmã Monalisa Otto, pelas importantes contribuições neste trabalho.

A Cecília Esteves e Jorge Pinheiro, pelo acolhimento e zelo.

A Rodrigo Esteves, por todo o apoio e por estar sempre ao meu lado.

RESUMO

Os edifícios das sociedades praianas e clubes do litoral norte gaúcho são apresentados neste estudo, individual e conjuntamente, em seu contexto local e regional. Tendo em vista que cronologicamente as construções desses clubes coincidem ou se subseguem ao desenvolvimento urbano da maioria dos balneários gaúchos, coube um olhar atento a esse aspecto, abarcando os planos urbanísticos e as eventuais relações das implantações desses clubes nas malhas urbanas, bem como, paralelamente, ao desenvolvimento das técnicas de construção civil. Para análise das qualidades construtivas e formais desses edifícios, foram estudadas as influências dos desdobramentos da arquitetura moderna no país e no Rio Grande do Sul - do final da década de 1930 à década de 1970 - além das peculiaridades da modernidade gaúcha e porto-alegrense e sua conseqüente influência na arquitetura litorânea gaúcha, considerando a cultura do veraneio como conexão espontânea entre capital e litoral. A escolha das seguintes obras levou em conta a relevância arquitetônica, conexões com o modernismo e os documentos disponíveis para análises: Sociedade Amigos de Tramandaí (SAT), Sociedade dos amigos da Praia do Imbé (SAPI), Atlântida Praia Clube (APC), Sociedade Amigos do Balneário Atlântida (SABA), Sociedade dos Amigos de Capão da Canoa (SACC), Sociedade Amigos da Praia de Curumim (SAPC), Sociedade Amigos de Arroio do Sal (SAAS) e Sociedade Amigos da Praia de Torres (SAPT). Alguns dos primeiros prédios das sociedades acima referidas surgiram com influências de estilos antecedentes ao modernismo, às vezes apresentando traços de um determinado estilo, ou híbridos, com a presença de elementos estilísticos de diversas influências. Porém, no período áureo de cada uma destas sociedades, todas apresentaram características modernas em suas sedes. Em conjunto, a história de seus edifícios reflete a evolução da arquitetura do Litoral Norte do Rio Grande do Sul no período estudado. Com a análise dessas obras pretende-se entender o papel da arquitetura das sociedades praianas na formação dos balneários do litoral norte gaúcho.

ABSTRACT

The buildings of the beach societies and clubs of the north coast of Rio Grande do Sul are presented in this study, individually and jointly, in their local and regional context. Considering that chronologically the buildings of these clubs coincide or undergo the urban development of most of the gauchos balnearies, a close attention was paid to this aspect, encompassing the urban plans and the possible relations of the implantations of these clubs in the urban networks, as well as, in parallel, To the development of civil construction techniques. In order to analyze the constructive and formal qualities of these buildings, the influences of the developments of modern Brazilian architecture in the country and in Rio Grande do Sul - from the late 1930s to the 1970s - were studied in addition to the peculiarities of modernity in Rio Grande do Sul and Porto Alegre And its consequent influence on the coastal architecture of the state of Rio Grande do Sul, considering the summer vacation culture as a spontaneous connection between capital and the coast. The selection of the following works took into account the architectural relevance, connections with modernism and the documents available for analysis: Sociedade Amigos de Tramandaí (SAT), Sociedade dos amigos da Praia do Imbé (SAPI), Atlântida Praia Clube (APC) (SABA), Sociedade dos Amigos de Capão da Canoa (SACC), Sociedade Amigos da Praia de Curumim (SAPC), Sociedade Amigos de Arroio do Sal (SAAS) and Sociedade Amigos da Praia de Torres (SAT). Some of the earliest buildings of the above-mentioned societies arose with influences of styles antecedent to modernism, sometimes presenting traits of a particular style, or hybrids, with the presence of stylistic elements of various influences. However, in the golden age of each of these societies, all had modern characteristics in their headquarters. Together, the history of its buildings reflects the evolution of the architecture of the North Coast of Rio Grande do Sul in the studied period. With the analysis of these works, we intend to understand the role of architecture of beach societies in the formation of balnearies on the northern coast of Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. PRECEDENTES E CONTEXTO.....	13
1.1. Primórdios dos veraneios.....	14
1.2. Litoral pitoresco.....	19
1.3. Veraneio como conexão.....	34
2. URBANISMO NOS BALNEÁRIOS.....	38
3. PANORAMA DAS SOCIEDADES AMIGOS DAS PRAIAS.....	61
3.1. SAT – Sociedade Amigos de Tramandaí	65
3.2. SAPI - Sociedade dos Amigos da Praia do Imbé	75
3.3. APC e SABA – Atlântida Praia Clube e Sociedade Amigos do Balneário Atlântida	94
3.4. SACC – Sociedade Amigos de Capão da Canoa	120
3.5. SAPC – Sociedade Amigos da Praia de Curumim.....	137
3.6. SAAS – Sociedade dos Amigos de Arroio do Sal	142
3.7. SAPT – Sociedade Amigos da Praia de Torres	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	178
Bibliografia.....	178

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende examinar a arquitetura do Litoral Norte do Rio Grande do Sul a partir do estudo dos projetos e dos edifícios de algumas das sociedades de amigos das praias (SAPs) nessa região, limitando o recorte cronológico desde o final da década de 1930, quando algumas das agremiações já começavam a ser implantadas, até a década de 1970, período em que o cenário arquitetônico do Litoral Norte possuía fortes características modernas. Isso se manifestou em grande parte das últimas edificações construídas pelos referidos clubes. Paralelamente à história das sociedades praianas, verifica-se a evolução das técnicas construtivas e a expressão estilística nessa produção arquitetônica nos principais balneários marítimos do Rio Grande do Sul. É intuito desta pesquisa registrar um pouco desta história.

O advento do veraneio e a cultura da segunda residência nas praias gaúchas foi o fenômeno que propiciou, a partir da década de 1930, a criação de agremiações de veranistas. A organização dessas sociedades permitiu, por exemplo, que os associados pudessem, em conjunto, ter voz ativa para reivindicar junto à municipalidade ou ao Estado, melhorias, tanto na infraestrutura dos balneários, quanto nas estradas de acesso às praias. Além disso, viabilizaram a construção de suas sedes que dispunham de espaços para a prática de esportes, a sociabilidade e o entretenimento, suprimindo as carências desse tipo de equipamento urbano nos balneários.

A exemplo de outros clubes gaúchos - em virtude das mudanças socioculturais - muitas dessas sociedades sofreram uma rápida decadência a partir da década de 2000. Algumas ruíram¹, enquanto outras estão lutando contra as circunstâncias adversas à socialização, tentando manter-se de portas abertas.

Considerando a importância da herança arquitetônica das SAPs e a fragilidade deste patrimônio, o intuito da pesquisa é a documentação e registro desta porção da história da arquitetura litorânea, por meio da análise de alguns de seus edifícios-sedes. A seleção dos edifícios se definiu por dois critérios: a relevância de sua arquitetura e a viabilidade da obtenção de material documental referente aos seus projetos arquitetônicos.

¹ É o caso da sede do Santa Terezinha Praia Clube (STPC), da Sociedade dos Amigos da Praia do Imbé (SAPI) e do Praia Clube Rainha do Mar (PCRM).

É oportuno salientar que o estudo apresenta um bom número de exemplares relevantes para o estudo da arquitetura, no contexto da produção local no Rio Grande do Sul. Por vezes esta arquitetura tem intenções de monumentalidade, apresenta estratégias singulares de projeto ou características estilísticas peculiares. Ocasionalmente, ela mostra conexões mais evidentes com outras arquiteturas de sua época. Portanto, esta produção se mostra pertinente na conjuntura local, sendo sua importância de abrangência regional.

Além de pesquisas documentais em fontes primárias, este estudo se viabiliza pela revisão bibliográfica referente à arquitetura gaúcha, especialmente a moderna, seus antecedentes e as vertentes que a influenciaram; à história da formação urbana dos balneários; e aos próprios clubes, foco deste estudo. Os documentos pesquisados foram coletados nos Arquivos Municipais das cidades litorâneas de Osório, Tramandaí e Torres, no acervo do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB – RS), na hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital, no arquivo do Jornal Correio do Povo, no Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul, em visita às sedes e escritórios das sociedades, no Museu Três Torres, na consulta ou empréstimo de acervos particulares, entrevistas, entre outros.

As principais fontes primárias utilizadas, foram as plantas dos projetos dos clubes, memoriais descritivos, atas de reuniões das sociedades e publicações da época. Complementando a pesquisa, outras fontes importantes e que auxiliaram especialmente na confirmação de fatos e verificação de datas, são as reportagens de periódicos pesquisados em acervos físicos ou digitais. A revista A Gaivota era direcionada aos veranistas das praias do Rio Grande do Sul e é rica em imagens e informações sobre alguns dos hotéis onde se formaram as primeiras Sociedades Praianas. Também apresenta propagandas e reportagens de loteamentos de balneários gaúchos na época em que foram projetados ou executados. Outros periódicos como o jornal Correio do Povo ou Diário de Notícias, entre outros, auxiliaram na confirmação de autorias de projetos, datas ou esclareceram informações pontuais que antes estavam imprecisas.

A bibliografia base para esta pesquisa abrange um viés arquitetônico e outro histórico. Mesmo no caso do segundo, buscou-se aspectos referentes à arquitetura sempre que possível.

Quanto à arquitetura moderna brasileira, numa visão simplificada podemos dizer que se disseminou principalmente do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo até a capital gaúcha

e desta irradiou-se para o litoral e outras regiões do estado. As teses de Bruand (1981) e de Comas (2002) serviram de base para apontar algumas influências do movimento moderno brasileiro na arquitetura litorânea, ou, eventualmente, traçar comparativos com as situações dos edifícios das Sociedades Praianas. A propósito da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul, buscou-se fundamentação principalmente em teses, dissertações e artigos de autores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPAR – UFRGS). A tese de Marques (2012) é base importante por cobrir aspectos referentes não só à Arquitetura Moderna no Rio Grande do Sul, como também, suas origens teóricas e geográficas e seus personagens, alguns dos quais comparecem em capítulos da presente pesquisa. O artigo de Calovi (2002) aponta a participação de arquitetos do Rio de Janeiro no surgimento da arquitetura moderna em Porto Alegre e trata de circunstâncias que definiram a arquitetura da capital entre os anos 1930 e início dos 40. O contexto descrito por Calovi repercutiu também no litoral norte gaúcho e alguns vestígios deste cenário ainda podem ser encontrados nessa região e em alguns dos edifícios que serão aqui apresentados. A dissertação de Szekut (2008) trata da obra do arquiteto Luís Fernando Corona e dedica um capítulo à SAPI (Imbé). A autora, além de contribuir com sua produção bibliográfica, forneceu um importante material iconográfico alusivo ao concurso promovido pelo departamento gaúcho do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RS) para a sede da sociedade Imbeense. A dissertação de Oliveira (2010) sobre o estilo Art Decó - praticado no Rio Grande do Sul pelos arquitetos Machiavello e Rúbio, embora não cite o projeto da SAPT, apresenta uma biografia dos arquitetos e descreve a arquitetura praticada por eles na capital gaúcha. Muitas das características desta arquitetura coincidem com as dos projetos litorâneos de Machiavello e Rúbio, arquitetos que comparecem em um dos capítulos da presente dissertação, já que foram autores de uma das sedes da SAPT (Torres). Com relação aos chalés litorâneos, a principal fonte utilizada foi dissertação de Jung (1999), que contextualiza o uso desta tipologia largamente exercida no Litoral Norte do Rio Grande do Sul entre as décadas de 1920 e 1960 e complementa a análise de algumas das primeiras sedes das Sociedades Praianas. A propósito do estilo californiano, Veiga (1993) escreveu uma monografia que contém dados utilizados nesse estudo, uma vez que o estilo, além de ser recorrente no local e período que abrange a presente pesquisa, influenciou a estética tanto da primeira sede da SAT em Tramandaí, quanto do segundo edifício construído pela SAPT em Torres.

Dentre as referências bibliográficas relacionadas ao urbanismo, a tese de Strohaecker (2007) é o mais abrangente registro sobre a urbanização do litoral norte gaúcho. Moreno, precursor na análise da implantação do plano urbanístico de Atlântida, em 1959 descreveu sucintamente o balneário em seus aspectos geográficos, históricos e urbanísticos. De maneira mais aprofundada, a recente dissertação de Oliveira (2015) investiga a história dos planos de Ubatuba de Faria para Atlântida, apresenta os primeiros edifícios do balneário e aborda o tema da arquitetura e urbanismo modernos no litoral norte Rio Grande Sul. Também os artigos de Menna Barreto, publicados em 2010 e 2012, foram utilizados, sobretudo para o entendimento da contribuição do engenheiro Ubatuba de Faria na urbanização dos balneários marítimos do Rio Grande do Sul.

No âmbito da história dos balneários do litoral norte do Rio Grande do Sul, Soares (2000 e 2002), individualmente ou em coautoria com Purper (1985), resgata memórias da região, com ênfase nas praias de Tramandaí e Imbé. Schossler (2010), em sua dissertação de mestrado, produz registros relevantes sobre o veraneio gaúcho, desde seus primórdios até a década de 1950. A história de Atlântida é retratada no livro organizado por Bertolucci (2012), em comemoração aos 60 anos do balneário. Além de relatos de Bertolucci, o livro possui depoimentos de diversos personagens envolvidos na formação de Atlântida. O passado de Torres é registrado, entre outros, no livro de Ruschel (2004), na dissertação de Cardoso (2008) e complementada iconograficamente com o livro de Batista (2012). Muitos fragmentos pertinentes ao assunto dessa pesquisa foram reunidos nas fontes supracitadas e a conexão das informações delimitou o horizonte e o conteúdo dessa dissertação. Ainda assim, muitos pontos permanecem obscuros, de modo que o presente estudo não se apresenta como documento homogêneo, completo e conclusivo em relação à arquitetura dos clubes praianos gaúchos, mas sim, como um material que complementa ensaios já realizados e eventuais pesquisas futuras para o entendimento da produção arquitetônica no litoral norte do Rio Grande do Sul.

Quanto à estrutura do texto, o capítulo 1 trata das primitivas construções que antecederam a arquitetura de veraneio, e esta, por sua vez é apresentada como consequência da imigração e da influência da cultura europeia, e a arquitetura resultante do veraneio é apontada como conexão com a cultura arquitetônica das demais regiões do Estado, especialmente a Capital, a Região Metropolitana e o Vale dos Sinos. Ainda neste capítulo,

serão apresentados e brevemente discutidos os precedentes na arquitetura gaúcha e as vertentes que encontram correspondência no cenário litorâneo. Ubatuba de Faria, engenheiro e urbanista, é apresentado no capítulo 2, no âmbito de sua importante atuação em projetos urbanísticos para o Litoral Gaúcho. Ao descrever o cenário em que se inserem os edifícios das sociedades praianas, o texto encerra a primeira parte da dissertação que trata dos antecedentes relevantes que cercam o tema da pesquisa.

O terceiro capítulo concentra-se propriamente no objeto de estudo e apresenta um breve histórico seguido de uma análise descritiva de cada um dos edifícios pesquisados. O conteúdo é dividido nos subcapítulos: SAT - Sociedade Amigos de Tramandaí; SAPI – Sociedade Amigos da Praia de Imbé; APC e SABA– Atlântida Praia Clube e Sociedade Amigos do Balneário Atlântida; SACC – Sociedade Amigos de Capão da Canoa; SAPC – Sociedade Amigos da Praia de Curumim; SAAS – Sociedade Amigos de Arroio do Sal e SAPT – Sociedade Amigos da Praia de Torres.

Por fim, nos parágrafos conclusivos se expõem algumas considerações a respeito dos projetos, edifícios e circunstâncias abordadas.

1. PRECEDENTES E CONTEXTO

1.1. PRIMÓRDIOS DOS VERANEIOS

No Rio Grande do Sul, os primeiros a adotarem a prática da hidroterapia eram de descendência germânica e seguiram o hábito europeu por questões salutaras. Médicos imigrantes alemães, conhecedores dos tratamentos hidroterapêuticos, disseminaram a prática no sul do Brasil em algumas comunidades de imigração alemã. Também reportagens em jornais de língua alemã propagandeavam os banhos salutaros praticados em sanatórios europeus e brasileiros. Não tardou para que os estabelecimentos que originalmente priorizavam a saúde como objetivo, introduzissem em seus edifícios estruturas voltadas para o entretenimento. Conforme Schosller (2010), na Alemanha destacam-se as águas termais das cidades de Homburg, Aix-la-Chapelle, Kissingen, Ems, Baden-Baden, entre outras. Esta última foi um centro de lazer aristocrático ímpar, frequentado pela realeza. Na Europa, a hidroterapia, que originalmente era praticada em estações termominerais de água doce, aos poucos foi sendo substituída pelo hábito dos banhos de mar, também recomendado como tratamento medicinal. Aos poucos, novos locais de vilegiatura² são implantados à beira-mar a partir da oitava década do século XVIII, dentre os quais, Scheveningen (Países Baixos), Ostende (Bélgica) e Boulogne (França). Portugal, que desde o século XV conhecia o poder curativo das águas termais³, somente a partir de 1820 adota o litoral como local de cura e lazer. Anteriormente, em 1808, a família imperial, ao chegar ao Brasil seleciona determinados lugares para a prática da vilegiatura. Ainda no período do império, esses estabelecimentos são implantados aos moldes europeus, frequentemente dotados de terma, hotel e cassino.

Os cassinos nas estações termais brasileiras foram relevantes estabelecimentos da vida mundana, mas também co-agentes no imperativo de cura". [...] O período áureo do termalismo brasileiro está delimitado entre as décadas de 1930 e 1950, sendo que seu declínio está atrelado à decisão do Presidente da República Eunício Gaspar Dutra, que, em 1946, abruptamente proibiu os jogos, provocando o

² Temporada de recreio, repouso, férias que se passa fora dos centros urbanos, no campo, praia ou balneário. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/vilegiatura/> > Acesso em: 12 mar. 2016.

³ Em meados de 1948, ao passar por Caldas de Óbidos, D. João II e D. Leonor – família real portuguesa - avistaram pessoas se banhando para curar enfermidades. Ao descobrir o poder de cura das águas, a rainha teria encomendado a construção de um hospital na localidade, que a partir de então passou a ser chamada de Caldas da Rainha. SCHOSSLER, J. C. "**As Nossas Praias**": Os primórdios da Vilegiatura Marítima no Rio Grande do Sul (1900-1950). [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010, p. 33

fechamento dos cassinos em todo país, e conseqüentemente o caos na economia das estâncias hidrominerais. (SCHOSSLER, 2010, p. 38)

Também o Uruguai e a Argentina possuíam balneários litorâneos de estilo europeu desde o final do século XIX.

O Rio Grande do Sul, no final do século XIX, contava com vários sanatórios de hidroterapia, localizados nas mais diversas cidades, dentre as quais, a capital Porto Alegre, Hamburger Berg (hoje Novo Hamburgo), Taquara, Canela, Farroupilha, entre outras. Na cidade de Iraí,

[...] as Águas de Mel, como eram chamadas, datam de 1894. No entanto, sua procura e seu usufruto deram-se somente após fevereiro de 1917, quando a comissão técnica do estado estudou seu aproveitamento para a utilização terapêutica”. Antes disso, porém, os indígenas locais já conheciam as fontes e faziam uso das águas. [...] O destaque dado à “cidade saúde” aumentou durante a década de 1930. [...] [Nos] anos de auge da estação, a cidade termal contava com cerca de oito hotéis. [...] Como toda estação termal, Iraí também possuía cassinos que faziam parte do processo de “cura” durante a estadia. (ex.: Casino Irahya, 1939; Casino Guarany, 1940) [...] A onda da jogatina, partindo das estações termais, também atingiu as estações balneárias no litoral do Rio Grande do Sul, onde os hotéis com cassinos ou somente os cassinos anunciavam a abertura de suas temporadas na imprensa gaúcha. Estes estabelecimentos teriam desviado a atenção de banhistas de Iraí, aumentando o fluxo de banhistas nas areias das praias gaúchas (SCHOSSLER, 2010, p. 68-78).

Em Porto Alegre os balneários do rio Guaíba também surgiram no final do século XIX

A Sociedade de Ginástica Porto Alegre, SOGIPA, fundada em 1867, por um grupo de alemães, deu início ao Deutscher Turnverein, onde eram praticados esportes como a ginástica e o tiro. Dois anos mais tarde, o grupo de ginástica decidiu se separar, formando, em 1876, uma nova sociedade [...] [que] construiu em 1885, à beira do rio Guaíba, [...] uma piscina para banhos. A edificação da Badeanstalt [é] considerada a primeira piscina do Rio Grande do Sul (SCHOSSLER, 2010, p. 79).

Pela imagem do estabelecimento (Figura 1) podemos perceber a adoção da estética romântica dos chalés, modismo que se expandiu a outras regiões do Estado e foi largamente empregado no litoral gaúcho.



Figura 1: Casa de Banhos do *Turnerbund*, destruída por um incêndio em 1917.
 Fonte: Schossler, 2010, p. 80

Outras entidades voltadas ao lazer banhar e aos esportes náuticos foram se estabelecendo na orla da praia porto-alegrense com o passar dos anos. Nos tempos áureos do veraneio no Guaíba, o Estado investiu em infraestrutura e alguns balneários receberam nomes de badaladas praias cariocas e paulistas. Entretanto, assim como ocorreu nos balneários marítimos, o grande impulso para o desenvolvimento urbano partiu da esfera privada. Os balneários Ipanema e Espírito Santo (Figura 2) são exemplos de urbanização cuja iniciativa estava a cargo de uma empresa privada. No caso destes balneários, a empresa responsável era a Sociedade Territorial Balneário Ipanema LTDA. O engenheiro Oswaldo Coufal, idealizador dos balneários e sócio desta empresa, estava à frente também do empreendimento imobiliário e urbanístico do Balneário de Imbé, assunto que será abordado mais adiante.



Figura 2: Propaganda do Balneário Espírito Santo na revista *A Gaivota*
 Fonte: IHGRS, revista *A Gaivota*, 1934 p. 41-2.

Nas imagens dos balneários porto-alegrenses na revista *A Gaivota* – edição de 1934, destaca-se a casa de Oswaldo Coufal, projetada por João Monteiro Neto e construída em 1931. Pereira (2013), ressalta que o estilo moderno empregado nesse projeto, buscava a simplificação, em contraponto aos excessos do ecletismo e que se vinculasse às aspirações de uma sociedade em de modernização.

Este estilo moderno usava elementos decorativos abstratos que não tinham função definida, a não ser a de evitar a simplificar ao extremo das novas fachadas de planos puros. [...]. Essa arquitetura é comumente associada com o estilo denominado *Art Déco*. (PEREIRA, 2013, p.113)

O estilo da referida residência, na época era uma exceção no cenário do veraneio. As praias de mar do litoral norte do Estado eram frequentemente descritas como bucólicas e agrestes, como no texto do escritor Telmo Vergara:

[...] Areia, chão e água verde: sim, todos os requisitos para a monotonia. Sim, confesso: A praia é monótona, é monótono esse espetáculo que o verão nos faz decorar: areia, chão, água, ... [...]. No entanto, esse espetáculo é tão agradável, é tão saboroso! Monotonia gostosa, monotonia alegre! (VERGARA, 1929, n.p.)

Em outro trecho do texto, o sossego do cotidiano praiano é momentaneamente invadido pela civilização:

Passou a civilização, vertiginosa no automovel possante. O auto foi ficando um ponto negro, diminuiu lentamente; o ruído extinguiu-se. Mas ficou o rastro, gravado na areia molhada... A civilização passou (sic)! (VERGARA, 1929, n.p.)

O escrito era acompanhado de imagens de uma pacata praia (provavelmente Cidreira), em que aparecem alguns poucos ranchos de madeira, muito simples, com telhados de duas águas (Figura 3).

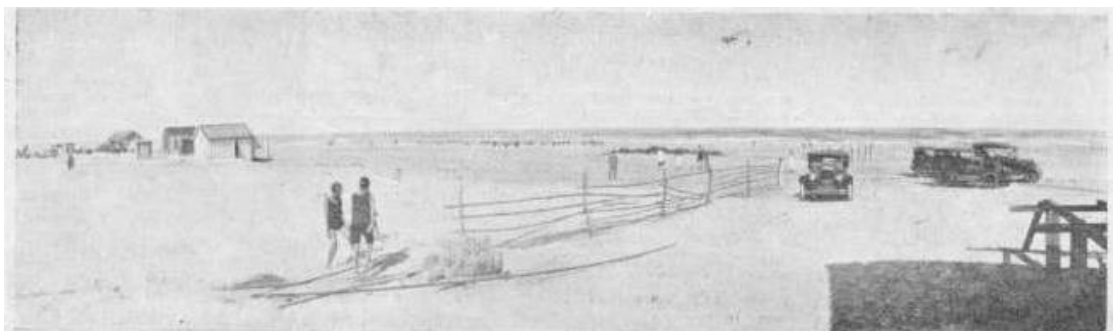


Figura 3: Recorte da Revista do Globo cuja legenda era: “O encanto das nossas praias”.
Fonte: Revista O Globo, ano I, nº 6, 1929, n.p.

Nos balneários do litoral gaúcho dos anos 1930 era comum esse tipo de residência e até a década de 1950, mesmo as novas construções, eram predominantemente chalés em madeira, às vezes em alvenaria, ricamente ornamentados e de volumetria movimentada (JUNG, 1999). Características semelhantes possuíam as residências dos balneários porto-alegrenses ou em litorais além-fronteiras, como os do Uruguai e Argentina⁴ ou Cascais e Estoril em Portugal⁵. Nesses locais, apesar da influência de diversas vertentes regionais, houve uma certa coincidência na adoção da linguagem arquitetônica dos chalés na formação dos balneários. Não vamos aqui buscar as raízes definitivas destas manifestações, mas com o aporte da bibliografia existente será possível abordar o assunto, que é apenas um dos aspectos dentre muitos relevantes na arquitetura e urbanismo do litoral norte gaúcho.

⁴ O estilo californiano, recorrente nos balneários gaúchos, refletiu a arquitetura usual na capital do Estado entre 1940 e 1950. Segundo Veiga, em Porto Alegre, a adoção do estilo californiano se deu devido à maior proximidade da aristocracia porto-alegrense como Uruguai e Argentina e a falta de vínculos maiores com o centro cultural do País. As casas californianas configuraram a morfologia dos bairros afastados do centro urbano, como Assunção, Alto Petrópolis e Teresópolis. “Podemos fazer uma relação direta entre as casas do bairro Assunção e as casas do Mar del Plata: ambas foram construídas em balneários, para atender um tipo específico da sociedade, o novo burguês”. Confrontando o estudo de Veiga com a profusão do estilo californiano nos balneários marítimos gaúchos, é possível inferir sobre a influência dos países vizinhos na constituição da arquitetura litorânea do Rio Grande do Sul. Ver: VEIGA, E. J. G. **O Estilo Californiano em Porto Alegre, no período de 1948 a 1952**. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993, cap. 2.9, n.p.

⁵ O poder curativo do mar passa a ser valorizado na Europa nas últimas décadas do séc. XIX e a presença da aristocracia e das famílias reais impulsiona moda dos veraneios e a construção de núcleos balneares junto ao mar. Em Portugal não foi diferente. A constituição da arquitetura de veraneio das referidas cidades no litoral português, especialmente Cascais, é descrita por Silva em seus diferentes modelos referenciais: “em primeiro lugar, os palácios historicistas do final do século XVIII e do século XIX”. “O *chalet* é o segundo modelo da arquitetura de veraneio. Tipologia habitacional complexa, ela comporta diversas subdivisões internas, sendo comum a todas a inspiração rústica, manifesta no uso artesanal da pedra e das madeiras como materiais construtivos e decorativos. Os mais luxuosos procuram aproximar-se dos valores vivenciais de míticos castelos medievais, divulgados nas revistas da época, a partir de espécimes ingleses, franceses e alemães. Os mais modestos apropriam-se da imagem de casas de montanha, na Inglaterra, na Suíça e na Alemanha”. Ver: SILVA, R. H. D. **Arquitetura de Veraneio Cascais**. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2010, p. 15 e 17

1.2. LITORAL PITORESCO

Ao se examinar a bibliografia que trata da história do Litoral Norte gaúcho, buscou-se resgatar a memória da arquitetura que antecede a prática do veraneio, antes da construção dos edifícios das Sociedades Amigos das Praias. No século XIX, a paisagem litorânea gaúcha é descrita como quase desértica, local de trânsito de viajantes e tropeiros, com a presença da agricultura das estâncias e da atividade pesqueira crescente (SOARES e PURPER, 1986 apud SANT-HILAIRE, 1974, p. 18). Os registros de Saint-Hilaire em 1820 mencionam uma paisagem desértica e alguns ranchos de palha à beira do rio Tramandaí, construídos para temporariamente abrigar pescadores; e em Torres o viajante relata o início da construção da igreja e a finalização de um forte junto ao “alojamento dos soldados do posto e o do alferes que os comanda”.

Quase um século mais tarde, em 1906, Roquette-Pinto já aponta Cidreira e Tramandaí como praias de veraneio. Relata a existência, em Cidreira, de um grupo de ranchos de madeira cobertos de palha, abandonados, que no verão abrigam os veranistas vindos de Porto Alegre. Em relação à Tramandaí, Roquette afirma:

A pequena aldeola tem umas 100 casas, tôdas (sic) de madeira cobertas de tiririca-do-brejo (*Cyperacea*), baixas e originais, onde se aloja uma pequena população de pescadores. Para os banhistas, que chegam em pleno verão, aí existem dois hotéis, ambos construídos segundo a norma das outras casas: paredes de tábuas e tetos de palha.

As referidas opções de hospedagem para os banhistas eram o Hotel da Saúde e o Hotel Sperb. A população de pescadores era predominantemente de origem luso-açoriana⁶.

A pintura de Pedro Weingärtner (Figura 4), de 1913 ilustra as modestas casas de palha em meio aos cômoros das areias da praia de Cidreira.

⁶ SOARES, L. S.; PURPER, S. **Tramandaí Terra e Gente**. Porto Alegre: Pallotti, 1986, p.60



Figura 4: Pintura de Pedro Weingärtner - Praia de Cidreira, 1913.
Fonte: SHOSLLER, 2010.

Soares e Purper (1986) explicam que, com o advento da cultura da hidroterapia⁷, era comum que um mesmo rancho simples de palha e/ou madeira, abrigasse mais de uma família nas épocas de veraneio. Porém, segundo as autoras, a origem desse tipo de construção é anterior à prática dos banhos terapêuticos.

Em Tramandaí, a primeira atividade humana a exigir uma construção, foi a habitacional aliada à profissional. Alguns homens vinham de longe para pescar no Rio Tramandaí; e todos necessitavam um local de pouso [...]. Assim, surgiram os primeiros ranchos de palha disseminados pelas margens do rio. Eram comunitários. Ali se instalavam aqueles que estivessem precisando de um abrigo para aquela noite (1986, p. 93.).

As autoras também esclarecem sobre o método construtivo e o aspecto das habitações:

Estes pequenos ranchos eram feitos de tiririca-do-brejo, amarradas em taquaras que, por sua vez, eram fixadas em uma estrutura de madeira (geralmente, capoporoca) que emergia diretamente do chão de terra batida. De planta quadrangular (ou retangular) apresentava apenas três paredes inteiriças, sem aberturas e, o quarto lado, era aberto à intempérie (SOARES E PURPER, 1986, p. 93, 94).

Com o tempo, alguns pescadores foram se estabelecendo à beira do rio Tramandaí e aprimorando o abrigo. A moradia recebe fechamento nos quatro lados e individualização dos cômodos:

⁷ Sobre os primórdios da hidroterapia e do processo que consolidou a cultura de veraneio no Rio Grande do Sul, ver: SHOSSLER, J. C. "**As Nossas Praias**": Os primórdios da Vilegiatura Marítima no Rio Grande do Sul (1900-1950). [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010 e SHOSSLER, J. C. **História do Veraneio no Rio Grande do Sul**. Jundiá: Paco Editorial, 2013.

[...]sala, quarto e cozinha são separados por paredes, também de tiririca-dobrejo. Normalmente não há variação quanto à planta do rancho. Todas apresentam, numa divisão quase simétrica: dois quartos de um lado; sala e cozinha do outro; sendo a sala na frente, cozinha nos fundos; as janelas nas laterais; as portas, na frente e nos fundos. O chão continuava sendo de terra batida. Instalações sanitárias não existiam (SOARES e PURPER, 1986, p. 94).

Continuam a descrição explicando que o método construtivo era o mesmo dos ranchos primitivos:

[...]estrutura de madeira, caibros finos cravados no solo, vigas horizontais amarradas aos caibros por meio de embria – uma fibra vegetal. Com intervalos equidistantes (1 palmo e meio) eram fixadas as taquaras onde eram presos feixes de tiririca, que caíam como uma franja sobre a taquara inferior. E assim cobriam toda a extensão da casa. As portas eram de madeira. Giravam sobre gonzos e fechavam com uma tramela[...]. As janelas fechavam, também, por meio de placas de madeira. Estas construções eram baixas: a escala era a altura do dono da casa. O pé-direito era apenas, mais ou menos, meio metro além da altura do homem em posição vertical. O mobiliário consistia de camas rústicas, cadeiras de madeira com assento de palha, mesa tosca, esteiras, bancos de madeira – por vezes, fixados na parede da cozinha. O fogão era uma chapa, com grandes aberturas por onde saía o fogo, colocada sobre latas vazias de querosene. [...] A iluminação era à base de candeeiros: pequenas latas contendo querosene [ou azeite de peixe], com a parte superior em forma de funil por onde saía uma ponta de cordão torcido. Esta ponta, úmida pelo querosene, era acesa e, enquanto ardia, iluminava o ambiente (SOARES e PURPER, 1986, p. 94-5).

Além de descreverem a habitação, as autoras apresentam uma planta baixa junto a um desenho em perspectiva:

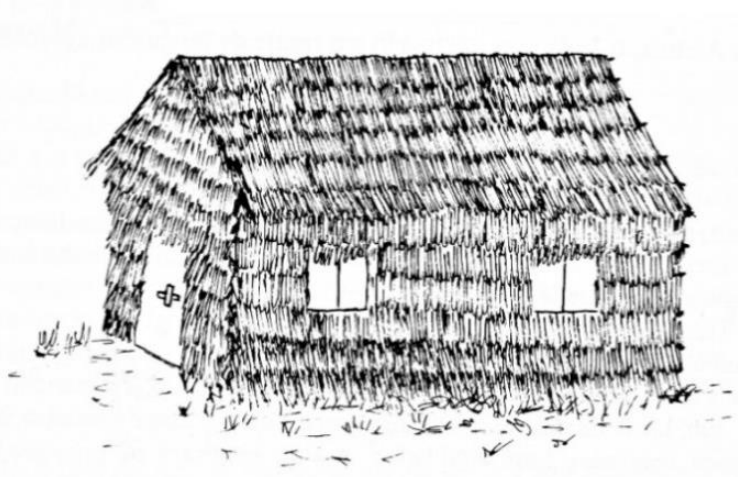


Figura 5: Rancho de Palha do final do século XIX e início do XX – planta baixa e perspectiva. Fonte: SOARES e PURPER, 1986.

Numa fotorreportagem publicada em 1940, a revista A Gaivota exibiu um rancho de palha primitivo (Figura 6) em Torres, com as características mencionadas acima. Era uma das

imagens entre outras de paisagens torrenses e veranistas, sem qualquer legenda ou nota relativa a cada fotografia. A fotorreportagem trazia apenas o título “Torres”, e um comentário um tanto paradoxal: “A praia de belezas incomparáveis (sic), orgulho da terra gaúcha e que dia a dia se moderniza”. Possivelmente a construção era um remanescente do século anterior.



Figura 6: Rancho de palha na praia de Torres, [19??].
Fonte: Revista A Gaivota, 1940

Quanto às construções de madeira, existentes na região a partir do início do século XX, inicialmente mantém a cobertura de palha (Figura 7), a tiririca-do-brejo é substituída pelo junco e, posteriormente pelas telhas de barro ou de zinco⁸.



Figura 7: Hotel em Cidreira [19??]
Fonte: Silvia Korpalski

⁸ Em 1929 encontrava-se em Tramandaí o primeiro sobrado de madeira com cobertura de zinco, sacada com balaústres de madeira e ornamentação rendilhada. (SOARES e PURPER, 1986, p.95)

Ao longo do século mencionado, com o advento do automóvel e pela proximidade com Porto Alegre e a região metropolitana, consolidavam-se os balneários de veraneio e o litoral despontava como local de segunda residência dos habitantes da capital ao Vale dos Sinos. Neste período, Tramandaí (Figura 8) e Cidreira eram ainda vilarejos, mas já contavam com pequeno núcleo urbano.

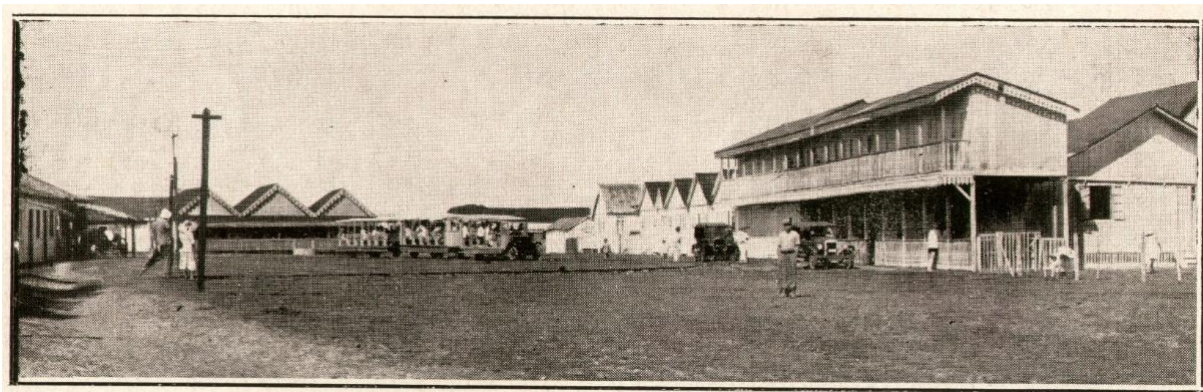


Figura 8: Tramandaí em 1933 – Conjunto de hotéis e o bondinho que conduzia os veranistas à beira-mar. Fonte: Revista A Gaivota, 1933.

A imagem de Cidreira (Figura 9) mostra a pequena capela Nossa Senhora da Saúde⁹, inaugurada em 1924, o hotel Vila Cruz e outros chalés. A fotografia é de 1928.

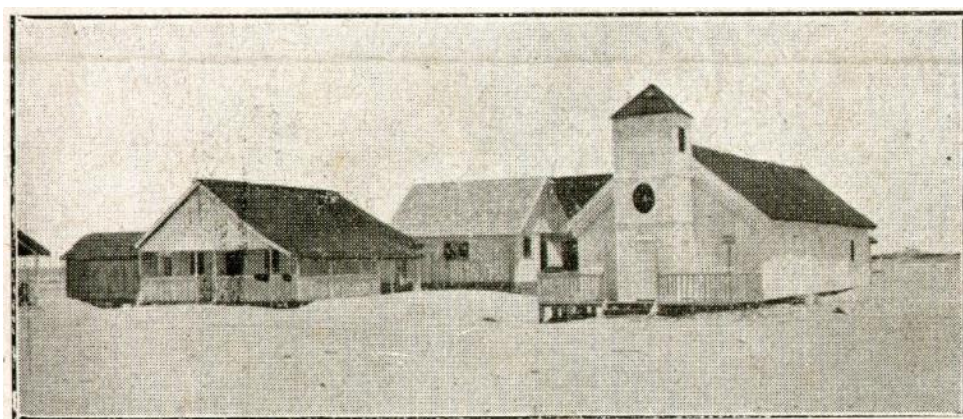


Figura 9: Cidreira antes da temporada balneária de 1928-1929. Fonte: Revista A Gaivota, 1929.

⁹ Segundo Schossler (2010, p. 194), a capela exemplifica o fator religioso atrelado aos benefícios dos banhos de mar, que naquela época, mesmo sendo recomendados por médicos como tratamento eficaz, seu resultado positivo muitas vezes era percebido como milagroso. A mesma autora cita os festejos realizados por veranistas de Torres em 1930 em benefício da igreja e a tradicional festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Tramandaí, que reunia um considerável número de pessoas entre moradores locais e veranistas.

Torres, por ser distante da capital, primeiramente atraiu veranistas oriundos sobretudo da serra gaúcha¹⁰, mas conquistou assíduos visitantes porto-alegrenses ainda no final do século XIX¹¹. O pequeno povoado possuía algumas construções em alvenaria, com características da arquitetura colonial luso-açoriana. Os telhados eram de barro, com duas ou quatro águas e beirados exíguos. Percebe-se pela imagem (Figura 10), a predominância de casas térreas, a existência de um sobrado, algumas residências coladas às outras, sem afastamentos laterais, outras soltas nos lotes com recuos nos lados. No primeiro plano, o edifício da Pensão Freitas se apresenta com janelas envidraçadas e emolduradas e com paredes provavelmente caiadas, contrastando com a moldura das janelas. Em Tramandaí também era possível identificar um pequeno número de edificações com características das construções açorianas.



Figura 10: Recorte da revista Kodak com a legenda “Vista geral de Torres”, [191?].
Fonte: Revista Kodak, ano III, nº 31, 16 de março de 1918.

Schosller (2010) abordou as mudanças sociais na transformação do veraneio do litoral do Rio Grande do Sul ao longo do século XIX e XX. A fase do curismo se refere aos

¹⁰ RUSCHEL, R. R.; ELY, N. H. (org.). **Torres tem História**. Porto Alegre: [s.n.], 2004, p. 165-6

¹¹ O Dr. Protásio Alves, médico e figura pública influente em Porto Alegre, frequentava Torres com sua família desde 1915 e propagandeava os benefícios salutarres dos banhos de mar. CAMPOS, M. D. C.; D'AZEVEDO, M. G. **Protásio Alves e seu tempo (1859-1933)**. Porto Alegre: Ja Editores, 2006.

primórdios do veraneio, desde antes de 1900, quando os veranistas procuravam as praias de mar para fins terapêuticos, incentivados pelo discurso médico que propagandeava os banhos de mar como tratamento para diversas enfermidades. A autora percorre a transição da fase do curismo para práticas de lazer à beira-mar, quando os balneários passam a ser procurados pela aristocracia gaúcha com o advento da moda de veraneiar nas praias de mar.

Já Strohaecker, para demonstrar as fases de desenvolvimento da urbanização de Capão da Canoa, classificou-as em quatro épocas¹² com atributos e objetivos distintos. Reportando a classificação das diferentes fases de urbanização aos demais balneários do litoral norte do Estado, interessa-nos, para o presente estudo, as fases de 1900 a 1940 – quando os balneários possuíam fins terapêuticos e os elementos-síntese da sociedade era os hotéis; E a época de 1940 a 1980 – quando os balneários se tornaram locais para segunda residência e os elementos-síntese da sociedade eram os chalés de madeira ou alvenaria. (STROHAECKER, 2007). Este processo interferiu diretamente na arquitetura e no urbanismo litorâneos.

As Sociedades Amigos da Praias surgiram justamente na transição dessas fases, com a gestação da época das segundas residências. Anteriormente, o papel de equipamento urbano de entretenimento era suprido pelos hotéis, que além de acomodarem os hóspedes, ofereciam-lhes diversos serviços, entre eles o transporte até o mar, a instalação de barracas para a troca de roupas na beira da praia, e eventos como bailes, shows e saraus. Normalmente, a estrutura física dos hotéis contava com restaurante, bar, sala de jogos ou cassino e salão de bailes.

¹² Fase 1 – Sede de estâncias e fazendas (1797-1920); Fase 2 – Balneários para fins terapêuticos (1920-1942); Fase 3 – Balneário para fins de segunda residência (1942-1982); Fase 4 – Emancipação e densificação (1982-2005). STROHAECKER, T. M. **A urbanização do litoral norte do estado do Rio Grande do Sul. [Tese de doutorado]**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, p. 194-229.



Figura 11: Hotel da Saúde em Tramandaí, [191?].
Fonte: Revista Kodak, 16 de março de 1918

O Hotel da Saúde (Figura 11), de propriedade de Leonel Pereira Souza, foi a primeira hospedaria de Tramandaí, inaugurada no ano de 1888. O aspecto é semelhante a muitos dos hotéis construídos a partir de então. Era um sobrado em madeira, com avarandado com guarda corpo em madeira torneada ocupando toda a frente do edifício, telhado de duas águas coberto de palha e com bordas adornadas com lambrequins também de madeira



Figura 12: O Grande Hotel Atlântico, de propriedade do sr. Berger, inaugurado em 1928.
Fonte: Revista A Gaivota, 1929, p. 22

Em Cidreira (Figura 12, Figura 13 e 14), assim como em Tramandaí e posteriormente Capão da Canoa, percebe-se que a disposição dos Hotéis conformava um espaço central generoso a partir do qual, posteriormente se expandiria o centro dos balneários.



Figura 13: Cidreira como Novo Hotel à esquerda e os hotéis Esperança e Primavera ao fundo.
Fonte: Revista A Gaivota, 1929, p. 31

Torres, até a década de 1930 contava apenas com dois hotéis: o Balneário Picoral (Figura 14) e Hotel Farol. O primeiro será assunto para o capítulo relativo à Sociedade Amigos da Praia de Torres (SAPT), pois foi o local onde a sociedade surgiu e onde ocorreram os primeiros encontros e eventos do clube.



Figura 14: Hotel Picoral em Torres [193?].
Fonte: Revista A Gaivota, 1933

O Hotel Farol, inaugurado em 1929, possuía a peculiaridade de ter paredes externas em alvenaria e, apesar de possuir divisórias internas em madeira, não era um chalé como os outros hotéis do litoral norte do Estado. Sua fachada era rigorosamente simétrica, plana, com elementos do ecletismo. As arestas da fachada e os quadros das aberturas eram contornados por saliências, simulando pedras de tamanhos irregulares. A platibanda escondia o telhado e era encimada por um frontão movimentado, com respiradouro ao centro. O coroamento era rematado por coruchéus nas extremidades e, mais alto, no centro, finalizando o frontão. Mesmo o mobiliário urbano (bancos) e as bandeiras, eram dispostos de maneira a não desequilibrar a simetria. A propaganda do hotel, que em 1934 anunciava a presença de boa garagem e cocheira, sugere o contexto de transição nos meios de transportes da época¹³.

¹³ A evolução dos transportes e das estradas de acesso ao litoral norte do Estado foi crucial no desenvolvimento dos balneários. Esse assunto foi devidamente abordado na dissertação de Schossler, mais especificamente no capítulo 2, intitulado **Ir às praias de mar**. O recorte cronológico definido na referida



Figura 15: Fachada do Hotel Farol em Torres, 1934.
Fonte: Revista A Gaivota, 1934

No interior do hotel, as cadeiras torneadas, as toalhas de mesa, o armário para louças e a madeira das paredes colaboram para uma atmosfera de domesticidade.

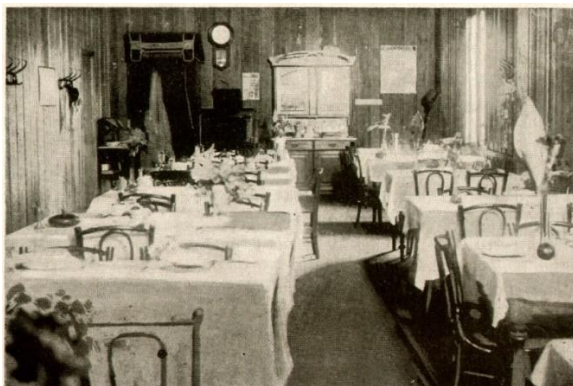


Figura 16: Salão de refeições do Hotel Farol em Torres, 1934.
Fonte: Revista A Gaivota, 1934.

Nos outros balneários, entretanto, preponderavam os hotéis em madeira. A crônica de Teixeira, publicada depois da temporada de 1940-1941, ilustra Tramandaí ainda muito provinciana para a época. Em tom lírico, o texto narra o trajeto de automóvel de Porto Alegre até a chegada à praia e segue assim:

Por fim, estamos na reta da estrada que leva a Tramandaí.

Imagine-se uma cidadezinha que parece ter fugido de um filme americano do *Far-West!*

pesquisa é de 1900 a 1950, portanto, Schossler versa sobre as viagens ao litoral no âmbito dos seus diferentes tipos de transporte ao longo do tempo (as diligências de carretas de bois, transportes lacustres, ferroviários, rodoviários e aéreos), além de discorrer sobre a evolução das vias de acesso ao litoral marítimo do Estado. SCHOSSLER, 2010, p. 142-158.

Toda de madeira, num conjunto de chalézinhas pintadas de cores vivas, os seus hotéis avarandados e um Casino elegante, eis Tramandaí com suas linhas de ônibus e um trenzinho, incerto da hora da chegada, que levam a uma das praias mais sedutoras do Estado. Fóra do auto que nos transportou, corremos a cidade e apreciamos o seu *footing*: visitamos os seus hotéis e os seus estabelecimentos de diversões e assim passamos agradavelmente o dia e parte da noite.

A's duas horas da madrugada, em Tramandaí acordo e contemplo um céu maravilhoso que se desdobra em estrelas.

A *Capororoca*, em frente á janela do meu quarto, parece, então, uma árvore de Natal pontilhada de astros...

Tramandaí socegou do seu bulício, do seu *Hell Schoppl* e está adormecida nos seus pequenos chalés de cores vivas. Mas não! Ainda um resto dos habitantes de Tramandaí vaga pela grande avenida de madeira. Talvez haja ainda pasteis de siri na "Casa das Palhas", e sorvetes nos caminhões. Um côro de sanfonas repercute no silencio iluminado da noite, alegre, vibrante, e vai depois se distanciando, para que a madrugada possa surgir...

Tramandaí não é só o recanto pitoresco e o encanto rustico, é o sonho primitivo de uma cidadezinha que fugiu de um filme americano de *Far-West...* (sic) (TEIXEIRA, 1941, p. 4)

A perspectiva romântica do texto acima legitima a rusticidade dos estabelecimentos como atributo positivo, porém, havia quem discordasse. Entre os que se opunham a esse enfoque estavam os engenheiros Luiz Arthur Ubatuba de Faria e Gabriel Pedro Moacyr. A desaprovação se referia principalmente às demandas de higiene, conforto e estética. No capítulo inicial de seu estudo intitulado *Atlantida, Cidade Balnear*, os engenheiros manifestaram duras críticas à situação dos balneários do litoral gaúcho:

Em Tramandahy, por exemplo, uma das praias de maior movimento, encontra-se uma serie de chalés separados entre si por uma distancia minima de 0,30 (trinta centímetros). Os hotéis, entregues na sua maioria a pessoas sem experiencia desse mistér, apresentam, materialmente, pessimas condições. E a administração desses leigos transformaram a vida quotidiana daqueles estabelecimentos em desórdem diaria.

As reclamações vêm de longa data, mas a construção da estrada de 130 km. que liga esse balneario a Porto Alegre, levando para aquelas paragens do Atlantico grande massa popular, evidenciou ao maximo esse estado deploravel.

Os hotéis, nesse verão, transbordavam aos sabados e domingos, servindo ainda peor seus hospedes efetivos. De noite, na falta de comodos, cada qual arranjava um comodo para dormir, uns ao abrigo de avarandados, outros sob tendas improvisadas ou mesmo dentro de automoveis particulares (sic). (UBATUBA DE FARIA; MOACYR, 1939, p.2)

As transformações vieram aos poucos e as Sociedades Amigos das Praias tiveram relevante atuação no sentido de reivindicar à municipalidade ou ao Estado as melhorias de que os balneários necessitavam.

Em 1939 as atuações pelos órgãos públicos do estado já mostravam resultados relativos às medidas sanitárias no litoral. Em janeiro do referido ano, a visita do diretor de higiene José Bonifácio Paranhos da costa estabeleceu a obrigatoriedade da instalação de serviço de esgoto em toda a construção considerada habitável. Nesta visita, o diretor ainda formulou um relatório ao Cel. Cordeiro de Fria apontando a “situação das praias e as obras imprescindíveis, abordando, também, o estabelecimento de um balneário padrão no intuito dessa zona ser melhorada e dos veranistas poderem desfrutar de higiene e conforto”. Ainda no mesmo ano, na praia de Torres, o departamento de obras públicas, representado por Walter Jobim, inaugurou um poço, destinado ao abastecimento de água para a população. (SCHOSSLER, 2010, p. 176)

Em 1940 o anúncio¹⁴ da construção do Hotel Casino Picoral na praia de Imbé, em Tramandaí, assegurava que o estabelecimento estava “cumprindo as determinações contratuaes (sic) com o Governo do Estado”. Também a propaganda de 1942 na revista A Gaivota, incluía uma nota referente às normas públicas, anunciando que o hotel possuía “modernos quartos e apartamentos rigorosamente de acôrdo (sic) com as modernas exigências do D.E.S.”, referindo-se ao Departamento Estadual de Saúde. O projeto foi aprovado naquele ano pela Secretaria de Obras Públicas e a construção ficou a cargo do engenheiro José Maria de Carvalho. O empresário a frente deste empreendimento era José Picoral Filho, cujo pai era o pioneiro no ramo hoteleiro de Torres.



Figura 17: Perspectiva do Hotel Cassino Picoral em Imbé – projeto aprovado em 1940.
Fonte: Revista A Gaivota ano XVI, nº 16, 1942, n.p.

¹⁴ Diário de Notícias, 7 jul. 1940, p. 9

O edifício contava com 40 quartos, cassino, *grill-room* e restaurante. A imagem (Figura 17) exibe o prédio imponente perante o entorno de casarios singelos. Pela ausência de ornamentos é possível perceber que a obra apresenta intenções de modernidade, mas a estrutura vinculada à fachada, a volumetria fragmentada (Figura 18), a cobertura com telhas de barro e a presença de muitas aberturas espaçadas entre si ainda remetem ao modo de construir anterior ao movimento moderno. É um exemplar do momento transitório pelo qual o litoral passava: não era um edifício historicista ou vernacular, mas também não era moderno.

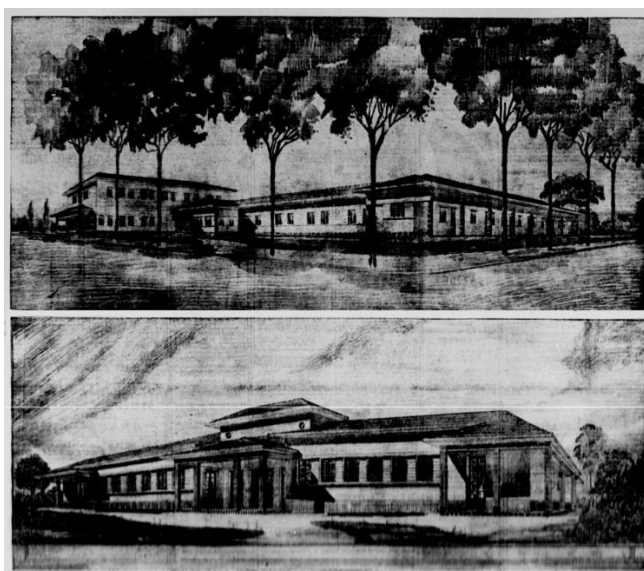


Figura 18: Hotel Casino Picoral, 1940.
Fonte: Diário de Notícias, 7 jul 1940, p. 9

Enquanto Picoral Filho estabelecia negócios em Imbé, o pai, em Torres, enfrentava dificuldades, tendo em vista que o governo encampou, em 1941, o quarteirão onde estavam instalados a maior parte dos chalés do Balneário Picoral¹⁵. Em seguida o hotel fechou suas portas.

O Hotel Farol, por outro lado, foi progressivamente ampliando sua sede. Primeiro com a reforma do edifício existente (segunda imagem da figuraFigura 19), e até o fim da década, com a construção de um novo prédio. O chamado Anexo Farol Hotel teve projeto inicial do arquiteto engenheiro Ernani Corrêa¹⁶, com as obras iniciadas em 1945 e posterior ampliação pelos arquitetos Saul Macchiavello e Antônio Rubio. Ao engenheiro Lamieski coube

¹⁵ RUSCHEL, Ruy Ruben. Torres tem História. Porto Alegre: EST, 2004, p. 535

¹⁶ Revista A Gaivota, 1943, n.p.

a tarefa dos cálculos estruturais e a execução da obra ocorreu sob a direção do engenheiro Oscar de Oliveira Ramos. Os órgãos estaduais que subscreveram o projeto foram o Departamento de Balneários Marítimos, chefiado pelo urbanista Ubatuba de Faria, e o Departamento Estadual de Saúde, conduzido pelo engenheiro Pedro Paulo Schoenmann¹⁷. Pelas datas e informações citadas nas reportagens consultadas, não foi possível depreender que alguma das imagens da Figura 19 corresponde ao projeto de Ernani Corrêa. É possível afirmar somente que a última foto se refere ao projeto de Macchiavello e Rubio.

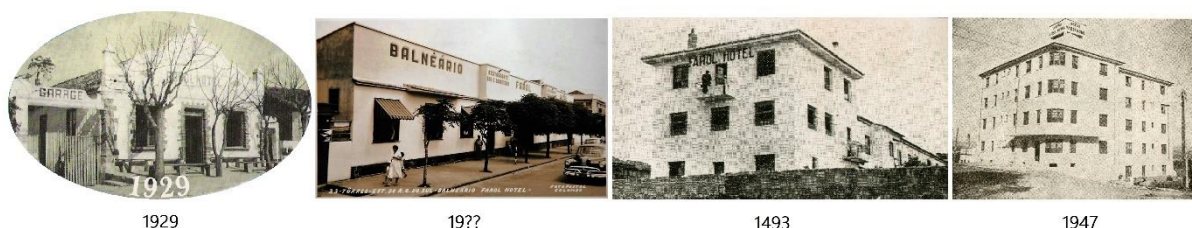


Figura 19: Etapas de ampliação do Hotel Farol.

Fontes: Casa de Cultura de Torres (primeira e segunda imagens); Revista A Gaivota, 1943 (terceira imagem); Revista a Gaivota, ano XX, nº 21, 1949 (última imagem). Edição da autora

Assim como o projeto do Hotel Casino Picoral em Imbé, as sucessivas remodelações do Hotel Farol de Torres buscavam um rompimento com o passado. Enquanto em outras partes do Brasil, especialmente Rio de Janeiro e Minas Gerais, nascia uma nova arquitetura, híbrida, com a influência estrangeira combinada com interpretações regionais¹⁸, no Rio Grande do Sul, onde essas influências só interferiram mais tarde, primeiramente percebe-se o esforço de alguns arquitetos e engenheiros, em se afastar de historicismos. No caso do Anexo Hotel Farol, Macchiavello e Rubio privaram o edifício de qualquer adereço estilístico e resolveram o projeto num arranjo volumétrico simples. Uma singela atitude de modernidade se manifesta na marquise curva que contorna a esquina do edifício. Embora esse elemento tenha sido recorrente na arquitetura *art déco*, da qual os referidos arquitetos eram adeptos¹⁹, no Anexo Hotel Farol a marquise parece ter mais parentesco com o modernismo, pois não depende de colunas para apoiá-la.

¹⁷ Correio do Povo, 18 fev. 1947

¹⁸ A Influência estrangeira de maior impacto se refere à arquitetura moderna cujo maior representante era Le Corbusier. A reinterpretação da arquitetura corbusiana por um grupo de arquitetos brasileiros, dentre os quais, Niemeyer e Lúcio Costa, conferiu à arquitetura moderna brasileira, traços de brasilidade e particularidades plásticas que a distinguiu no cenário internacional.

¹⁹ Ver OLIVEIRA, R. P. D. D. **Saul Macchiavello & Antônio Rubio: Modernidade Arquitetônica em Porto Alegre (1928-1938)**. [Dissertação de mestrado]. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

A partir da década de 1940 o litoral norte, concomitantemente com Porto Alegre, produz uma arquitetura com distintas vertentes de modernidade (BUENO, 2015), porém no litoral, o cenário em que se insere a nova arquitetura é diferente. Não há a densidade de prédios historicistas, como na capital, a disposição das construções é mais rarefeita e o aspecto vernacular é preponderante nas edificações.

1.3. VERANEIO COMO CONEXÃO

Para entender os caminhos que a arquitetura tomou até chegar ao litoral norte gaúcho, convém que se faça uma breve explanação sobre sua conjuntura arquitetônica, buscando correlações com a capital, outras regiões do Brasil e além-fronteiras.

O despontar do litoral como local de segunda residência intensificou-se nos anos 1940, ao findar da fase dos veraneios atrelados a fins terapêuticos. Retomando Strohaecker (2007), vimos que até 1940 os elementos-síntese da sociedade eram os hotéis e a partir de então, passaram a ser substituídos pelos chalés residenciais.

Cidreira, Tramandaí, Capão da Canoa e Torres, já possuíam, nos anos 1940, povoados com construções predominantemente residenciais, de estética pitoresca²⁰, onde a presença dos chalés em madeira era preponderante²¹, havendo algumas casas em estilo californiano²², e ainda, vários exemplos híbridos edificadas em pedra grês²³ similares ao estilo californiano.



Figura 20: Construções de pedra Grês em estilo Californiano. Imbé, década de 1920.
Fonte: Google Street View, consultado em 2015.

²⁰ Segundo Pinheiro (p. 1-4): “[...] a estética do pitoresco surge na Inglaterra, em meados do século XVIII, no bojo das profundas transformações introduzidas pela Revolução Industrial nas manifestações artísticas e culturais do período. De uma forma geral, pode-se dizer que o pitoresco constitui, em sua origem, uma manifestação tipicamente inglesa do sentimento de nostalgia pela natureza e pelo passado pré-industrial, característico de um período de urbanização intensa e de destruição acelerada dos recursos naturais e das relações tradicionais de produção. Caracteriza-se pela busca de integração entre o meio ambiente (tanto o natural como o construído, vale dizer, histórico) e a arquitetura, valorizando as especificidades locais, desde a paisagem natural de uma determinada região até sua arquitetura própria, inclusive vernacular. Assim, o pitoresco procura estender à arquitetura alguns dos atributos da natureza, tais como: adaptabilidade/ flexibilidade, casualidade, variedade, equilíbrio”. Quanto à arquitetura residencial paulistana, a autora cita as três correntes estilísticas pitorescas predominantes nas décadas de 1930 e 1940: “o Neocolonial, o Missões e manifestações ligadas à arquitetura vernacular européia, como o Tudor, o Normando e o chalet. A despeito da diversidade de suas fontes de influência decorativa, estes estilos apresentam vários pontos em comum, seja quanto ao partido geral da edificação, mais informal e flexível, seja quanto à utilização de materiais “naturais” (tijolo aparente, revestimento em pedra, madeira, etc.) ou “rústicos” (como o uso de reboco irregular simulando caiacões sucessivas)”. PINHEIRO, Maria L. B., Uma Cidade Pitoresca: São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. In: V SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 1998, Campinas. *Anais*. Disponível em: <<http://unu-hospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/587>>, acesso em 17 set. 2016.

²¹ JUNG, 1999, passim.

²² VEIGA, 1993, passim.

²³ Pedra arenito, utilizada em fundações, material abundante no Litoral Norte Gaúcho.

Conforme aponta Strohaecker (2007, p. 74), os investimentos estatais nos sistemas de transporte, arborização e fixação de dunas nas primeiras décadas do século vinte, foram primordiais para o desenvolvimento da região. Com o aval do poder público, mas sobretudo, por iniciativa privada, novos loteamentos residenciais foram implantados nas décadas de 1940 e 1950, quando antigas fazendas foram parceladas e loteadas, destinadas à segunda residência.



Figura 21: Avenida Mostardeiro em Cidreira, 1956.
Fonte: Acervo particular Korpalski

Em Imbé a urbanização se iniciou em 1941 e em Atlântida, em 1952. Capão da Canoa se expandiu, também na década de 1950, com o empreendimento de um loteamento ao lado de Atlântida. O mesmo aconteceu em Torres, que possuía um povoado já consolidado na área correspondente ao centro e estendeu sua ocupação em direção à foz do Rio Mampituba através de um loteamento onde hoje é a Praia Grande, nas adjacências da SAPT.

Dezenas de outros balneários surgiram nas décadas seguintes. No entanto, a ocupação foi mais lenta frente os investimentos modestos feitos pelos empreendedores, o que levou a uma comercialização mais demorada e destinada a faixas de renda de menor poder aquisitivo, como Santa Terezinha, Mariluz, Arroio do Sal, Arroio Teixeira, entre outros. (STROHAECKER, 2007, p. 76)

Nestes novos loteamentos, a estética das construções residenciais não era diferente do que foi anteriormente descrito. As casas possuíam, frequentemente, um generoso pátio ajardinado e varandas cobertas que se configuravam em subtração ao corpo principal da

edificação, ou em elementos adicionais em frente, na lateral ou ao longo do perímetro da casa.



Figura 22: Chalés litorâneos construídos a partir da década de 1930 na praia de Cidreira
Fonte: Acervo particular Korpalski.

A construção civil ecoava a arquitetura do restante Rio Grande do Sul, especialmente a de Porto Alegre e do Vale dos Sinos, regiões de onde procederam a maioria dos veranistas. Estes possuíam relativo poder aquisitivo, embora tal fato não fosse necessariamente explicitado pela arquitetura. Era comum que os proprietários que possuíam confortáveis e suntuosas residências em suas cidades de moradia, construíssem na praia sua segunda casa com aspecto deliberadamente bucólico e antimonumental, em sintonia com a paisagem e com o romantismo da ideia de retorno à natureza. (VEIGA, 1993, cap.2.8)



Figura 23: Chalés litorâneos construídos a partir da década de 1930 na praia de Cidreira
Fonte: Acervo particular Korpalski.

Enquanto o litoral gaúcho despontava como um local de segunda residência, a capital do Estado crescia rapidamente e passava por uma transição arquitetônica e urbanística. Conforme Calovi Pereira, entre as décadas de 1930 e 1940 várias importantes avenidas foram abertas em Porto Alegre, conformando o cenário urbano ideal para a edificação em altura no momento em que a densificação das áreas centrais se fazia necessária. Era um momento em que vitalidade da construção civil, o esgotamento do ecletismo e as políticas do regime ditatorial fomentavam um debate a respeito do caráter dos edifícios. Havia a aspiração de que a arquitetura interpretasse a ideologia de progresso e modernidade nos tempos de Estado

Novo. Na ocasião da Exposição Farroupilha de 1935 algumas possibilidades foram exibidas: expressionismo, *art déco* e linguagem náutica incorporavam certas vanguardas estéticas da época à arquitetura local. Até o início da década de 1950 a produção arquitetônica porto-alegrense apresentou traços da influência desta exposição. (CALOVI, 2000, p. 48-9).

Também no litoral gaúcho, talvez com menos compromisso de representação política, mas com o mesmo desejo de modernidade, alguns projetos executados ou não, repercutiram a arquitetura da Exposição do Centenário Farroupilha²⁴.

Segundo Luccas (2004, p. 26), no final da década de 1940 o Rio Grande do Sul e sobretudo a capital, Porto Alegre, passa a registrar em sua arquitetura o vocabulário moderno da Escola Carioca. Os arquitetos precursores eram graduados principalmente no Rio de Janeiro. Não havia no território gaúcho um curso superior de arquitetura. Até então, os projetos de construção civil ficavam a cargo de engenheiros formados na Escola de Engenharia local, arquitetos graduados em outros estados ou estrangeiros. A partir de 1945, o Instituto de Belas Artes (IBA) substituiu o Curso Técnico de Arquitetura que existia desde 1939, nos moldes da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (ENBA) pelo Curso de Arquitetura. Também em 1945 passa a funcionar na Escola de Engenharia da Universidade de Porto Alegre, um curso superior que formava Engenheiros-Arquitetos (SZEKUT, 2008, p. 17-8). Ambos incluem em seus currículos o estudo das arquiteturas de vanguardas europeias e da escola carioca que aflorava com uma produção inspirada em Le Corbusier. A influência da arquitetura praticada no Rio de Janeiro foi significativa no Rio Grande do Sul, especialmente até o final da década de 1950 (LUCCAS, 2004, p. 28). A partir daí a arquitetura do brutalismo preponderantemente paulista passa a influir nos projetos gaúchos. Conforme Marques (2012, p. 31-3), a produção arquitetônica moderna gaúcha, se por um lado não chegou a apresentar características que constituíssem especificidades de regionalidade manifesta como ocorreu no Rio de Janeiro ou São Paulo, por outro lado, comedida e modesta, revelou-se muito mais adaptável e recorrente, já que um maior número de arquitetos pode praticá-la em situações ordinárias.

²⁴ O Hotel de Atlântida (1939), integrava o anteprojeto para a cidade balnear idealizada por Ubatuba de Faria e não foi executado. Em Torres há pelo menos dois exemplares de edifícios com traços *Art déco*: A antiga sede da Intendência Municipal de Torres – hoje prefeitura (192?), e a primeira sede da SAPT (1938). Em Capão da Canoa, o Hotel Bassani substituiu seus antigos chalés por uma nova construção em linhas *Art Déco*, atendendo ao tradicional programa hoteleiro que incluía um cassino (1945).

2. URBANISMO NOS BALNEÁRIOS

Embora a origem dos primeiros povoamentos do litoral gaúcho tenha ocorrido por outros motivos que não o veraneio²⁵, o desenvolvimento urbano da região a partir da década de 1930 foi fortemente atrelado à consolidação dos costumes de se passar as férias de verão na praia.

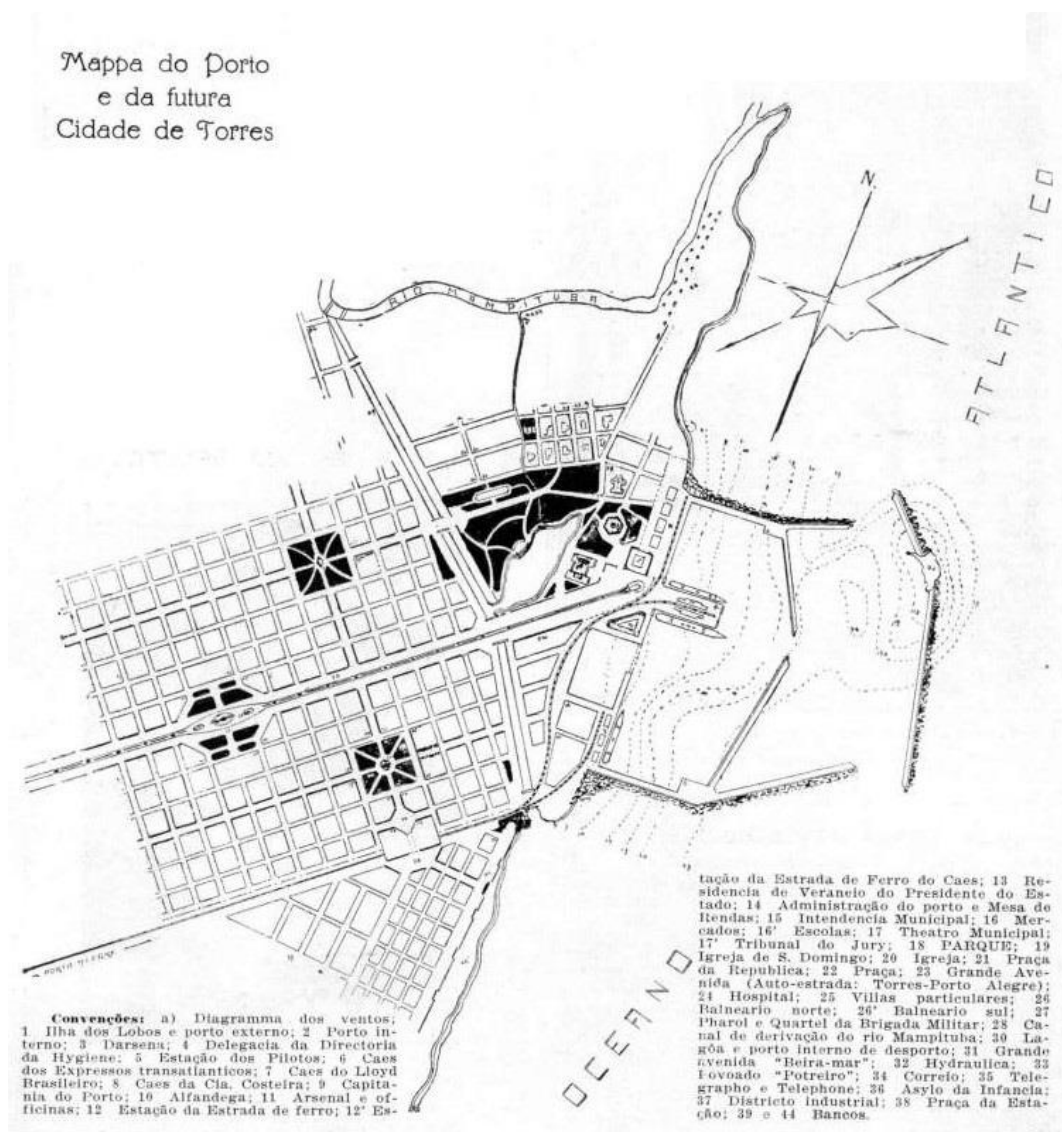


Figura 24: Mapa do Porto e da futura Cidade de Torres. Projeto do engenheiro de minas e indústrias Ferruccio Targa, 1928. Fonte: Revista do Globo, 2, fev. 1929, ano I, nº 3, n.p.

²⁵ A região era pouco povoada e constituída de fazendas, primeiramente habitadas por açorianos, portugueses e seus negros cativos. Posteriormente colonos alemães e italianos também se fixaram na região, que tinha como principais atividades a pecuária, a agricultura de subsistência e a pesca. (STROHAECKER, 2007, p.70-1)

Antes disso, no entanto, foram feitos planos para Torres, cuja finalidade primordial era de âmbito econômico. Desde o período imperial até a década 1930, a ideia de se construir um porto, reacendia de tempos em tempos. Em 1892, um dos projetos chegou a ter sua execução iniciada, mas com as obras ainda incipientes, os serviços foram desativados. Os dois últimos projetos foram os de autoria dos engenheiros Ferruccio Targa, em 1928²⁶ e Benno Hoffmann, em 1930²⁷, no período em que Getúlio Vargas governou o Rio Grande do Sul.

O projeto de Targa situava o porto entre as três torres e a Ilha dos Lobos, mesclando recursos naturais com artificiais. Além de descrever o porto, o texto orientava que a futura cidade deveria se estabelecer relacionada ao porto, sendo assim, alertava sobre a importância de se estipular o quanto antes um plano regulador, para que novas construções não atrapalhassem o “desenvolvimento natural, artístico e higiênico” da cidade.

A proposta de cidade tinha como eixo principal uma larga avenida que se iniciava próxima ao porto, permeava a cidade e se ligava à autoestrada Torres-Porto Alegre. A área industrial e uma estação para estrada de ferro localizavam-se a sudoeste. Apesar de não apresentar uma planta completa, o engenheiro sugere algumas diretrizes para um plano maior incorporando um balneário:

Na parte alta da Estação, surgirá o novo balneario, ao longo da praia sul, com suas avenidas, praias, chalets, bungalows, bel-vedere sobre a Torre do Sul, etc., etc.

Pensamos também utilizar a parte mais baixa, em redor da lagoa interna, para a organização de um parque ou logradouro público que estender-se-á aos pés do morro da Torre Norte, onde muito bem poderá ser levantada uma cidadella ou pequena fortaleza em redor do farol... aos seus lados o Palacio Estival da Presidencia e a Cathedral de São Domingos das Torres...

Nos arredores do parque, poderão surgir o Hospital, as clínicas, casas de saúde e palacetes dos principaes moradores, em ligação directa com o actual balneario da praia norte. (TARGA, 1929, n.p.)

No mesmo ano (1928), Benno Hoffmann foi nomeado por Getúlio Vargas para dirigir a comissão técnica, responsável por levantamentos topográficos e hidrográficos que viabilizassem a construção do Porto de Torres. Embora o plano de Hoffmann (1929) possuísse maiores especificidades em relação ao próprio porto e seus problemas de engenharia

²⁶ Ver TARGA, F. **O Porto de Torres e seu Futuro**. Revista do Globo, Porto Alegre, 2 fev. 1929, ano I, nº3, n.p.

²⁷ LERSH, I. M. **A busca de um ideário urbanístico no início do século XX: Der Städtbau e a Escola de Engenharia de Porto Alegre**. [Tese de doutorado]. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, 2014

marítima, o projeto englobava uma pequena vila operária, além da expansão da cidade existente, bem mais comedida do que a proposta de Targa. A vila operária, situada na beira do Rio Mampituba, próximo às docas do porto, possuía uma centralidade oval definida por uma espécie de parque esportivo. A partir desse centro o traçado se expandia radialmente. A linha férrea, que era um dos requisitos do governo Vargas para este projeto, passaria numa borda da vila dos operários. Este plano não incorporava nenhum balneário. (LERSCH, 2014, p. 280-1)

Em um trecho do seu relatório referente ao porto, Hoffmann adverte sobre os pequenos e grandes especuladores de terras, que vislumbram fantásticas cidades “a se estenderem por quilômetros e quilômetros, construídas sobre banhados e cômoros de areias. O sonho já em si é uma ilusão” (HOFFMANN 1933 n. 4, p. 66, apud LERSCH 2014, p.281)

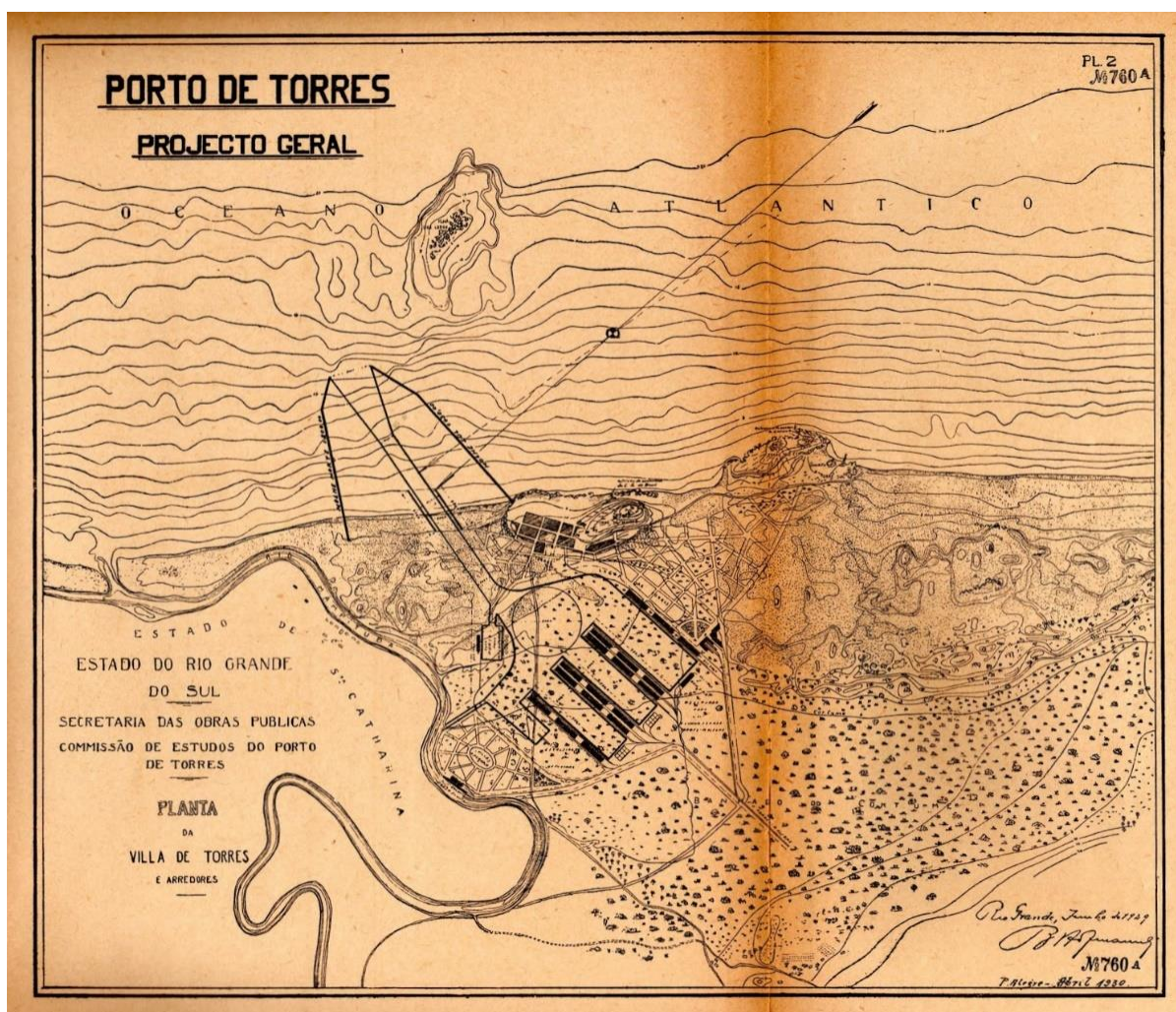


Figura 25: Projeto de Benno Hoffmann para o Porto de Torres, elaborado em junho de 1929 e registrado na Secretaria das Obras Públicas em abril de 1930. Fonte: Acervo de Jaime Batista, 2015

De fato, o prenúncio de prosperidade atraiu investidores interessados na construção do porto ou nas terras adjacentes, que certamente seriam valorizadas com o empreendimento, como apontou o jornal O Paiz:

Com a construção do porto, a antiga e pacata villa de S. Domingos das Torres se tornará, indiscutivelmente, um importante centro de actividade. É natural, pois, que se esteja a pensar em preparar a sua inevitavel transformação, prevendo-se o desenvolvimento que terá como cidade moderna, destinada a servir um porto de mar. Semelhante empreendimento attraiu já capitaes estrangeiros. Effectivamente, segundo foi divulgado pela imprensa, uma empresa composta de capitalistas inglezes e americanos se propõe realizar a construcção de uma cidade em Torres, obedecendo a todos os preceitos modernos de esthetica, hygiene e conforto. Afim de estudar o assumpto, ainda este mez deverá ir a Torres uma commissão de technicos da referida empresa, a qual, no caso de obter concessão para construir a nova cidade, promoverá também naquele município a cultura da canna de assucar e do café, em larga escala. (O RIO GRANDE DO SUL... 1928, p. 1)

O mesmo periódico, mais adiante divulgou a compra de terras por parte da empresa Torres Territorial, afirmando que esta já estaria com as plantas organizadas para a construção de “cidades dentro dos princípios modernos”. A planta proposta pela referida empresa para a futura cidade, foi exposta na propaganda de vendas de terrenos na Revista do Globo em 1929. O traçado geométrico, com densidade de lotes e de predominância regular apresentava alguns trechos de ruas diagonais, uma centralidade definida por um eixo perpendicular à orla, dois edifícios mais relevantes (um deles parece ser um templo) e uma área de traçado sinuoso. É notória a quase inexistência de áreas verdes (Figura 26).

era vencido pela navegação lacustre. A partir de 1929 este serviço passou a ser administrado pela iniciativa privada e foi muito utilizado até a década de 1950²⁸, especialmente no transporte de cargas. (STROHAECKER, 2007, p. 73)

A partir da instituição das férias remuneradas aos trabalhadores em 1934, ocorreu o aumento do afluxo de veranistas ao litoral do Estado nos meses de férias. A melhoria dos acessos ao litoral norte também colaborou para isso e para a superlotação dos principais balneários nos finais de semana de verão. A partir de então, o papel da iniciativa privada ganhou maior importância, principalmente, na expansão dos povoados existentes e na criação de novos balneários. Mesmo em Porto Alegre, como já mencionado no capítulo 2.1, os investimentos de empresas privadas foram fundamentais na estruturação de loteamentos na orla das águas do Guaíba no início dos anos 1930, como os balneários Espírito Santo e Ipanema (Figura 27), projetados pelo engenheiro e sócio da Sociedade de Terrenos Balneário Ipanema Ltda, Oswaldo Coufal.



Figura 27: Propaganda do Balneário Ipanema na Revista do Globo
Fonte: Revista do Globo, Ano III nº24, 1931, n.p.

²⁸ A navegação lacustre vinculada a este sistema, foi desativada em 1958 e o transporte ferroviário entre Palmares e Osório perdurou até 1960. (FISCHER, 2004 apud STROHAECKER, 2007 p. 73)

A partir da década seguinte (1940), há uma maior preocupação do Estado e dos municípios em estabelecer as diretrizes urbanísticas para melhoria dos balneários. O urbanista Arnaldo Gladosch, que entre 1939-45 trabalhou em diversos projetos urbanísticos para Porto Alegre²⁹, foi consultado em 1940 para traçar os planos de remodelação de Tramandaí³⁰, contudo, não foram encontrados projetos ou notícias posteriores que confirmem a sua contratação. Aliás, no mesmo ano a Prefeitura de Osório divulgou a contratação do engenheiro João Osorio Marques para a urbanização de Tramandaí³¹, entretanto, quem de fato se destacou nos trabalhos urbanísticos do litoral gaúcho, foi o engenheiro Luiz Arthur Ubatuba de Faria³².

De 1938 a 1954, Ubatuba chefiou a Comissão de Saneamento e o Departamento das Cidades Litorâneas, ocasião em que realizou inúmeros projetos, estudos e planos para a implantação e a urbanização de balneários como Atlântida (1939 e 1952), Capão da Canoa (1942), Cassino (1944), Cidreira, Curumim, Imbé (1939), Oásis (1952), Pinhal (1950), Praia do Barco, Remanso e Tramandaí (1944). Esses planos, fundamentados no modelo de urbanismo Cidade Jardim, foram desenvolvidos em conjunto com a iniciativa privada e com o aval da administração pública local. Tais projetos fomentaram o fortalecimento do mercado imobiliário com a intensa comercialização de terrenos no litoral e, conseqüentemente servindo de estímulo para a construção civil. (MENNA BARRETO, 2010, p. 2-3).

²⁹ Ver: ABREU FILHO, S. B. D. Urbanisme Parlant na Várzea: Arnaldo Gladosch e a feira permanente de amostras. In: ABREU FILHO, S. B. D.; CALOVI PEREIRA, C. **Porto Alegre de Papel: avenida e praça 1910-1980**. Porto Alegre: PROPARG - UFRGS, 2006. p. 1-28.

³⁰ "O urbanista Gladosch, além do plano de urbanização desta capital, está em entendimentos para traçar os planos de Tramandahy, praia de banhos, Rio Grande, Bagé, Santa Maria e Sant'Anna do Livramento". (URBANIZAÇÃO. Diário de Notícias, 4 de abril de 1940, p. 5)

³¹ URBANIZAÇÃO DE TRAMANDAÍ, Revista A Gaivota, ano 1940, p. 41

³² Em 1932 Ubatuba diplomou-se em engenharia, foi técnico e engenheiro da Prefeitura Municipal de Porto Alegre de 1926 a 1937 e em 1942, após um período dividindo-se em trabalhos, estudos e visitas a cidades litorâneas na Argentina e Uruguai, realizou uma exposição de atividades acadêmicas no Instituto de Urbanismo de Montevideú e recebeu o certificado de urbanista. Ver: MENNA BARRETO, T. **Evolução Urbana por Ubatuba de Faria e a Exposição de Urbanismo**. XI Seminário de História da Cidade de do Urbanismo. Vitória: [s.n.]. 2010.

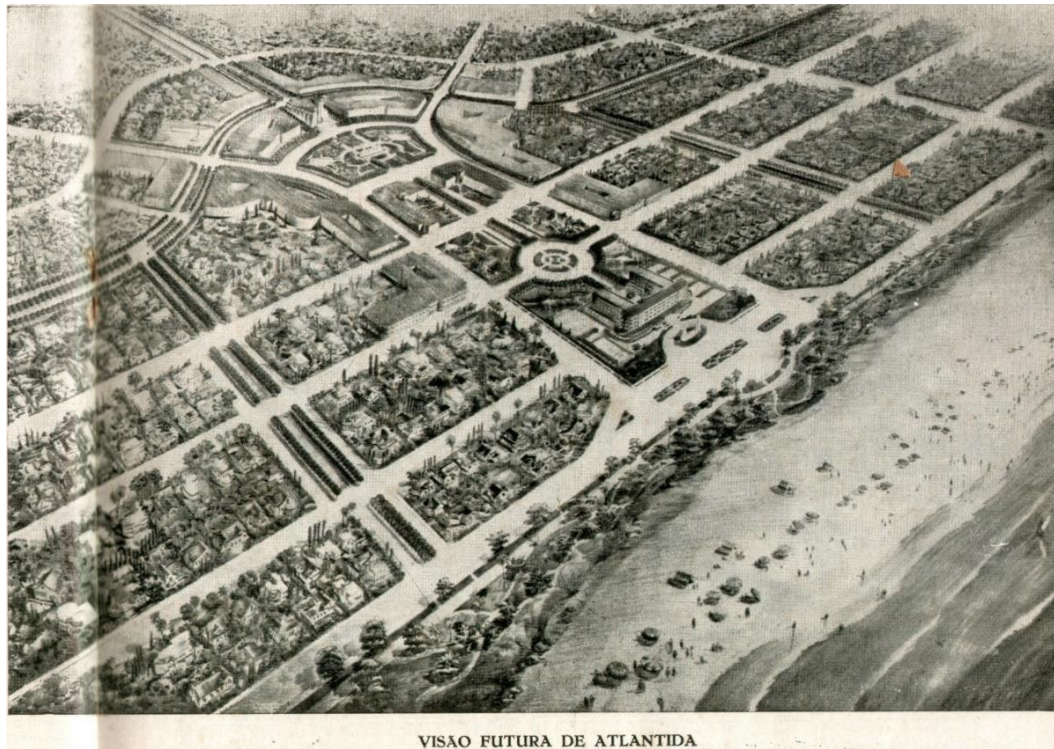


Figura 28: Perspectiva voo de pássaro ilustrando o projeto de Ubatuba e Moacyr (1939)
Fonte: UBATUBA DE FARIA, L. A.; MOACYR, 1939, n.p.

Dos planos de Ubatuba para o litoral, o projeto pioneiro foi o de Atlantida, de 1939, em parceria com o engenheiro Gabriel Pedro Moacyr. O trabalho dos engenheiros foi amplamente divulgado pela imprensa gaúcha³³ e os elogios de Alfred Agache repercutiram nacionalmente³⁴:

Aquelles engenheiros submeteram o projecto alludido a aprovação do urbanista Alfredo Agache, presidente da Sociedade Francesa de Urbanistas [...]. O professor Agache, em carta endereçada aquelles engenheiros, louva a idéia da criação da cidade balneária Alantida. Declara ainda que o projecto que lhe foi dado a apreciar está executado com muita inteligencia e marcará o início de uma excellente realização futura (sic). (UMA CIDADE... 1939, p. 5)

No ano seguinte a revista A Gaivota publicou uma edição que apresentava várias reportagens retratando o avanço no desenvolvimento dos balneários marítimos do litoral norte do Rio Grande do Sul. Estas eram algumas das manchetes da revista: “Urbanização de

³³ Jornais de ampla circulação no Estado, revistas populares e especializadas publicaram matérias relativas ao anteprojecto de Atlantida. Alguns dos quais: Correio do Povo, Diário de Notícias, revista A Gaivota, Boletim da Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul.

³⁴ Pelo menos dois periódicos noticiaram o fato de Agache ter enaltecido o projeto de Ubatuba e Moacyr para o Balneário Atlântida: Correio da Manhã, 7 out 1939, p. 5; O Imparcial, 9 out 1939, p.2

Tramandaí”; “A construção e organização de balneários”; “Inauguração da Rodovia Porto Alegre – Osório – Tramandaí”; “Atlantida (cidade balneária).”

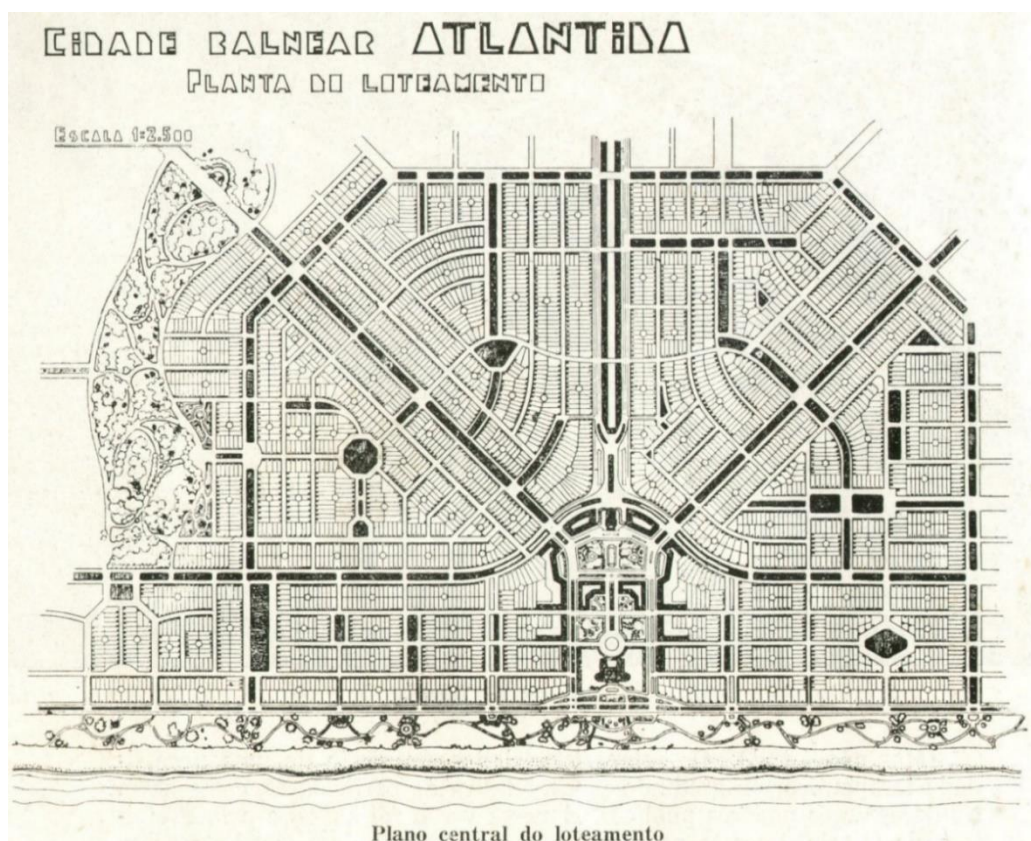


Figura 29: A planta do loteamento, divulgada na revista, figurava originalmente na memória do anteprojeto de Atlantida (1939). Fonte: Revista A Gaivota, 1940, n.p.

Esta última dava título a uma matéria introduzida pela descrição de alguns hábitos de veraneio que estavam mudando em decorrência da melhora das estradas de acesso ao litoral:

Mais bulício, mais movimento - menos repouso, menos veraneio longo. As praias enchem-se aos sábados... para se esvaziarem aos domingos. Automóveis há que trafegam sem transportarem sequer uma maleta. [...]. Que foi feito do tempo das longas temporadas, em que ir às praias por menos de 15 dias constituía arrematada loucura, uma coisa "que não pagava a pena"? [...]. É que aconteceu o inadiável. Uma estrada plana, serpenteando pelas planícies, marginando lagoas, sorvendo pantanais, arrastou-se por terra, nela fixou-se. E tudo mudou. Tramandaí passou a arrabalde de Porto Alegre. Passa-se o domingo lá, do mesmo modo que se vai a Belém Novo ou Espírito Santo. Chega-se em casa de noite [...]. (ATLANTIDA..., 1940, p. 42)

Em seguida, a matéria apontava um dos novos posicionamentos do poder público em relação aos empreendimentos urbanos de iniciativa privada:

Os balneários criados em razão de uma necessidade terapêutica, progredindo por iniciativa de particulares, começaram a interessar os poderes públicos. E

nesse verão foi baixado pela Prefeitura de Osorio, Decreto que regulariza a instalação de praias balnearias. Para erigir novo balneário é preciso loteamento provido de água e luz capaz de abrigar 5.000 pessoas. É necessário haver um parque de 5 Ha. É imprescindível construir um Hotel de material com o máximo de conforto. É forçoso demarcar a zona urbana e a zona rural, com terrenos de superfícies diferentes. (ATLANTIDA..., 1940, p. 43)

A reportagem, que trazia duas imagens dos planos urbanísticos de Ubatuba e Moacyr (Figura 28Figura 29), era finalizada com o anúncio do novo balneário:

Pois, senhores, isso não assustou nossos gaúchos. Ao contrário. Já se iniciaram, no município de Osorio, os trabalhos de construção de Atlantida, cujo projeto é da autoria dos engenheiros conterrâneos - L. A. Ubatuba de Faria e Gabriel Pedro *Moacir* (sic). O estabelecimento da nova praia já foi autorizado pelo sr. Candido Osorio da Rosa, operoso prefeito municipal, visto se enquadrar o traçado dentro das normas estatuídas em Lei. E o plano, ao ser aprovado pelo Governo do Estado, mereceu da Secretaria das Obras Públicas elogiosas referências. (ATLANTIDA..., 1940, p. 43)

Contudo, Atlântida foi efetivamente realizada somente treze anos mais tarde³⁵. O anteprojeto de 1939 e o projeto executivo, de 1952 eram duas propostas diferentes. O segundo foi assinado somente por Ubatuba de Faria e o nome de Gabriel Pedro Moacyr não está mais presente. Dentre as diferenças das duas propostas, observa-se que a premissa social e zona para moradores de baixa renda, presente no plano de 1939 não comparece no plano de 1952, para o qual o empreendedor Antônio Casaccia³⁶ teria solicitado um balneário nos moldes uruguaios, que atraísse veranistas de média e alta renda. Segundo Oliveira, a Atlântida realizada é uma releitura simplificada, uma evidente adaptação do plano precursor. Do anteprojeto original, permanecem algumas características tais como: a Avenida Central como parque e eixo estruturador do traçado, as alamedas arborizadas e canteiros centrais perpendiculares à praia, as áreas verdes e a implantação do hotel no lote central à beira-mar. (OLIVEIRA, 2015, p. 152-5)

Em 1959 José Alberto Moreno publicou, no Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, um artigo (p. 31-9) intitulado “Estudo geográfico do Litoral sul-riograndense: Praias e Balneários – Atlântida”, no qual abordou, entre outros aspectos, uma súmula histórica do surgimento de Atlântida, a localização, as características físicas, a descrição da infraestrutura

³⁵ Sobre o anteprojeto de 1939 e o projeto implantado em 1952, ver: OLIVEIRA, A. L. V. F. **As Duas Atlântidas 1939/1952**. O veraneio moderno e a constituição dos balneários do litoral norte gaúcho. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

³⁶ Antônio Casaccia, de acordo com sua filha Nélide Bertolucci, frequentava os balneários do Uruguay, sendo que seu favorito era a Atlântida uruguiaia.

e dos serviços públicos, do comércio e do entretenimento. O autor relatou que um terço do balneário previsto no plano urbanístico achava-se urbanizado, com ruas calçadas e redes de água e elétrica. A área descrita localizava-se em torno da praça central, próxima ao hotel, conforme o estudo de evolução urbana apresentado por Moreno e desenhado por Zaions (Figura 30). Esse interessante registro apresenta a planta completa do balneário, de acordo com o projeto de Ubatuba.



Planta do Balneário «Atlântida» — Escala aproximada 1:165 00
— ESTUDO DA EVOLUÇÃO URBANA —

Figura 30: Planta da evolução urbana de Atlântida em 1959. Fonte: MORENO, 1959, p.34

Em Tramandaí, o fortalecimento da cultura de veraneio, a melhoria das estradas de acesso às praias de mar, a precariedade das condições urbanas e superlotação sazonal, foram alguns dos fatores que levaram um grupo de empreendedores a vislumbrarem no outro lado do rio, numa área de ocupação rarefeita, a oportunidade para o desenvolvimento de um novo loteamento que pudesse usufruir dos serviços e comércios consolidados em Tramandaí, mas que, separado do antigo balneário por uma ponte, pudesse conformar uma praia modelar. Nesse sentido, a dependência de Imbé em relação a Tramandaí é comparável com a conexão de Atlântida e Capão da Canoa, com a diferença de que entre essas últimas não havia um rio e a divisão se deu por um espaço de terra que inicialmente não havia sido loteado.

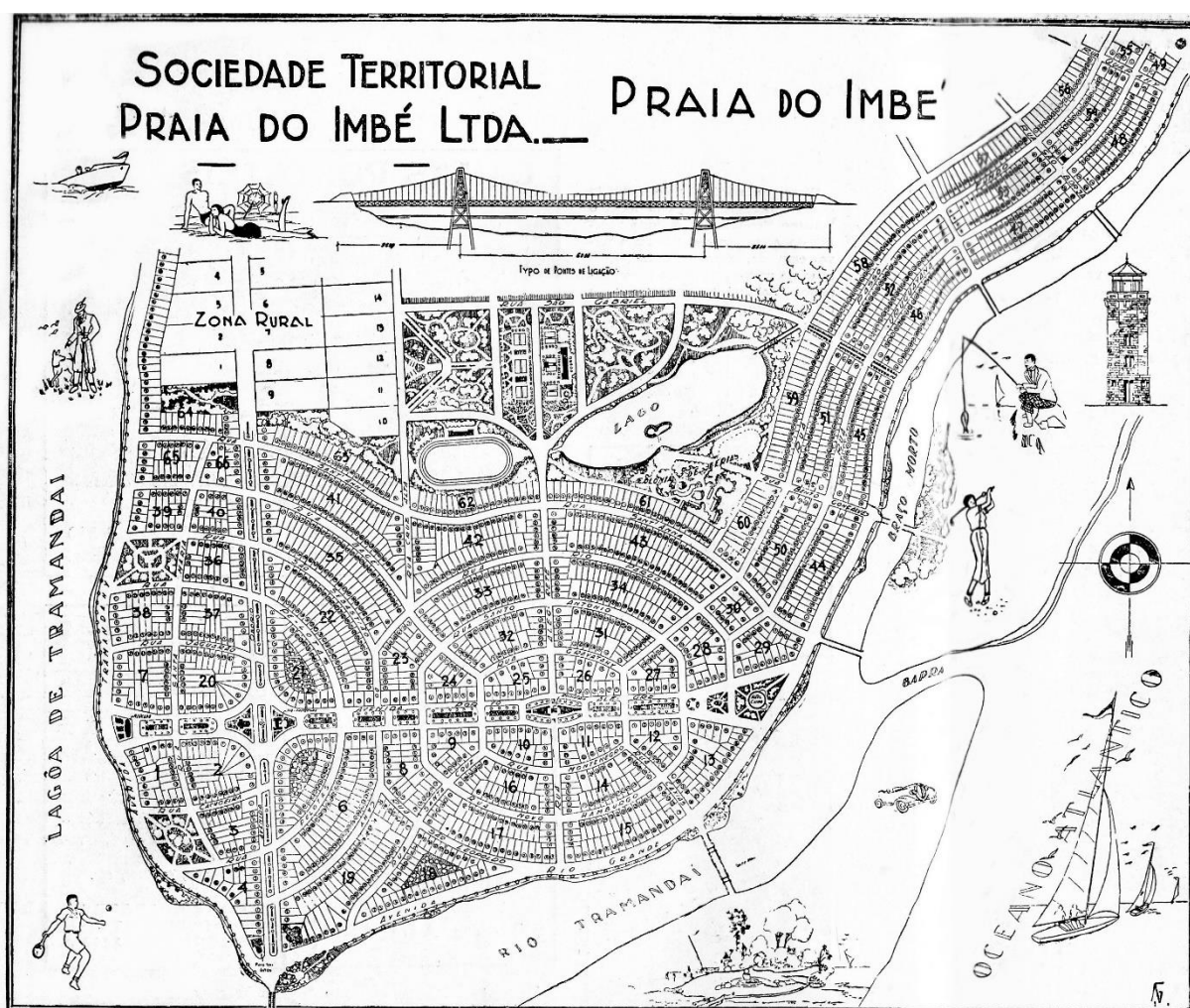


Figura 31: Recorte do anúncio da “Praia do Imbé” em página dupla da revista A Gaivota
Fonte: Revista A Gaivota, 1941, n.p.

O projeto do balneário de Imbé foi encomendado a Ubatuba em 1939 pela Sociedade Territorial Imbé Ltda, formada pelo corretor de imóveis Cezar Bergamaschi, o oftalmologista

Alfredo Mariath e o engenheiro Osvaldo Coufal³⁷. Este último, conforme referido anteriormente, projetou e empreendeu loteamentos balneários às margens do Rio Guaíba, na capital gaúcha alguns anos antes. A semelhança do traçado viário do Balneário Ipanema e da Praia do Imbé e uma matéria de um periódico da época³⁸ assinalam a participação de Coufal na concepção do balneário marítimo que comumente é atribuído unicamente à Ubatuba de Faria.

Se os conceitos de cidade-jardim³⁹ aplicados no projeto de Atlântida não foram suficientes para classificá-la como tal, segundo os próprios urbanistas Ubatuba e Moacyr⁴⁰, na Praia do Imbé, por outro lado, a referência à imagem de cidade-jardim é mais evidente, especialmente pelo traçado urbano radial⁴¹. O projeto de Coufal e Ubatuba levava em conta o sistema de ventos para garantir o conforto térmico, o escoamento pluvial direcionado à lagoa e alamedas para pedestres conectando a área residencial à beira-mar.

A presença de áreas verde é expressiva, especialmente na zona que delimita a área urbana central, onde havia a previsão de um grande parque arborizado, dotado de um lago, um estádio e uma hidráulica ao centro. O Braço Morto do Rio Tramandaí margeava o limite leste do plano, adjacente à uma generosa faixa de terra à beira-mar. Essa faixa entre o Braço

³⁷ SOARES, Leda Saraiva. Imbé: histórico, turístico. Editora Evangraf Ltda, 2.ed, 2002.

³⁸ "O projeto e construção da nova praia estão entregues ao engenheiro Osvaldo Coufal, sócio-diretor da Sociedade de Terrenos Balnearios Ipanema Ltda., que já dotou Porto Alegre, com os balnearios Ipanema, Espírito Santo, Avenida Bastian e outros importantes arruamentos" (sic). (Revista A Gaivota, 1940, p. 41)

³⁹ Modelo urbano difundido no início do século XX pelo urbanista inglês Ebenezer Howard. O conceito de cidade-jardim previa a melhora da qualidade de vida da classe operária pelo desenvolvimento de uma comunidade autônoma moralmente equilibrada, com compartilhamento da propriedade. Embora esse modelo jamais tenha sido aplicado em sua totalidade, a imagem urbana atrelada a este conceito, amplamente adotada em bairros suburbanos, era a de uma cidade arborizada, com extensas áreas verdes, de baixa densidade, com generosos recuos para os jardins das residências, traçado de vias sinuosas e frequentemente arruamentos radiais. Sobre a cidade-jardim de Ebenezer Howard ver: HOWARD, E. 1996. Cidades-jardins de amanhã. São Paulo, HUCITEC Ltda.

⁴⁰ "Em virtude da porcentagem elevada de espaços livres, poderíamos classificar Atlântida como cidade-jardim; no entanto ela, no seu traçado e disposição de lotes não possui todos os característicos que lhe faculta tal classificação" (sic). (UBATUBA DE FARIA, MOACYR, 1939, p. 33)

⁴¹ Embora esteticamente o plano original de Imbé possua fortes características de cidade-jardim, não foi encontrado até a presente pesquisa, algum texto ou memorial descritivo do projeto, que se refira às questões sociais atreladas ao conceito de Howard. No entanto, os discursos de Ubatuba e seus artigos divulgados em periódicos, sempre defendiam a melhora da qualidade de vida dos operários através das férias em área distante do seu ambiente rotineiro, em local digno, confortável, em contato com a natureza e a criação de cooperativas e colônias de férias para viabilizar aos operários o acesso às férias em estações balneárias. No caso do plano da Atlântida de 1939 os urbanistas registraram diversas preocupações nesse sentido, citando como referência o urbanista francês Pierre Lauga. Sobre os artigos e discursos de Ubatuba, ver: UMA OBRA EMINENTEMENTE SOCIAL. Jornal do Estado, Ano II, Porto Alegre, 12 de maio, 1939, nº 431; DESENVOLVIMENTO DO TURISMO PARA AS PRAIA DE MAR. Diário de Notícias, Porto Alegre, 9 de agosto, 1942; O SENTIDO SOCIAL DAS FÉRIAS. Boletim semanal do Rotary Club de Porto Alegre. Porto Alegre, Ano IV, 12 de agosto de 1942, nº 6. Sobre os aspectos sociais do projeto de Atlântida, ver: (UBATUBA DE FARIA, MOACYR, 1939, p. 14, 40-48)

Morto e a orla marinha também conformava área pública, portanto não havia a previsão de loteamentos habitacionais, junto à beira-mar. Predominantemente residencial, o projeto possui duas vias principais conformado eixos que se cruzam segundo a tradição clássica romana: o *cardo* e o *decumano*⁴², sendo que o primeiro (Avenida Osório) cruza o balneário de norte a sul, conectando-o a Tramandaí, e o segundo (Avenida Porto Alegre) corta o centro do traçado curvilíneo e acomoda diversos equipamentos urbanos ao longo de seu canteiro central, tendo como limites extremos o mar a leste e o rio a oeste. Nesta avenida ajardinada havia a previsão de um mercado no lote mais próximo ao rio, provavelmente contando com o transporte hidroviário e com o incremento da indústria pesqueira e da produção colonial para abastecê-lo⁴³; na continuação da Avenida Porto Alegre, no cruzamento com a Avenida Osório, seriam implantadas a igreja e a subprefeitura; seguindo em direção ao mar, no núcleo do traçado radial localizava-se o reservatório d'água; na extremidade leste o canteiro central se alargava gradualmente, dividindo-se em três praças, sendo que na mais destacada, próximo à barra do rio, estava previsto o grande hotel cassino. Na década seguinte, com o loteamento já implantado, esta área foi destinada à SAPI (Sociedade dos Amigos da Praia do Imbé), já que o Hotel Cassino Picoral foi construído em outro lote próximo dali e provavelmente não havia a necessidade de outro hotel de grande porte no balneário. Além do mais, a proibição do jogo em 1946 minguou as expectativas de negócios de empreendedores hoteleiros, especialmente os dos balneários de turismo, que tradicionalmente obtinham da exploração de jogos, boa parte dos seus rendimentos. Aliás, no plano de Ubatuba e Coufal estavam previstos dois cassinos. Um na já mencionada área, junto ao hotel e outro bem próximo da ponte de ligação com Tramandaí, no início da Avenida Osório.

⁴² *Cardo* e *decumano*: principais vias da cidade clássica romana. *Cardo* cruza a cidade de norte a sul. *Decumano* cruza a cidade de leste a oeste.

⁴³ Ubatuba defendia fortemente o incremento da indústria pesqueira com a criação de uma colônia de pesca para atender a região metropolitana e a expansão da produção colonial de alimentos típicos da região litorânea. Para o transporte dos produtos, havia a previsão da construção de um porto de mar em Tramandaí. (TRAMANDAÍ SERÁ CONVERTIDO PELO ESTADO NUM BALNEÁRIO MODELO. Diário de Notícias, 30 jan 1944)



Figura 32: Foto aérea de Imbé na década de 1960. Fonte: COURHASA, 2013

O projeto da Praia de Imbé conforme proposto, foi implantado em quase sua totalidade, com diversas modificações. Percebe-se que o traçado urbano realizado é muito parecido (Figura 32), porém o grande parque arborizado jamais foi executado. Dos equipamentos urbanos da Avenida Porto Alegre, apenas a torre do reservatório d'água foi construída concomitantemente com o loteamento. Posteriormente a torre foi demolida e a igreja foi construída próximo dali (1960), no núcleo do traçado radial. Entre a igreja e a SAPI (1952), estava a torre de reservatório d'água construída pela CORSAN (Companhia Riograndense de Saneamento) em 1948.

A faixa de areia entre o Braço Morto e a praia foi gradativamente conectando-se à área já loteada, um pouco auxiliada pela dinâmica natural e principalmente, pelas modificações paisagísticas provocadas com a abertura da barra do Rio Tramandaí (1937-1948), com a fixação do guia corrente e retificação do rio na margem correspondente a Imbé (1959-1960) e com o aterramento da área. Para requerer o local, a Prefeitura de Osório ajuizou uma ação de usucapião (1956) contra a Sociedade Territorial Praia do Imbé Ltda. A decisão favorável à Osório ocorreu em 1969, quando Tramandaí já estava emancipada, tendo Imbé como um de seus distritos. Osório então, loteou e comercializou os terrenos⁴⁴.

⁴⁴ Sobre o processo de desenvolvimento urbano de Imbé, abertura e fixação da barra do Rio Tramandaí, e questões legais quanto à ação de usucapião dos lotes de Imbé pertencentes a Osório, ver: CLAUSSEN, M. R. S. **O Processo de Urbanização do Município de Imbé, RS: dinâmicas socioespacial e socioambiental**. Porto Alegre: Instituto de Geociências, Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

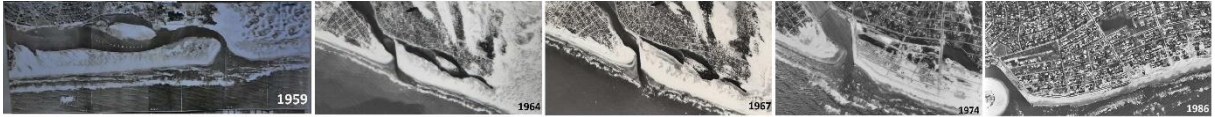


Figura 33: Fotografias aéreas da área do Braço Morto em sequência cronológica.
Fonte: CLAUSSEN, 2013, p.83

Com a Praia do Imbé ainda em fase de implantação, Ubatuba dava prosseguimento, no DBM (Departamento de Balneários Marítimos), aos projetos de melhoramentos dos balneários marítimos. Para aprimorar seu conhecimento no assunto, o urbanista estudou e visitou os balneários uruguaiois (1942), trazendo de lá importantes referências para o desenvolvimento dos balneários marítimos gaúchos.

Os planos de remodelação de Tramandaí davam continuidade ao já iniciado projeto de transformá-la em balneário modelo. Além do incremento do turismo visando atrair visitantes de outros estados e de fora do país, os planos também intencionavam atender o veranista gaúcho com incentivos ao repouso e à distração, como explica Ubatuba (1944):

Com os melhoramentos em vista o governo visa, muito especialmente, fomentar a construção da casa própria nas praias, despertando no homem o instinto que o conduz a amar a terra no seu cultivo e na sua fixação em casa própria. Desta maneira nossos balneários preencherão suas verdadeiras finalidades sociais e eugênicas, dentro da orientação sadia de favorecer todas as classes. Serão estabelecidas também, colônias de férias. O governo cederá terras de seu patrimônio para em determinado número de anos serem utilizadas pelos veranistas. A estação balnear preenche duas finalidades: de repouso e de distração, o que necessariamente pede melhoramentos que permitam o gozo dessas duas finalidades tão importantes para a vida moderna. Assim o estabelecimento de casas de jogos, de diversões, etc., foi previsto como uma necessidade para os que procuram as praias de mar em busca de repouso e de diversão. Uma vez alcançado o objetivo acima nossas praias rivalizarão com as do Uruguai. (TRAMANDAÍ..., 1944, n.p.)

Conforme já mencionado, projetos referentes às atividades pesqueira, agrícola e de transportes hidroviários também eram contemplados nos planos de remodelação de Tramandaí. O Estado pretendia transformá-la em um porto de mar, e para tanto já existia, em 1944, um projeto de um molhe curvo de 700 metros de extensão, elaborado pelo engenheiro Jorge Porto. Junto ao cais, haveria um local para o reparo dos barcos, mercado de peixes, fábrica de conservas e adubo de peixes, abastecidos por uma colônia de pesca e capazes de suprir a demanda de toda a região metropolitana. O aumento da produção colonial de açúcar, álcool, banana, arroz, cebola, etc., também seria incentivado⁴⁵.

⁴⁵ TRAMANDAÍ SERÁ CONVERTIDO PELO ESTADO NUM BALNEÁRIO MODELO. Diário de Notícias, 30

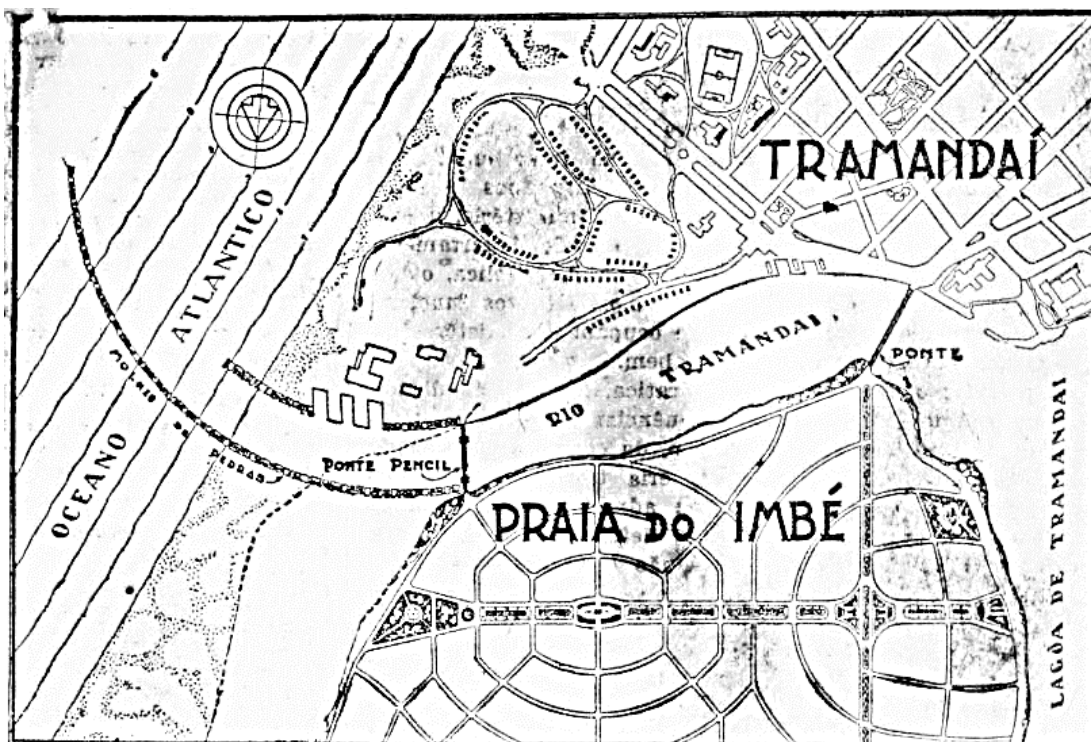


Figura 34: Recorte do jornal Diário de Notícias, 30 jan 1944. Fonte: Acervo de MENNA BARRETO.

O projeto do porto nunca foi concretizado e a pesca⁴⁶, que representava a principal ocupação profissional desde os primórdios do povoamento da região, foi perdendo sua força em detrimento de outras atividades. Por outro lado, os planos de incentivo à casa própria na praia obtiveram êxito e fomentaram o fortalecimento do mercado imobiliário, construção civil e comércio. Diversas colônias de férias foram criadas⁴⁷, algumas como conjuntos de casas conforme um dos modelos sugeridos por Ubatuba:

A necessidade de entidades coletivas de férias, na base de um cooperativismo generalizado é evidente, pois as colônias de férias devem servir a todos os indivíduos de um determinado standar (sic) de vida, sejam eles empregados de comércio, funcionários públicos ou operários de fábricas.

Podem ser construídas na base de casas econômicas, onde cada unidade servirá, no decurso de uma estação balnear, a diversas famílias, em etapas sucessivas de

jan 1944.

⁴⁶ No início dos anos 1950 foi criada uma cooperativa de pescadores em Tramandaí, que perdurou até o final dos anos 60.

⁴⁷ Entre elas, a Colônia de Férias do DAER, em Imbé, composta por um conjunto de chalés individuais (OLIVEIRA, 2015, p. 84); e em Tramandaí, a Colônia de Férias Grêmio Expedicionário Geraldo Santana (1953), projetada pelo arquiteto Dircêo Berclaz e posterior reforma e ampliação (1965) com projeto dos arquitetos Ari Mazzani Canarin e Edemar Bitencourt da Luz (BUENO, 2014, p. 13); a Colônia de Férias da UFRGS (1957 e 1961), com projeto do arquiteto Fernando Gonzales (1961) (BUENO, 2014, p. 10); a Colônia de Férias do AGRIMER (1960), projetada pelos arquitetos Cláudio Araújo e Carlos Mancuso. (MARQUES, 2012, p. 150-152).

15 a 25 dias. Assim, se aproveita o máximo do capital investido nas construções.
(DESENVOLVIMENTO..., 1942, n.p.)

Também na praia de Capão da Canoa os problemas de superlotação dos hotéis e falta de infraestrutura urbana prejudicavam a qualidade dos veraneios e o balneário recebeu a atenção do DBM, que apresentou em 1942 um projeto parcial de urbanização⁴⁸, novamente com a autoria de Ubatuba de Faria (Figura 35).

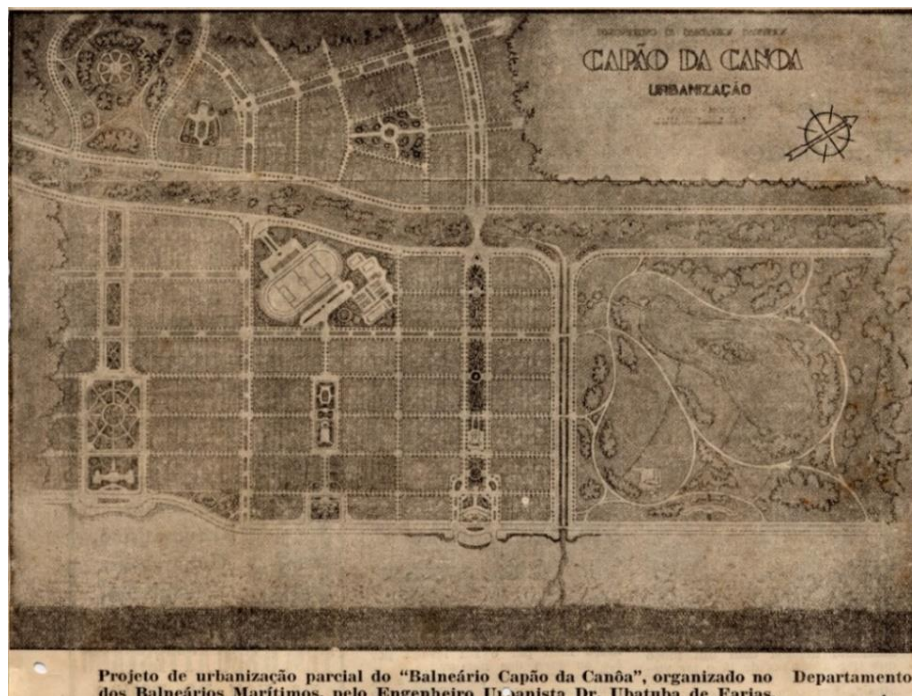


Figura 35: Planta da urbanização parcial de Capão da Canoa, 1942

Fonte: Revista A Gaivota, nº 15, 1942, n.p.

É notória a relação com o plano de Atlântida (1939), pela continuidade do parque linear arborizado junto à uma via, limitando a área central do balneário, paralelo à praia. Um vasto bosque ajardinado delimitava o loteamento à norte, margeando o Arroio da Pescaria⁴⁹. Havia a proposição de duas avenidas largas entre a praia e o referido parque, uma delas similar à Avenida Central de Atlântida, porém sem configurar em Capão da Canoa, a axialidade

⁴⁸ A revista A Gaivota publicou em 1942 uma pequena matéria intitulada "Balneário Capão da Canoa", noticiando o projeto de urbanização da praia, elaborado por Ubatuba de Faria no Departamento de Balneários Marítimos, sem especificações descritivas, mas ilustrado com uma planta baixa e com uma perspectiva vôo de pássaro, sendo que o desenho da perspectiva está creditado à Hanz Muller. A mesma revista, no verão de 1943, reapresentava a perspectiva da visão futura de Capão da Canoa, junto à manchete: Organizada a Empresa Territorial Capão da Canoa LTDA (sic), com uma reportagem que propagandeava a execução do plano urbanístico, a venda de terrenos e o fornecimento de materiais de construção junto aos escritórios da empresa, no Balneário Riograndense, em Capão da Canoa, e na casa Pavão, na praça Montevidéu em Porto Alegre.

⁴⁹ O plano previa um deslocamento e a retificação do arroio e isso efetivamente foi realizado, porém com um deslocamento maior em direção ao norte, onde hoje é o bairro Zona Nova.

contundente da avenida de Atlântida⁵⁰. O plano preservava o farol à beira-mar, construído em 1930, e o envolvia em uma pequena praça a partir da qual se formava uma das vias principais do balneário, perpendicular à orla. No trecho central desta rua, Ubatuba definiu o alargamento da via e a inserção de um canteiro central. Ao final desta rua localizava-se um parque equipado com um estádio e outros edifícios menores. O loteamento, do modo como foi efetivamente implantado, pouco se assemelha ao que urbanista idealizou. É possível identificar o eixo conformado pela praça do farol, pelo canteiro central (onde foi construída a igreja matriz e a praça do minigolfe) e, na sequência, pelo Estádio Mariscão contíguo à SACC (Sociedade dos Amigos de Capão da Canoa). Também existem as vias com um amplo canteiro central (Avenida Flávio Boianovski) e a que flanqueia o Arroio Pescaria (Avenida Ubatuba de Farias⁵¹), ambas deslocadas para a direção norte, ampliando substancialmente os limites originalmente estipulados. Além disso, a elevada densidade dos lotes, a profusão de edifícios em altura e a exiguidade de áreas verdes da Capão da Canoa atual, em comparação à proposta de Ubatuba de Faria, denotam um contraste entre duas cidades opostas.



Figura 36: Visão futura de Capão da Canoa segundo o projeto de Ubatuba de Faria. Desenho em perspectiva vôo de pássaro atribuído a Hanz Muller. Fonte: Revista A Gaviota, nº 15, 1942, n.p.

⁵⁰ A menos que a intensão de Ubatuba fosse a de espelhar o projeto parcial a partir da avenida que aparece mais à esquerda. Esta hipótese pode ser considerada, levando em conta que o eixo central é um elemento presente nos projetos de Atlântida, Imbé, Oásis e no plano de Pinhal - onde a simetria da planta reforça a importância axial da avenida central.

⁵¹ O nome da avenida homenageia o engenheiro e urbanista Luiz Arthur Ubatuba de Faria, porém, assim como ocorre na avenida de Tramandaí, a grafia do sobrenome está acrescida da letra “s”

Em 1950, Luiz Arthur Ubatuba de Faria elaborou, no Departamento das Prefeituras Municipais, o plano de urbanização da Praia do Pinhal, para um local onde não havia qualquer povoado. O objetivo era criar um balneário nos preceitos modernos, o mais próximo possível de Porto Alegre, “liberto de qualquer influxo tradicional e retrógrado”⁵².

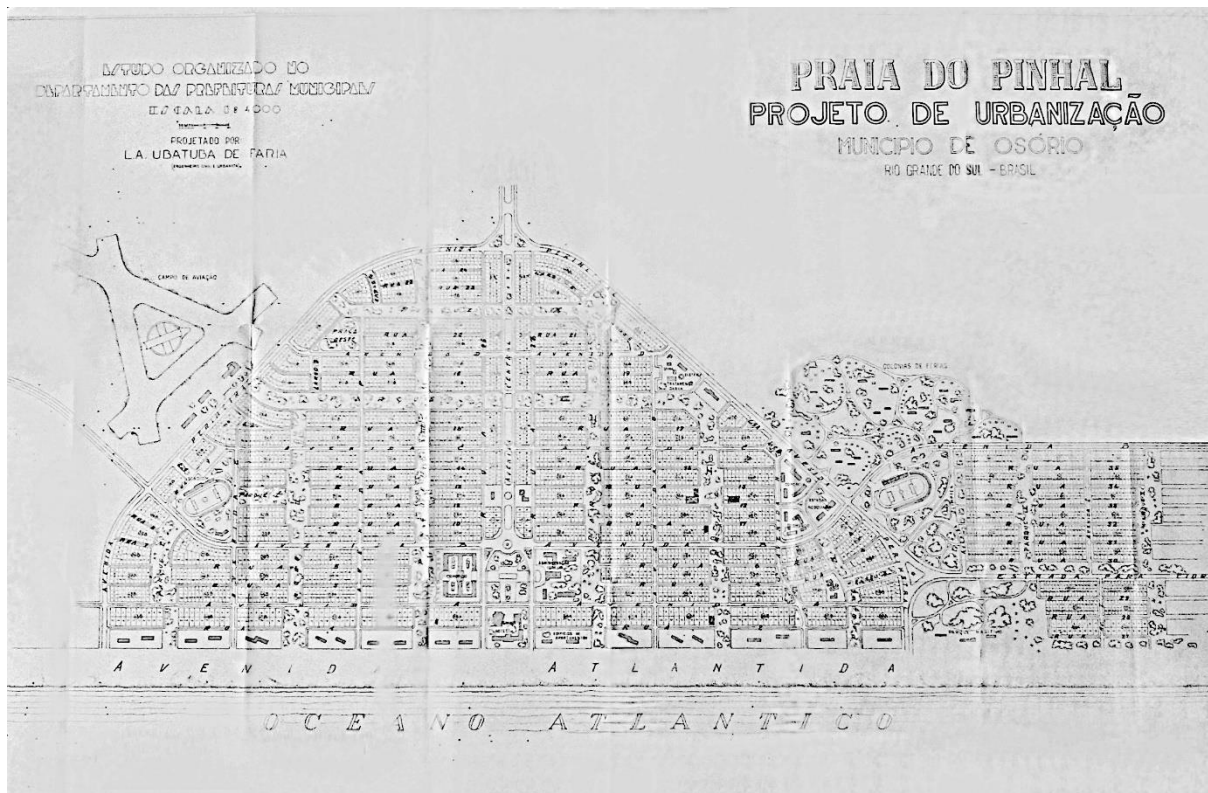


Figura 37: Planta do Projeto da Praia do Pinhal, 1950.
Fonte: Acervo Julio Petersen, Biblioteca Central PUCRS

O plano contava com uma planta em escala 1:4.000, um estudo de levantamento topográfico, uma foto da área a ser urbanizada e um relatório descritivo sucinto. O texto especificava um zoneamento definido a área central para construções em alvenaria; a zona média, que admitiria boas de madeira; a zona de baixo preço, com lotes mínimos de 12X30 metros e colônias de férias e uma zona popular para receber a população flutuante de fins de semana. As áreas verdes serviriam como caminhos para pedestres e o traçado viário em “*looping-of-the-looping*” (em ziguezague), entre os quarteirões residenciais, visava não perturbar a tranquilidade dos veranistas, impondo ao automóvel um trajeto mais lento. Tal como Atlântida, o projeto da Praia do Pinhal demarcava uma franca centralidade axial a partir

⁵² UBATUBA DE FARIA, L.A. Praia do Pinhal – Relatório do Levantamento Topográfico e Plano de Urbanização, 1950, n.p.

da Avenida Central⁵³, que possuía em toda a sua extensão, canteiros centrais, e nos quarteirões próximos da praia, se alargavam, constituindo uma praça cívica e um generoso lote para o grande hotel à beira-mar. No plano de Pinhal, os terrenos adjacentes à praça central eram ocupados, de um lado pela igreja, de outro, por um conjunto comercial. Os edifícios localizavam-se à beira mar, como blocos soltos nos grandes lotes de baixa densidade. Novamente o projeto apresenta a proposição de alamedas perpendiculares à praia, uma avenida perimetral contornando a área urbana, um campo de aviação, estádios e colônias de férias. Estas, situadas no lado externo da avenida perimetral, nas proximidades de outra igreja, de um conjunto comercial e de um dos estádios (havia outro, no lado oposto, próximo do campo de aviação).



Figura 38: Detalhe do eixo central do plano da Praia do Pinhal, 1950.
Fone: Fonte: Acervo Julio Petersen, Biblioteca Central PUCRS

⁵³ Tanto da Praia do Pinhal quanto no Balneário Atlântida, a via principal recebe o nome de Avenida Central.

Apenas o traçado viário geral foi parcialmente implementado (Figura 39), sem observância às demais proposições do urbanista. Nem mesmo a expansão urbana obedeceu aos planos do urbanista.

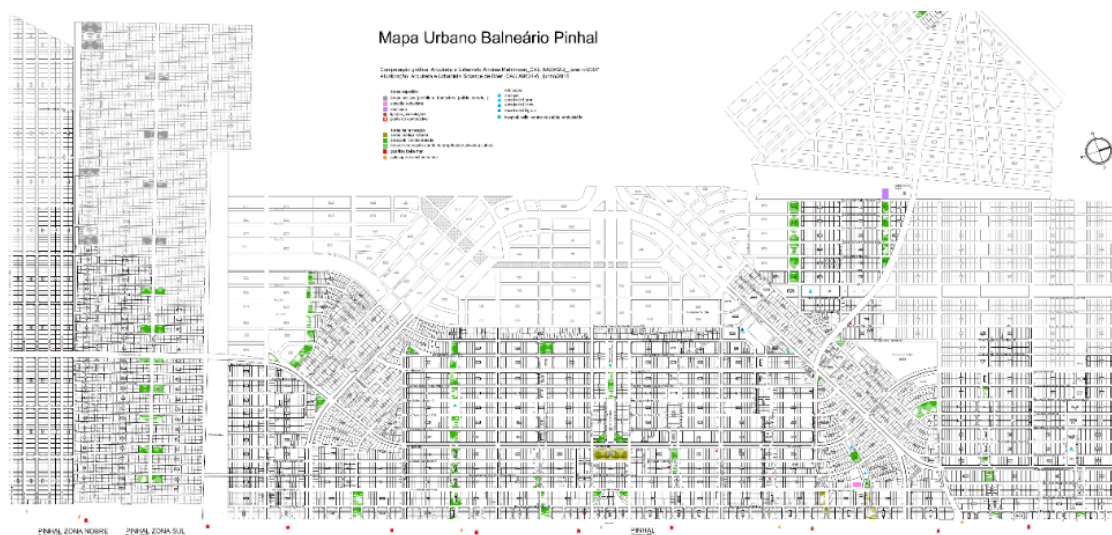


Figura 39: Planta atual do município Balneário Pinhal.
Fonte: Prefeitura Municipal de Balneário Pinhal

Outro projeto concebido por Ubatuba de Faria foi encomendado pela Companhia Balneária Oásis, liderada pelo incorporador Alvicio Shafer. O Balneário Oásis, localizado à beira do oceano, numa área entre as lagoas da Custódia e dos Gentis, contaria com as vantagens de estar próximo à Porto Alegre e possuir uma ampla faixa de terreno sem dunas. Os planos de urbanização previam, às margens da Lagoa da Custódia, um cais com estrutura adequada para a prática de esportes aquáticos, um bar-restaurante, bem como a arborização da borda com acácias e eucaliptos. Na área central do loteamento, as principais ruas e avenidas seriam calçadas e arborizadas e uma vasta área seria gramada. À beira-mar, planejava-se construir o Grande Hotel Oásis e um abrigo com serviço de salva-vidas⁵⁴. Como nos demais projetos de novos balneários propostos por Ubatuba de Faria, a planta do Balneário Oásis apresentava ainda, alamedas, diversas praças e a centralidade definida em torno do hotel à beira mar.

A referida área encontra-se parcialmente loteada e é hoje um bairro de Tramandaí, chamado Oásis Sul. No entanto, as semelhanças se limitam ao nome e à localização, pois o plano do Balneário Oásis de 1952 não foi executado.

⁵⁴ Companhia Balneário Oásis. Correio do Povo, domingo, 4 de maio, 1952; Companhia Balneário Oásis. Jornal do Dia, domingo, 4 de maio, 1952, p. 9.

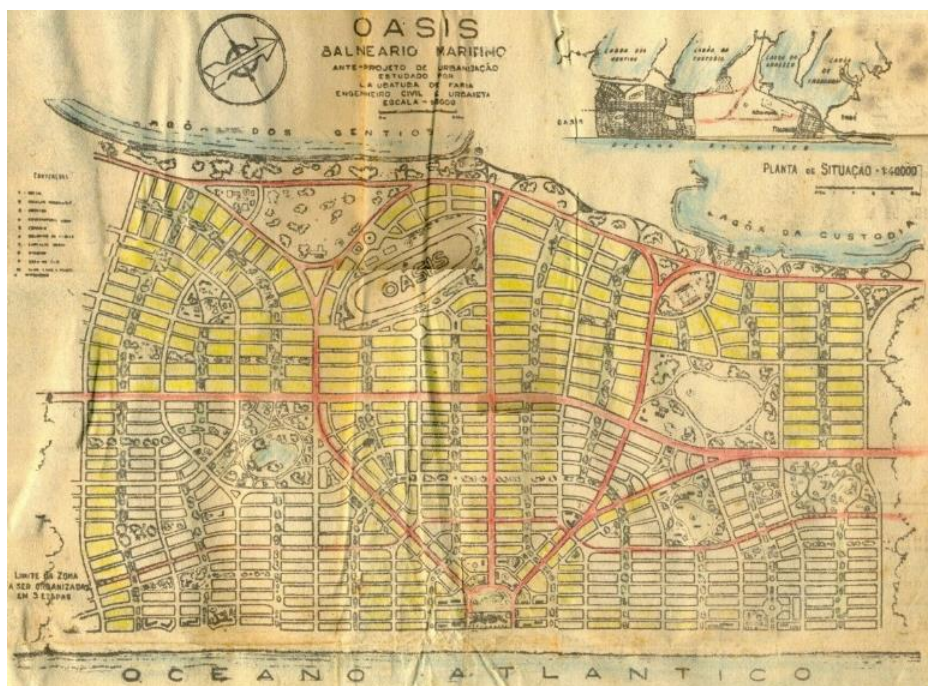


Figura 40: Planta de Oásis Balneário Marítimo, 1952
Fonte: Correio do povo, 3 ago. 1952. Acervo Menna Barreto

Posteriores aos projetos de Ubatuba⁵⁵, alguns loteamentos novos foram anunciados na imprensa ainda na década de 1950⁵⁶. Entretanto, nenhum deles apresenta a qualidade urbanística e riqueza de detalhes presentes nos planos de Ubatuba de Faria.

⁵⁵ O engenheiro urbanista Luiz Arthur Ubatuba de Faria faleceu dia 19 de outubro de 1954.

⁵⁶ Entre os quais, os loteamentos da Praia do Leão (1955); Capão Alto, hoje Xangri-lá (1952), Praia Arroio Novo (1953), entre Capão da Canoa e Torres.

3. PANORAMA DAS SOCIEDADES AMIGOS DAS PRAIAS

Na medida em que os balneários litorâneos despontavam como locais de veraneio, tornavam-se pontos de encontro de velhos amigos nas férias. A partir dos anos 1920 até a década de 1940 os hotéis eram os ambientes mais convenientes para as reuniões amistosas. Com o advento do litoral como local de segunda residência⁵⁷, surge a demanda por um espaço específico para a sociabilidade dos veranistas. No início da implantação dos loteamentos residenciais, os hotéis desempenharam um papel de suma importância na congregação da comunidade veranista que estava se formando. Entre os ambientes dos hotéis, cujas funções eram voltadas para a sociabilidade e entretenimento estavam as salas de jogos, salas de estar, salão de bailes e bar. Alguns hotéis ainda dispunham de cassino⁵⁸ ou cinema⁵⁹.

A formação da maior parte das agremiações praianas entre 1936 e 1955 ocorreu nas dependências de hotéis. É o caso da SAPT (Sociedade dos Amigos da Praia de Torres), que foi estabelecida em 1936 no salão do Hotel Picoral; da SAT (Sociedade dos Amigos de Tramandaí), fundada em 1945 nas dependências do Hotel Corrêa; da APC (Atlântida Praia Clube), formada em 1955 no Hotel Atlântida; e da SACC (Sociedade dos Amigos de Capão da Canoa), oficialmente⁶⁰ instituída em 1945 no Hotel Riograndense.

A SABA (Sociedade dos Amigos do Balneário Atlântida) teve sua origem na dissidência de associados do Atlântida Praia Clube, quando este ainda usufruía do espaço físico do salão de festas do Hotel Atlântida⁶¹. Segundo Soares (2002), a SAPI (Sociedade dos Amigos da Praia do Imbé) surgiu num contexto diferente, numa reunião de veranistas à beira-mar em 1949. Quanto à sociedade de Curumim, até o momento esta pesquisa não encontrou informações referentes ao seu surgimento. A formação da SAAS (Sociedade dos Amigos de Arroio do Sal)

⁵⁷ Conforme mencionado anteriormente, as referidas fases foram definidas por Strohaecker em seu estudo sobre o desenvolvimento urbano de Capão da Canoa: Fase 1 – Sede de estâncias e fazendas (1797-1920); Fase 2 – Balneários para fins terapêuticos (1920-1942); Fase 3 – Balneário para fins de segunda residência (1942-1982); Fase 4 – Emancipação e densificação (1982-2005). (STROHAECKER, 2007, p. 194-229). Relacionando ao presente estudo, as fases 2 e 3 se ajustam à situação dos balneários do litoral norte do Estado, e coincidem com a época da implantação ao apogeu das Sociedades Amigos das Praias.

⁵⁸ Hotel Cassino Picoral em Imbé; Hotel Sperb em Tramandaí; Cassino Bataclã, junto ao Hotel Pellegrini em Tramandaí.

⁵⁹ Em 1930 o Hotel Primavera, de Cidreira, contava com um cinema em suas dependências. (A Gaivota, 1930, p.26)

⁶⁰ Constam dois registros na revista A Gaivota, um deles referente à formação, em 1938, da Sociedade União dos Veranistas de Capão da Canoa, presidida por Valter Petersen (proprietário do Hotel Atlântico); outro registro (1941) se referia ao sr. Valter Petersen como presidente da Sociedade dos Amigos de Capão da Canoa. (A Gaivota, 1939, p. 5 e A Gaivota, 1941, p. 75)

⁶¹ O APC, mesmo já possuindo uma área de terras com um pavilhão esportivo construído, ainda utilizava o salão de bailes do Hotel Atlântida para a realização de algumas festas. (Diário de Notícias, 10 jan. 1960, n.p.)

ocorreu na residência de uma família de veranistas⁶², como um movimento reivindicatório de melhorias na infraestrutura do balneário. Aliás, entre as motivações das origens de todas as sociedades praianas mencionadas, estava o intuito de se organizar em comunidade e cobrar da municipalidade (Osório ou Torres) ou do Estado, benfeitorias fundamentais para o bom funcionamento das temporadas balneárias, ou, em alguns casos, com a força da coletividade, realizar melhoramentos e serviços necessários. Cabe lembrar que alguns dos primeiros serviços de salva-vidas e plantão para atendimento médico, por exemplo, foram contratados por associações praianas⁶³. Sobretudo, os edifícios dos clubes deveriam oferecer atividades para o tempo livre, complementando a programação praiana de banhos de sol e mar. As associações promoviam bailes, carnavais (de rua e de salão), concursos de beleza⁶⁴, desfiles de moda, torneios esportivos (futebol, vôlei, pesca, etc.). Muitas competições eram disputadas entre os clubes, e culminavam num grande evento em que o vencedor era premiado. As sedes abrigavam um programa de necessidades voltado ao entretenimento. Todas as associações contavam com salão de bailes, sala menor para reuniões dançantes (boate), bar e salas de jogos em seus edifícios. As que tinham vocação mais desportiva também dispunham de pátios com quadras de esportes e piscinas. Alguns projetos possuíam características específicas, denotando os modismos de diferentes épocas, o que se percebe na presença de espaço para projeções cinematográficas, cassino, sala de leituras, quadra de minigolfe, bolão, etc.

O assunto foco do presente capítulo é a arquitetura das sedes das referidas sociedades, portanto, o recorte foi definido segundo a relevância arquitetônica dos edifícios dos clubes e pelo acesso às informações referentes aos seus projetos. Em todos os casos, buscou-se um resgate histórico do surgimento das agremiações, visando apresentar os primeiros edifícios que lhes serviram de sede, seguindo com a exposição do avanço de suas arquiteturas as quais, em geral, apresentaram aspectos relativos ao movimento moderno. A delimitação cronológica final foi estabelecida levando em conta a modernidade dos clubes, sem abranger as transformações pelas quais algumas sedes têm passado ao longo dos últimos

⁶² A família Vianna foi pioneira na fundação da agremiação e acolheu os associados da SAAS em seu chalé de veraneio nas reuniões anteriores à inauguração da sede. VIANNA, Célia. **História da SAAS**. Arroio do Sal, 2015. Entrevista concedida a Tiago Chiesa.

⁶³ Comprovadamente em Capão da Canoa e Torres.

⁶⁴ A tradicional escolha da Rainha do Atlântico Sul movimentava os clubes de todos os balneários gaúchos nas etapas preliminares e findava com um grande baile de escolha da vencedora. Era uma ocasião em que um único clube congregava os integrantes de diversas sociedades praianas.

anos. Sendo assim, a delimitação cronológica não é a mesma em todos os clubes, podendo abarcar, por exemplo, desde o ano de 1936 até 1978, como é o caso da SAPT (Torres), ou apenas entre 1957 e 1964, recorte temporal da pesquisa sobre o Clube Curumim⁶⁵, na praia homônima.



Figura 41: Sociedade Amigos da Cidreira em 1955. Fonte: Acervo Korpalski

Nos anos 1960, cada balneário marítimo do Rio Grande do Sul possuía pelo menos um clube social. Além dos sete exemplos que serão apresentados nesta pesquisa, podemos citar outros que futuramente podem ser objeto de estudo e complementação deste trabalho. A SAC (Sociedade Amigos da Cidreira)⁶⁶, teve sua primeira sede em um grande chalé (Figura 41), inaugurado em 1949⁶⁷ quando a sociedade era presidida pelo engenheiro Ricardo Cauduro. O mesmo edifício passou por reformas que modificaram sua fachada⁶⁸. Posteriormente uma nova agremiação surgiu com o nome de Cidreira Praia Clube (CPC), com uma sede de dois pavimentos, construída em alvenaria⁶⁹.

⁶⁵ Clube Curumim - nome da agremiação conforme indicado no projeto de 1957, cujo memorial descritivo também o intitula “Sociedade Amigos da Praia do Curumim”; ou ainda, em reportagens de periódicos, o mesmo local é designado pelas siglas “SAPC” ou “SAPEC”, este último, utilizado até hoje.

⁶⁶ Em algumas reportagens ou notas de jornais a sigla da Sociedade Amigos da Cidreira aparece como “SAPC”, referindo-se à “Praia da Cidreira”

⁶⁷ JÁ ENCONTRA-SE QUASI CONCLUÍDO O EDIFÍCIO PARA A SÉDE DA “SOCIEDADE AMIGOS DA CIDREIRA”. *A Gaivota*, nº 21, ano XX, 1950, n.p.

⁶⁸ A imagem apresentada em uma reportagem de jornal em 1965 mostra a sede com a fachada reformada, diferente de 1950, mas ainda revestida de madeira, porém com as tábuas formando uma trama no sentido horizontal. Ver: CIDREIRA APRONTA-SE PARA A FESTA DA RAINHA DO ATLÂNTICO SUL DE 65. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 31 jan. 1965, p. 7.

⁶⁹ A construção da sede do CPC ocorreu em pelo menos duas etapas. Um registro de jornal local anunciou, em 1964, os planos de ampliação da sede, com a conclusão do segundo pavimento. No térreo ficariam as salas de jogos e restaurantes e no piso superior o salão de festas e boate. CONSTRUÇÃO DO 2º PISO O GRANDE SONHO DO CIDREIRA P.C. PARA 1964. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 12 jan. 1964, p. 6

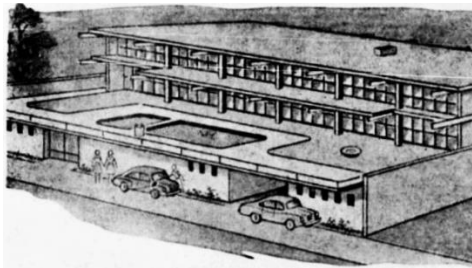


Figura 42: Perspectiva do projeto para a Sociedade Amigos da Praia do Pinhal (SAPP), 1965.
Fonte: Jornal do Dia, 13 fev. 1965, p. 6

A sede da SAPP (Sociedade Amigos da Praia do Pinhal), foi apresentada em um croqui (Figura 42) em uma pequena reportagem que anunciava o ato solene que marcou início das construções em 1965⁷⁰. O edifício de linhas modernas possuía uma sólida base saliente que conformava o primeiro pavimento e um grande terraço, este em frente aos outros dois pavimentos mais permeáveis.

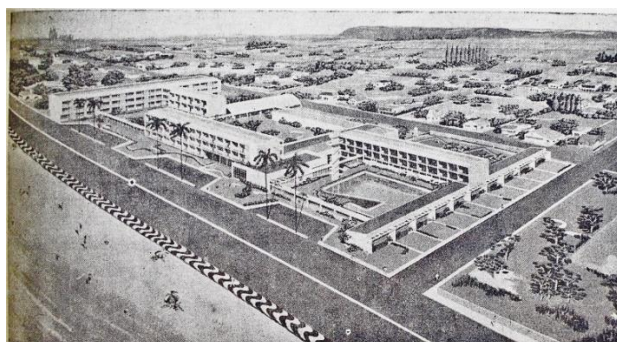


Figura 43: Perspectiva do projeto do Xangri-lá Casino Hotel, 1953.
Fonte: Correio do Povo, nov. 1953, n.p.

Um interessante projeto de edifício que merece a atenção de uma pesquisa futura, foi sede da SAXA (Sociedade Amigos de Xangri-lá). Trata-se do Hotel Cassino Xangri-lá, projeto do arquiteto Roberto Veronese, construído apenas parcialmente, tendo seu nome modificado para Hotel Termas Xangri-lá⁷¹.

⁷⁰ Reportagem com o anúncio do início da construção, apresentando o croqui do edifício: IMPONENTE SEDE CONSTRUIRÁ A SOCIEDADE AMIGOS DA PRAIA DO PINHAL: ATO SOLENE HOJE À TARDE. Jornal do Dia, 13 fev. 1965, p. 6; Nota sobre o lançamento da pedra fundamental: PINHAL: SÁBADO LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA NOVA SEDE DA SAPP. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 11 fev. 1965.

⁷¹ O nome original - Hotel Cassino Xangri-lá - aparece nas reportagens do lançamento do empreendimento e contava com a volta da liberação da exploração de jogos de azar. Como isso não ocorreu, o nome do empreendimento foi modificado para Hotel Termas Xangri-lá. (XANGRI-LÁ! DEPOIS DE CAPÃO DA CANÔA, SURTIU O XANGRI-LÁ CASINO HOTEL, NA ADMIRAVEL PRAIA CAPÃO ALTO. Correio do Povo, Porto Alegre, nov. 1953). O projeto executado foi sucintamente abordado num artigo de Marcos Bueno referente às obras da arquitetura moderna do litoral norte do Rio Grande do Sul. Ver: BUENO, 2014, p.33. Sobre a SAXA, ver: (XANGRI-LÁ: PRESIDENTE DA SAXA FALA DE SUA PLATAFORMA DE 1965. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, 11 fev. 1965)

3.1. SAT – SOCIEDADE AMIGOS DE TRAMANDAÍ

No Hotel Correa (Figura 44), sob a liderança do Dr. Mario Totta e na presença dos primeiros integrantes, surge a Sociedade Amigos de Tramandaí (SAT) no dia 05 de fevereiro de 1945⁷². A sede principal do hotel era um sobrado construído, como de costume, em madeira, com alpendre na frente, guarda corpo resguardando o avarandado no segundo pavimento, telhado de duas águas e cobertura de zinco.



Figura 44: Hotel Corrêa, 1942. Fonte: Revista A Gaivota, nº 15, 1942, n.p.

Logo suas reuniões sociais passam a se realizar no antigo Hotel Sperb, onde funcionava um cassino.

A primeira sede da SAT foi aprovada pela prefeitura municipal de Osório em setembro de 1950. O projeto é constituído de somente uma prancha, com a planta baixa, dois cortes e uma fachada em estilo californiano (Figura 46). A representação gráfica, especialmente da planta e dos cortes, possui pouco refinamento, sem muitos detalhes construtivos.

⁷² Informação oral de João Batista Tedesco, obtida a partir de filme cinematográfico referente à comemoração de 50 anos da SAT, e transcrita por Silvia Korpalski.

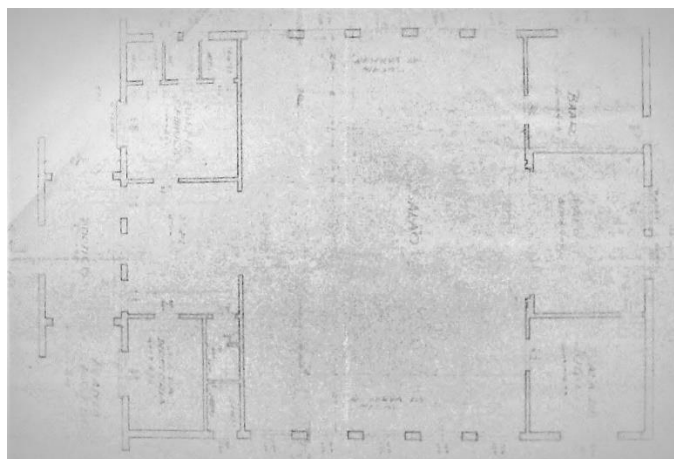


Figura 45: Planta da primeira sede da SAT, 1950.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Osório

Um sucinto memorial descritivo acompanha o material iconográfico, e descreve uma construção em alvenaria, com área de 275 m² e dotado de um pórtico com mais 13,5m², cobertura em telha francesa, forro em madeira de pinho, assim como o assoalho, exceto os pisos do bar e do pórtico, descritos como sendo em mosaico, sem maiores especificações. O memorial descritivo previa uma elevação do piso no palco e nas laterais do salão – local destinado às mesas. O bar deveria possuir uma pia junto a um balcão para o atendimento. A planta se apresenta quase simétrica e a fachada reflete esta intenção de simetria. O programa de necessidades reduzido é organizado em uma planta baixa retangular, tendo o salão de bailes como centro; bar e sala de jogos, recintos separados do salão principal, posicionados nos dois cantos posteriores da planta, tendo o palco entre eles; os banheiros e a diretoria dispostos nos dois cantos frontais do edifício, com o hall de entrada entre eles. O posicionamento do palco e do hall conformam, junto com o salão de bailes, uma disposição cruciforme para os ambientes principais da primeira sede da SAT. O pórtico, volume aditivo externo, repete em menor escala a silhueta da fachada principal: a face do tradicional chalé residencial praiano com um telhado de duas águas. O aspecto residencial também aparece na escala modesta do edifício e no estilo californiano adotado nos balneários gaúchos, nas décadas de 1940 e 1950, como já referido anteriormente.

A prancha desprovida de selo contém a assinatura ilegível de um engenheiro civil, bem como do diretor da SAT no período, Eduardo Martins Müller e do então engenheiro civil do Departamento de Prefeituras Municipais – Luiz Arthur Ubatuba de Faria, já mencionado.

A pequena sede, eventualmente atendeu não só aos associados, mas também à comunidade católica de Tramandaí, quando da construção da igreja que substituiu a antiga capelinha da cidade. Aliás, também a nova igreja foi projetada e construída com características coloniais do estilo californiano entre 1950 e 1951. A ampliação da igreja ocorreu em 1955 com projeto e execução da construtora Tedesco⁷³, e manteve as particularidades estilísticas do projeto original⁷⁴.

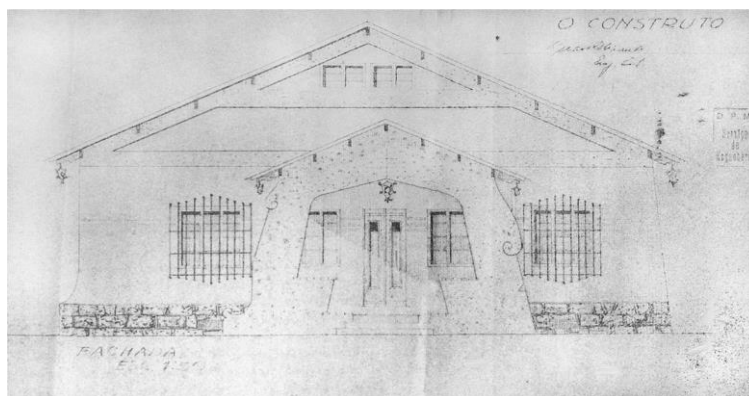


Figura 46: Fachada da primeira sede da SAT, 1950.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Osório.

Entre a aprovação do projeto da primeira sede e a inauguração da segunda, transcorreram-se apenas seis anos e três meses. As demandas de maior espaço e novos programas para entretenimento devem ter determinado a “vida” curta do edifício. No balneário vizinho a SAPI (Sociedade Amigos da Praia do Imbé) já contava com uma sede mais ampla e com características formais da arquitetura moderna. O fato é que o sucesso da SAT possibilitou que já em 1955 a iniciativa da sociedade em construir estivesse em curso.⁷⁵ Uma comissão formada por Ruy Tedesco, Gal. Jacob Sant’Ana Aude, Professor Pery Pinto Diniz da Silva e Frederico Célia, membros da diretoria da sociedade em questão, se articulou para a construção de uma sede maior, compatível com as aspirações arquitetônicas da SAT. Para ajudar nos recursos financeiros desta tarefa, a sociedade construiu, concomitante com a sede, e no terreno lindeiro, um edifício de apartamentos residenciais para a venda. A área destinada

⁷³ O diretor da construtora, engenheiro responsável pela execução da obra de ampliação da igreja, Ruy Tedesco, esteve à frente também das obras da segunda sede da SAT no período subsequente.

⁷⁴ GRANDE AUMENTO NA IGREJA DE TRAMANDAÍ. *Jornal do Dia*, ano IX, nº 2.307. Porto Alegre, 16 jun. 1955, n.p.

⁷⁵ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. *Sociedade Amigos de Tramandaí*. Porto Alegre, 14 maio 1955. p. 8.

à construção da sede foi doada pela prefeitura de Osório em 7 de maio de 1955.⁷⁶ Segundo Tedesco (1995),

O terreno ficava numa zona de cômodos, na época, considerado longe do centro. Houve grande dedicação em função da concretização do projeto, um sonho, uma visão de futuro. Segundo o Plano Diretor vigente na época, essa área seria uma grande reserva destinada à colônia de férias de cadetes, porém o Gal. Muller conseguiu a liberação para que o município de Osório fizesse a doação à sociedade. No mesmo período foi construído também o Edifício Estrela do Mar, sendo que os dois empreendimentos geraram a mobilização de fontes de recursos, como o apoio do Banco da Província, a negociação do próprio Edifício Estrela do Mar, a venda de títulos e sorteio de apartamentos nesse edifício. Todo empenho em função do compromisso em construir a nova sede. (TEDESCO, 1995)

O prédio foi inaugurado em 12 de janeiro de 1957, com o projeto do arquiteto Nestor Hamlet Hilgert⁷⁷ e implementado pela construtora Tedesco & Cia⁷⁸. A nova instalação é localizada na Avenida da Igreja - uma destacada via que percorre pontos de grande animação urbana da cidade e que liga a Avenida Emancipação à Avenida Beira-Mar.



Figura 47: SAT recém inaugurada em 1957
Fonte: Roberto Koetz

A construção do prédio da SAT se divide em três momentos. O primeiro refere-se ao projeto original, de 1957 e compreende o volume da esquina do conjunto. O segundo momento, trata da ampliação de 1978, que conforma a nova entrada do prédio e a continuação do salão de bailes. O terceiro momento ilustra a reforma do prédio, cobertura da

⁷⁶ Idem, ibidem.

⁷⁷ Arquiteto formado pela FA-UFRGS em 1955, teve participação no projeto do Estádio José Pinheiro Borda, o Gigante da Beira-Rio e a capela de Santa Tereza. Informação cedida pelo filho do arquiteto, Paulo Hilgert. Manuscrito, cópia digital. Tramandaí, 2013.

⁷⁸ Informação oral de João Batista Tedesco, obtida a partir de filme cinematográfico referente à comemoração de 50 anos da SAT, e transcrita por Sílvia Korpalski.

piscina e a ampliação para a sala de ginástica. Este foge do escopo cronológico deste trabalho. As três etapas de construção foram planejadas por três arquitetos diferentes: primeiro Nestor Hamlet Hilgert, seguido por Guilherme Steigleder e, por último, Sebastião Castilhos.

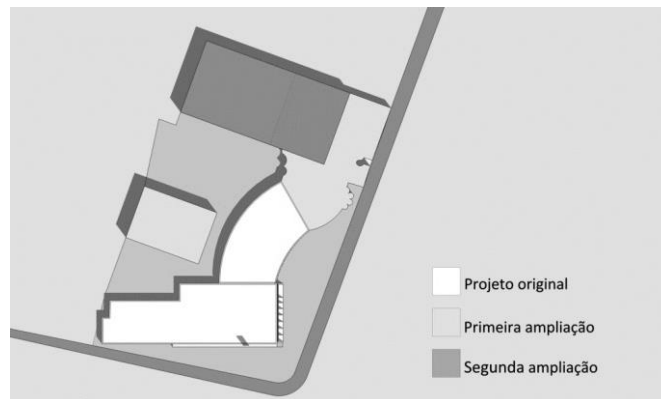


Figura 48: Fases da construção da SAT. Fonte: Autora

O programa do projeto original da SAT contém varanda, recepção, salão de bailes, restaurante, chapelaria, cigarraria, bar, copa, WCs, boate, sala de honra, sala de reuniões, secretaria e gabinete do presidente, além dos ambientes de serviço que atendem tanto o restaurante quanto a boate: cozinha, dispensas e dormitórios de serviço.

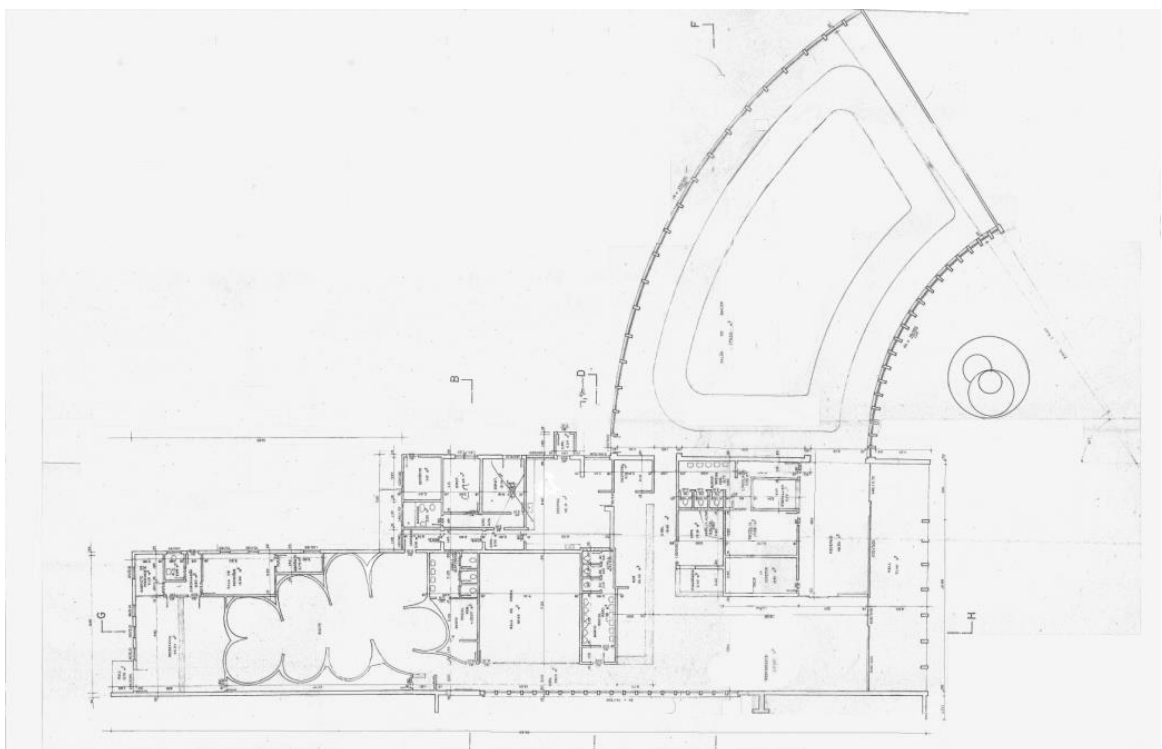


Figura 49: Planta Baixa da SAT. Projeto de Nestor Hilgert, inaugurado em 1957.
Fonte: Alessandra Gelain

A parte mais antiga do prédio, inaugurada em 1957, de autoria de Nestor Hamlet Hilgert, implantada em forma de L, estava localizada na esquina da Avenida da Igreja com a Rua Riachuelo (Figura 49). A disposição do edifício é curiosa, pois não acata os alinhamentos viários. O volume mais extenso situava-se ao longo da Rua Riachuelo em disposição oblíqua, enquanto um volume curvo correspondente ao salão de bailes localizava-se de frente à Avenida da Igreja.

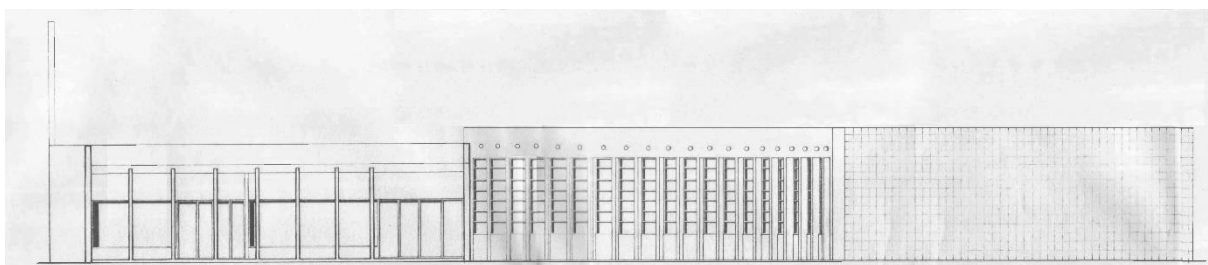


Figura 50: Elevação frontal da SAT. Projeto de Nestor Hilgert, inaugurado em 1957
Fonte: Alessandra Gelain

Na esquina, a entrada do edifício apresenta uma galeria de pilares inclinados que cria uma espécie de colunata que conforma um espaço transitório entre o exterior e o interior. Suprimindo uma coluna, o arquiteto definiu um vão de largura duplicada em relação aos outros, enfatizando assim o acesso cerimonial do edifício, às expensas da regularidade que se espera de um pórtico. À direita do pórtico, está o volume do salão de bailes, que em planta remete à forma de um leque. Na fachada frontal o volume é côncavo, emoldurando um chafariz composto por discos de diferentes tamanhos. Em planta, nota-se que os brises verticais da curva menor à frente se alinham perfeitamente com os localizados na curva maior, enfatizando assim uma sequência radial e explicitando a forma curva das paredes, tanto para o observador que se encontra no interior do salão, quanto para quem o vê desde a rua.

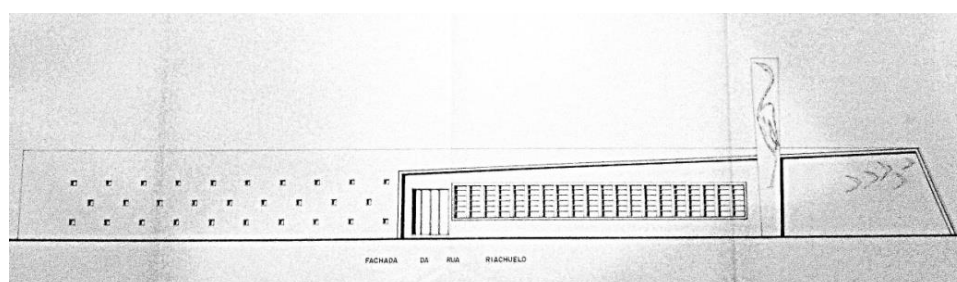


Figura 51: Fachada da rua Riachuelo. SAT – projeto de Nestor Hilgert, inaugurado em 1957.
Fonte: Alessandra Gelain

A fachada lateral se conforma por um grande plano retangular intersectado por uma moldura de contornos oblíquos que conforma uma marquise. O plano retangular apresenta pequenas aberturas quadradas dispostas em alinhamentos alternados. No plano emoldurado que o segue, um conjunto de aberturas formava uma fita horizontal com brises verticais. Também ali se localiza um acesso secundário ao interior do edifício conduz à boate ou à sala de honra. A marquise é cortada transversalmente pela torre estritamente ornamental, também revestida em pedras e com desenho de uma garça. À direita da torre, a lateral/mural é revestida em pedras e ornamentada com desenhos que lembram peixes. O arranjo do volume e das duas fachadas chama a atenção pelas decisões formais um tanto arbitrárias e pela falta de coordenação entre as partes.

O acesso cerimonial do edifício a partir do pórtico frontal leva a um hall de recepção. Ainda da varanda, acessa-se também o restaurante por uma abertura secundária na mesma face da entrada principal, esta última mais próxima ao salão de bailes. A recepção/hall indica dois ingressos: ao salão de bailes na direita e ao restaurante na esquerda. Este último pode ser isolado pelas portas deslizantes. Além disso, o hall contempla a sala do diretor, a chapelaria e o *toilette* - antessala para o banheiro social feminino.

Seguindo à esquerda o ambiente retangular do restaurante termina no grande balcão do bar que à direita, dá acesso ao salão de bailes. O restaurante e o bar são parcialmente ventilados e iluminados naturalmente na face longitudinal adjacente à Rua Riachuelo. Esta parede possui uma sequência de aberturas estreitas e altas, divididas horizontalmente em báculos. As aberturas intercalam-se com quebra-sóis verticais. A série de vidraças segue além do restaurante, abrangendo também uma circulação que acessa o banheiro social masculino e a sala de honra. No interior da boate, as excepcionais paredes em planos curvos demarcam diferentes recintos que conformam recessos, facilmente identificáveis em planta, pois formam uma casca interna com o desenho de uma nuvem estilizada. É difícil imaginar o papel dessas subdivisões no funcionamento da boate.

No projeto de Hilgert podemos identificar elementos recorrentes da arquitetura moderna no Brasil, especialmente na obra de Oscar Niemeyer. A fachada inclinada fora utilizada por Niemeyer em 1943, 1947 e 1949 respectivamente na residência Prudente de

Moraes Neto, no Rio de Janeiro - RJ⁷⁹, nas unidades habitacionais do Centro Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos – SP⁸⁰ e na casa de fim de semana em Mendes – RJ⁸¹.

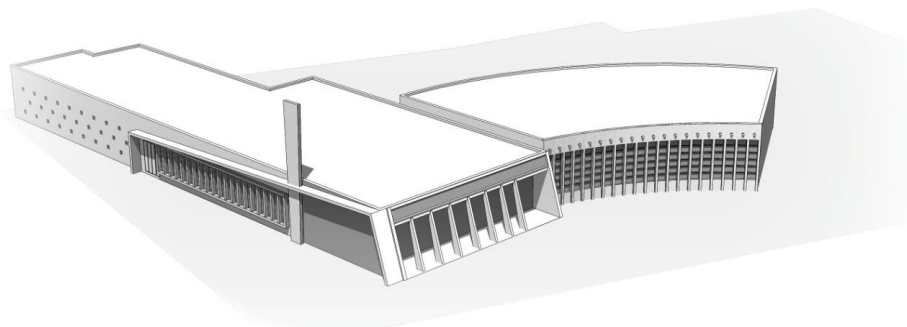


Figura 52: SAT em 1957. Fonte: Autora

Também na silhueta da torre da SAT é possível encontrar semelhança com o campanário da Igreja de São Francisco, à beira da lagoa da Pampulha em Belo Horizonte, que também intersecta uma marquise inclinada. A decoração mural com mosaico também aponta para a produção da escola carioca. Os elementos verticais repetidos em sequência encontram correspondência especialmente na lavanderia do Pedregulho de Reidy e nas residências do CTA de Niemeyer. Apesar da composição carente de lógica e coordenação, o projeto original da SAT revela a importância que a arquitetura moderna da escola carioca tinha naquele momento como referência no contexto gaúcho.

Evidentemente, a SAT não possui a elegância de articulações e proporções que se encontram nos exemplos citados acima. Nota-se que o volume curvo constitui um apêndice ao trecho regular que não tem uma conexão clara nem sequência ao seu final. O tratamento das superfícies também não está coordenado como nos exemplos referidos. No entanto, as referências estão presentes na composição da obra.

As plantas da SAT datadas de 29/03/1973 e 10/10/1973 já contam com um ginásio de esportes e são assinadas pelo arquiteto Guilherme Aurélio Steigleder, enquanto a execução está sob a responsabilidade do engenheiro João Baptista Tedesco. Quatro anos depois, o mesmo engenheiro assina novamente os selos das plantas arquitetônicas, não só como

⁷⁹ PAPADAKI, Stamo. *The Work of Oscar Niemeyer*. New York: Reinhold, 1950. 220p. (p.124-7)

⁸⁰ PENEDO, Alexandre. *Arquitetura Moderna São José dos Campos*. São José dos Campos: A. Penedo, 1997.

⁸¹ NIEMEYER, Oscar. *As Curvas do Tempo*. Memórias. Rio de Janeiro, 1998. 294p.

responsável pela execução dos projetos de ampliação da sede, mas também como presidente da SAT.

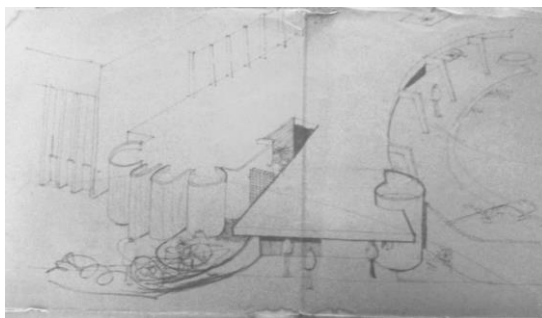


Figura 53: Croqui da nova entrada da SAT
Fonte: Alessandra Gelain

Na sequência do salão de bailes, a ampliação inaugurada em 1978 se une ao prédio e segue com a mesma composição de brises verticais e com uma suave curva convexa concordante à curva côncava existente no perfil da fachada, até que a suavidade é substituída por curvas mais abruptas e as paredes adquirem volumes escultóricos, numa plasticidade diferente do projeto original (Figura 53).

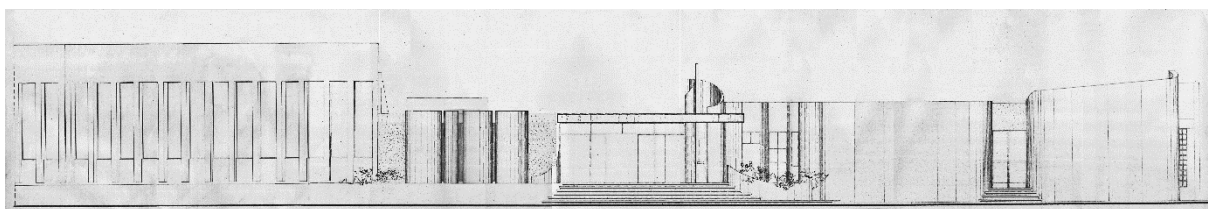


Figura 54: Elevação frontal da ampliação da SAT – projeto de Guilherme Aurélio Steigleder, inaugurado em 1978. Fonte: Alessandra Gelain

A entrada do salão principal passa a ser nesta nova edificação. Ela é distinguida pelo vão e pela escada, salientados nas laterais pelas paredes azuis curvilíneas e marcados por um volume escultórico mais alto – uma torre cilíndrica cujo topo possui perímetro ascendente em espiral (Figura 54).

Nessa reforma, o ambiente da boate perde as paredes curvas que formavam o desenho de nuvem e ganha janelas verticais maiores, que se intercalam dissonantes entre as pequenas aberturas quadradas, já existentes no primeiro projeto.

Posteriormente à ampliação, em 1980 foram acrescentadas na parede azul, ao lado da entrada principal, esculturas brancas de nadadores.

Em 1999 o arquiteto Sebastião Castilhos é contratado para construir o pavilhão que abriga a piscina térmica e um segundo pavimento destinado à academia de ginástica, além de uma adequação às exigências de isolamento acústico, solicitadas pelo Ministério Público. Nesta reforma a boate passa a ser o “salão amarelo”.



Figura 55: Segunda ampliação - Academia de ginástica no pavimento acima do volume azul, 1980. Fonte: Autora, 2013.

A disposição não-ortogonal do edifício pode ter surgido do intento de oferecer visuais amplas de vários planos de fachada do edifício. Aquele que passa na rua da Igreja, em meio a recentes edifícios de múltiplos andares, avista alguns exemplares de arquitetura moderna, como o edifício Três Amigos⁸², a Colônia de Férias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)⁸³, o prédio da Companhia Rio-grandense de Saneamento (CORSAN)⁸⁴, entre outros. Todos estes edifícios, refletem a importância da arquitetura moderna brasileira na produção arquitetônica de Tramandaí na época.

A largura da avenida onde o prédio é situado e a implantação de esquina propiciam um distanciamento dos grandes edifícios e uma perspectiva ampla, o que permite ao observador uma visão abrangente a praticamente todo o prédio principal da SAT. A disposição horizontal se contrapõe à verticalidade das linhas de brises, colunas e da torre esbelta.



Figura 56: Demolição parcial em abril de 2013. Fonte: Autora

⁸² Projeto do engenheiro Raul Faillace, registrado na Prefeitura de Osório em 1963. (BUENO, 2014)

⁸³ No Arquivo Municipal da Prefeitura de Osório há um jogo de plantas datado de 1961, cujo projeto arquitetônico é atribuído ao arquiteto Fernando Gonzales. Entretanto, existe outro registro de ingresso de aprovação em 1957. (BUENO, 2014)

⁸⁴ Projetada em 1970 pelo arquiteto L.A. Tirelli Lopes

3.2. SAPI - SOCIEDADE AMIGOS DA PRAIA DO IMBÉ

Na história recente da arquitetura do litoral norte gaúcho devemos reconhecer, dentre alguns aspectos, os processos de desfiguração de projetos em relação às suas construções. O caso da SAPI é um dos mais emblemáticos, porém não é único, como veremos mais adiante, nos capítulos sobre a SAPC (Curumim) e SAAS (Arroio do Sal). Estas situações também não são exclusividade do litoral gaúcho. Se repetem com bastante frequência ao longo da história da arquitetura, notadamente nos primeiros projetos de vertente moderna no Rio Grande do Sul⁸⁵.

O processo desde o anteprojeto até a construção do edifício da Sociedade Amigos da Praia do Imbé (SAPI) parece sintetizar esta infeliz trajetória. Assim sendo, este capítulo propõe uma análise tanto do anteprojeto quanto do projeto executivo, além de analisar o edifício tal como foi construído, ressaltando a relevância arquitetônica do anteprojeto em detrimento do objeto executado.

Fundada em janeiro de 1949 por veranistas, a Sociedade Amigos da Praia do Imbé tinha por finalidade promover eventos sociais, esportivos e de entretenimento às famílias nas temporadas de verão. O dr. Francisco Baptista Pereira foi o primeiro a presidir o clube (SOARES, 1999). Sem sede própria, os sócios decidiram providenciar um concurso para definir o projeto do edifício. Para tanto, buscaram auxílio do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB)⁸⁶, que havia criado seu núcleo gaúcho em 1948 (SEZKUT, 2008).

O concurso foi lançado e divulgado na imprensa (1951)⁸⁷. O edital apresentou o regulamento, premiação, condicionantes do sítio, programa de necessidades e notificava que “os trabalhos serão julgados na base dos seguintes aspectos: funcional, construtivo, plástico e econômico”.⁸⁸ Quanto ao programa do edifício o edital declarou (IAB, 1951):

Na elaboração do anteprojeto os concorrentes terão toda a liberdade de propor as soluções que julgarem conveniente para a Sociedade, tendo em vista as seguintes necessidades e observações:

a) O edifício deverá ser projetado segundo os princípios técnicos e plásticos da arquitetura moderna.

⁸⁵ CALOVI PEREIRA, 2000, v. 2, p. 47-72.

⁸⁶ Livro de Atas IAB, 1951, n.p.

⁸⁷ *Correio do Povo*, qui. 24 mai. 1951.

⁸⁸ Livro de Atas IAB, 1951, n.p.

- b) A área total de construção deverá ser de 800m² aproximadamente.
- c) Só será admitido pavimento elevado como aproveitamento de possíveis diferenças de “pés direitos”.
- d) O salão principal deverá ser adaptável para bailes, projeções cinematográficas privativas, jogos de ping-pong, etc.
- e) Pequena sala para reuniões dançantes, que possa ser unificada com o salão nos dias de grandes festas.
- f) Sala para biblioteca e leitura.
- g) Toaletes H. e S. com máxima separação.
- h) Sala para jogos de cartas.
- i) Avarandados.
- j) Apartamento para zelador: 2 dormitórios, banho, sala e cozinha.
- k) Vestiários e chuveiros para desportistas.
- l) Estima-se a frequência normal nos dias de festa em 200 pessoas.

A última página do edital (Figura 57), em folha tamanho A2, sugeria atributos de formatação do material a ser entregue pelos concorrentes, além de conter uma planta de situação e informações sobre a área destinada ao clube.

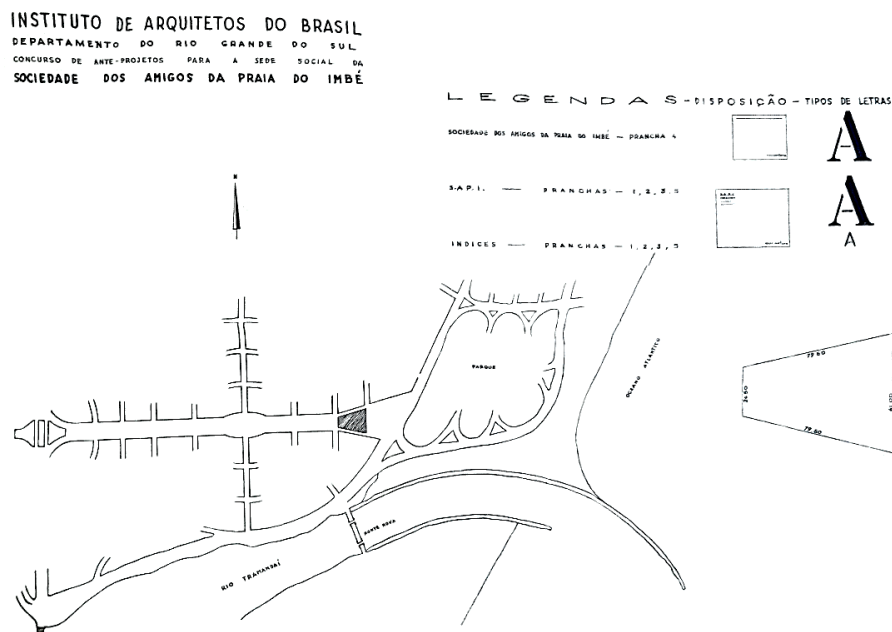


Figura 57: Planta do edital do IAB para o concurso de anteprojeto da sede da SAPI
 Fonte: IAB - RS

A localização da futura sede da SAPI era privilegiada: uma área excepcional do traçado urbano idealizado por Ubatuba e Coufal, no canteiro central da avenida Porto Alegre, eixo principal do balneário, na extremidade mais próxima do mar e da barra do rio, de frente para um parque. O plano urbano publicado em 1941⁸⁹ estabelecia duas avenidas principais. No cruzamento delas (Figura 58), estava localizada a subprefeitura do balneário e provavelmente uma igreja. As extremidades da Avenida Porto Alegre (sentido leste - oeste) possuem um mercado e um hotel-cassino, além de uma praça central com uma torre-reservatório. O local para a construção da SAPI corresponde à localização do referido hotel-cassino, o que mostra a importância do posicionamento da sociedade no plano do balneário. A poucos quarteirões dali, já funcionou o Hotel Picoral, que outrora fora construído pelo filho do hoteleiro precursor de Torres para ser um hotel-cassino⁹⁰. Esse fato provavelmente explica a mudança de programa na ocupação do terreno.



Figura 58: Recorte da Avenida Porto Alegre no traçado urbano de Imbé, divulgado em 1941.
Fonte: Revista A Gaivota, 1941, n.p.

Para o concurso estavam inscritos treze concorrentes, entre eles: Enilda Ribeiro, Rúbio & Lenieszek, Luís Fernando Corona, Mário J. Corrêa, Jaime L. Santos e Jorge Sirito. O júri foi composto pelos arquitetos Edgar Graeff e Demetrio Ribeiro, representantes do IAB, além do escritor Paulo de Gouvêa e também Milton U. Lança e Diogo Ferraz Filho representando a Sociedade Amigos da Praia do Imbé. Dentre os trabalhos entregues, apenas dois anteprojetos foram classificados: o de Luís Fernando Corona e o de Enilda Ribeiro⁹¹. Corona, recém-graduado na época, foi o vencedor.

⁸⁹ Propaganda da revista A Gaivota do veraneio de 1941, n.p.

⁹⁰ Propaganda da revista A Gaivota ano XVI, nº 16, 1942, n.p. Na época da construção da SAPI, com a proibição de cassinos, o local passou a ser administrado pela Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul. Ver: SOARES, L. S. **Imbé Histórico Turístico**. Tramandaí. 2ª edição revista e ampliada. ed. Tramandaí: L. Soares, 2002.

⁹¹ Correio do Povo, 14 out. 1951.

Luís Fernando Corona formou-se em dezembro de 1950 na segunda turma do Curso de Arquitetura do IBA. Ainda estudante, foi sócio fundador da Associação Araújo Porto Alegre, que promoveu uma viagem à Bahia e a Minas Gerais, com o intuito de estudar a arquitetura e a arte colonial brasileira. Nesta ocasião Luís Fernando Corona pôde conhecer pessoalmente as obras de Niemeyer em Minas Gerais. Em 1949, quando da formatura da primeira turma do Curso de Arquitetura do IBA, Oscar Niemeyer foi convidado como paraninfo. Nesta circunstância, Luís Fernando Corona e seus colegas participaram de conferências com o arquiteto carioca, além de uma mesa-redonda realizada na casa do professor Fernando Corona. Assim, Niemeyer exerceu forte influência na primeira década de produção profissional de Luís Fernando Corona (SZEKUT, 2008).

Na capital gaúcha, a década de 1940 havia sido de muita vitalidade na construção civil e a presença de arquitetos do Rio de Janeiro⁹² parecia um alento para a renovação da arquitetura no Estado. Jorge Moreira, Oscar Niemeyer e Afonso Eduardo Reidy, que participaram da equipe de Lucio Costa e Le Corbusier para o projeto do Ministério de Educação e Saúde e do campus da Universidade do Brasil, desenvolveram em Porto Alegre, três projetos para edifícios públicos. Todavia, o Instituto de Previdência (IPE), idealizado por Niemeyer em 1943 e a sede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), projetada em 1944 por Moreira e Reidy, jamais foram construídos. O Hospital de Clínicas, de Jorge Moreira, projetado em 1942, teve seu edifício concluído somente desesseis anos mais tarde e com modificações substanciais não autorizadas pelo arquiteto. Ainda assim, a arquitetura carioca serviria de referência tanto para a geração de arquitetos recém formados em Porto Alegre, quanto para alguns profissionais com a carreira já consolidada no Estado.

A proposta do anteprojeto da SAPI aparentava-se nitidamente com a arquitetura que Oscar Niemeyer havia desenvolvido no início dos anos 1940. Numa leitura rápida do anteprojeto, tem-se a impressão de que Luís Fernando Corona tentou reunir num mesmo projeto tantos elementos quanto fosse possível da Escola Carioca.

O partido adotado pelo arquiteto (Figura 59) estabelece duas conexões visuais principais com o entorno: uma em direção ao mar, outra voltada para a serra. Sobretudo, o partido geral configura as ligações de um ambiente a outro, sugerindo uma *promenade*

⁹² CALOVI, ...

*architecturale*⁹³ onde também as visadas internas do percurso importam. Cada volume se conecta ao adjacente, gerando um arranjo fluído e ambientes ora diretamente integrados um como outro, ora interligados pela circulações.

A organização do partido combina três eixos ortogonais, sendo dois no sentido leste-oeste e um orientado de sul a norte.

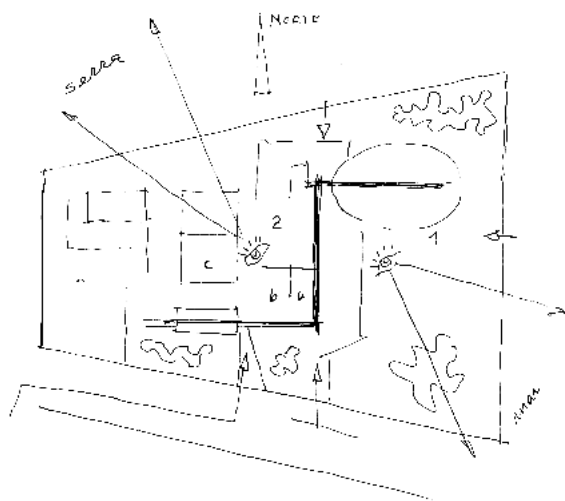


Figura 59: Partido geral para o anteprojeto da SAPI (1951)
Fonte: Alessandra Szekut.

Apresenta quatro acessos ao edifício. Um deles a leste, definido por uma marquise sinuosa que acolhe o visitante desde a calçada da Rua Rio Pardo, contorna parte do salão de bailes e se conecta a ele. O volume de planta oval do salão é o elemento principal e também o mais alto na composição de Corona. A marquise, mais baixa, é um delicado marcador do acesso principal. Ao sul, na avenida Porto Alegre, o acesso hierarquicamente secundário é um avarandado, sendo uma extensão do edifício. É mais amplo que a marquise descrita anteriormente e direciona aos outros ambientes do clube (bar, sala de jogos, biblioteca), ou ainda, com uma inflexão no percurso, encaminha a outra marquise que conduz aos programas esportivos (vestiário e quadra de esportes). Este setor também pode ser acessado por uma terceira entrada, diretamente da Avenida Porto Alegre. No outro lado do terreno, na mesma avenida, ao norte, há ainda um discreto acesso de serviços.

⁹³ O passeio arquitetônico difundido por Le Corbusier

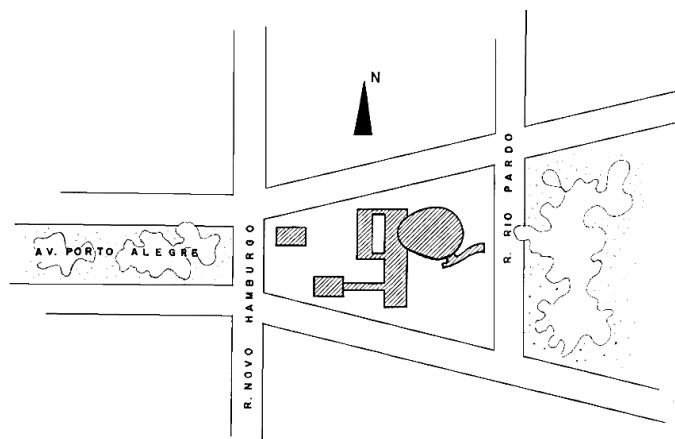


Figura 60: Planta de situação do anteprojeto da SAPI (1951)
 Fonte: Alessandra Szekut. (Imagem editada pela autora).

Como os limites do terreno determinados pela avenida e pelas ruas configuram uma situação isolada dos quarteirões da cidade (Figura 60), o edifício se estabelece como objeto distinto das construções vizinhas, se aproximando da ideia moderna de edifício como objeto tridimensional e de percepção dinâmica. Entretanto, fica evidente que as fachadas de orientação sul e leste são preferenciais e sugerem frontalidade, enquanto as faces norte e oeste configuram a parte posterior do edifício, apresentando fachadas menos vazadas ou muradas. Neste projeto, o arquiteto empregou da transparência à total opacidade para garantir conforto térmico e lumínico, além da adequada privacidade a alguns ambientes ou a integração com o exterior em outros.

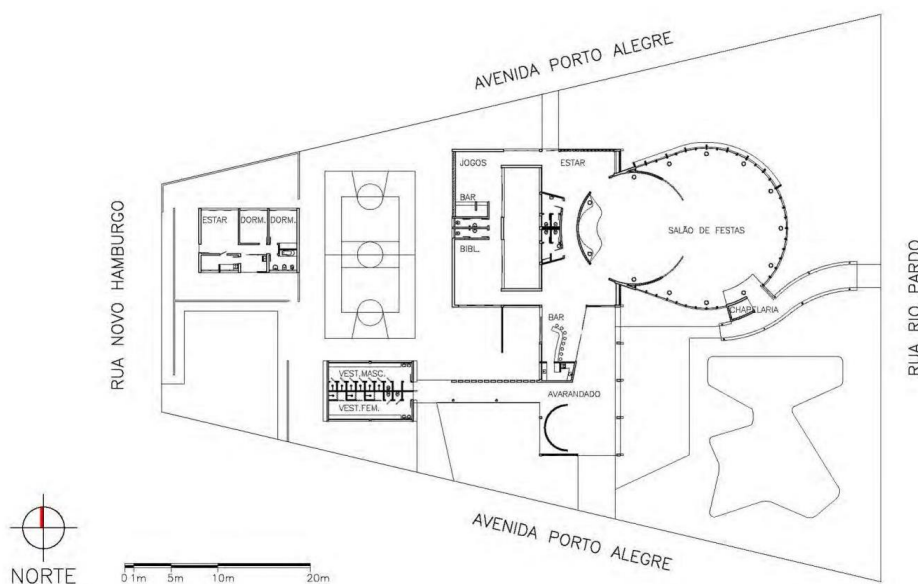


Figura 61: Planta do anteprojeto da SAPI extraída da prancha do concurso e redesenhada por Szekut. Fonte: Alessandra Szekut

Apesar da irregularidade do terreno nas orientações norte e sul, Corona projetou o edifício da SAPI de modo ortogonal e em sentido longitudinal, conforme a avenida, via central do traçado urbano.

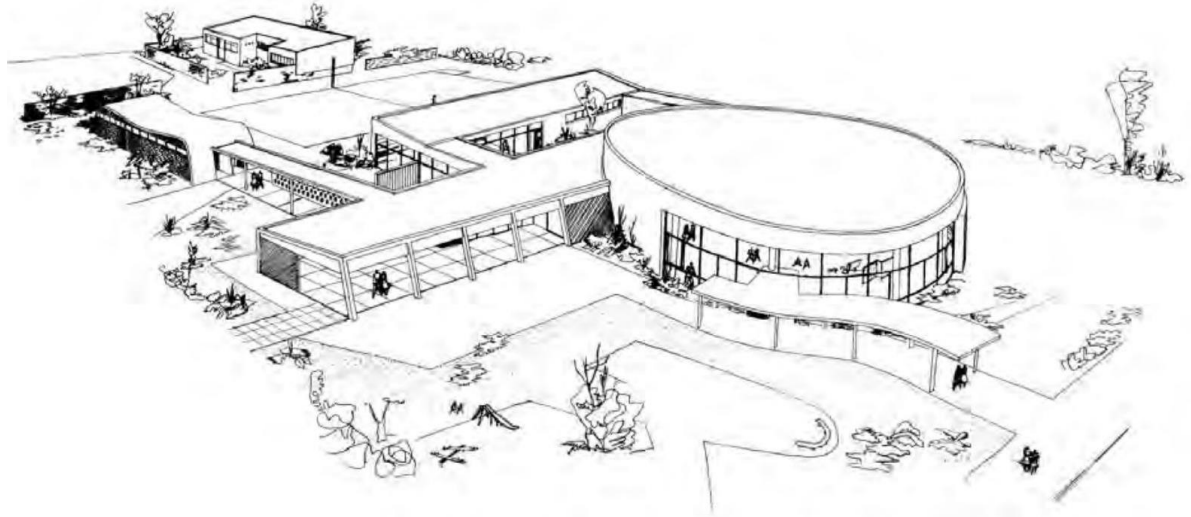


Figura 62:- Perspectiva geral do anteprojeto da SAPI retirada da prancha do concurso.
Fonte Alessandra Szekut

A composição aditiva apresenta legibilidade em relação à hierarquia das formas (Figura 63) e a organização do edifício se define de acordo com a relevância de cada ambiente. Assim, o salão de bailes ocupa o volume principal (1), notável por ser mais alto e pela sua forma de planta oval tridimensionalizada. Seguindo a gradação hierárquica, segue-se o bloco quase quadrado (2), que possui área equivalente à do cilindro, mas de altura menor. Este espaço abriga os demais programas associativos que exigem ambiente interno, como estar, sala de jogos e biblioteca e também inclui os banheiros masculino e feminino. Possui também uma subtração volumétrica no núcleo do bloco, conformando um pátio interno. Na sequência, com a mesma altura do bloco anterior, um prisma também retangular (3), porém mais estreito, inclui um bar e copa, num espaço que se integra ao exterior. A partir daí, através de um eixo transversal de circulação, há uma conexão com um volume menor, correspondente aos vestiários (4). Este último elemento, apesar de possuir proporções menores e planta regular, apresenta um formato expressivo incomum na laje de cobertura sinuosa.

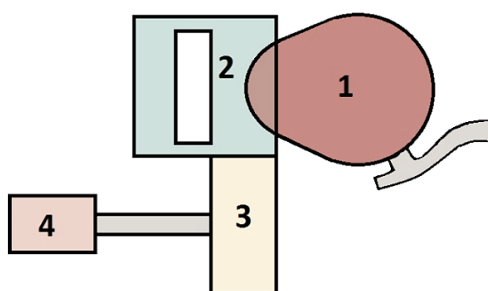


Figura 63: Sequência hierárquica dos volumes.
Fonte: autora

A casa do zelador é um bloco apartado do edifício do clube, próximo à esquina norte da Rua Novo Hamburgo, na porção mais estreita do terreno. Os muros delimitam pátios privados para os habitantes e a entrada da pequena casa ocorre pela Rua Novo Hamburgo. A planta é retangular e um corredor divide a casa em duas alas: uma contém o estar e os dormitórios; a outra abriga a cozinha, a área de serviço e o banheiro. A volumetria e a materialidade estão coerentes com o conjunto, mas a casa assume seu papel coadjuvante, permitindo que a arquitetura do edifício-sede mantenha seu protagonismo.

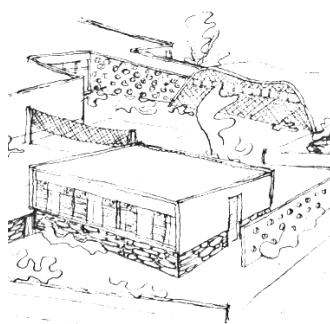


Figura 64: Croqui da casa do zelador, extraído da prancha do concurso.
Fonte: Alessandra Szekut.

O volume de planta oval, visto a partir da Rua Rio Pardo, aparenta ser circular, pois seu formato é gerado pela interseção de dois círculos, conforme revelado pela planta. O círculo maior define o exterior, que se destaca na fachada leste e outro, menor, faz a junção entre o círculo maior e o prisma de planta quadrada. Internamente, este círculo menor está demarcado por paredes opacas e por um trilho de cortina no forro do salão (Figura 65). Na parte mais espaçosa, correspondente ao círculo maior do salão, os fechamentos são translúcidos, permitindo a visibilidade do exterior durante o dia e exibindo o edifício para a rua quando iluminado em noites festivas. Para permitir que a sequência de planos

transparentes originassem uma fita circundando o cilindro, o arquiteto independentizou a estrutura, deslocando os pilares para dentro do edifício. A fachada norte, porém, não está inteiramente translúcida, pois possui brises horizontais externos, que controlam incidência do sol em seu interior.

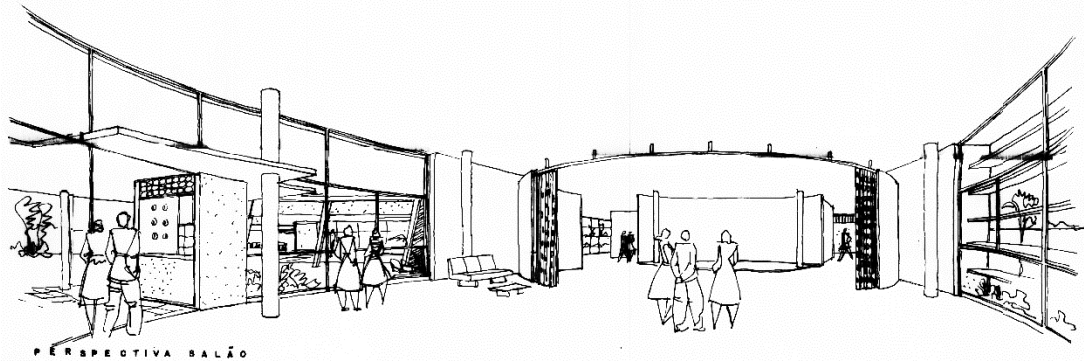


Figura 65: Perspectiva do salão. Fonte: Alessandra Szekut.

O salão foi projetado para ser adaptável à eventos maiores ou menores, como também para projeções cinematográficas. Através de croquis, Luís Fernando Corona explicou a solução encontrada (Figura 66). Os dois primeiros esquemas representam o salão em sua configuração mais ampla, com o círculo menor completamente incorporado ao maior, gerando um recinto único, oval. O primeiro diagrama mostra o salão preparado para bailes ou grandes festas, com uma pista de danças no espaço correspondente ao centro do círculo maior e mesas dispostas em sua volta. O palco ou espaço para a orquestra se localiza na borda do círculo menor, diante do salão, na parte mais estreita do ambiente, entre dois vãos que acessam outros recintos. O segundo desenho, ainda na conformação de ambiente único e amplo, apresenta uma disposição para projeções cinematográficas, com a tela próxima ao palco e, diante da tela, fileiras concêntricas de assentos na parte mais ampla do salão. No terceiro esquema, Corona dividiu o salão de maneira que o círculo menor possa ser fechado com cortinas, gerando dois ambientes: um pequeno salão de bailes circular e outro recinto maior, com a planta em forma de meia lua.

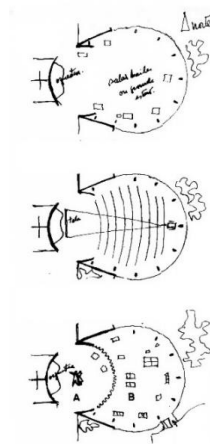


Figura 66: Diagramas de usos do salão
 Fonte: Alessandra Szekut

A partir do salão, há duas alternativas para se acessar o volume adjacente. À direita do palco há uma passagem para a sala de estar e à esquerda, acessa-se o bar. Entre estes dois ambientes, atrás do palco, encontra-se uma passagem que liga o estar e o bar, e também direciona aos banheiros masculino e feminino. Tais ambientes se inserem no bloco de planta quadrada, que contém também um pátio interno, uma biblioteca, uma sala de jogos, além de mais um par de banheiros menores. O pátio interno é retangular e localiza-se no núcleo deste volume prismático. Os ambientes estão dispostos em volta do pátio, impondo um trajeto circular. A sala de jogos conecta-se ao pátio apenas visualmente, enquanto a biblioteca é ligada também espacialmente a este e a outro pátio semi-interno, conforme Figura 67.

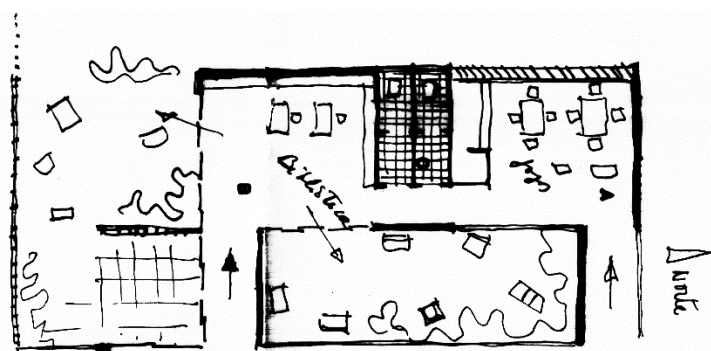


Figura 67: - Croqui de Luís Fernando Corona mostrando os pátios internos da SAPI e suas conexões com os ambientes. Fonte: Alessandra Szekut.

A fachada norte deste prisma apresenta cobogós que controlam a incidência de luz direta na parede correspondente à sala de estar. Ao lado da porta de serviços, entre o estar e a sala de jogos, a fachada exibe o que parece ser uma parede-esquadria, composta por uma

grande faixa envidraçada central entre um peitorile e uma barra superior de brises horizontais. A parede da sala de jogos é completamente opaca na face norte, porém na elevação oeste, apresenta uma fita permeável, dotada de brises verticais. Na biblioteca, a única parede cega é voltada para oeste.

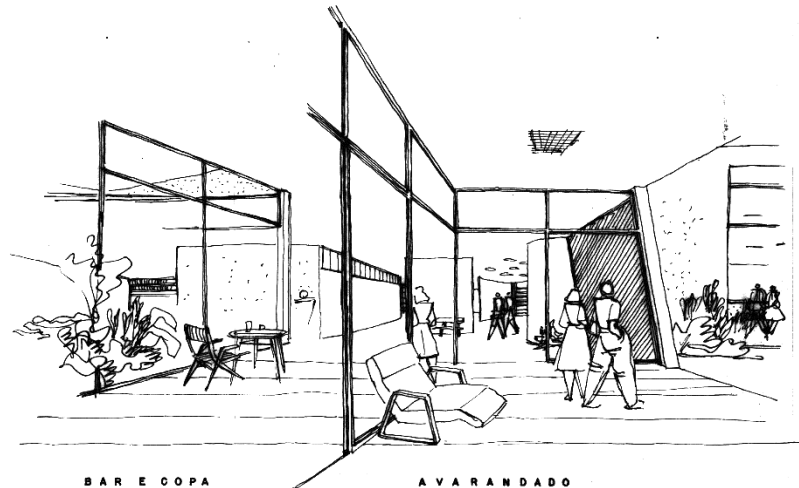


Figura 68: Bar e avarandado da SAPI. Fonte: Alessandra Szekut

O volume quadrado possui uma cobertura com telhado borboleta. Somente uma das “asas” do telhado se estende na direção sul, conformando a ala que abriga o bar e oferece cobertura ao acesso social da avenida Porto Alegre (Figura 68). Os pilares da varanda que essa ala conforma são inclinados, formando um ângulo de 90° com a inclinação do telhado. A forma desta ala é definida pelas arestas e apoios estruturais, pois mesmo no bar, contíguo ao avarandado, os fechamentos são translúcidos. Neste bloco, predominam os vãos abertos entre um pilar e outro. Os únicos planos de semi-fechamento das fachadas sul e leste, são dois painéis treliçados, um ao sul, à esquerda do acesso social, outro à leste, na extrema direita da face, já em contato com o volume ovalado. A face oposta é definida, ora pelos fechamentos envidraçados do bar, ora pelos vãos que propiciam visadas para o sudoeste. A partir deste espaço, Corona traçou um caminho linear em direção aos vestiários. Esta circulação é aberta para a avenida à esquerda e limitada por uma parede com círculos vazados à direita. Para quem está no avarandado ou no bar, esta parede praticamente esconde as quadras de esportes, que só se revelam a quem se dirige até os vestiários ou, a partir da avenida Porto Alegre, a quem ingressa no clube pelo acesso esportivo.

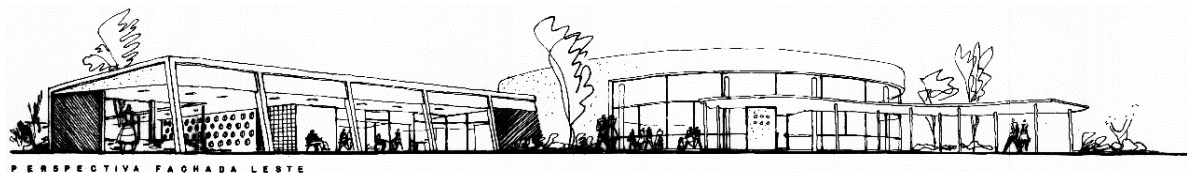


Figura 69: Fachada leste mostrando o volume ovalado com o acesso ao salão pela rua Rio Pardo e o volume de acesso à SAPI pela avenida Porto Alegre. Fonte: Alessandra Szekut.

Há outro painel permeável separando os usos do pátio semi-interno adjacente ao caminho dos vestiários. Posicionado perpendicular à parede de círculos perfurados, mas afastado dela e colado ao volume quadrado, um painel de treliças divide aquele pátio em um jardim para o bar e outro para a biblioteca.

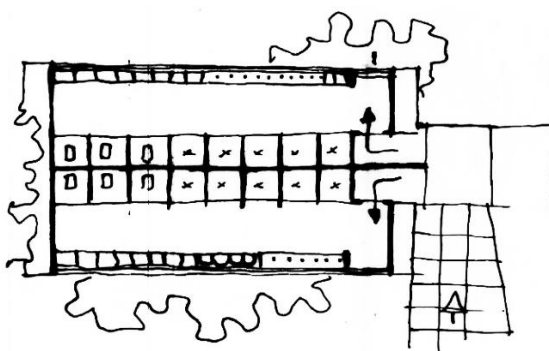


Figura 70: Planta dos vestiários com a indicação do acesso ao setor esportivo do clube. Fonte: Alessandra Szekut.

O percurso até os vestiários se dá sob uma delgada laje plana de concreto armado, com um leve declive que ocorre pela continuidade da inclinação do telhado do avarandado e para ajustar as alturas entre um espaço e outro. Finalizando o trajeto, a marquise encosta no volume do vestiário, marcando assim a entrada do recinto. A planta regular (Figura 70) se divide longitudinalmente em dois ambientes análogos espelhados, conformando vestiários masculino e feminino. Externamente as paredes mais longas são revestidas de azulejos e cortadas horizontalmente por uma estreita faixa de janelas de peitoril alto. A forma deste bloco é definida pela insólita laje sinuosa, que é tanto a cobertura quanto uma parede, pois como uma fita, inicia-se desde o chão. Configurando uma parede, curva-se para formar a cobertura e novamente dobra-se em direção ao solo. A cobertura repete os ângulos do telhado do bloco maior, porém, ao suavizar as arestas, o arquiteto enfatiza a continuidade da superfície e reinterpreta a cobertura “borboleta”, largamente empregada na arquitetura da escola carioca.

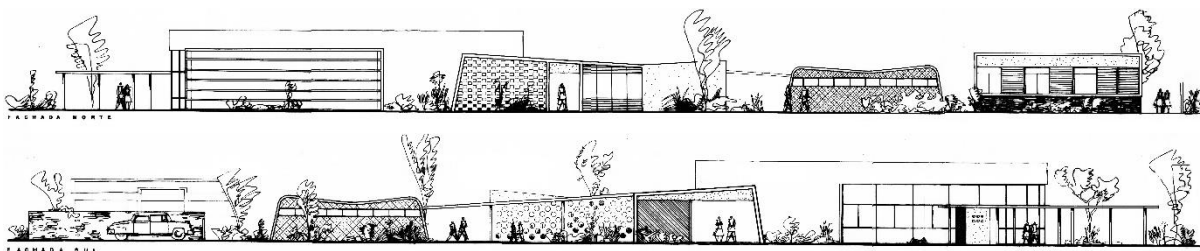


Figura 71: Fachadas norte e sul do anteprojeto da SAPI. Fonte: Alessandra Szekut

Luís Fernando Corona, ao projetar um local para o veraneio gaúcho, extraiu do vocabulário carioca de Oscar Niemeyer, elementos que conferem certa variedade pitoresca à arquitetura. As referências mais evidentes no anteprojeto da SAPI, estão relacionadas aos edifícios do conjunto da Pampulha na capital mineira. Szekut (2008, p. 122) compara o Cassino da Pampulha ao anteprojeto do clube de Imbé:

Quando comparados os esquemas compositivos da SAPI e do Cassino, nota-se a relação entre ‘a caixa quase quadrada’ e os demais volumes. Na SAPI, o volume quadrado e o volume ovalado interpenetram-se, enquanto no Cassino estão elegantemente justapostos assim como um “T” que reúne os serviços. A posição da marquise de formas livres aponta a inversão: no Cassino, relaciona-se como volume quadrado; na SAPI, está ligada ao volume ovalado.

Outra semelhança mencionada por Szekut (2008) é a transparência do edifício, que “em Imbé acontece apenas no volume do salão de festas”.



Figura 72: Cassino da Pampulha, de Oscar Niemeyer, 1942.
Fonte: < <http://minas1.com.br/plus/modulos/noticias/ler.php?cdnoticia=76228> >, acesso em 23 nov. 2016.

O late Clube da Pampulha (Figura 73) empresta a forma do telhado borboleta aos volumes ortogonais da SAPI. As aletas verticais, que no clube de Belo Horizonte são móveis, na SAPI se transformam em brises fixos de concreto, voltados para o oeste.



Figura 73: Iate Clube da Pampulha, de Niemeyer, inaugurado em 1940. Foto de Marcilio Gazzinelli. Fonte: <<http://www.metalocus.es/sites/default/files/metalocus-niemeyer-unesco-20.jpg>>, acesso em 20 ago. 2016

O avarandado com sequência de pilares inclinados é uma estratégia que não aparece nas obras da Pampulha, mas sim, na casa de Niemeyer em Mendes (Figura 74) ou no conjunto habitacional do Centro Técnico da Aeronáutica (CTA) em São José dos Campos (Figura 75).



Figura 74: Casa do Arquiteto Oscar Niemeyer em Mendes, 1949. Fonte: <<https://casasbrasileiras.wordpress.com/2011/07/10/casa-de-fim-de-semana-em-mendes/>>, acesso em 11/09/2015

Do CTA também ecoa o uso de treliças e planos com vazados circulares como pequenas escotilhas de navio (Figura 75). Mais tarde, no litoral gaúcho, este recurso foi utilizado também no Hotel Termas Xangri-lá (1953), do arquiteto Roberto Veronese⁹⁴, e no Hotel Atlântida (1952), projetado pelo arquiteto Mauro Guedes de Oliveira.

⁹⁴ Bueno, 2014



Figura 75: Centro Técnico da Aeronáutica (CTA), projetado por Oscar Niemeyer, 1947.
Fonte: <<https://mulpix.com/post/1050915012543551370.html>> , acesso em 05 set. 2015.

Embora tecnicamente a cobertura dos vestiários da SAPI seja similar à casca abobadada da capela de São Francisco de Assis (1943), a silueta se assemelha mais ao auditório não construído do Ministério de Educação e Saúde (MES) do Rio de Janeiro em 1948 (Figura 76). Os azulejos do vestiário podem ter surgido da Casa do Baile, da capela da Pampulha ou mesmo do auditório projetado para o MES.

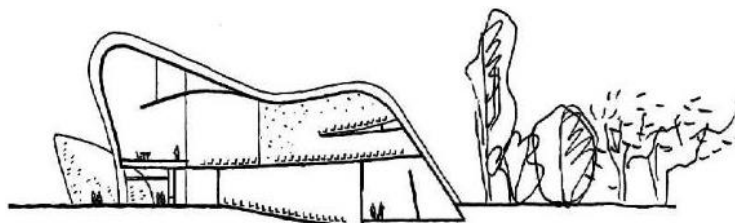


Figura 76: Auditório não construído do Ministério de Educação e Saúde, projetado por Niemeyer em 1948. Fonte: <<http://www.niemeyer.org.br/obra/pro030>>, acesso em 05 set. 2015.

A proposta vencedora do concurso para o anteprojeto da SAPI demonstra que Luís Fernando Corona não se limitou a utilizar o vasto repertório de elementos consagrados da arquitetura moderna carioca. A conhecida receita dos ‘cinco pontos da nova arquitetura’ de Le Corbusier, misturada aos ingredientes cariocas - *brise soleil*, azulejos, treliças, cobogós, lajes curvas, etc - nos faz entender a Escola Carioca como estilo. Porém, quando a entendemos como disciplina que implica na busca de respostas ao programa, ao clima e às relações com o entorno, podemos classificar a filiação da arquitetura de Luís Fernando Corona à escola moderna carioca.

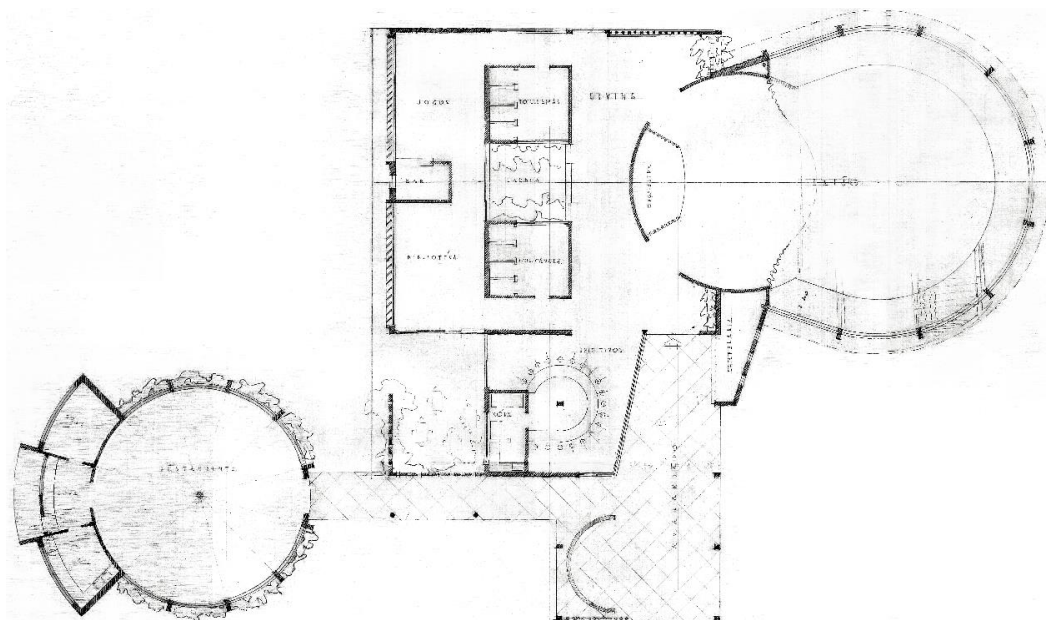


Figura 77: Planta da SAPI na proposta de 1952. Fonte: Alessandra Szekut

Para o projeto executivo de 1952, o programa de necessidades da SAPI foi modificado substancialmente. O arquiteto readaptou o partido às novas exigências de substituir os vestiários por um restaurante, procurando manter a coerência da composição aditiva e a fluidez da proposta inicial.

A marquise sinuosa do salão foi suprimida e a entrada, tanto do clube quanto do salão, passaram a ser em um único local, acessado pela fachada sul da avenida Porto Alegre. O singular bloco dos vestiários foi substituído por um cilindro similar ao salão, porém com as proporções menores, que abrigaria o restaurante (Figura 77). Externo a ele, porém em contato com a face do cilindro, se organizam a cozinha, a despensa e a copa. Com exceção dos vestiários, os demais itens do programa do edifício se mantêm e a disposição dos ambientes se assemelha à proposta do anteprojeto.



Figura 78: Croqui do projeto executivo da SAPI, 1952. Fonte: Alessandra Szekut

No entanto, o salão perdeu a leveza. A estrutura, que antes era esbelta e independente, deslocou-se para fora do ambiente, evidenciando na fachada o esqueleto do

edifício. No anteprojeto, a transparência do volume ovalado acontecia desde o chão. No projeto de 1952, porém, o cilindro ganhou uma pesada base de pedra e um 'coroamento' acima das janelas, com uma estreita aba que contorna o volume e com o alargamento do topo em relação à base. As pilastras acompanham a inclinação gerada pelo alargamento do topo. A duplicação do volume do salão, que antes era protagonista singular, vulgariza a sua participação na composição.

Os azulejos, as treliças e os brises horizontais sumiram das fachadas. A identidade carioca ficou enfraquecida, todavia a revisão ainda mantinha algumas qualidades modernas presentes desde o anteprojeto. Nota-se que as influências do brutalismo começam a manifestar-se nesta revisão do projeto original.

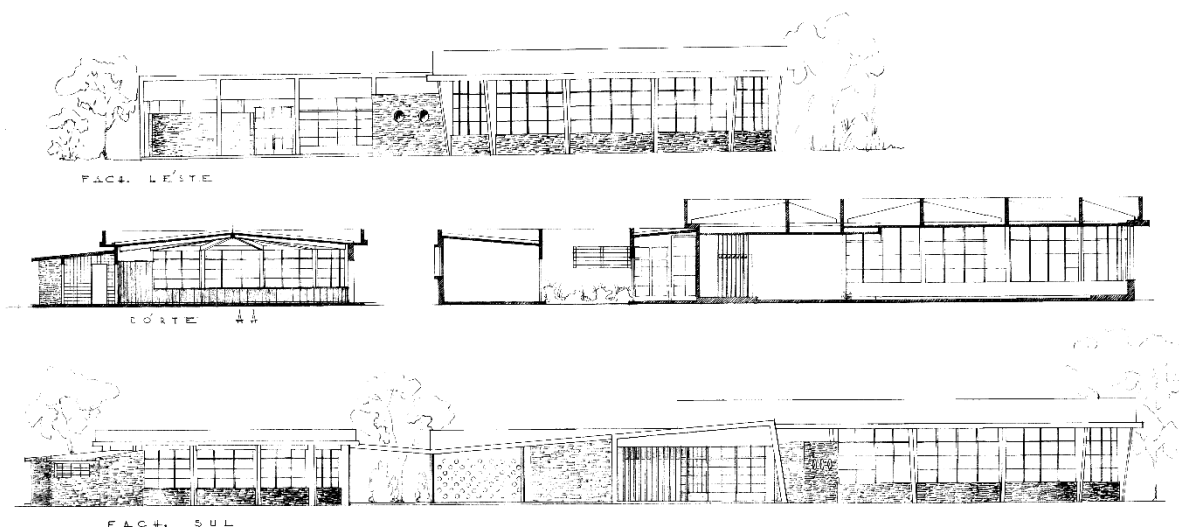


Figura 79: Fachadas e corte do projeto executivo (1952).
Fonte: Alessandra Szekut.

O melhor da arquitetura da SAPI, no entanto, manteve-se no papel, pois o edifício construído sofreu ainda mais modificações, perdendo a graciosidade, a fluidez do percurso e a qualidade compositiva em relação ao anteprojeto que venceu o concurso em 1951.

A ala que originalmente corresponderia aos vestiários e que num segundo momento havia sido substituída pelo restaurante, na execução do projeto definitivo foi simplesmente amputada, resultando num volume sem equilíbrio (Figura 80).

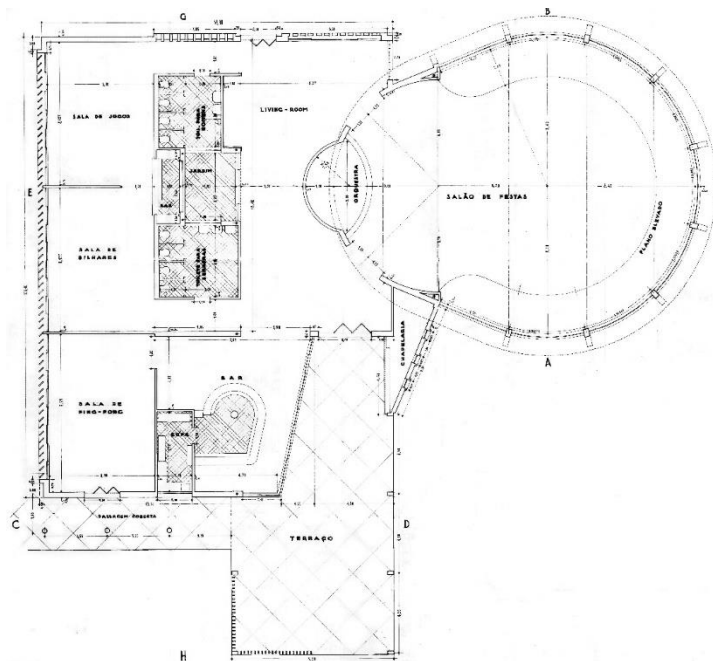


Figura 80: Planta baixa do projeto conforme foi construído, 1952.
 Fonte: Alessandra Szekut.

A forma geral do grande bloco que se conecta ao salão foi modificada. O pátio interno diminuiu de tamanho, tornando-se quase um poço de ventilação. A biblioteca foi substituída por uma sala de bilhar, e o volume se prolongou até o local onde antes havia um pátio semi-interno, aos fundos do bar. Ali foi colocada uma sala de ping-pong. Os três ambientes de jogos ficaram alinhados à parede de orientação oeste e a janela em fita com brises verticais se prolongou para ventilar as três salas, ocupando uma faixa contínua daquela fachada. O bar aumentou sua área interna e também perdeu a junção com o pátio. Com isso, o avarandado foi reduzido. Contrariando a organização em eixos ortogonais, originalmente proposta no anteprojeto, uma parede oblíqua foi acrescentada na junção dos três volumes (salão, avarandado e volume maior). Trata-se de uma pequena chapelaria.

Os materiais e revestimentos utilizados na obra parecem coincidir com a proposta do projeto executivo de 1952. A pedra grês, material abundante no litoral norte gaúcho, foi originalmente utilizada sem a pintura que atualmente a esconde. A pastilha confete verde e branco revestiu o acesso ao edifício, o ‘coroamento’ e as colunas do volume ovalado. Os contornos dos vãos de brises e os próprios brises foram pintados de branco para contrastar com o tom natural da pedra. A casa do zelador foi construída mais tarde, no local em que Corona havia determinado, porém sem levar em consideração o projeto.

Atualmente a sede da SAPI está ainda mais descaracterizada em virtude de ampliações improvisadas, que obstruem a visualização dos volumes da edificação. Alterações internas também foram realizadas para adaptar o edifício à outros usos.

A Sociedade Amigos da Praia do Imbé não está mais em atividade e nos últimos anos o edifício foi utilizado para eventos da municipalidade. Contudo, a construção encontra-se em precário estado de conservação. Seu uso foi gradativamente se restringindo e seu atual estado de semi-abandono, condena a sede da SAPI à ruína. Resta como legado o projeto vencedor do concurso, que expressa a euforia local de um momento relevante da arquitetura brasileira.

3.3. APC e SABA – Atlântida Praia Clube e Sociedade Amigos do Balneário Atlântida

A SABA (Sociedade Amigos do Balneário Atlântida) é, dos clubes apresentados neste estudo, o mais jovem e localiza-se em um dos balneários de implantação mais recente do litoral norte do Estado – Atlântida. A construção do balneário data de 1952 e a referida sociedade foi fundada uma década depois. Entretanto, há razões para que se faça uma retrospectiva anterior à década de 1960.

Conforme já mencionado, no ano de 1939 os engenheiros Luís Arthur Ubatuba de Faria e Gabriel Pedro Moacyr apresentaram ao Estado a primeira versão de um anteprojeto urbanístico para “Atlântida – Cidade Balnear”⁹⁵, cujo plano previa a construção de um hotel-âncora em um destacado lote numa avenida central, à beira-mar. O anteprojeto trazia uma imagem e descrições do referido hotel⁹⁶ em linhas *art déco*. Treze anos mais tarde Atlântida seria efetivamente implantada segundo um novo projeto análogo ao de 1939, desta vez, assinado somente por Ubatuba de Faria⁹⁷. Permanecia neste plano, semelhantemente ao anterior, o desígnio de se construir um hotel. Contudo, seu projeto arquitetônico foi definido a partir de um concurso organizado pelo núcleo gaúcho do IAB (Instituto de Arquitetos do Brasil)⁹⁸. O vencedor do concurso foi o arquiteto Mauro Guedes de Oliveira, que recebeu também o encargo da execução da obra do Hotel Atlântida. Nas dependências deste hotel é que se formou a primeira sociedade praiana do balneário: a Atlântida Praia Clube (APC), que adotou como sede o salão de bailes do Hotel Atlântida⁹⁹ até 1960, quando inaugurou o primeiro pavilhão de sua sede própria em uma área campestre de 6,5 hectares¹⁰⁰, dentro dos limites do balneário, porém afastada da praia. Em 1962 um grupo de associados da APC desmembrou-se do clube e criou uma nova agremiação: a Sociedade Amigos do Balneário

⁹⁵ O anteprojeto foi entregue juntamente com um requerimento de concessão para a construção da cidade, ao interventor interino do Estado, Miguel Tostes. Gabriel Pedro Moacyr, coautor do projeto, representava um consórcio das empresas Fischer; Martins e Cia.; Dahne, Conceição e Cia. e Companhia Técnico Comercial Ltda. (OLIVEIRA, 2015, p. 101)

⁹⁶ Atlântida – Cidade Balnear (UBATUBA DE FARIA, MOACYR, 1939, p.23-5)

⁹⁷ O urbanista foi contratado por Antônio Casaccia, diretor da empresa Atlântida S.A. Balneários (ASAB).

⁹⁸ MODERNÍSSIMO HOTEL E PARADOURO À BEIRA DO ATLÂNTICO. **Correio do Povo**, 25 nov. 1951.

⁹⁹ Apesar de não terem sido encontradas fontes específicas sobre a história do APC, diversos registros em jornais da época comprovam a utilização das dependências sociais do hotel pela referida sociedade entre 1955 e 1960.

¹⁰⁰ ATLÂNTIDA: SUCESSO EM 11 NOTINHAS. **Diário de Notícias**, 10 jan. 1960, n.p.

Atlântida (SABA)¹⁰¹. A sede social da SABA, inaugurada em 1965, foi construída à beira-mar, num lote cujo anteprojeto da Atlantida de 1939 idealizava o hotel *art déco*, onde posteriormente definiu-se o grande recuo do hotel moderno projetado por Mauro Guedes. A partir de 1970 a APC incorpora-se à SABA e a fusão das duas associações resulta numa agremiação que mantém sua sede social à beira-mar e agrega a seu patrimônio uma sede campestre com programa prioritariamente esportivo¹⁰². O presente capítulo trata do contexto arquitetônico e urbanístico da história dos dois clubes de Atlântida, abrangendo os episódios acima citados.

Retomando o ano de 1939, na memória do primeiro anteprojeto de Atlantida, Ubatuba e Moacyr justificaram a criação de um novo balneário, entre outras razões, para atenuar o estado “caótico” dos balneários existentes. Os autores descreveram os hotéis do litoral gaúcho como estabelecimentos que “apresentam, materialmente, péssimas condições”, preconizando que a construção de um novo balneário, dotado de “instalações modelares”, atrairia um grande contingente de veranistas, estabelecendo concorrência com os balneários e hotéis existentes, instigando-os a melhorarem suas instalações. O documento trazia um capítulo intitulado “Hoteis” (sic), em que apresentava um hotel-cassino como principal edifício e elemento indispensável no projeto do balneário. Além de descrever alguns aspectos e apresentar um desenho do hotel em perspectiva, o texto indicava a existência de um projeto para o referido edifício¹⁰³. A descrição enfatizava a grandiosidade do empreendimento:

Esse grande hotel casino ocupará um quarteirão medindo 180 metros de frente por 120 de fundo. É circundado por avenidas arborizadas, de 30 metros de largura, pelos lados, e pela frente pela Avenida Beira-Mar, que sofre nesse ponto um alargamento, dando ao hotel merecida importancia. [...]

O hotel principal, unico na praia, ocupará uma área coberta de 3.560,00 m², contando 3 andares de 2.120 m². Para maior realce da massa arquitetônica, todo o conjunto assentará num terraplano 0,70m mais alto que as ruas circundantes. O projeto do hotel foi idealizado de forma a reunir no pavimento terreo todo o

¹⁰¹ A HISTÓRIA DA SABA. Disponível em: < <http://www.saba-rs.com.br/saba.html>>, acesso em 28 jul. 2015.

¹⁰² Idem, ibidem.

¹⁰³ Os dois trechos a seguir, sugerem a existência de um projeto para o Hotel Cassino: “O projeto do hotel foi idealizado de forma a reunir no pavimento terreo todo o serviço, e a administração centralizada”. (sic) (UBATUBA DE FARIA, MOACYR, 1939, p. 23); “Conforme se observa na planta baixa do pavimento terreo [...]” (sic). (UBATUBA DE FARIA, MOACYR, 1939, p. 24). O referido projeto não foi encontrado.

serviço, e a administração centralizada. Nos andares superiores, os dormitórios e serviços sanitários próprios.

A entrada principal, vis-a-vis do Oceano, dá sobre um vasto hall, medindo 29,00 metros de onde distribuem as entradas para o restaurante, confeitaria, bar, grill-room, elevadores, escada principal. Nele se encontram ainda os balcões da portaria, informações, chapelaria para homens e senhoras, venda de jornais e revistas, cabines telefônicas. Esse grande hall, tendo um pé direito de 6,20m, comporta um entrepiso por sobre as peças secundárias (sic). (UBATUBA DE FARIA, MOACYR, 1939, p. 24)

O partido em “U” conformava um pátio central, com o bloco principal paralelo à praia. Este volume se impunha hierarquicamente em relação às duas alas laterais perpendiculares a ele. O texto também indicava a localização de ambientes no térreo, como uma cozinha, centralizada entre as duas alas do edifício - atendendo ao restaurante e ao *grill-room*, um cassino, um salão, um escritório, um café e um compartimento para empregados.

Em continuação ao restaurante, com capacidade para 500 pessoas, e na ala esquerda, localizamos salão de banquete, câmara fria, vestiário, serviço sanitário e três quartos para empregados e dois serviços de chuveiros para homens e senhoras, separados entre si por um hall com escada e elevador, dando acesso aos andares superiores. Esse elevador servirá os banhistas, que dessa forma não necessitam atravessar o grande hall em roupa de banho. [...]. Os dois corpos laterais do hotel enfeixam um pátio central ajardinado, destinado ao serviço interno do edifício. A entrada desse pátio é fechada por um portão de ferro, facilitando o serviço de fiscalização. Os pavimentos superiores comportam 171 quartos, possuindo a maioria, serviço sanitário exclusivo. Cada andar tem duas cópas para o serviço da manhã comunicando-se as mesmas com a cópia do pavimento térreo por elevadores para alimentos. Em torno da edificação distribuímos cortes de tennis, de basket, uma piscina com trampolim (sic). (UBATUBA DE FARIA, MOACYR, 1939, p. 24 e 25)

Os autores ainda reforçaram a justificativa de se construir o novo estabelecimento, afirmando que ele iria “modificar costumes que já não encontram razões de existirem nas nossas praias”, referindo-se às “viagens penosas de anos atrás com suas peripecias e imprevistos, [que] não permitiam a quem quer que fosse, o uso de um traje apresentável” (sic). Percebe-se aqui a intensão dos urbanistas de, através do projeto urbano e arquitetônico moderno, estimular a mudança de hábitos remanescentes de outros tempos. Ainda que as idas ao litoral gaúcho já não fossem mais como as antigas viagens que duravam vários dias¹⁰⁴, e embora o advento do automóvel e a melhoria das estradas de acesso às praias já indicassem

¹⁰⁴ SCHOSSLER, 2010, p. 142.

certa modernização, o cenário arquitetônico e urbanístico do veraneio gaúcho, segundo os autores, ainda era primitivo e isso repercutia nos hábitos e vestimentas dos veranistas¹⁰⁵.



Figura 81: Perspectiva do Hotel Cassino, empreendimento âncora do projeto de Atlântida – Cidade Balnear. Fonte: UBATUBA DE FARIA, L. A.; MOACYR, 1939, n.p.

O hotel cassino apresentado na perspectiva (Figura 81), era em estilo *art déco* e marcava simetricamente o eixo principal do balneário. Passados três anos da Exposição do

¹⁰⁵ A propósito dos costumes primitivos dos veranistas, Ubatuba e Moacyr (1939) exemplificam: “[...] hoje já se torna grotesco o tamanco incomodo e o pijama impróprio”. O mesmo exemplo foi repetido por Ubatuba cinco anos depois, na memória do plano de urbanização da Praia do Cassino no município de Rio Grande. Desta vez Ubatuba compara o contexto dos balneários no norte do Estado à praia do Cassino:

“De início houve um grande desenvolvimento. Já pelos princípios do século, constava o Casino com regular número de ótimas vivendas. Esta praia atraía veranistas abastados de todos os pontos do Estado que apreciavam o seu conforto. Espalhou-se ligeiro a fama de balneário de luxo. Na verdade as comodidades que oferecia estavam muito acima de qualquer outro balneário do Estado. Enquanto que, para se atingir Cidreira eram precisos de cinco a seis dias de carreta ou 2 dias de diligência, já nessa época – 1890 – podia-se ir ao Casino, do Rio Grande em uma hora de bonde a vapor. O hotel espaçoso com seus salões amplos e grande número de quartos proporcionava grande conforto. Assim, enquanto em Cidreira, Tramandaí e mais tarde Torres, o traje obrigatório era o pijama e o tamanco, o balneário do Casino ostentava hábitos de uma fidalguia por vezes exagerada, mas facilmente explicável. Não era crível que os veranistas das praias do norte, que viajavam durante uma semana em carreta, passando por toda a série de inconvenientes próprios a este meio de condução e as estradas fossem ostentar hábitos aristocratas, morando em ranchos de palha (sic)”. (UBATUBA DE FARIA, L. A.. **Casino – Plano de Urbanização**. Município Rio Grande. Estado do Rio Grande do Sul. Brasil. 1944, p. 3 e 4)

Centenário Farroupilha, a arquitetura *art déco* seguia repercutindo em novos edifícios da capital e ecoava também na arquitetura do litoral norte do Estado¹⁰⁶. A estética *art déco*, presente na imagem do hotel cassino, é representativa do início da modernidade arquitetônica que recusava o historicismo, buscava a racionalização do projeto e conferia um aspecto um tanto solene ao edifício. Era condizente com a proposta urbanística que pretendia contrariar a cultura do improvisado, que até então imperava nos empreendimentos balneários e hoteleiros.

Além da elevação do terreno, já mencionada pelos engenheiros, havia a previsão de um recuo em frente ao edifício formando um *porte cochère*, com um duplo chafariz entre a Avenida Beira Mar e o acesso ao hotel. No edifício, há a tripartição clássica de base, corpo e coroamento. A base se salienta do corpo e contorna o edifício em suas faces externas, criando um terraço contínuo. O corpo é formado por faixas horizontais que intercalam superfícies completamente opacas com os vazios das aberturas.

A centralidade é marcada pela torre que coroa o volume frontal e pela marquise que assinala a entrada principal. A simetria bilateral, que aparece tanto em planta quanto em elevação, é especialmente evidente na fachada frontal, onde há rígido espelhamento a partir do eixo central. Essa simetria parece se propagar no paisagismo do entorno e no traçado da cidade. Mas o hotel era o protagonista, como um transatlântico no mar, visto a partir da praia. A analogia náutica foi recorrente na estética do *art déco* e na imagem do Hotel não construído da Atlântida de 1939 podemos identifica-la em alguns elementos: nos volumes em curva, no longo terraço, nas linhas salientes que enfatizam a predominância da horizontalidade e no contrapondo de um volume vertical marcante.

No projeto de Atlântida de 1952, Ubatuba manteve o propósito do hotel como principal elemento do plano. Desta vez, porém, o projeto do edifício não foi apresentado pelo próprio urbanista. Ele apenas determinou sua localização no mesmo lugar do projeto anterior. Na planta de Atlântida que contém o carimbo da prefeitura de Osório datado de 1956, o hotel aparece com um recuo ainda maior da beira-mar, com um quarteirão entre a praia e o edifício e com o mirante na praia, próximo ao mar e alinhado ao hotel. É provável que este desenho

¹⁰⁶ São exemplos de arquitetura alinhada com o *Art Déco*, presentes no litoral norte do Estado, a primeira sede da SAPT (1938), dos arquitetos Saul Macchiavello e Antonio Maria Rubio; a prefeitura municipal de Torres, a antiga rodoviária de Tramandaí, o Hotel Siri, em Tramandaí, o Hotel Cassino Picoral, em Imbé.

tenha sido concebido depois de parte da cidade e alguns edifícios já estarem construídos. Embora Ubatuba de Faria tenha falecido em 1954, a planta datada em 1956 conserva a autoria do urbanista¹⁰⁷.

O anteprojeto do hotel foi escolhido através de um concurso promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB – RS), divulgado em 16 de outubro de 1951 no jornal Correio do Povo. Inscreveram-se oito concorrentes: Mauro Guedes de Oliveira, Fernando Corona, Luiz Fernando Corona, Demétrio Ribeiro, Enilda Ribeiro, Hugaud, Dytz e Barbosa Ltda, José Parreira e Cláudio Teixeira de Freitas¹⁰⁸. Fernando Corona participou junto com seu filho Luiz Fernando Corona; Enilda Ribeiro fazia dupla com Demétrio Ribeiro; Sabe-se da participação de Carlos Maximiliano Fayet, provavelmente na equipe de Corona¹⁰⁹. Mauro Guedes de Oliveira era auxiliado por Ricardo Perrone e por Cláudio Araújo¹¹⁰. Este último auxiliou na elaboração de uma maquete. Os outros concorrentes inscritos não chegaram a apresentar trabalhos. Apenas três anteprojetos foram recebidos pelo IAB, que registrou em ata:

[...] foram entregues os ante-projéto com os seguintes pseudônimos: “Marisco” e duas não identificados e sem pseudônimos, perante a Comissão Diretora e parte da Comissão Julgadora e vários associados [da] sociedade Atlântida S.A.- Balneários. Um dos concorrentes apresentou uma maquete fechada dentro de uma caixa de madeira, lacrada, a qual não foi recebida para julgamento. (ATA... 1951)

O júri, formado pelo então presidente do IAB RS – arquiteto Max Hermann Shüpmann, pelos engenheiros Joaquim Só Gonçalves e Danilo Santa Catarina, e pelos arquitetos Egon Weindorfer, Miguel Frederico Mueller, escolheram o vencedor avaliando

¹⁰⁷ OLIVEIRA, 2015, p. 149.

¹⁰⁸ Informação obtida de um registro do IAB – RS, contendo os endereços e nomes dos concorrentes para os quais foram entregues a planta da área, as normas de apresentação do anteprojeto e o programa de necessidades. IAB, 25 out. 1951

¹⁰⁹ Informações desconstruídas sugerem duas possibilidades: a primeira e mais provável é a de que Fayet, ainda estudante, teria participado da equipe de Fernando Corona, pois a partir de 1951, formou uma parceria com Luiz Fernando Corona (filho), com quem venceu o concurso para a sede do Palácio da Justiça em 1952. (ALVAREZ, 2008, p.82). Outra possibilidade é que Carlos Maximiliano Fayet teria participado da equipe de Enilda e Demétrio Ribeiro, pois segundo consta em seu currículo, Fayet teria se classificado em 3º lugar no concurso do Hotel de Atântida – colocação correspondente à equipe de Enilda. Esta possibilidade não foi descartada porque a convivência de Luiz Fernando, Fayet e Enilda era assídua, especialmente no curso de Arquitetura do IBA. (Ver MARQUES, 2012, p.77 e SZEKUT, 2008, p.26). Na Figura 82, entre as pessoas fotografadas ao redor da maquete do projeto de Mauro Guedes, Carlos Maximiliano Fayet está presente.

¹¹⁰ Cláudio Araújo ingressou no curso de Arquitetura da UFRGS em 1950, portanto era ainda estudante quando auxiliou na confecção da maquete do anteprojeto “Neptuno”. (Ver MARQUES, 2012, p. 136)

aspectos funcionais, construtivos, plásticos e econômicos. Na ocasião, já estavam definidos os codinomes dos projetos que anteriormente não estavam nomeados. A proposta vencedora foi a de pseudônimo Neptuno, da autoria do arquiteto Mauro Guedes de Oliveira. O anteprojeto intitulado Marisco, de Fernando Corona, obteve a segunda colocação e o de codinome Albatroz, de Enilda Ribeiro ficou com o terceiro lugar. Como a competição previa também a premiação para o quarto colocado, passado o concurso a empresa Atlântida S. A. Balneários colocou à disposição do IAB a quantia correspondente ao quarto prêmio. O valor foi destinado ao início do fundo para a construção da sede do IAB gaúcho¹¹¹.

O edital do concurso de anteprojeto do “Hotel Balneário”, previa que a contratação do projeto e fiscalização da obra estavam assegurados ao vencedor. Assim, o arquiteto Mauro Guedes de Oliveira¹¹² e seu sócio Ricardo Gomes Perrone¹¹³ - que ainda era estudante, passaram a trabalhar diuturnamente até a conclusão dos projetos. Depois, com as obras iniciadas, os dois deslocavam-se semanalmente a Atlântida para acompanhar a construção do hotel. Os cálculos estruturais estavam a cargo do engenheiro Armando Balista e a obra foi executada pela construtora Toigo, dos irmãos Silvio e Impávido Toigo¹¹⁴.



Figura 82: Maquete do projeto Neptuno, da autoria do arquiteto Mauro Guedes de Oliveira vencedor do concurso promovido pelo IAB entre outubro e novembro de 1951.

Fonte: BERTOLUCI, 2011, p.38

¹¹¹ A ata de 4 de abril de 1952 do IAB – RS, p. 34, registrou o recebimento de um ofício da A.S.A.B. formalizando a doação, que já havia sido mencionada numa ata anterior, em 4 de dezembro de 1951, p. 34.

¹¹² Formado na primeira turma do curso Superior de Arquitetura do Instituto de Belas Artes em 1949. (MARQUES, 2012, p. 45)

¹¹³ Na época Perrone ainda era estudante no curso de Engenheiros Arquitetos da Escola de Engenharia da UFRGS. (BERTOLUCI, 2011, p. 42)

¹¹⁴ Idem, p. 42-3

O programa de necessidades era um misto de hotelaria, entretenimento e serviços abertos à comunidade veranista. No térreo do edifício se organizavam não só as áreas sociais do hotel, mas também o salão com restaurante – aberto aos hóspedes e ao público em geral. Este também funcionava como salão de bailes, especialmente nos finais de semana das férias de verão¹¹⁵, e logo se converteria em sede da Atlântida Praia Clube (APC). A fachada perpendicular à beira-mar possuía duas salas, uma com barbearia, outra com um ambulatório, ambas com acesso somente pela rua. O intuito de concentrar diversos usos reforça o papel do hotel como empreendimento primordial para impulsionar o crescimento do balneário que nascia num local completamente desabitado. Foi o primeiro edifício construído no novo balneário. Cumpriu sua função durante as primeiras décadas após o surgimento de Atlântida. A partir de 1978 adaptou-se para abrigar a primeira escola superior de hotelaria da América Latina¹¹⁶, mas não sobreviveu à virada do século e foi destruído ainda na década de 1990¹¹⁷.

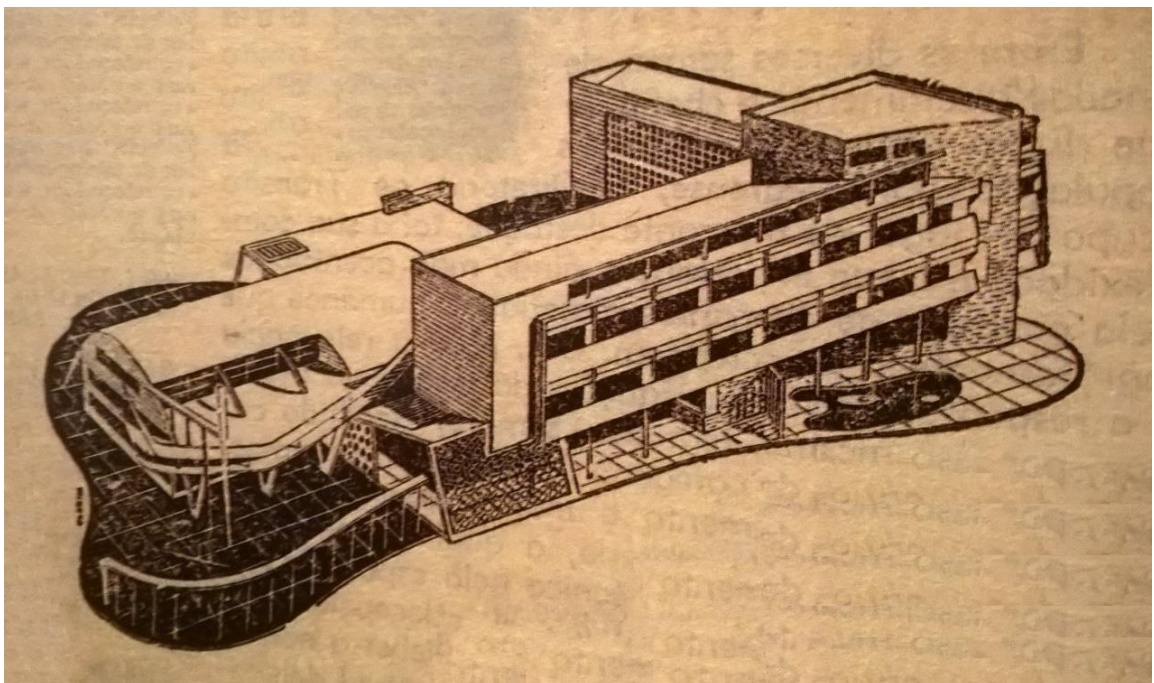


Figura 83: Perspectiva do hotel em propaganda do jornal Correio do Povo em 1952.
Fonte BERTOLUCI, 2011, p. 44

¹¹⁵ BERTOLUCI, 2011, p. 52

¹¹⁶ Idem, p. 107

¹¹⁷ “Como tantos outros exemplares de programas para veraneio da arquitetura moderna de qualidade, que configuraram o espaço das praias gaúchas no passado, [o hotel] foi demolido na década de 1990 e substituído por um conjunto de edifícios de apartamentos com volumetria distinta dos edifícios preexistentes” (OLIVEIRA, 2015, p. 176)

O hotel, isolado no lote, era composto essencialmente por dois volumes. Um deles, regular, conformava uma esquina em “L”, o outro, com cobertura arqueada, localizava-se na extremidade oposta à esquina. As duas partes estabeleciam uma planta em “U”. O bloco da esquina organizava principalmente as suítes dos hóspedes nos andares superiores e parte das áreas sociais do programa hoteleiro no térreo. Sua massa impunha preponderância. Nas plantas o arquiteto identifica as duas partes deste volume como “bloco principal” (frontal) e “ala lateral” (fachada norte). Na interseção dos blocos, uma torre densa com um perfil sinuoso, transpassava-os e comportava a circulação vertical e, no topo, a casa do zelador. O bloco principal apresentava um térreo recessivo com a estrutura aparente, permitindo a independência das vedações, que exibiam uma variedade de formas e texturas. Apareciam paredes sinuosas, planos vazados ora inclinados, ora aprumados, e vedações translúcidas e opacas. Adicionalmente, o outro importante volume era o pavilhão que abrigava o salão de bailes, situado na parte interna do “L”, para além da extremidade do bloco principal. Este pavilhão destacava-se pela cobertura em abóbada e pela relevância estética de sua estrutura. Ambientes secundários e de serviços, ou ainda, espaços de ligação entre os volumes, complementavam a composição aditiva (Figura 83).



Figura 84: Hotel Atlântida no início da década de 1950. Fonte: Cláudia Casaccia

Os acessos principais, tanto ao pavilhão de festas quanto à recepção do hotel, situavam-se de frente para o mar.



Figura 85: Vista de frente do hotel, com o caminho pavimentado desde a beira mar.
Fonte: Cláudia Casaccia

Na fachada norte, próximo à esquina, havia uma entrada para os banhistas hospedados regressarem às suas suítes sem precisar passar pelo hall principal do hotel. Também nesta face do edifício, havia um ambulatório e uma barbearia, ambos com acessos voltados para a rua. As entradas de serviço, localizavam-se na parte posterior do hotel, junto aos fundos do salão, onde estavam instaladas a cozinha, despensa, copa e vestiários de empregados.



Figura 86: Esquina nordeste do Hotel Atlântida. Fonte: Donavan Pilatti.

O visitante que não estivesse hospedado no hotel, acessava o pavilhão de festas-restaurante por uma entrada externa, resguardada pela marquise projetada. O hóspede poderia ingressar no salão pelo interior do hotel, passando por um vestíbulo, ambiente intermediário entre o salão, o pátio interno e o bar. A sala de reuniões dançantes, junto ao bar, também possuía um acesso externo e outro para os hóspedes.

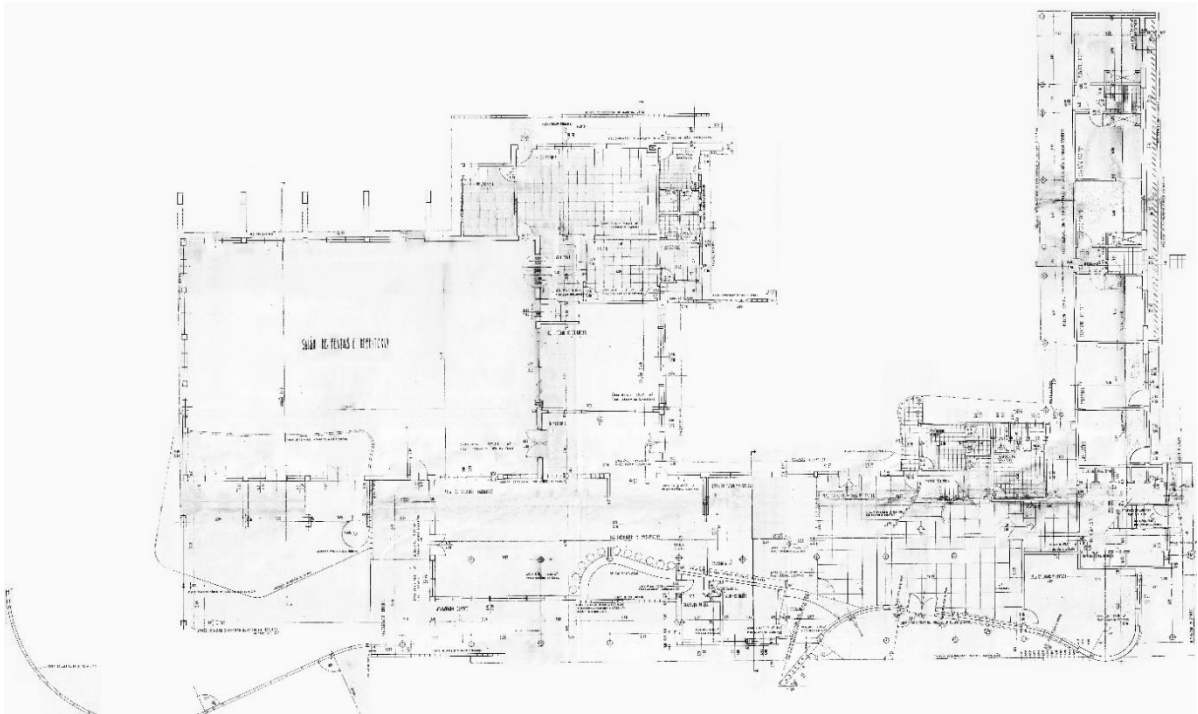


Figura 87: Planta baixa do térreo do hotel - projeto executivo, 1952.

Fonte: Cláudia Casaccia Cláudia Casaccia – arquivo da ASAB.

No hall da recepção a porta de entrada era alinhada com a escada de acesso às suítes (Figura 88). Este ambiente possuía também uma sala de estar.



Figura 88: Interiores do hall da recepção do hotel. Fonte: BERTOLUCI, 2011, p. 45

Todo o mobiliário foi desenhado por Luís Florêncio Braga¹¹⁸, e ajustava-se à modernidade do hotel. Adjacente ao hall, na esquina do edifício localizava-se a sala de jogos e leitura, num recinto com uma parede curva.



Figura 89: Interiores do hall e recepção do Hotel. Fonte: Donavan Pilatti

Os demais ambientes sociais do térreo do hotel eram outra sala identificada na planta como “local de estar para senhoras” (Figura 90) e um “bar americano” (Figura 91Figura 92) contíguo à uma sala de reuniões dançantes (boate) ¹¹⁹.

¹¹⁸ Luís Florêncio Barreto Braga diplomou-se em 1948 no curso de Artes Plásticas de Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, quando foi colega de Carlos Maximiliano Fayet. Juntos, Florêncio Braga e Fayet integraram a Associação Araújo Porto Alegre, que objetivava o estudo, a documentação e a divulgação da Arquitetura e das Artes Plásticas. SIMON, Círio. **Arte em Porto Alegre e a “História em Migalhas” – 09.02.** Disponível em <<http://profciriosimon.blogspot.com.br/2010/09/arte-em-porto-alegre-e-historia-em.html>> Acesso em: 23 set. 2016

¹¹⁹ Bertoluci, em seu relato sobre o verão de 1953, afirma que a boate abria todas as noites e as festas eram animadas pelo conjunto melódico Moinhos de Vento. Nos finais de semana o conjunto agregava mais instrumentistas, transformava-se em orquestra e embalava os bailes no grande salão. (BERTOLUCI, 2011, p. 52)



Figura 90: Sala de estar “para senhoras”, junto à recepção do Hotel Atlântida.
Fonte: Donavan Pilatti

O bar (Figura 91) possuía um balcão em curva e a parede do fundo era perfurada em círculos. A divisão entre a sala para senhoras e o bar podia ser aberta ou fechada a fim de integrar ou separar os ambientes.



Figura 91: Parte do bar Americano situado entre as salas da recepção e a sala de reuniões dançantes. Fonte: BERTOLUCI, 2011, p. 52

O próprio bar também era divisível, podendo atender separada e concomitantemente os eventos externos e os hóspedes do hotel. A porção do bar com a curva mais acentuada era contígua à boate, que também se integrava ao salão de bailes com a abertura de painéis sanfonados.



Figura 92: Bar contíguo ao ambiente da sala de reuniões dançantes.
Fonte: Donavan Pilatti

O térreo ainda contava com quatro dormitórios de hóspedes cujas janelas voltadas para o norte eram protegidas por brises verticais. O segundo e terceiro andares, tanto do bloco frontal quanto da ala lateral, também abrigavam dormitórios de hóspedes.

O plano vazado no fundo do bar, mencionado anteriormente, fazia divisa com o avarandado, na fachada frontal do hotel. Também nesta face do edifício, outro painel vazado similar marcava a finalização da marquise curva na entrada do salão de bailes.

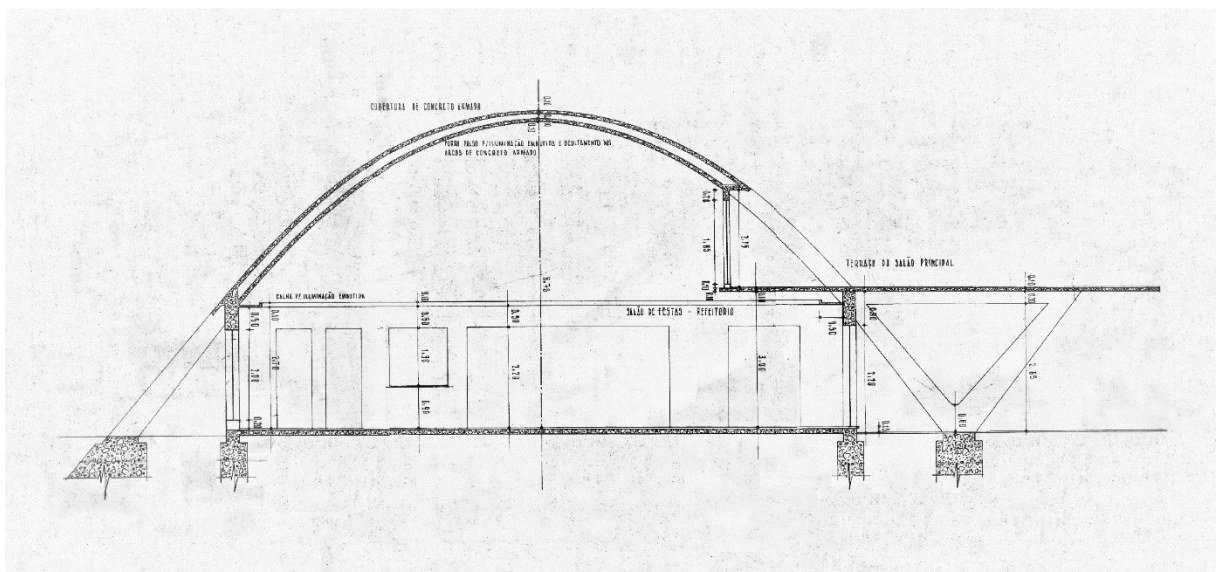


Figura 93: Corte transversal do salão de bailes do Hotel Atlântida – projeto executivo, 1952.
Fonte: Cláudia Casaccia Cláudia Casaccia – arquivo da ASAB.

O pavilhão do salão (Figura 93) fazia uma evidente oposição formal ao bloco do hotel, explicitando a diferença quanto à natureza de sua atividade. Possuía uma cobertura

abobadada, estruturada em arcos de concreto armado. Enquanto os fechamentos definiam o ambiente sob a estrutura, essa extrapolava o recinto do salão. As linhas dos arcos vinham do solo, definiam o contorno curvo da cobertura, apoiavam-se outra vez no chão e elevavam-se novamente, formando pilares em “V” para sustentar a marquise (Figura 94). Este elemento predominantemente externo, era uma laje de bordas curvas, que penetrava no pavilhão de maneira semelhante à passarela de MMM Roberto para o projeto da Sotreq (1944), porém sem se integrar ao salão, configurando uma subtração no telhado. A forma e disposição dos arcos estruturais da Sotreq também eram análogas às do pavilhão de festas do Hotel Atlântida.

Segundo Perrone¹²⁰, por sugestão da construtora, algumas modificações foram feitas no projeto, o que prejudicou a composição estética final. Uma delas foi a cobertura do salão de festas, que originalmente foi projetada como uma casca de concreto armado, mas na execução acabou sendo substituída por telhas de fibrocimento. Também a marquise que se projetava desde a parte interna do salão, teve suas dimensões reduzidas.



Figura 94: Avarandado com pilares em “V” sustentando a laje curva.
Fonte: BERTOLUCI, 2011, p. 45

O Hotel Atlântida apresentava diversos elementos que lhe conferiam características da linguagem da escola carioca, como os painéis vazados (treliças, cobogós e planos com perfurações circulares), pilarem em “V”, lajes com bordas curvas, entre outros. Todavia, a máscara em grelha nas fachadas do bloco do hotel e o peso visual da esquina nordeste revela

¹²⁰ Depoimento de Perrone em BERTOLUCI, 2011, p. 42-3.

uma faceta um tanto brutalista do projeto de Mauro Guedes. Não há dúvidas, no entanto, quanto à sua associação ao movimento moderno.



Figura 95: Mirante no primeiro plano e Hotel Atlântida ao fundo.
Fonte: Cláudia Casaccia

Havia ainda outro elemento arquitetônico relacionado ao hotel: o mirante na beira da praia. Embora até o momento não se tenha identificado o autor do projeto, sabe-se do estreito vínculo destes dois edifícios, não somente porque foram construídos no mesmo ano (1952)¹²¹, mas também, pelo posicionamento de ambos no mesmo eixo, tendo uma praça como espaço intermediário, e pelo preciso alinhamento de suas torres.

¹²¹ BERTOLUCI, 2011, p. 75

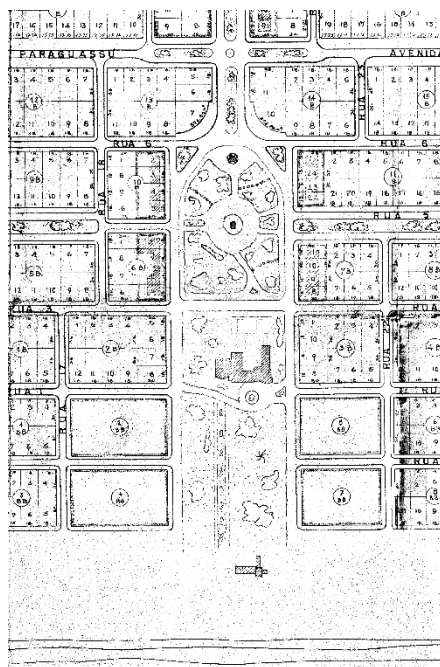


Figura 96: Detalhe da planta de Atlântida (1956), com o hotel, o mirante na beira da praia e um caminho pavimentado retilíneo entre eles. Fonte: Cláudia Casaccia – arquivo da ASAB

O mirante contava com uma cabine para salva-vidas acima e, na parte térrea, um bar que atendia aos banhistas. Neste local, eventualmente juntavam-se alguns músicos e se formavam festas que duravam até o final da tarde. Sem demora o mirante se tornou um importante ponto de sociabilidade, e passou a sediar eventos como concursos de beleza, luaus e carnavais¹²².

Pela primeira vez na história dos balneários gaúchos, surgia primeiro a estrutura de entretenimento e depois a cidade ao seu redor. Oliveira (2015, p. 143) recorda a origem deste procedimento:

O programa de hotel como âncora, precedendo o loteamento para atrair turistas, seguiu o modelo estabelecido desde as pioneiras praias europeias do XIX, tipologia aplicada a todos os empreendimentos residenciais nos 20, seguido nas praias uruguaias, nas estações hidrominerais de veraneio brasileiras, e mesmo no loteamento São Clemente/Nova Friburgo, com seu hotel projetado por Lúcio Costa.

Como já mencionado, a APC surgiu em 1955¹²³ nas dependências do Hotel Atlântida, local que foi adotado como sede do clube até 1960, quando a ASAB (Atlântida S.A. Balneários)

¹²² BERTOLUCI, 2011, p. 75

¹²³ Informação obtida na SABA (Disponível em: <http://www.saba-rs.com.br/saba.html>. Acesso em 15 ago. 2016 e confirmada pela reportagem da época, contendo a seguinte mensagem: 'Na agradável praia de Atlântida, foi inaugurado o Atlântida Praia Clube, que iniciará suas atividades já nessa próxima temporada. Seus órgãos diretores estão sob a direção dos srs. Agnelo de Luca, Valter Werner Hack, Rodolfo Fuchs, Werner Schweighofer e Antonio Piragibe. O novo clube social esportivo terá área para golfe, tênis,

doou um terreno para a construção de uma sede própria. Certamente a referida empresa possuía estreitos laços com o Atlântida Praia Clube, pois além de ceder o pavilhão (Figura 97) e a boate do hotel para a realização de festas¹²⁴ e doar a área para construção do clube, a ASAB emprestava também sua sede porto-alegrense para que os associados da APC realizassem suas reuniões¹²⁵.



Figura 97: Interior do salão de bailes do Hotel Atlântida, 1954.
Fonte: Donavan Pilatti

Outro local utilizado pela APC era o Mirante, onde a entidade promovia desfiles, coquetéis e outros eventos diurnos¹²⁶.

O plano para a sede própria priorizava programas esportivos, mas aspirava abranger diversos setores do entretenimento. A área destinada ao clube possuía 6,5 hectares, entre as

vôlei e outros departamentos'. (**Diário de notícias**, 17 nov. 1955, p. 8)

¹²⁴ Anúncios das colunas sociais de periódicos locais, nas temporadas de verão, assiduamente convidavam para as festas e concursos promovidos pelo APC. As festas noturnas realizavam-se sempre no Hotel Atlântida. Nos dias de semana os convites anunciavam reuniões-dançantes na “Boite Social”, enquanto para os fins de semana eram corriqueiros os anúncios de bailes. Já os eventos diurnos ocorriam junto ao mirante (**Diário de Notícias**, 25 dez. 1956, 8 fev. 1957, 29 jan. 1959; **Jornal do dia**, 12 fev. 1958)

¹²⁵ Informação obtida num recorte do jornal anunciando a convocação dos sócios do Atlântida Praia Clube para Assembleia Geral Ordinária no dia 30 de outubro na cidade de Porto Alegre, à Rua dos Andradas, nº 1664 – 2º andar (Atlântida S.A.), com o objetivo de eleger os membros do Conselho Deliberativo para o exercício de 1958/59. (**Diário de Notícias** de 23 out. 1957)

¹²⁶ Propagandas do Diário de Notícias convidavam para eventos que a sociedade promovia nos fins de semana, frequentemente anunciando conjuntamente eventos noturnos no hotel e eventos diurnos no mirante. (**Diário de Notícias**, 26 jan. 1957, p. 1; 14 fev. 1957, p. 8; 20 fev. 1957, p. 8)

avenidas Interbalneários e Renato Sirotsky. A Avenida Interbalneários já existia em 1959¹²⁷ em conformidade com o projeto de Ubatuba, porém as ruas e avenidas secundárias da zona E, onde estava localizado o terreno do APC, foram sendo configuradas sem observância ao projeto (Figura 98).

Na área doada pela ASAB, o Atlântida Praia Clube planejava a construção de três pavilhões, piscina, lago artificial, recantos infantis e churrasqueiras¹²⁸. O primeiro pavilhão foi construído adjacente à Avenida Renato Sirotsky, oblíquo em relação aos limites regulares do terreno. Provavelmente essa disposição se justificasse por não ser este o edifício principal do conjunto idealizado.



Figura 98: Detalhe com a localização da área do Atlântida Praia Clube. Fonte: Montagem a partir de desenho de Zaions (1959) e imagem de satélite do Google (2016). Edição da autora.

O pavilhão foi inaugurado em janeiro de 1960 e possuía canchas de bolão, bocha, quadra esportiva e bar. Com uma pista de danças desmontável, o local se adaptava aos eventos sociais. Era uma construção simples, com cobertura arqueada e telhado de

¹²⁷ Quando Moreno publicou o Estudo da Evolução Urbana de Atlântida, em 1959 (p. 34), provavelmente o APC já estava sendo construído e o desenhista Zaions representou no local correspondente à sede do clube, um edifício de grande porte, em posição oblíqua, num lote contornado por ruas sinuosas. Verifique a Figura 30 no capítulo 2 desta dissertação.

¹²⁸ Embora até o momento nenhum material referente ao projeto arquitetônico tenha sido encontrado, algumas notas de periódico da época contém as descrições do plano, sem mencionar a autoria. (ATLÂNTIDA: SUCESSO EM ONZE NOTINHAS. **Diário de Notícias**. Dom., 10 jan, 1960)

fibrocimento. O esquema estrutural se assemelhava ao do salão do Hotel Atlântida. Se destacava internamente (Figura 99) o conjunto de vigas curvas que sustentavam a cobertura, ultrapassam as paredes externas e se apoiavam ao chão. Havia uma área central predominante e alas laterais mais estreitas.

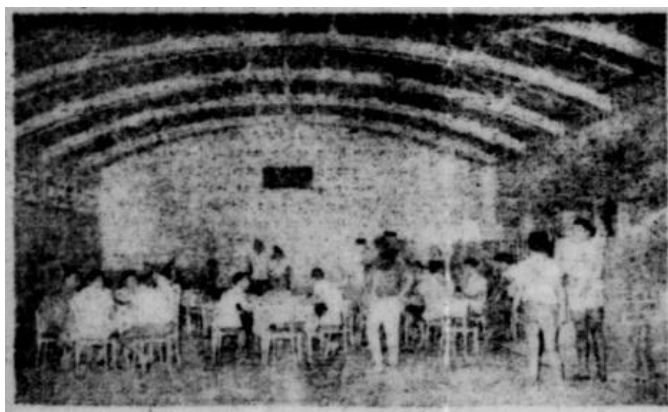


Figura 99: As páginas sociais do jornal registraram a foto do pavilhão do APC na ocasião de sua inauguração. Fonte: Diário de Notícias, 10 jan. 1960

O edifício sofreu alterações e acréscimos ao longo do tempo e apesar de deteriorado, perdura (Figura 100)¹²⁹.



Figura 100: Aspecto atual do pavilhão inaugurado em 1960.
Fonte: <<http://www.saba-rs.com.br/Blog%20Posts/campestre.html>>, acesso em 8 fev. 2016.

Ao que parece, houve uma mudança de planos em relação construção da sede social junto à área campestre, como comprova uma reportagem cujo trecho está transcrito a seguir:

Sobre planos de ação da nova diretoria, falou-nos o presidente em exercício que o Atlântida Praia Clube irá construir, já para o próximo veraneio uma buate (sic) bem no centro da praia, ou seja, no terreno que fica atrás do ed. Mirante. Para

¹²⁹ Outras construções foram feitas posteriormente quando a APC já estava extinta, provavelmente sem observância ao plano original. Atualmente a área referida pertence à SABA, e é anualmente locada para a realização do Planeta Atlântida, ocasião em que são utilizadas as edificações existentes e outras efêmeras são montadas somente para atender o evento.

isso já foi conseguida esta área com o prefeito Leonel Montovani, de Osório e Câmara de Vereadores do município. (Diário de Notícias, 2 fev. 1962, p. 1)

O terreno a que se refere a matéria do jornal, era o largo entre o Hotel Atlântida e o Mirante da beira-mar. Poucos dias após a publicação da notícia, alguns sócios dissidentes desmembraram-se da APC e fundaram outro clube – a SABA (Sociedade dos Amigos do Balneário Atlântida). Este grupo obteve o terreno recém doado pela Prefeitura de Osório.

Possivelmente a nova sociedade também tenha utilizado o Mirante, talvez antes mesmo da sede própria ficar pronta (Figura 101)¹³⁰. A imagem a seguir mostra o referido edifício, encimado com a inscrição da sigla do clube.



Figura 101: Mirante da praia, década de 1960. Fonte: Cláudia Casaccia.

No início de 1965, inaugurava-se a sede da SABA, na área entre o Hotel Atlântida e o Mirante (Figura 102), com projeto executado por Ruy Tedesco¹³¹, o mesmo engenheiro responsável pela construção da SAT (Sociedade Amigos de Tramandaí) cinco anos antes.

¹³⁰ Não foram encontrados outros registros históricos da SABA que confirmem a utilização do Mirante, mas a presença da inscrição da sigla do clube no edifício, leva-nos a inferir que o local estava sendo ocupado pela sociedade. A presença da plataforma em segundo plano confirma que a fotografia é posterior a 1969 – ano em que a construção da plataforma se iniciou, ou seja, a sede da SABA já existia.

¹³¹ Informação obtida de uma ata de reunião da SABA. (Ata nº 5 de Ruy Tedesco era sócio proprietário da construtora Tedesco e comandou pessoalmente a execução das obras e contribuiu na concepção do projeto do Estádio José Pinheiro Borba (Beira Rio) em 1969. (SANTOS, 1969). O mesmo engenheiro assinou a execução da sede da SAT em 1957, porém este projeto é da autoria do arquiteto Nestor Hamlet Hilgert, que trabalhava com Tedesco naquele período. (Ver capítulo 2.2)



Figura 102: Pintura representando Atlântida na década de 1960. Autor desconhecido.
Fonte: Acervo digital da SABA

Não foi possível encontrar o projeto original da SABA (1965), o que impede um exame mais minucioso quanto ao funcionamento do edifício. A planta de 1993, assinada pela arquiteta Suzana Nedeff¹³² apresenta diversos acréscimos, mas ainda permite que se identifiquem alguns elementos da construção original, e as poucas fotografias encontradas auxiliam na análise quanto aos aspectos externos do edifício.

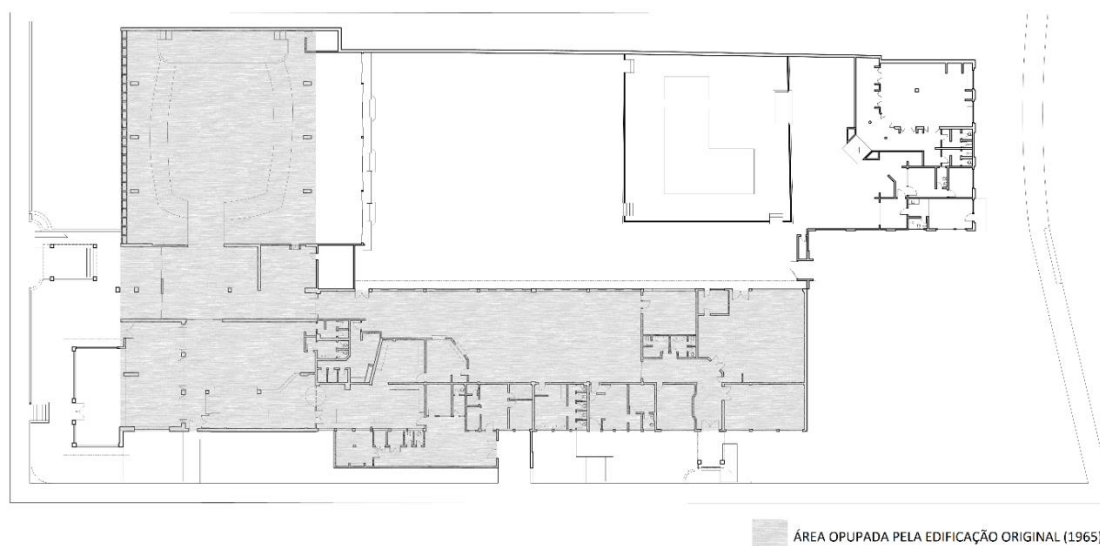


Figura 103: Planta da sede central da SABA. Projeto de reforma e ampliação, 1993.
Fonte: Acervo digital da SABA. Edição da autora.

A SABA apresentava algumas semelhanças com o clube de Tramandaí. Ambos possuíam uma torre revestida com pedra e nela um desenho de temática praiana. Na SABA,

¹³² Material cedido pela própria SABA, que não dispõe dos projetos originais, mas forneceu a planta de 1993, bem como outra posterior, referente a um Plano de Prevenção Contra Incêndio (PPCI).

era um cavalo marinho estilizado remetendo à letra “S”. Outras correspondências podem ser percebidas nos três murais revestidos de pedra, contendo composições com tema marinho; na presença de aberturas verticais em sequência, intercaladas por apoios salientes que se configuravam em brises no salão de festas; e a planta disposta em “L” no terreno de esquina. Entretanto, no caso da SABA, há mais coerência no alinhamento do edifício com a rua e a presença de elementos característicos da escola carioca aparece de maneira mais moderada.



Figura 104: Recém inaugurada sede da SABA, à beira mar de Atlântida.
Fonte: Diário de Notícias, 12 jan. 1964, p.16

Implantada na esquina da Avenida Central com a Beira-Mar, a sede da SABA era composta por dois blocos retangulares, um dominante, de frente para o mar, outro, perpendicular ao primeiro.



Figura 105: SABA, na esquina da Avenida Beira Mar com Avenida Central.
Fonte: Cartão Postal Brasil Turístico. Acervo da autora.

A presença dos dois volumes era evidenciada pela diferença de altura e mudança no tratamento das superfícies de cada bloco. Ambos possuíam platibanda ressaltada, contudo, esse coroamento era mais marcante no volume principal, já que o outro ficava parcialmente

resguardado por um muro alto. O conjunto conformava uma planta em “L”. A predominância da horizontalidade do edifício encontrava somente um contraponto: a torre vertical revestida de basalto com o já mencionado desenho de um cavalo marinho, em mármore branco ().

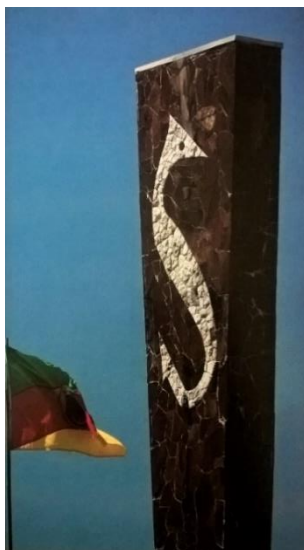


Figura 106: Torre da SABA. Fonte: BERTOLUCI, 2011, p.144

Estes mesmos materiais de tonalidades contrastantes foram utilizados na confecção dos três murais do edifício. Dois deles eram planos situados nas faces laterais do volume principal e um terceiro fazia o fechamento na face menor do volume retangular secundário, ou seja, nos fundos do edifício, na parede de frente para o Hotel Atlântida. Na extremidade oposta, no bloco dominante, a frente era bastante permeável, enquanto na fachada lateral, mais longa, predominava a opacidade.



Figura 107: Um dos murais externos da SABA, na fachada posterior.
Fonte: Bertoluci, 2011, p. 145

O acesso principal se dava pela fachada que fazia frente com o mar, através de uma subtração configurando o hall de entrada - um espaço intermediário entre o salão de bailes (à esquerda), a sala de estar com bar (à direita) e os demais ambientes (à frente). A entrada era

evidenciada por uma marquise que penetrava nessa subtração, era apoiada por quatro pilotis e composta por duas lajes dispostas escalonadamente. O salão de festas era o ambiente preponderante no bloco principal, e originalmente possuía planta retangular com pista de danças quase elíptica, piso rebaixado e um lustre evidenciando a centralidade. O palco era alinhado à pista e a porta de ingresso ao ambiente era ligeiramente desalinhada do centro. Além do hall, havia outra entrada lateral que dava acesso a área social de estar e bar, também no bloco principal, mas pela Avenida Central. Estes ambientes eram mais permeáveis e permitiam contato visual com a rua e com a praia. O espaço externo adjacente, na esquina, também era utilizado com cadeiras, mesas e espreguiçadeiras. Na sequência do bloco secundário estavam distribuídos os banheiros, a copa e cozinha, outro salão de festas menor (chamado de salão dos espelhos), salas de jogos¹³³, entre outros.



Figura 108: Beira Mar de Atlântida com os três edifícios da Avenida Central: mirante, SABA e Hotel Atlântida. Foto posterior a 1968. Fonte: RODRIGUES, 2016, p.120

¹³³ Inicialmente as salas de jogos eram exploradas por um particular, que semanalmente pagava um valor estipulado à SABA. (Ata nº 5, Assembleia Extraordinária da Sociedade dos Amigos do Balneário Atlântida, 28, fev. 1965)

A partir da década de 1990, as modificações e ampliações se seguiram desordenadamente e acabaram por deformar completamente o edifício, especialmente nas suas faces voltadas para as avenidas. Situação semelhante ocorreu no entorno urbano da SABA, que ao longo das duas últimas décadas foi gradualmente se afastando daquela imagem do balneário proposto por Ubatuba.

Em Atlântida não houve espaço para duas agremiações atuarem concomitantemente e com a consolidação da SABA ocorreu o declínio da APC. As negociações para a integração das duas sociedades se iniciaram ainda em 1965 e se estenderam até 1970, quando a APC se incorporou à SABA. A partir de então, o clube passou a contar também com uma sede campestre. Este local, a partir de 1996 alcançaria visibilidade por ocorrência do Planeta Atlântida¹³⁴ – festival anual de música promovido pela Rádio Atlântida, sempre na sede campestre da SABA.

¹³⁴ Inicialmente os organizadores do evento planejavam uma comemoração de aniversário da Rede Atlântida, durante todo o veraneio de 1996, em diversas praias do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Eles pretendiam locar sedes de clubes praianos (entre os quais, a SAPI, SABA e SAPT), para realizar as diferentes festas, tanto ao ar livre quanto em ambientes fechados. Para tanto, visitaram os clubes, e ao percorrer a sede campestre da SABA, ocorreu-lhes fazer ali um único grande festival, batizado de Planeta Atlântida. Desde então, a cada verão o evento se repete na SABA. (CORREA, Eugênio. Depoimento em Vídeo, disponível em <<http://gshow.globo.com/RBS-TV-RS/planeta-atlantida-2016/noticia/2015/11/video-idealizador-conta-como-nasceu-o-1-planeta-atlantida.html>> Acesso em 14 jul. 2016

3.4. SACC – Sociedade Amigos de Capão da Canoa

A SACC (Sociedade dos Amigos do Capão da Canoa), também teve sua gestação e nascimento nos salões de um hotel – o Balneário Rio Grandense¹³⁵. Este possuía uma tipologia recorrente em hotéis litorâneos da época: grande parte dos cômodos eram pequenos chalés de madeira enfileirados, todos com telhado de duas águas e varanda frontal. A recepção, salão de refeições e serviços era em um grande chalé, separado dos menores (Figura 109). O referido hotel, propriedade do Sr. José Jorge Mury, foi inaugurado em 1928 com o nome “Hotel Rio Grandense”¹³⁶. No mesmo ano, próximo dali, também era inaugurado o Hotel Bassani. Até a década de 1940, constituiu-se naquela área um singelo conjunto urbanístico formado majoritariamente pelos hotéis, com o “casario” dos hóspedes e alguns chalés maiores que abrigavam os salões dos hotéis¹³⁷. A primeira sede do Hotel Rio Grandense era um edifício que já se destacava no conjunto, especialmente pelas suas proporções em relação às outras construções. Era um grande sobrado de fachada frontal simétrica, com três andares. Possuía um alpendre circundando o primeiro e segundo pavimentos e um oitão vazado, onde havia um terceiro pavimento menor junto ao sótão, com balcão avarandado na fachada frontal. A cobertura em duas águas possuía contrafeito¹³⁸ nos beirais, suavizando o ângulo das bordas do telhado. Pelo aspecto do chalé, é provável que ele abrigasse alguns quartos de hóspedes, além das áreas comuns e de serviços. Esta, assim como todas as construções das proximidades, era edificada em madeira e elevada do chão. Os avarandados possuíam guarda-corpo vazado.

¹³⁵ SACC – NOSSA HISTÓRIA. Disponível em: <<http://alphapublicidade.wixsite.com/clubesacc/nossa-historia>>. Acesso em 14 fev. 2016.

¹³⁶ Rota Açoriana. Disponível em: <www.rotaacoriana.com.br>. Acesso em 18 fev. 2016

¹³⁷ Os hotéis Bassani, Bela Vista, Rio Grandense e Atlântico, entre outros, conformavam o centro de Capão da Canoa. Ver: Rota Açoriana. Disponível em: <www.rotaacoriana.com.br>. Acesso em 18 fev. 2016

¹³⁸ “Contrafeito: Nos telhados de grandes beirais com cachorros, peça de madeira que une as empenas às extremidades dos cachorros, suavizando seu caimento”. Ver: ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. São Paulo: ProEditores, v. I, 1998.



Figura 109: Hotel Rio Grandense no veraneio de 1929.
 Fonte: Rota Açoriana <www.rotaacoriana.com.br>. Acesso em 18 fev. 2016.

Os cômodos dos hóspedes eram pequenas casas (Figura 109/Figura 110) com telhado de duas águas e empena cega, com alpendre frontal em subtração ao volume, formando um único avarandado linear, um espaço de ligação, comum a todos cômodos. Nas linhas dos oitões, lambrequins rendilhavam as varandas que eram limitadas por guarda-corpos de madeira. As pequenas habitações se enfileiravam perpendiculares à sede do hotel, conformando um largo em sua frente. O conjunto podia ser visto desde a beira-mar, com a frente da edificação maior voltada para a praia.



Figura 110: Recorte de revista mostrando veranistas em um dos cômodos do hotel Rio Grandense.
 Fonte: Revista A Gaiivota, 1940, n.p.

No verão de 1934, um anúncio da revista A Gaiivota apresentava duas novas casas geminadas, com proporção e tipologia semelhantes às existentes, porém com recortes

incomuns adornando as empenas do telhado e com ornamentos dentados contornando a borda superior do alpendre.

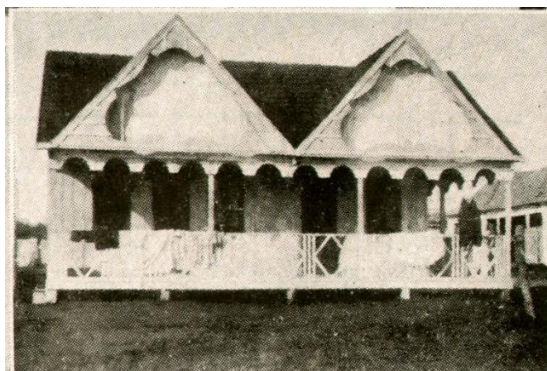


Figura 111: Chalés construídos em 1933, ampliando as acomodações do Hotel Rio Grandense.
Fonte: Revista A Gaivota, 1934, n.p.

Já no ano de 1939 a mesma revista publicou uma reportagem com o título “Um balneário Modelo”, apresentando a nova edificação sede do estabelecimento (Figura 112), com o nome de “Balneário Rio Grandense”.

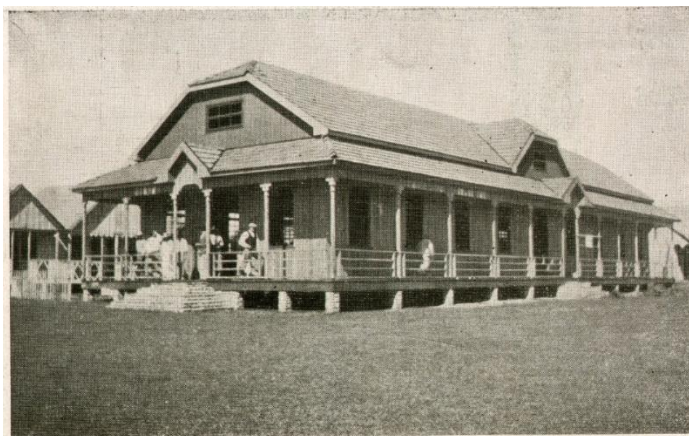


Figura 112: Novo prédio do salão de refeições do hotel Balneário Rio Grandense.
Fonte: Revista A Gaivota, 1939, n.p.

A reportagem citava o “melhoramento das estradas”, como responsável pela grande afluência de veranistas a “todos os recantos na orla do Atlântico” naquele ano; registrava a “grata surpresa” que tiveram os veranistas de Capão da Canoa, ao “encontrar um estabelecimento balnear, que muito bem poderá servir de padrão para a edificação de novos estabelecimentos”; e destacava o empreendedorismo dos responsáveis pela administração do hotel, que nesta época já estava a cargo do filho e da nora de José Jorge Mury:

[...] os proprietários do Balneário Rio Grandense, Snr. Alberto Mury e D^a Julia Mury, demoliram o antigo edifício, construindo no mesmo local um outro de grandes dimensões, dotado de todos os requisitos exigidos pelo Departamento de Saúde Pública. Além de uma cozinha de primeira ordem, construída toda de material, o Balneário Rio Grandense possui um salão de refeições, com amplas janelas em todos os lados, ficando assim bem iluminado e com uma visão ampla para o mar, possuindo um palco para horas de arte e um alto falante no salão de refeições. (UM BALNEÁRIO MODELO, Revista A Gaivota, 1939, n.p.)

Segundo SANTOS (2005), a construção do edifício foi realizada por Juca Valim. A nova sede do hotel, menos compartimentada que a anterior, possuía apenas um pavimento com o pé-direito mais alto e o telhado de quatro águas com recortes em mansardas. O avarandado possuía telhado independente e contornava todo o edifício.

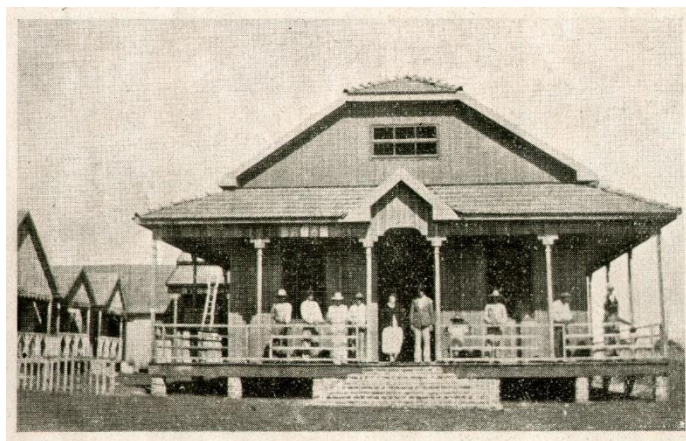


Figura 113: Vista frontal do do salão de refeições do hotel Balneário Rio Grandense.
Fonte: Recorte da revista A Gaivota, 1939, n.p.

A implantação era similar à da sede demolida. As duas fachadas mais expostas possuíam rigorosa simetria. A face mais estreita era voltada para o largo, de frente para o mar e possibilitava o contato visual com as edificações dos cômodos de hóspedes. O acesso centralizado era marcado pelos degraus em pedra grês, pela abertura no guarda-corpo da varanda em alinhamento com a porta de entrada e, principalmente, pela água-furtada no centro do beiral do telhado. Acima dela, no oitão, havia uma abertura para a ventilação e o topo do edifício era finalizado com a pequena tacaniça¹³⁹ recortando a ponta formada pelas duas águas do telhado e reforçando o eixo central da fachada. Havia ainda, duas grandes janelas nesta parede, uma em cada lado da porta.

¹³⁹ “[...] água de telhado triangular formada entre dois espigões em construções com mais de duas águas. A maioria das antigas edificações, quando isoladas no terreno, possuíam tacaniças laterais”. Ver: ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. São Paulo: ProEditores, v. I, 1998

A face alongada do edifício repetia os mesmos elementos da fachada mais estreita, inclusive a marcação do acesso que também era centralizado. Porém, em cada lado da porta, havia uma sequência de quatro janelas. Como nesta fachada a água-mestra do telhado ficava aparente, o centro dele era recortado conformando uma água-furtada (ou mansarda), repetindo a forma do oitão da face menor. Com isso a frontalidade estava presente nestas duas faces do chalé.

O discreto volume correspondente à cozinha era em alvenaria e localizava-se na extremidade posterior do edifício, perpendicular a ele, formando um “L”.

Internamente o salão era bem iluminado e arejado (Figura 114). A generosa altura do pé-direito, as fenestrações do telhado, as numerosas aberturas e as bandeiras basculantes acima das janelas e portas permitiam a ventilação cruzada e higiênica. Além do mais, o avarandado externo garantia o sombreamento e o bloqueio da luz solar direta, contribuindo para o conforto térmico e lumínico diurno. O salão, que mais tarde seria o cenário da criação da Sociedade dos Amigos de Capão da Canoa, era de múltiplo uso. Era o refeitório do hotel e também um local de shows e bailes abertos ao público.



Figura 114- Salão de refeições do Balneário Rio Grandense

Fonte: Rota Açoriana

<<http://www.rotaacoriana.com.br/>>. Acesso em 18 fev. 2016.

Ao se reconstituir os fatos pertinentes à história da SACC, é interessante registrar que revista A Gaivota (edição 1939), já mencionada, publicou uma reportagem intitulada

“Sociedade União dos Veranistas de Capão da Canôa” (sic), apresentando os dirigentes e as primeiras ações da sociedade:

Essa utilíssima Sociedade, organizada em 1938 e inaugurada em 14 de Fevereiro de 1939, acha-se presentemente constituída da seguinte Directoria: Presidente – Walter Petersen; 1º Vice-Presidente – Dr. Jonathas Pereira; 2º - Snr. Oduardo Pereira; 1º Secretário – Dr. Braga Pinheiro; 2º - H. Sudbrack; Thesoureiro – Guilherme Veras e Technico Kurt Renau.

A sociedade já mandou construir, junto a orla do mar, um posto de salvamento, o qual está apto a prestar aos banhistas todo o auxílio necessário em caso de incidente.

A Prefeitura de Ozorio forneceu um nadador e a Sociedade contratou outro [...]

Na praia, próximo ao mar, foi tambem construido um magnifico abrigo, com bancos e cobertura, num lindo estilo, estando projectado para o anno a construcção de mais um outro (sic).

O abrigo, construído pela Sociedade União dos Veranistas de Capão da Canôa, aparece também em fotografia (Figura 115), e era um pequeno pavilhão aberto, com cobertura oitavada e telhado de palha.



Figura 115: Abrigo da Sociedade União dos Veranistas de Capão da Canoa.
Fonte: Revista A Gaivota, 1939, n.p.

Dois anos depois (veraneio de 1941), a mesma revista apresentou uma fotorreportagem sobre Capão da Canoa, onde aparece a imagem de Walter Petersen, cuja legenda o refere como presidente da Sociedade Amigos de Capão da Canoa. Esta informação diverge dos registros da própria SACC, que atribui a fundação da sociedade ao ano de 1947, nas dependências do Hotel Rio-Grandense.

Antes da fundação da sociedade, considerada oficial pela própria SACC, Mury vendeu o Hotel Rio-Grandense para Ramiro Correa, personagem fundamental no desenvolvimento de Capão da Canoa.

A edição de 1943 da revista trazia relevantes notícias para o urbanismo da região: apresentava uma reportagem sobre os estudos do engenheiro Ubatuba de Faria, técnico do Departamento de Balneários Marítimos (DBM) e responsável pelos planos urbanísticos de melhoramento das praias; noticiava a formação da empresa “Territorial Capão da Canoa Ltda”, exibindo uma perspectiva vôm de pássaro desenhada por Hans Muller¹⁴⁰ baseada planta do balneário, elaborada por Ubatuba (Figura 116); e informava os endereços da empresa loteadora como pontos de venda dos terrenos do novo balneário: um escritório em Porto Alegre e outro em Capão da Canoa, este último localizado no interior do Hotel Balneário Rio Grandense.



Figura 116: Anúncio da criação da empresa loteadora de Capão da Canoa ao lado da página com fotorreportagem apresentando o Hotel Riograndense. Fonte: Revista A Gaiivota, 1943, n.p.

¹⁴⁰ Edição de da revista Revista A Gaiivota (nº 15, 1942, n.p.) propagandeava o novo balneário projetado por Ubatuba e atribuía a Hanz Muller a concepção da perspectiva. A mesma figura aparece no livro sobre a história de Capão da Canoa, porém com a autoria do desenho atribuída ao arquiteto Millander. (SANTOS, M. S. dos. Origens de Capão da Canoa, 2005, p. 85)

A página ao lado da notícia referente ao loteamento, ilustrava o Balneário Rio Grandense, o abrigo já reformado, construído pela Sociedade União dos Veranistas de Capão da Canôa ou Sociedade dos Amigos de Capão da Canoa, e alguns veranistas frequentadores do local, entre eles os antigos e atuais proprietários do hotel. Ramiro Correa tornou-se sócio de Mury na empresa Territorial Capão da Canoa Ltda e no início da década de 1940 adquiriu seu já consolidado empreendimento hoteleiro, instalando ali o escritório da nova empresa loteadora.

No dia 16 de fevereiro de 1947, no salão do referido hotel, com a presença de 105 integrantes veranistas e moradores, a Sociedade dos Amigos de Capão da Canoa (SACC) foi oficialmente fundada, tendo como seu presidente o sr. Armin Thorel.¹⁴¹ O Balneário Rio Grandense serviu de sede provisória para a agremiação, sediando encontros, bailes e concursos¹⁴², até que, a partir de 1951¹⁴³, passou a realizar seus eventos no salão de festas do edifício Aymoré – a primeira construção de alvenaria de Capão da Canoa.

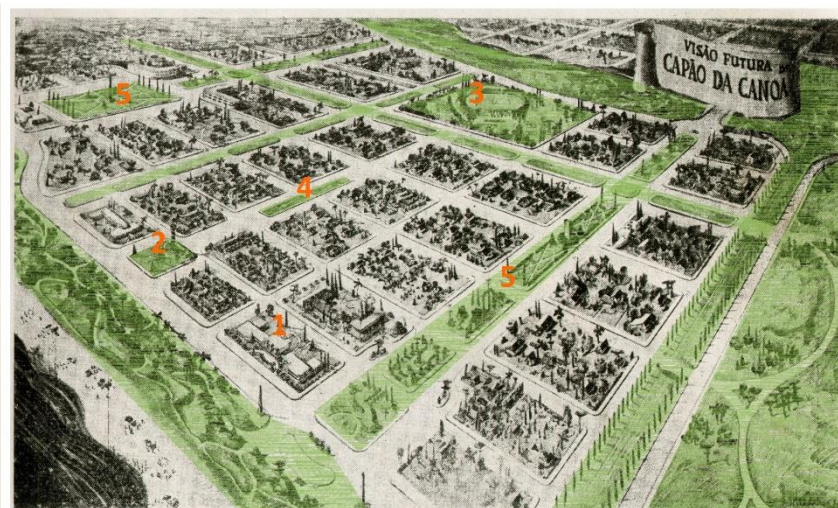
Embora o edifício não possuísse a configuração dos hotéis-cassinos, que tradicionalmente Ubatuba propunha em alguns de seus projetos de balneários¹⁴⁴, a localização à beira-mar e o amplo e misto programa de necessidades fazia dele um importante equipamento urbano, que de certa forma ancorou a urbanização de seu entorno. Numa comparação entre o plano original e o executado (Figura 117), podemos perceber poucas correspondências, dentre as quais, a localização do estádio de futebol numa área similar à que engloba o Estádio Mariscão, o Capão da Canoa Futebol Clube (CCFC) e a Sociedade dos Amigos de Capão da Canoa (SACC). Outra coincidência é, no plano original a localização de um grande edifício com aspectos de hotel-cassino, próximo de onde efetivamente foi construído o Edifício Aymoré.

¹⁴¹ Ata de fundação da SACC. 16 fev. 1947

¹⁴² Em 1º de outubro de 1949 é registrada a escolha da Rainha do Clube no salão do Hotel Rio-Grandense e em 1947, no mesmo local, o clube escolheu a Rainha e Rei Momo do carnaval. (Fonte: Rota Açoriana. Disponível em: <<http://www.rotaacoriana.com.br/>>. Acesso em: 16 mar. 2016)

¹⁴³ Um registro audiovisual datado de 1951 mostra alguns programas da SACC para aquele veraneio, dos quais, com exceção dos eventos realizados ao ar livre, todos ocorrem no salão do edifício Aymoré. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=BqZsNoQ901Q> Acesso em: 17.08.2016

¹⁴⁴ Como é o caso de Atlântida, Imbé, Pinhal e aparentemente também Capão da Canoa. No caso de Atlântida o hotel foi efetivamente construído, conforme mencionado no capítulo anterior.



- 1 - Hotel
- 2 - Praça do farol
- 3 - Estádio de Futebol
- 4 - Praça
- 5 - Praça linear no canteiro central da avenida, com área verde e equipamentos urbanos



- 1 - Edifício Aimoré
- 2 - Praça do Farol
- 3 - Estádio Mariscão, CCFC e SACC
- 4 - Praça do Mini Golfe e Igreja Matriz
- 5 - Parque Flávio Boianovski no canteiro central da avenida
- 6 - Praça Central

Figura 117: Projeto de Capão da Canoa em 1942) X Capão da Canoa em 2015.
 Fonte: MULLER, 1942; Imagem de satélite Google, 2015. Edição da autora.

O prédio mencionado foi projetado e executado pelo engenheiro Ruy Bacelar, contratado por Ramiro Correa, Salvador Orsini e Alfredo Santos, sócios da construtora Capão da Canoa Ltda. A obra edifício Aimoré (Figura 118) iniciou-se em 1948 e foram concluídas em 1950. Situava-se à beira-mar, próximo ao Balneário Rio Grandense. A construção ocorreu em duas etapas. As primeiras duas alas cuja planta em forma de “L” localizava-se na esquina nordeste do terreno, foram concluídas em 1949¹⁴⁵. As outras duas, correspondentes à esquina sudoeste foram finalizadas no ano seguinte. Além dos apartamentos residenciais, no prédio de três pavimentos foram instalados um hotel balneário, comércios, serviços de conveniência

¹⁴⁵ A finalização das cumeeiras das primeiras alas do edifício foi divulgada pela revista A Gaivota (nº 21, ano XX, 1949, n.p.) e pelo jornal Correio do Povo (23, nov. 1948, p.?). O mesmo jornal propagandeou a venda de apartamentos no edifício, divulgando os nomes de alguns proprietários, incluindo o engenheiro Luiz Arthur Ubatuba de Faria, importante personagem na urbanização do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. (p.9)

e entretenimento. Dispunha de barbearia, farmácia, restaurante, telefônica, rodoviária e boate. Ocupava todo o quarteirão, com a edificação no perímetro do terreno delimitando um grande pátio interno central. De configuração centralizada, o projeto possuía simetria tanto em planta quanto em elevação, com as quatro fachadas iguais, todas com simetria bilateral. Na época em que foi construído, pela sua configuração, dimensão e modernidade, a construção de alvenaria se destacava e modificava a paisagem pitoresca.



Figura 118: Edifício Aymoré, 1949. Fonte: Clik RBS Almanaque Gaúcho, 2014. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2014/02/20/ainda-o-capao/?topo=13,1,1,13>>. Acesso em 22 out. 2015

Dois anos depois de concluída esta obra, um outro edifício similar foi erigido na esquina vizinha das mesmas ruas. Era o edifício Xavantes (Figura 119), para o qual nitidamente o Aymoré serviu de modelo. As semelhanças de projeto, proporções e tipologia faziam com que os dois prédios formassem um par, marcando as duas esquinas da rua Pindorama desde a beira-mar, similar ao que Ubatuba propunha em algumas esquinas dos planos dos balneários do litoral norte gaúcho¹⁴⁶.

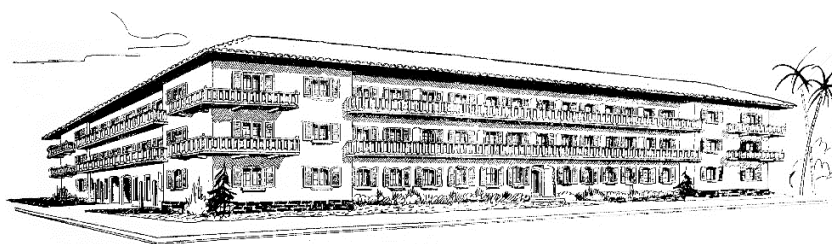


Figura 119: Edifício Xavantes na propaganda da Construtora Capão da Canoa Ltda. Fonte: Correio do Povo, 21 set. 1952, p.11

¹⁴⁶ No próprio plano de Capão da Canoa pode-se perceber esta estratégia, similar a alguns edifícios da Avenida central de Atlântida.

Ramiro Correa, o já mencionado sócio da Loteadora Capão da Canoa, em 1960¹⁴⁷ obteve da prefeitura de Osório a liberação da área destinada à praça Anhanguera para que fosse doada à dois clubes: a Sociedade dos Amigos de Capão da Canoa e o Capão da Canoa Futebol Clube (CCFC). A área (Figura 120) foi dividida entre as duas agremiações. (SANTOS, 2005).

Na perspectiva vôo de pássaro, que se refere ao projeto de Ubatuba de Faria para Capão da Canoa (Figura 117), a área destinada ao estádio está situada perpendicular à rua do farol e da praça onde hoje está a igreja Matriz. Como já mencionado, a localização coincide com a planta de Ubatuba, porém a área, além de incorporar diversas entidades, é visivelmente menor que no projeto precedente.



Figura 120: Foto aérea com vista do Estádio Mariscão e SACC. Fonte: Parcial de cartão postal Rio Grande do Sul Turístico - Capão da Canoa. Fotografia de Arthur Schuch

Coube à SACC uma porção em 'L' do perímetro do quarteirão, na esquina da rua Andira com a avenida Paraguassú.

¹⁴⁷ É provável que a liberação do terreno para a SACC tenha ocorrido antes de 1960, pois o memorial descritivo do projeto apresenta a data de 21 de outubro de 1959.

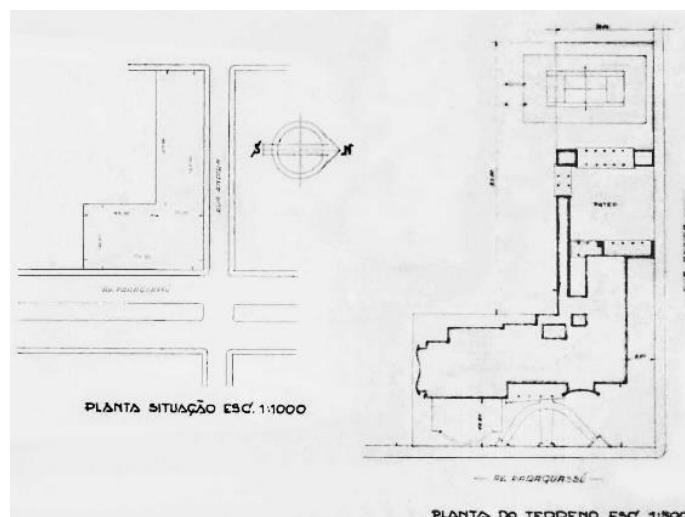


Figura 121: Planta de situação e planta do terreno da SACC, 1959.
 Fonte: Arquivo Público Municipal de Osório

Conforme Santos (2005), o arquiteto Millander¹⁴⁸ elaborou o projeto da nova sede. Esta informação não consta no projeto entregue à prefeitura de Osório em 1959. A única assinatura de responsável técnico foi a do engenheiro J. J. Granato¹⁴⁹ encontrada na última página do memorial descritivo vinculado ao jogo de plantas. Esta página também contém a assinatura do presidente da SACC em 1959 – Ernani Dietrich.

No memorial descritivo a construção é descrita como sendo de “estilo contemporâneo de diversas alturas”. O documento prevê a execução da obra em cinco etapas, começando pelo “bloco central da esquina”. Na planta baixa estão assinaladas as etapas mencionadas no memorial, e embora nem todas sejam legíveis por estarem desbotadas, é possível identificar que o referido “bloco” compreende pelo menos o salão de festas, o hall de estar e a sala de estar.

As demais informações contidas no memorial referem-se a recomendações técnicas, materiais a serem utilizados, tipos de instalações, estruturas e revestimentos. Orienta o uso do concreto armado nas fundações, com cinta de contorno abaixo de todas as paredes, nos beirais do telhado e nas lajes da cozinha, serviço e entre os dois apartamentos dos ecônomos

¹⁴⁸ No livro *Origens de Capão da Canoa* a autora Mariza Santos cita novamente o arquiteto Millander como sendo o autor da perspectiva voo de pássaro referente ao plano urbanístico de Capão da Canoa. A mesma imagem (Figura 36, na p. 57 desta dissertação), porém, foi apresentada na Revista A Gaivota, nº 15, 1942, n.p. e a concepção do desenho foi atribuída a Hanz Muller, conforme já referido no capítulo 2.

¹⁴⁹ A assinatura não está completamente legível, no entanto pode-se inferir que seja a de J.J. Granato, pois uma reportagem da época listava entre os integrantes da comissão de obras da SACC o engenheiro J.J. Granato, juntamente com Jayme Gaspar dos santos e Simão Goldmann. (SOCIEDADE AMIGOS DO CAPÃO DA CANOA. Diário de Notícias, 9, jan. 1959)

e zeladores. Indica a alvenaria de tijolos rebocada e pintada, com superfícies específicas revestidas em granito, litocerâmica ou lajotas cerâmicas. Para a cobertura o memorial descritivo recomenda telhas holandesas, estrutura de madeira de pinho e forros de chapas acústicas perfuradas. Para o piso dos salões é indicado tacos de madeira, granitina para a pista de danças do pátio do salão de festas e para as demais áreas, piso de mosaico cerâmico ou hidráulico. Nas paredes das áreas de serviço, cozinha e banheiros, o memorial recomenda o revestimento com azulejos brancos até 1,50 metros de altura. O mesmo material é recomendado no revestimento total das paredes da câmara frigorífica. Para a delimitação das laterais do pátio do salão de festas, o documento indica o uso de “vazios de cimento”.

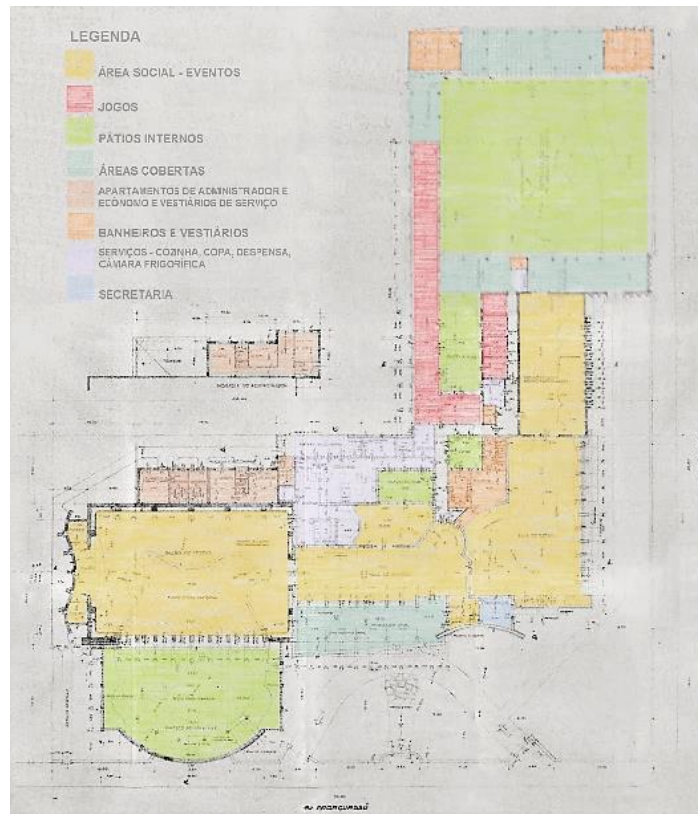


Figura 122: Esquema das áreas da sede da SACC.
Fonte: Planta baixa da Sacc, edição da autora.

A planta organiza os espaços sociais linearmente, um adjacente ao outro em forma de “L”. Estes ambientes são permeáveis para a rua e fechados para o interior do terreno, ao longo do perímetro interno do “L”, onde há uma faixa contínua com os recintos secundários ou de serviços. A disposição dos ambientes não apresenta qualquer rigor geométrico de ordenação e, especialmente no setor de serviços, se apresenta como um aglomerado de compartimentos ortogonais com tamanhos e posições pragmaticamente convenientes.

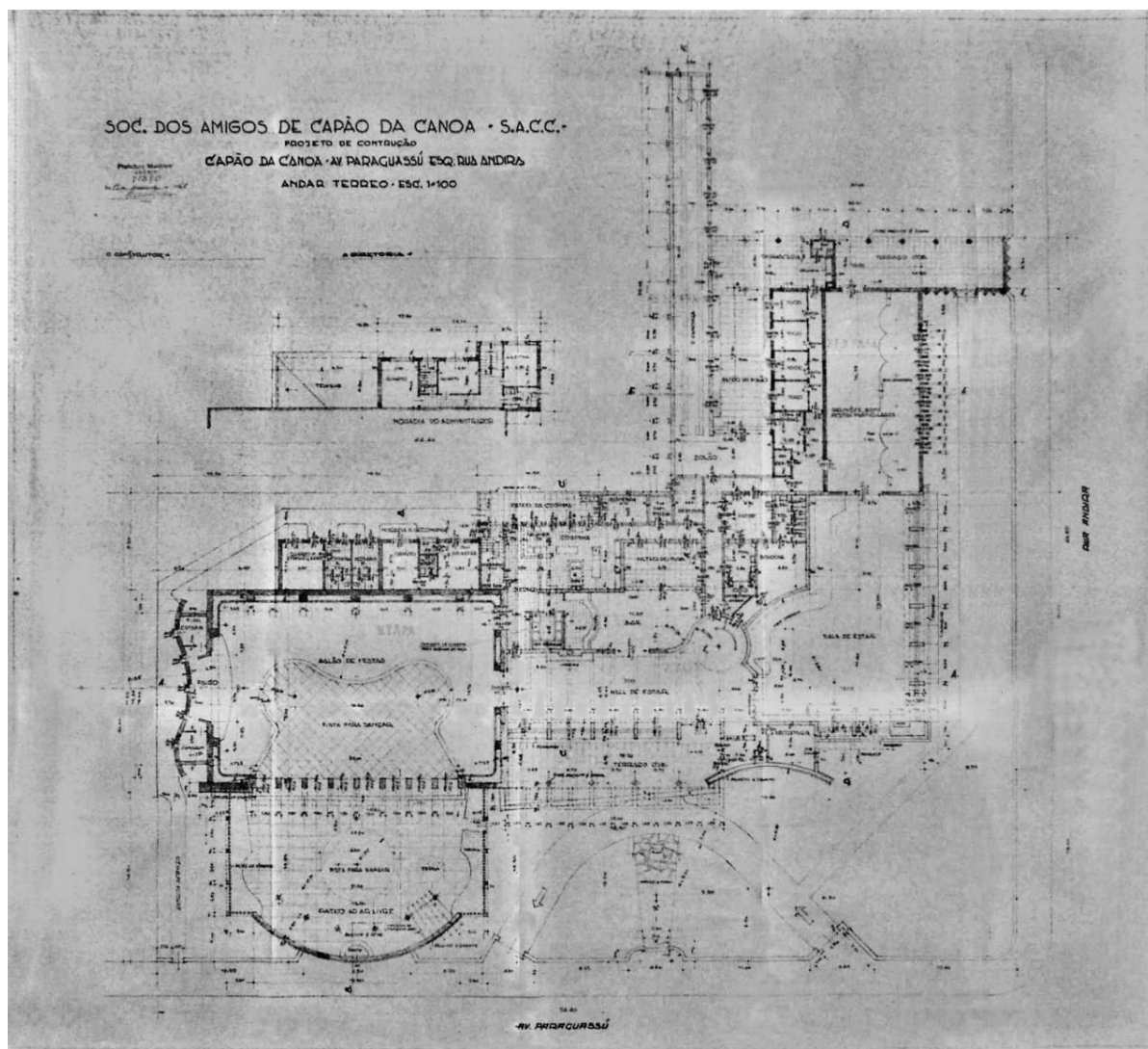


Figura 123: Planta Baixa da SACC, 1959. Fonte: Arquivo Público Municipal de Osório.

Pela fachada principal de orientação leste, voltada para a avenida Paraguassú (Figura 124), percebe-se dois volumes análogos, ambos com telhado de quatro águas, um deles, à esquerda, maior em largura e altura – correspondente ao salão de festas; outro, à direita, na esquina, com proporções menores, abrigando a sala de estar. Os dois volumes são ligados pelo ambiente do hall de estar, identificado na fachada pelo recuo que cria uma galeria com colunas e cobertura mais baixa que os dois volumes das extremidades. O pórtico estabelece o acesso ao edifício e oferece abrigo a quem chega, criando um espaço transitório entre o exterior e o interior. A parede externa do hall voltada para a galeria, possui grandes janelas com largura igual aos intercolúnios da galeria e altura determinada pela marquise e peitoril baixo (70 cm) definido pela floreira. A face externa leste da sala de estar parece ser uma continuidade da parede do hall, pois apresenta o prosseguimento da floreira e duas janelas

com as mesmas alturas das aberturas das já mencionadas. Na esquina, porém, há um trecho de parede cega mais elevado, com três refletores centralizados, posicionados horizontalmente lado a lado. Neste bloco, o telhado de quatro águas é arrematado por um beiral de arcos abatidos em todo o perímetro externo, tanto na fachada norte quanto na face leste.

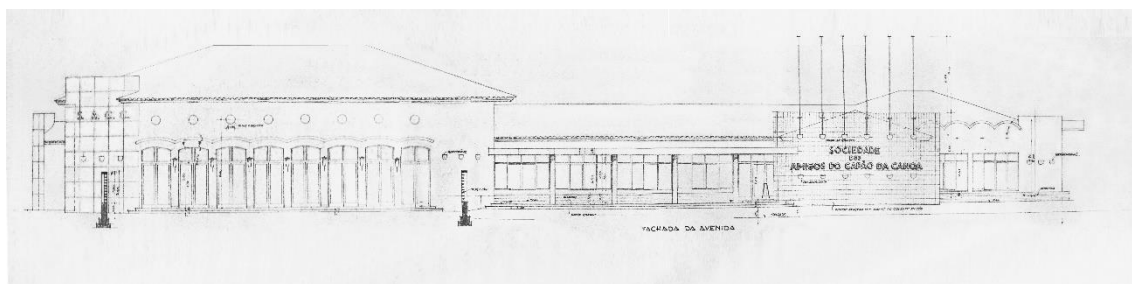


Figura 124: Fachada da avenida Paraguassú - SACC, 1959.

Fonte:- Arquivo Público Municipal de Osório.

A junção dos volumes do hall e da sala, próximo à esquina, fica oculta atrás de um plano côncavo retangular cuja largura corresponde ao dobro de sua altura. Este plano curvo é revestido com placas cerâmicas e possui a inscrição “Sociedade dos Amigos do Capão da Canoa”. Abaixo do letreiro, cinco refletores o iluminam e acima, com a mesma forma dos refletores e alinhados a eles, uma sequência de cinco suportes de granito apoia os mastros das bandeiras. As linhas verticais dos mastros se elevam para além da altura do telhado e formam, com a placa côncava, um contraponto ao volumoso bloco do salão de festas, à esquerda. Em frente ao salão, um pátio interno é definido, nas laterais, por muros de blocos de concreto vazados e na frente, por um muro convexo, que na visada externa ganha um aspecto de oposição à placa côncava com os mastros. O muro convexo possui a metade da altura do plano côncavo e não foi construído na primeira etapa. Ainda na face leste do edifício, na extrema esquerda do salão de festas, uma porção da parede é saliente e alongada, formando um painel com altura suficiente para atravessar o beiral do telhado. Neste painel está inserida a sigla “SACC” e abaixo dela, três refletores. O restante desta parede do salão apresenta uma sucessão de oito porta-janelas com bandeiras em arco abatido, intercaladas por exíguos espaços nos quais são instaladas lanternas semelhantes às que eram utilizadas na arquitetura colonial brasileira. Acima das aberturas, uma marquise em concreto armado forma uma série de abóbadas em arco abatido, paralelas às bandeiras das portas. Entre a marquise e o beiral do telhado, a representação gráfica da fachada apresenta óculos alinhados

às aberturas. Estes parecem não ter sido efetivamente inseridos na obra construída (Figura 124). A outra extremidade deste volume apresenta um trecho de parede cega e novamente, uma sequência de três refletores. É notável a profusão de formas e elementos distintos e pouco articulados na fachada principal do edifício.

Em frente à galeria de acesso ao clube, se prolongando até a esquina, há um gramado delimitado por uma mureta baixa com um acesso veicular e outro para pedestres. Na face norte, o gramado segue para desaparecer em seguida pela projeção do edifício até o alinhamento.

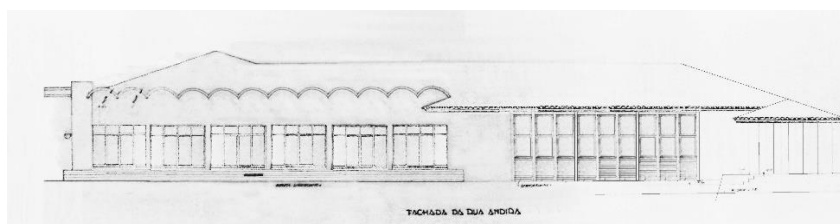


Figura 125: Fachada norte da SACC, 1959.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Osório

A elevação norte, voltada para a rua Andira, é secundária. Seu único acesso é discreto e direciona ao setor de lazer do clube. Externamente, mesmo em uma única superfície, as janelas mudam de tamanho, posição e maneira de inserção conforme os ambientes a que pertencem, demonstrando a ausência de coordenação.



Figura 126: Sacc ao fundo no desfile da festa de Santa Terezinha em 1960. Fonte: Rota Açoriana <<http://www.rotaacoriana.com.br/>>. Acesso em 18 fev. 2016.

A continuidade da elevação norte apresenta muros cegos que ocultam o “pátio de recreio”, a área de esportes e sua edificação de apoio contendo vestiários. Esta, construída somente na década de 1970, está documentada em dois diferentes projetos: um que faz parte

do conjunto projetado em 1959 (não executado) e outro entregue à prefeitura de Osório em 1971, executado posteriormente.

O vestiário edificado é da autoria do arquiteto Marco Mejia Narvaez. Frontalmente, se evidenciam o balanço das marquises laterais e as paredes estruturais que marcam a organização das áreas. As aberturas enfileiradas separam a cobertura do corpo do edifício. Afastado do telhado, o reservatório de água é sustentado em suas laterais por dois planos verticais. Na elevação lateral esta caixa d'água fica centralizada na fachada, que faz frente com a Rua Andira. Neste ângulo, o edifício configura um trapézio e reitera a expressividade da parede estrutural e da cobertura elevada, cujo caimento se inclina levemente para o centro, compondo um sutil telhado “asa de borboleta”, recurso consagrado na Escola Carioca e reprisado posteriormente na arquitetura Brutalista. Diferente do restante da sede, este projeto possui certa clareza formal e é condizente com a arquitetura de traços brutalistas, praticada no Rio Grande do Sul naquela época¹⁵⁰.

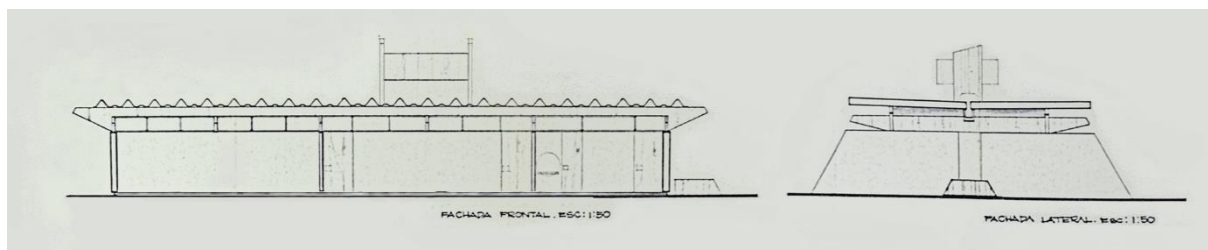


Figura 127: Fachadas dos vestiários. Projeto de Marco Mejia Narvaez, 1971.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Osório.

O conjunto da sede da SACC, no entanto, se apresenta como um catálogo pouco coordenado de episódios plásticos do repertório moderno, além de reunir aspectos do neocolonial californiano e do art déco. Ampliações posteriores modificaram a fachada do projeto original, tornando-a ainda mais confusa. O projeto original demonstra o intento frustrado de incluir uma diversidade de referências como forma de conferir impacto formal ao edifício.

¹⁵⁰ No final da década de 1950 e início dos anos 1960 os foram realizados os primeiros projetos de vertente brutalista no Estado. Ver: CALOVI PEREIRA, C. ; ALVAREZ, C. . **Dois igrejas gaúchas em tempos de brutalismo**. In: X Seminário Docomomo Brasil, Curitiba, 2013.

3.5. SAPC – Sociedade Amigos da Praia de Curumim

O balneário de Curumim também ganhou um clube: a Sociedade Amigos da Praia de Curumim (SAPC). O material descritivo e iconográfico incompleto referente ao projeto deste clube foi encontrado no Arquivo Municipal de Osório, cidade a qual pertencia o referido balneário. O conjunto consta de três pranchas com planta de situação, cobertura, três fachadas, dois cortes, uma perspectiva geral e um breve memorial descritivo. A construção realizada, no entanto, é muito diferente do que propunha o projeto, embora a implantação se assemelhe.

A sociedade, que em 1957 era presidida por Achyles Herhardt, encaminhou à prefeitura de Osório em agosto daquele ano, o projeto de sua sede assinado pelo construtor Theodoro Guilherme Zabka, licenciado pelo CREA sob registro 9.820, e pelo projetista Enio Erni Köche. A aprovação do projeto e autorização para início das obras só ocorreu dois anos depois, em 9 de junho de 1959.

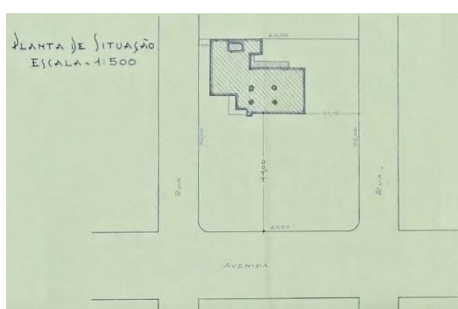


Figura 128: Planta de situação – SAPC, 1957.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Osório.

O programa de necessidades a que o projeto atende consta de hall, portaria, secretaria, gabinetes, pátios internos, sala de jogos, salão de bailes, toaletes, sanitários, churrasqueira, copa/bar, cozinha, depósito e quarto. O terreno é a extremidade de um quarteirão entre as ruas H e Charruas, de frente para a Avenida Aimoré. O edifício foi implantado na divisa oposta à avenida para que a frente do lote se destinasse às quadras de esportes e ajardinamento. Tal estratégia propicia a quem passe pela rua, amplas visuais do edifício.



Figura 129: Planta de cobertura da SAPC, 1957.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Osório.

A volumetria hierarquicamente principal se define por um prisma irregular, com maior extensão de frente para a avenida Aimoré, ao norte, em cuja extremidade esquerda posterior se posiciona outro prisma, perpendicular ao primeiro, ao longo da rua Charruas. Aditivamente, a esquina é marcada por uma torre e pela marquise que une os dois prismas principais, abriga o visitante e evidencia os acessos. A face oposta à avenida faz divisa com lotes residenciais e nesta divisa um volume menor aditivo se conecta ao corpo principal. Dois pátios internos configuram subtrações no conjunto, enfatizando ainda mais a fragmentação da composição. A fachada da rua H, a oeste, é mais reservada, reforçando a frontalidade nordeste do projeto.

O volume do salão de bailes apresenta face frontal inclinada, mesma solução que Hilgert e Luís Fernando Corona utilizaram respectivamente na SAT (Tramandaí, 1957) e SAPI (Imbé, 1951), influenciados pelo modernismo carioca, como já mencionado. Nesta mesma face, as janelas lado a lado formam uma fita horizontal, cortada em três partes iguais por apoios verticais, também inclinados, salientes do chão até o beiral. O telhado conforma um ângulo de 90° em relação à esta face inclinada do edifício. Abaixo das janelas, a parede é revestida de tijoletas cerâmicas, conformando uma faixa que configura uma base, que segue ao longo de todo o edifício. Este revestimento se repete na torre, que em sua face norte apresenta verticalmente a inscrição do nome da sociedade e na face leste, próximo ao topo, é ornamentada com o desenho de um busto de um índio, em referência ao nome do balneário¹⁵¹.

¹⁵¹ Em 1950 o nome da área, que antes era chamada de Alagoas, foi substituído por Curumim em referência ao povo indígena que possivelmente habitou a região e em memória a uma lenda que conta que um pequeno índio (Curumim) sempre aparecia naquelas redondezas em um determinado horário. (ESPINDOLA, FLORENTINO e BARROSO, 2004, p. 460)

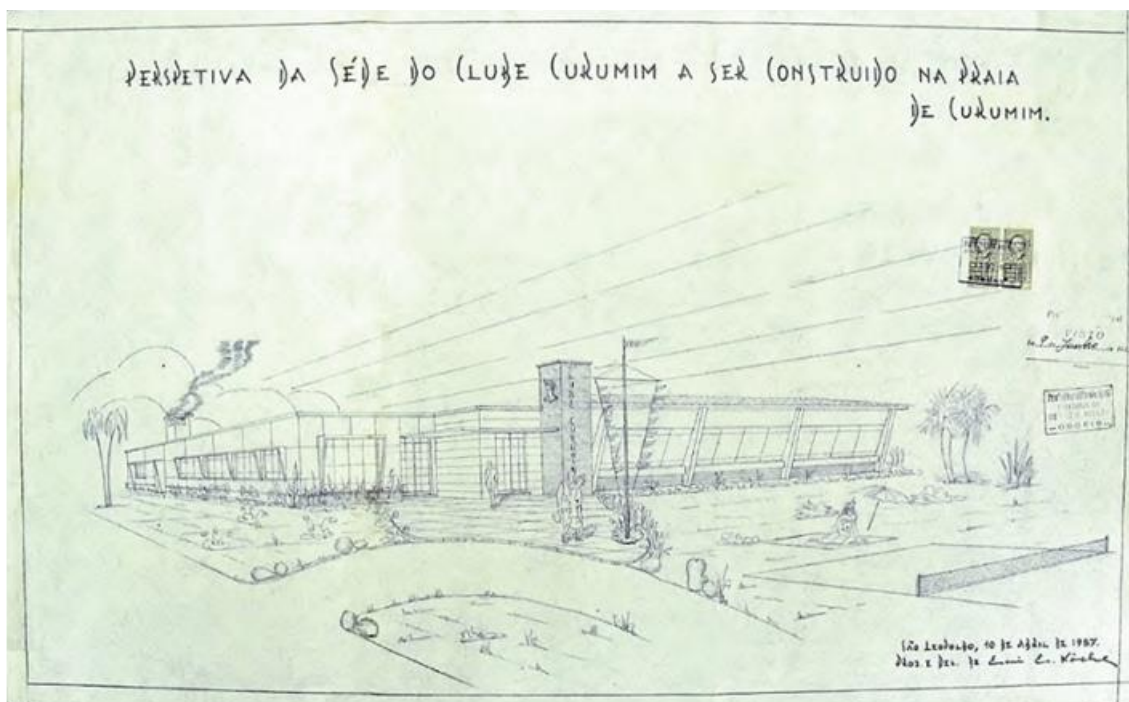


Figura 130: Perspectiva da SAPC, 1957.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Osório.

Há três acessos ao edifício, sendo dois deles muito similares: um leva ao salão de bailes, outro dá ingresso aos gabinetes e sala de jogos. Uma terceira entrada, menor, localizada mais ao fundo, na lateral leste, é a entrada de serviços. Há uma variedade de modelos diferentes de esquadrias, embora o memorial descritivo especifique que todas sejam confeccionadas em madeira. À esquerda da torre, as portas de acesso à sede possuem uma bandeira fixa - uma faixa de vitrais quadrados - e cada porta se abre em duas folhas divididas em caixilhos horizontais. O feitiço dos caixilhos das portas se repete nas fenestrações próximas à esquina principal. São quatro janelas dispostas lado a lado contornadas por uma moldura que as unifica. No peitoril, este contorno é pouco proeminente, porém nas laterais da janela a moldura é inclinada aumentando gradualmente sua saliência em direção ao topo da abertura, formando uma aba de proteção contra intempéries. A fachada leste possui quatro janelas e cada uma é contornada por moldura inclinada similar à descrita acima, porém nos intervalos entre uma abertura e outra as molduras se interligam pela linha do peitoril, abaixo das janelas e pela continuidade da aba acima delas. Ainda nesta fachada, à esquerda das janelas, próximo à extremidade posterior do edifício, a moldura inclinada se repete, desta vez desde o chão, contornando a porta de serviços e uma janela, ambas mais estreitas em relação às outras esquadrias.

Embora o estilo nos desenhos seja identificado com o moderno, o sistema construtivo especificado no projeto é bastante usual. Os alicerces em pedra grês suportam a alvenaria de tijolos e esta é reforçada por vigas em concreto armado nos perímetros das áreas maiores. Telhados são estruturados com tesouras de madeira com a cobertura de telhas de fibrocimento. Acima do salão de bailes, tirantes em ferro reforçam a estrutura do telhado. A fachada leste e parte da fachada frontal são dotadas de platibanda para esconder a cobertura. No bloco do salão de bailes, porém, as telhas ficam aparentes, e a silhueta do telhado de duas águas se evidencia na fachada oeste.



Figura 131: Fachada norte, em frente ao grande recuo da avenida Aimoré.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Osório

A presença de uma chaminé no desenho alusivo à fachada leste sugere a localização da churrasqueira mencionada no memorial descritivo.

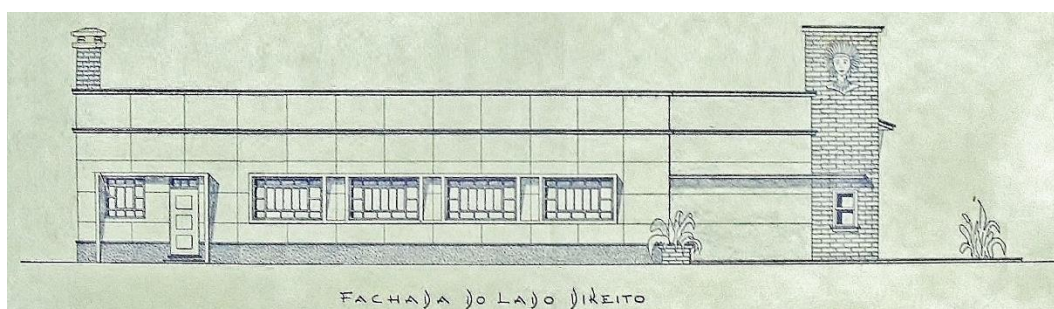


Figura 132: Fachada leste da SAPC.
Fonte: Arquivo Público Municipal de Osório

A incoerência entre o projeto aqui apresentado e o edifício efetivamente construído, pode ser esclarecida por um incidente ocorrido em agosto de 1962. O prédio da Sociedade Amigos de Curumim, ainda em obras, estava em vias de ser concluído quando foi completamente destruído por um tufão que atingiu o litoral gaúcho. Em 1964 jornal Diário de Notícias registrou a situação do clube:

Quem visitar a Praia de Curumim irá deparar-se com um quadro deveras entristecedor. Um prédio de modernas linhas arquitetônicas, em fase de acabamento, está destruído e em completo abandono.

Ali, com bastante entusiasmo chegou a funcionar a Sociedade dos Amigos da Praia de Curumim, mas que devido a um tufão que assolou as praias gaúchas, em agosto de 1962, em apenas 5 minutos, pôs águas abaixo os grandes e movimentados planos da diretoria e associados da novel entidade. (DIÁRIO DE NOÍCIAS, 1964, p. 4)

A mesma reportagem trazia também a notícia de que os dirigentes do clube anunciavam a venda de terrenos à beira-mar de Curumim e o lucro desta iniciativa seria destinado à reconstrução da sede da SAPC. O jornal citado publicaria posteriormente, notícias sobre a evolução da reconstrução do edifício.



Figura 133: Atual edifício da Sociedade Amigos de Curumim.
Fonte: Autora

É provável que a primeira sede, que não chegou a ser inaugurada, tenha sido construída de acordo com o projeto, conforme exigia o parecer de aprovação dos planos, emitido pela prefeitura de Osório em 1959¹⁵². Porém, provavelmente a imprevista destruição do edifício ainda em obras e a demora até a retomada dos trabalhos de reconstrução após o desabamento, tenham motivado modificações substanciais no edifício que foi efetivamente concluído. Desse modo, restaram os desenhos do projeto original como testemunho do alinhamento estilístico dessas sociedades com a modernidade arquitetônica dos anos 50. Nesse caso, são privilegiados aspectos do Art Déco (marcação de linhas horizontais, molduras em projeção nas aberturas, volumes verticalizados articulando alas distintas) com algumas sugestões de analogia à Escola Carioca (planos de fachada porticados e inclinados, telhados aparentes).

¹⁵² No processo de aprovação os planos foram aceitos com algumas condições, entre elas, “seguir rigorosamente as indicações do memorial descritivo” e do projeto “nos mínimos detalhes” e que não fossem feitas alterações sem o prévio conhecimento daquela diretoria. (PIOVESANO, 1959, p. 2)

3.6. SAAS – Sociedade dos Amigos de Arroio do Sal

Esta sociedade foi criada por veranistas em 09 de fevereiro de 1948, quando o balneário de Arroio do Sal ainda pertencia à cidade de Torres. Teve como seu primeiro presidente o sr. Joaquim Pedro Ferreira Leandro. Segundo Vianna¹⁵³, a motivação primordial para se criar a sociedade foi a intenção de unir esforços para reivindicar a instalação de um gerador de energia elétrica para o balneário. Era preciso que a comunidade balneária se organizasse para exigir a atenção da municipalidade. Havia também o intuito de dotar Arroio do Sal de melhores estruturas para lazer e entretenimento. As primeiras reuniões da SAAS aconteciam na casa de veranistas como o esportista José Weimer Vianna¹⁵⁴, um dos entusiastas da agremiação. Antes da construção da sede social, o clube ganhou uma quadra de voleibol com arquibancadas para duas mil pessoas¹⁵⁵, doada pela empresa loteadora Malinski & Filhos, cujo proprietário era sogro de Vianna. Este foi o local que sediou campeonatos esportivos durante vários veraneios, sempre com o empenho do esportista. Apesar de não possuir valor arquitetônico, o espaço foi um importante equipamento urbano que reunia não só os moradores e veranistas do balneário Arroio do Sal, como também, times e torcedores de todos os clubes do litoral gaúcho, sobretudo no tradicional “Campeonato de Voleibol do Atlântico Sul”, que por vários veraneios ocorreu anualmente, desde 1955. Posteriormente, o local foi batizado de Estádio Eugênio Malinski. Ao lado do estádio, a praça Eugênio Malinski também era um espaço de convivência dos veranistas.

Em frente à praça, mais tarde, foi construída a sede da SAAS. Algumas reportagens de jornais locais classificaram o novo edifício como um ginásio¹⁵⁶, talvez por influência da vocação desportista do clube. Tanto a praça quanto o edifício do clube existem até hoje. A quadra de esportes pertencente ao estádio também persiste, porém precária e sem as arquibancadas. Todo o conjunto sofreu várias modificações ao longo do tempo. Neste estudo, manteremos o foco na sede social da SAAS, considerando seus aspectos arquitetônicos e a

¹⁵³ Informação oral de Célia Vianna, entrevistada por Thiago Chiesa em 6, ago. 2015

¹⁵⁴ A arq. Suzy Brücker recorda que J.W. Vianna possuía em Porto Alegre uma loja especializada em equipamentos esportivos, medalhas e troféus. Informação oral em entrevista concedida a autora. 20, nov. 2015.

¹⁵⁵ ENGALANADA A PRAIA DO ARROIO DO SAL. *Jornal do dia*, fev. 1953, n.p.

¹⁵⁶ DIA 16 A INAUGURAÇÃO DO GINASIO EM ARROIO DO SAL: GRANDE FESTA. *Diário de Notícias*, 9 jan. 1960, p.2; SÁBADO INAUGURAÇÃO DO GINÁSIO: ARROIO DO SAL. *Jornal do dia*, *Diário de Notícias*, 14 jan. 1960, p.23

relevância da autoria de seu projeto, assinado pelo arquiteto Carlos Maximiliano Fayet, que contou com a colaboração de sua esposa Suzy Brücker Fayet.



Figura 134: Praça pública e SAAS ao fundo.
Fonte: Tiago Dalla Chiesa

O casal responsável pelo projeto, naquela época costumava veranejar em Arroio do Sal. O convite para o encargo ocorreu em 1958¹⁵⁷ por intermédio de José Knijnick, integrante do departamento jurídico da Sociedade dos Amigos do Arroio do Sal¹⁵⁸.

Fayet, com cinco anos de exercício profissional, trabalhava como arquiteto e urbanista da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e iniciava a carreira docente na UFRGS. Paralelamente, mantinha um escritório de arquitetura em parceria com Luís Fernando Corona e com a esposa Suzy Fayet até 1959, quando Corona se desvincula do escritório. A partir daí a parceria segue apenas com Suzy. Carlos Maximiliano Fayet já havia vencido importantes concursos de arquitetura como o Plano Piloto do Delta do Jacuí em 1957 e o concurso para o Palácio da Justiça de 1952 em equipe com Luís Fernando Corona¹⁵⁹. Suzy completaria a graduação ainda em 1958¹⁶⁰. O projeto da SAAS foi um de seus primeiros trabalhos.

¹⁵⁷ Diário de Notícias, 14 jan. 1960. p.23

¹⁵⁸ Informação confirmada em entrevista com Suzy Brücker Fayet, quando apresentada à fotografia da placa em homenagem às pessoas que se empenharam para a construção da sede da Sociedade dos Amigos do Arroio do Sal. Ao ler o nome do sr. José Knijnick, Suzy recordou o convite para a elaboração do projeto da sede. (20, nov. 2015).

¹⁵⁹ No início do capítulo I de sua tese de doutorado, Marques descreve a trajetória do arquiteto Carlos Maximiliano Fayet, ressaltando as parcerias profissionais com Corona, Suzy e outros, expõe e analisa os projetos mais relevantes do arquiteto e percorre a carreira de Fayet ressaltando a diversidade de atuação profissional e seu preponderante papel de liderança em atividades de classe. Ver: MARQUES, 2012, p. 68-130.

¹⁶⁰ ROVATTI, PADÃO, 2002, p. 125

Embora o selo do projeto contenha somente o nome e assinatura de Carlos Maximiliano Fayet, a placa homenageando os arquitetos (Figura 135), as reportagens de periódicos da época¹⁶¹ e o depoimento de Suzy Brücker Fayet confirmam a participação do casal na elaboração do projeto. Na ocasião da entrevista, a arquiteta, apesar não recordar os fatos com clareza, reconhece com orgulho seu próprio traço nos desenhos originais da sede social da SAAS¹⁶². De fato, a solução da planta com cuidadoso layout interno e o zelo na representação gráfica dos diferentes materiais nas fachadas e cortes, coincide com o modo com que Suzy Brücker Fayet solucionou outros projetos em parceria com seu esposo¹⁶³.



Figura 135: Placa localizada na sede da SAAS homenageando aos que auxiliaram no planejamento e construção da sede do clube. Fonte: Tiago Dalla Chiesa

Os ambientes para atender programas de entretenimento, apresentados no projeto do clube eram: salão de bailes, boate, bar e sala de jogos. A demanda de espaços de serviços é atendida com uma cozinha e copa, depósito, dormitório e banheiro para zelador, além de um recinto para uma “usina”. O setor administrativo da sede inclui uma sala para direção e um pequeno compartimento para a tesouraria.

A implantação prevista para a sede da Sociedade dos Amigos de Arroio do Sal era em um terreno de esquina, limitado à nordeste pela rua Porto Alegre e a sudeste pela rua

¹⁶¹ DIA 16 A INAUGURAÇÃO DO GINASIO EM ARROIO DO SAL: GRANDE FESTA. *Diário de Notícias*, 9 jan. 1960, p.2; SÁBADO INAUGURAÇÃO DO GINÁSIO: ARROIO DO SAL. *Jornal do dia, Diário de Notícias*, 14 jan. 1960, p.23

¹⁶² Informação oral em entrevista concedida a autora. 20, nov. 2015.

¹⁶³ Além do Centro Evangélico (1959-1969), o casal de arquitetos projetou aproximadamente vinte residências particulares entre 1960 e 1981. Sobre esta produção Marques afirma: “As casas projetadas por ambos mantêm, de certa maneira, uma unidade em termos de critérios de projeto: atenção pormenorizada ao programa e ao bom funcionamento, com densidade de equipamentos e funções incorporadas à própria construção”. Ver: MARQUES, S. M. **Fayet, Araújo e Moojen. Arquitetura moderna brasileira no sul – 1950/1970**. Porto Alegre: Tese de doutorado no Programa de Pós Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

Uruguaiana. Na esquina em frente à área, havia a praça Eugênio Malinski (Figura 134), mencionada anteriormente. As divisas lateral e posterior são lindeiras a terrenos privados. Levando em conta que a extensão maior do lote fazia frente com a rua Uruguaiana e com a praça, os arquitetos definiram a frontalidade do edifício na orientação sudeste a fim de potencializar as relações do clube com o contexto urbano. O prédio foi implantado sem recuos nas orientações norte e leste, configurando a volumetria dos alinhamentos.

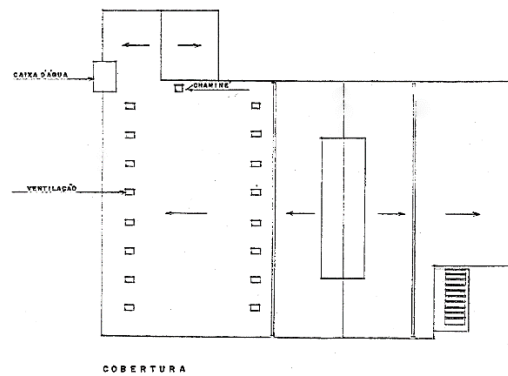


Figura 136: Planta de cobertura da SAAS. Fonte: MARQUES, Sergio Moacir (Org.). Acervo Fayet, Araújo & Moojen. Porto Alegre: Núcleo de Projetos. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UniRitter, 2006

O edifício é composto por um único grande volume, fortemente caracterizado pela simplicidade do telhado de duas águas, que o familiariza, por um lado, com a estética arquitetônica colonial brasileira, e por outro, com os chalés de veraneio recorrentes em todos os balneários do litoral norte gaúcho. Marques (2012, p. 151-2), afirma que o projeto da SAAS possui “partido condicionado à ideia de “casa” de veraneio grande, portanto mais vernacular, sem elementos de abstração”. O uso de materiais como tijolo, madeira e pedra rústica, reforçam o caráter singelo do edifício (Figura 137).



Figura 137: Projeto parcialmente construído e inaugurado em 1960. Fonte: Tiago Dalla Chiesa

Distanciando-se da estética moderna empreendida na maioria de seus projetos, na SAAS Fayet e Suzy primaram pela austeridade e economia alinhadas com a contextualização local, sem pretensões de realizar algo monumental ou extraordinário. A defesa de qualificar a arquitetura ordinária com a qual convivemos dia após dia vai ao encontro da afirmação de Carlos Maximiliano Fayet (1978):

Quando se conversa sobre arquitetura, a gente sempre se lembra das obras de exceção, que obrigam a procurar o endereço e sair de carro para achar. Acho que o que interessa, de arquitetura brasileira, é aquilo que a gente vê. Não aquilo que a gente tem que procurar para enxergar¹⁶⁴.

A planta baixa do projeto (Figura 138) demonstra uma ordenação estrutural no sentido transversal à frente do edifício.

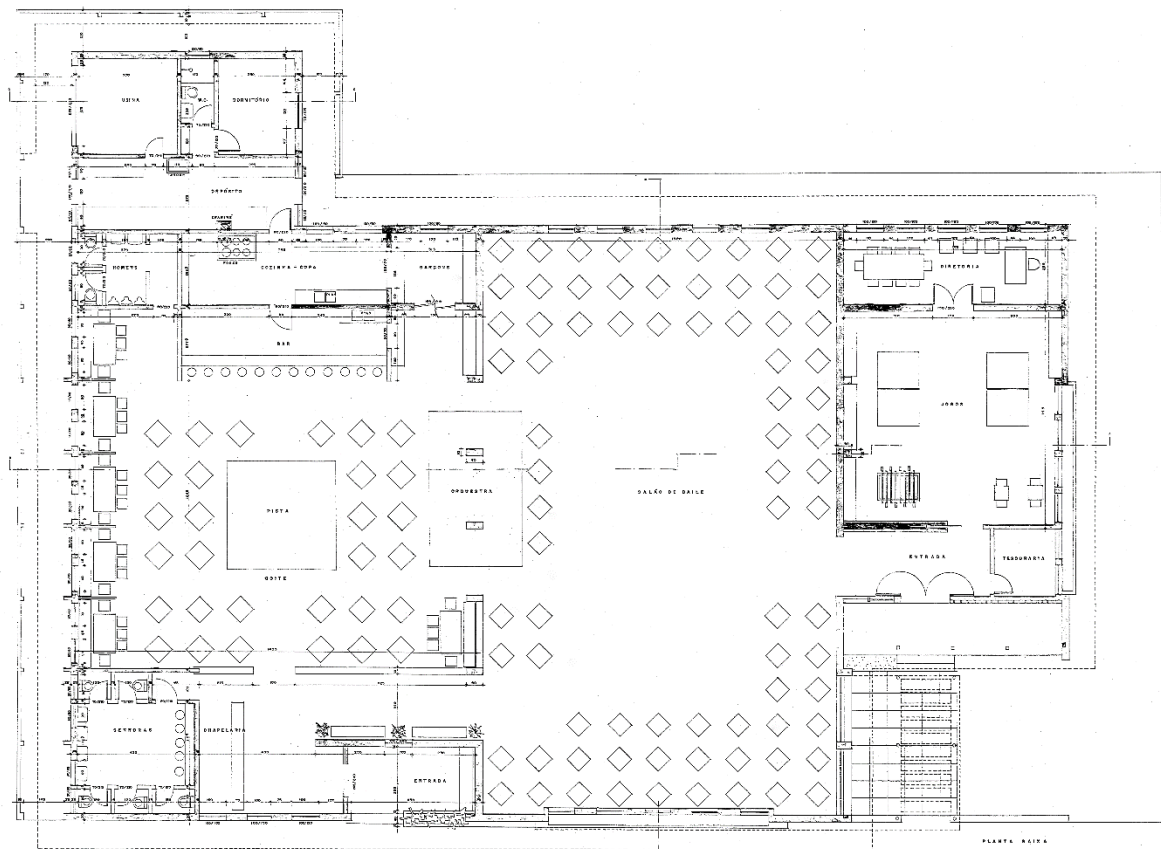


Figura 138: Planta baixa da sede da SAAS, 1958. Fonte: MARQUES, Sergio Moacir (Org.). Acervo Fayet, Araújo & Moojen. Porto Alegre: Núcleo de Projetos. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UniRitter, 2006

¹⁶⁴ Disponível em <<http://www.docomomo.org.br/porta-retratos/portaretratos%20Fayet.htm>>, acesso em 30 ago. 2016, originalmente publicado em *Arquitetura Brasileira após Brasília/Depoimentos*. Rio de Janeiro: IAB/RJ, 1978.

A parte mais alta está no centro e corresponde ao salão maior, com cobertura suportada por grandes tesouras de madeira. O segundo salão tem cobertura apoiada em longas vigas de madeira, enquanto a área com sala de jogos e diretoria apresenta uma tesoura de madeira menor. O ritmo estrutural determinou o arranjo dos ambientes na direção transversal, porém a experiência espacial ocorre no sentido longitudinal, a partir dos dois acessos nos vãos extremos. A marcação do eixo principal permanece deslocada do centro do conjunto, gerando uma fachada frontal assimétrica.

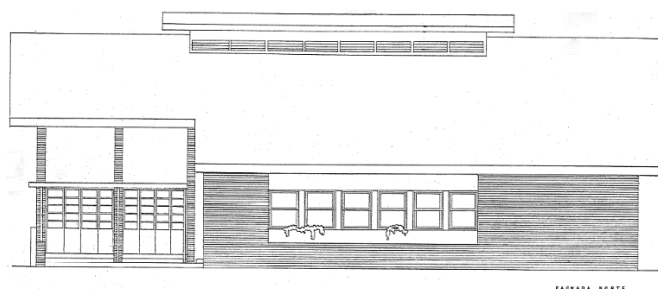


Figura 139: Fachada norte da SAAS. Fonte: MARQUES, Sergio Moacir (Org.). Acervo Fayet, Araújo & Moojen. Porto Alegre: Núcleo de Projetos. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UniRitter, 2006

Na elevação norte, uma sequência de seis janelas, correspondentes à tesouraria e sala de jogos, posicionadas lado a lado, estabelecem contato visual com a calçada adjacente. Abaixo delas há uma floreira saliente que, diferente da fachada frontal, é elevada do solo e possui uma base recuada em relação às outras paredes, causando a impressão de que está flutuando. Tanto a floreira no peitoril das janelas, quanto a banda acima delas, possuem reboco pintado em tom claro, criando uma faixa vertical que contrasta com a cor dos tijolos – material predominante no exterior do edifício. Na elevação leste, a frente do edifício também possui marcação de faixas verticais mais claras nos acessos e no volume central. As faces posteriores (sul e oeste) não estão presentes dos desenhos de Fayet e Suzy.

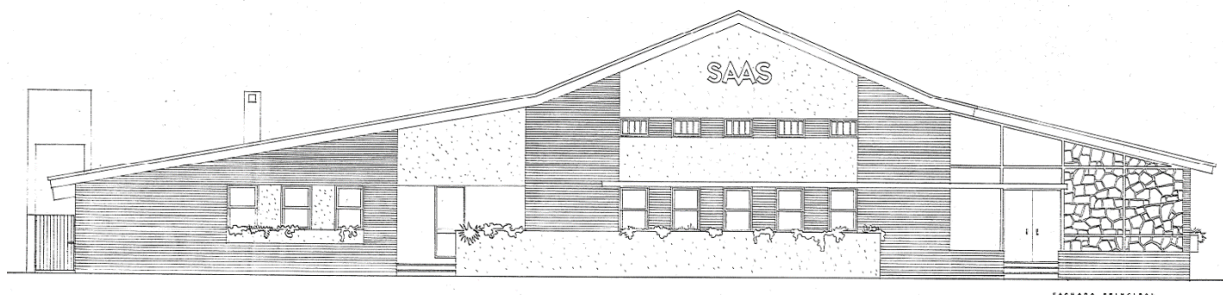


Figura 140: Elevação leste – fachada frontal do clube. Fonte: MARQUES, Sergio Moacir (Org.). Acervo Fayet, Araújo & Moojen. Porto Alegre: Núcleo de Projetos. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UniRitter, 2006

Os dois acessos ao clube são marcados por subtrações no volume. Na esquina, mesmo com a supressão do canto, se mantém uma demarcação do contorno do edifício com a aplicação de um plano que conforma uma mureta. Na face frontal, a faixa de janelas de peitoril mais baixo possui, acima, uma aba de proteção que segue em direção à esquina e, com uma inflexão, contorna a parede perpendicular, se estendendo como uma marquise, protegendo as janelas também desta parede e gerando um plano elevado de marcação da entrada social do edifício. O direcionamento da entrada é enfatizado por rasgos na marquise, que formam um pergolado alinhado à porta de entrada.

De volta à fachada frontal, abaixo da mesma faixa de janelas já mencionada, uma floreira ocupa toda a altura do peitoril desde o chão. Em contraponto à marquise, a floreira se estende na direção oposta à da esquina e avança na varanda do outro acesso social. Este é definido por uma cavidade no volume. O espaço recuado propicia abrigo ao visitante e, assim como no acesso da esquina, estabelece a transição entre o espaço externo público e o interno privado.

A legibilidade da hierarquia na visada externa do edifício se confirma internamente pela proporção ampla do salão de bailes, principal espaço do clube. Este ambiente pode ser acessado tanto à direita pela entrada da esquina, quanto pela esquerda. Acessando a entrada da esquina, passa-se por um pequeno hall, que antecede o salão ou direciona à tesouraria e sala de jogos conectada à diretoria. Ingressando pela esquerda, o acesso é em recuo e também possui um hall. Este é dotado de uma chapelaria e oferece acesso a outros ambientes, além do grande salão, ligado ao hall por uma passagem à direita. O acesso à boate acontece de maneira mais direta, pois ela se localiza adjacente ao hall. Este local também dá acesso ao banheiro feminino.

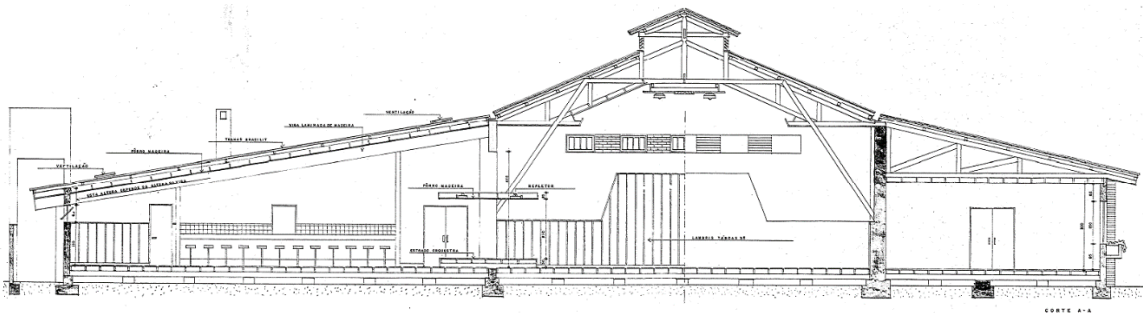


Figura 141: Seção do edifício, exibindo os ambientes da boate, do salão e da sala de jogos.
Fonte: MARQUES, Sergio Moacir (Org.). Acervo Fayet, Araújo & Moojen. Porto Alegre: Núcleo de Projetos. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UniRitter, 2006

O grande salão possui planta retangular e características singulares na cobertura. As duas águas e os elementos estruturais do telhado, ficam ora aparentes, ora ocultos. Na cumeeira, um lanternim com brises de madeira complementa a ventilação do salão, contribuindo com o conforto térmico do recinto. Porém, este recurso só fica aparente pelo lado de fora do edifício. Internamente, um plano superior horizontal linear foi instalado na estrutura do telhado abaixo do lanternim, alinhado a ele e centralizado longitudinalmente no salão. Neste plano estão instaladas luminárias e placas perfuradas que permitem que o ar quente do salão seja expelido pelas aberturas do lanternim. Nas duas laterais do salão, onde as tesouras do telhado se apoiam nas vigas de concreto, há novamente dois planos superiores horizontais que aparentam como que prateleiras lineares, configurando espaços com pé direito mais baixo em relação ao centro, mas ainda assim, de altura generosa se comparados aos outros ambientes do edifício. Estas prateleiras são atravessadas pelas mãos francesas de madeira, que formam uma sequência de elementos lineares inclinados, revelando parcialmente a estrutura das tesouras e enfatizando o ritmo estrutural de ordenação transversal do clube. A madeira é utilizada profusamente no interior da SAAS. No salão de jogos, diretoria e tesouraria, há um rebaixo do telhado e o madeiramento estrutural da cobertura fica escondido pelo forro de madeira. No salão de bailes esse material aparece nos forros da cobertura, nos lambris das paredes e no piso, que se mantém no mesmo nível em toda a área social, com exceção do palco. Posicionado entre o salão de bailes e a boate, o palco ou “orquestra”, conforme indicado no projeto, é demarcado por uma elevação do piso e um rebaixamento do forro – mais um plano horizontal superior, desta vez retangular – definindo o pé direito baixo do palco. Não há paredes fechando o palco em nenhum dos lados. Apenas duas colunas estabelecem a divisa entre os espaços sem criar qualquer barreira visual. O palco, espaço que intersecciona os dois ambientes, é, de certa forma, barreira física, mas em suas laterais há passagens que conectam boate e salão. É possível, portanto, utilizá-los conjuntamente em grandes eventos, porém jamais podem ser totalmente integrados, pois espacialmente são muito diferentes.

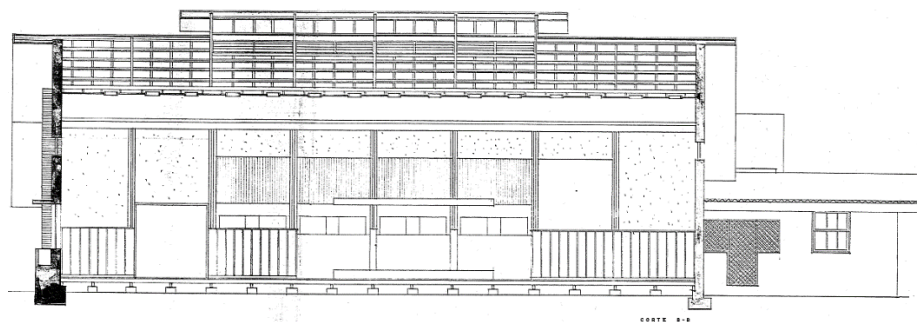


Figura 142: Seção longitudinal, com a vista do palco da orquestra. Fonte: MARQUES, Sergio Moacir (Org.). Acervo Fayet, Araújo & Moojen. Porto Alegre: Núcleo de Projetos. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UniRitter, 2006

A planta da boate é quase quadrada e possui uma pequena pista de danças, também quadrada, que produz uma certa centralidade, porém, novamente, sem rigor geométrico. No entorno da pista estão dispostas as mesas dos convidados, semelhante ao que acontece no salão de bailes, onde o espaço central permanece liberado. Evidentemente, essa disposição pode ser mudada de acordo com o uso. Na boate, além das mesas no perímetro da pista, há também, junto à parede sul, uma linha de mesas maiores, dispostas segundo o espaçamento estrutural, separadas por planos verticais de meia altura, o que propicia que cada conjunto de mesa e cadeiras fique independente do outro, criando recintos mais intimistas. Enfatizando o aspecto mais privado deste espaço, a inclinação do forro permite que o pé direito seja mais baixo nesta linha de mesas, e mais alto na divisa dos dois ambientes, mantendo o protagonismo do palco e do salão de bailes.

Os banheiros masculino e feminino estão posicionados em lados opostos, da parede sul. O feminino fica próximo à chapelaria; o masculino, próximo à ala de serviços. Esta ocupa uma porção posterior do edifício e inclui cozinha e copa junto ao bar, além de um volume aditivo nos fundos, correspondente à usina, e dependência para o zelador.



Figura 143: Sede da SAAS nas condições atuais. Fonte: Tiago Dalla Chiesa

A inauguração parcial do edifício ocorreu em 16 de janeiro de 1960¹⁶⁵ e foi festejada pelos associados. A parte construída parecia seguir com certo rigor as propostas de Suzy e Fayet. Entretanto, ao ser completada posteriormente, sofreu alterações que comprometeram suas relações com o contexto urbano e sua configuração original. Assim como outros clubes já mencionados, a obra da SAAS, construída em etapas, nunca foi tal qual o projeto dos arquitetos. Contudo, cabe mencionar a peculiaridade deste projeto do casal Fayet, pela despretensão em assumir uma imagem quase doméstica para a sede desta sociedade. Nessa atitude, Fayet se distingue de seu ex-companheiro de trabalho Luís Fernando Corona, que sete anos antes, escolhera uma plena identidade da sede da SAPI com obras icônicas da escola carioca.

¹⁶⁵ **Diário de Notícias**, 9 jan. 1960, p.2

3.7. SAPT – Sociedade Amigos da Praia de Torres

A cronologia das construções das sedes da SAPT, de certa forma reflete a história da evolução da arquitetura do Litoral Norte, especialmente pelo estilo adotado por cada um dos edifícios desde o surgimento da agremiação.

A SAPT nasceu em 1936 num grande chalé pitoresco – o Hotel Balneário Picoral. Em 1938 teve sua primeira sede própria em um pequeno “abrigo” em estilo Art Déco à beira-mar. Cresceu e buscou na Miami Beach da década de 1930 a inspiração para construir sua próxima casa. Assim, como era recorrente na Flórida ou nos balneários no estuário do rio da Prata, a sociedade construiu o grande Edifício Amigos de Torres, um edifício-quarteirão com pátio interno. Anos mais tarde, a sede esportiva do clube ganha um novo e moderno projeto, pautado pela estrutura, com volumes interligados criando composição fluída. A construção foi parcialmente implementada no final dos anos 1960. Porém a ampliação da sede, no início dos anos 1970 renunciou à fragmentação dos volumes e unificou o edifício, referenciando-se, por um lado na racionalidade corbusiana, por outro, na escola carioca que resgatou elementos da arquitetura colonial, como os treliçados e avarandados.

Assim como em algumas outras sociedades praianas, a SAPT também teve sua origem nas dependências de um hotel: o Balneário Picoral, local adotado para as reuniões dos sócios antes do clube possuir sede própria. Neste local, a sociabilidade e o entretenimento do veraneio aconteciam (Figura 144), o que explica o fato da SAPT instalar neste hotel a sua primeira sede.



Figura 144: Ambiente do salão de refeições do Balneário Picoral, 1920-1930
Fonte: Casa de cultura de Torres

O empreendimento de José Antônio Picoral, inaugurado em dezembro de 1915, era constituído de, pelo menos três conjuntos de construções, todas em madeira. Um deles era chamado de “salão nobre” (Figura 145), um chalé maior, local de eventos sociais públicos, restaurante e recepção para os hóspedes do hotel. Os outros dois grupos de pequenos chalés, chamados de “quadrado do Picoral” e “chalés A”, serviam de acomodações para os hóspedes.



Figura 145: Balneário Picoral, inaugurado em 1915.
Fonte: Jaime Batista

O edifício principal (salão nobre) possuía uma varanda em toda a sua extensão voltada para a rua Carlos Flores, hoje rua José Antônio Picoral. A composição original da fachada se apresentava simétrica e dividida em três volumes, sendo o central de proporções maiores. Cada uma das três partes possuía a mesma constituição: telhado de duas águas com empena frontal triangular contornado com lambrequins e rematado por adorno com pináculo no ângulo superior; avarandado com quatro colunas repartindo cada bloco da fachada em três partes iguais. As colunas, os adornos e o guarda-corpo, tudo era feito em madeira. O corpo central possuía varanda de mesma altura, porém se destacava por ser mais alongado e com frontão mais alto dotado de uma janela tipo escotilha e da inscrição “Balneário Picoral”.

Nota-se, examinando fotografias posteriores, que nas ampliações do hotel, a fachada ganha um quarto volume igual ao central (Figura 146). A centralidade e simetria perdem a força e a figura da fachada gera um ziguezague ritmado dos telhados.



Figura 146: Balneário Picoral depois de uma ampliação do estabelecimento hoteleiro.
Fonte: Jaime Batista

O “Quadrado do Picoral” (Figura 147), grupo mais numeroso de pequenas casas que serviam de cômodos para os hóspedes do hotel, localizava-se onde hoje é a praça Pinheiro Machado, próximo ao mar e ao “Abrigo da Praia”, primeira sede da SAPT. O conjunto de 22 casas conformava um grande pátio interno. As simplórias casinhas, também de madeira, eram enfileiradas nas extremidades do lote e com uma porta e uma janela voltadas para a rua, outra porta e janela voltadas para o pátio interno. Os chalés do “grupo A” eram similares às do quadrado do Picoral, porém dispostas lado a lado e sem formar um pátio interno¹⁶⁶. O único ornamento de que dispunham eram os lambrequins do telhado.



Figura 147: Quadrado do Picoral, com os chalés que acomodavam os hóspedes, 1920-1930. Fonte:

¹⁶⁶ RUSCHEL, R. R.; ELY, N. H. (.). **Torres tem História**. Porto Alegre: [s.n.], 2004, p. 49-50; 190-1; 409-10.

Com a iniciativa de Picoral, a pacata Torres transforma-se em balneário e passa a ser propícia à sociabilidade, frequentada anualmente pelos veranistas oriundos, em sua maioria, de Porto Alegre.

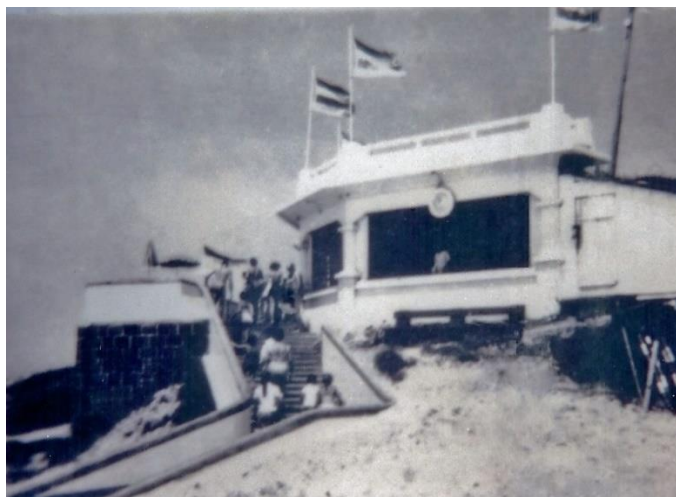


Figura 148: Abrigo da Praia, 1938. Fonte: Jaime Batista

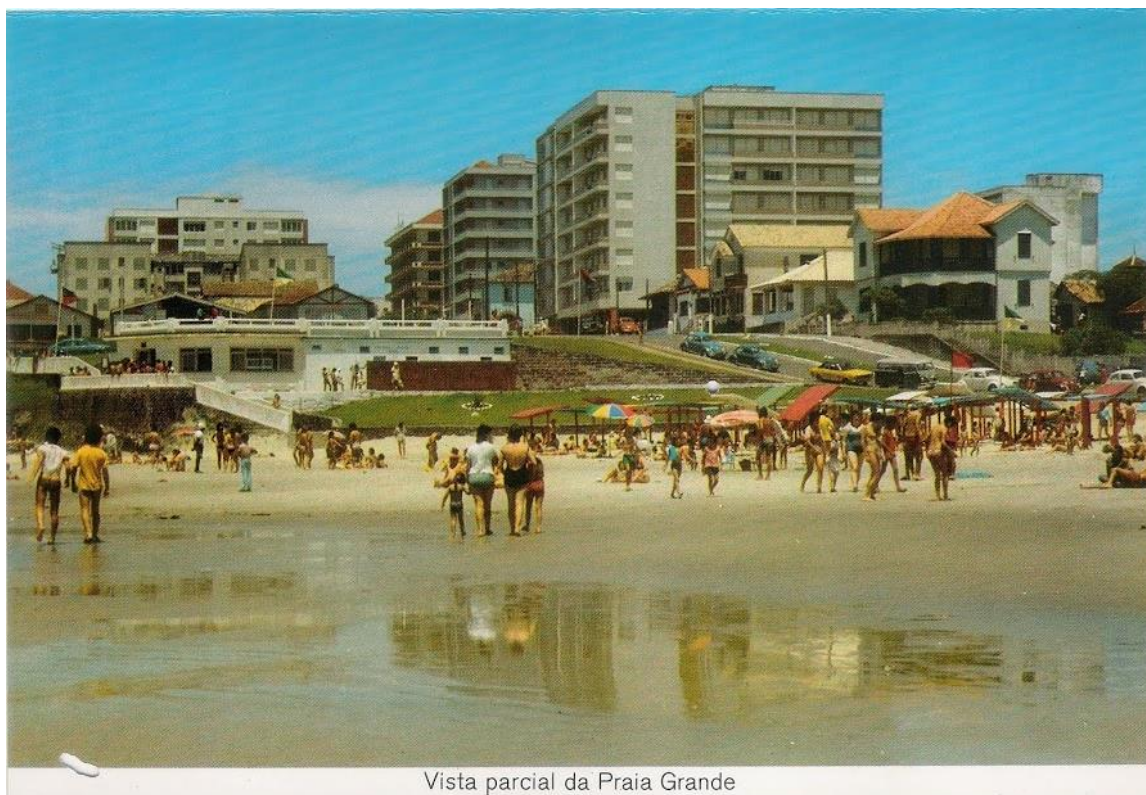
Em 13 de março de 1938 foi inaugurada a primeira sede da SAPT (Figura 148), projetada e executada pela empresa Macchiavello & Rúbio, “em um terreno doado à sociedade a título precário pelo Prefeito Municipal, com frente para o mar”¹⁶⁷. Uma pequena área na encosta de uma rocha, na esquina que define, acima, a curva do passeio de pedestres da avenida Beira Mar e abaixo, a faixa de areia de frente para o mar e o início da Praia Grande. Desde a rua percebe-se apenas a plataforma, que é a laje de cobertura do edifício. Como uma extensão do passeio de pedestres, a plataforma convida a contemplar o mar do nível da rua sem pisar na areia, e é limitada por um guarda-corpo com apoios robustos que apresentam a típica geometrização do estilo Art Déco, recorrente nos balneários de Mar del Plata e em Miami, e largamente empregado pelos arquitetos uruguaios Macchiavello e Rubio em Porto Alegre¹⁶⁸. À direita do platô, a escada desce até o terraço semicircular em frente à entrada do edifício, chamado de “abrigo”, a meio nível do talude, entre a areia e a rua. Aí o corpo da construção se apresenta com a face chanfrada voltada para o mar e os apoios da mureta do

¹⁶⁷ CHAIEB, José A. et al. Memórias da SAPT 1935-1996. Porto Alegre: Nova Prova, 1996, p. 56.

¹⁶⁸ Ver: OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias de. Saul Macchiavello & Antonio Rubio: modernidade arquitetônica em Porto Alegre (1928-1938). Dissertação (Mestrado em História)-PUC, Porto Alegre, 2010

platô se revelam como a continuidade das pilastras que marcam as arestas do volume e delimitam a largura das aberturas. Estes elementos verticais eram recorrentes na arquitetura Art Déco, assim como a associação com a estética naval, aqui reforçada pela própria implantação do edifício, pela pesada face circular da base no terraço que remete à proa de um transatlântico, pelo corrimão maciço das escadas e os adornos de boia salva-vidas e bandeiras rematando o coroamento do edifício.

Internamente o edifício possuía bar, cozinha e sanitários. Embora fosse simplesmente um apoio aos veranistas sócios da SAPT, o Abrigo acabou sediando festas memoráveis à beira-mar¹⁶⁹.



Vista parcial da Praia Grande

Figura 149: Cartão Postal com o “Abrigo” ampliado. Fonte: Jaime Batista

A partir de 1953, com a sede maior em pleno funcionamento, o Abrigo passou a funcionar como bar aberto ao público. Na imagem da década de 1970 (Figura 149), o Abrigo está ampliado e conta com sanitários externos para atender os clientes do estabelecimento.

A faixa de areia na adjacência da sede era ocupada pelas chamadas “barraquinhas” de propriedade da SAPT e frequentadas pelos seus sócios ou por quem as alugasse (Figura

¹⁶⁹ Informação oral cedida por Jaime Batista em entrevista à autora (30, out.2015)

150Figura 151). Era uma espécie de guarda-sol, com estrutura de madeira e uma tábua formando um banco entre dois apoios verticais, encimado por um sombreiro, estruturado também em madeira e revestido de lona. O ângulo do sombreiro era regulado conforme a posição do sol ou segundo a vontade do ocupante. As cores das lonas das barracas eram variadas e se contrapunham ao arranjo rigoroso do conjunto. A figura 150 mostra a implantação do Abrigo, nomeado como belvedere e bar da SAPT; a organização de 100 barracas; o posto de salvamentos; o limite entre a areia, calçada da rua ou praça de esportes; uma “esteira para veículos motorizados” até o rio Mampituba e estado de Santa Catarina; e uma área para quadras de vôlei e tênis, destinada aos jogos promovidos pela SAPT. A planta também demarca uma linha “limite para tráfego e estacionamento de veículos em geral”. Embora a iniciativa do clube proporcionasse um agradável aspecto de organização, comparável aos balneários mais sofisticados da época, os moradores de Torres não viam com bons olhos a privatização da beira-mar, especialmente pela ação de uma entidade que representava a alta sociedade porto-alegrense. Tal realização intensificava a segregação social, entre veranistas e moradores.¹⁷⁰ Entretanto, o aluguel das barracas perdurou até a década de 1990, quando uma ação civil pública impediu a SAPT de se apropriar do espaço público.

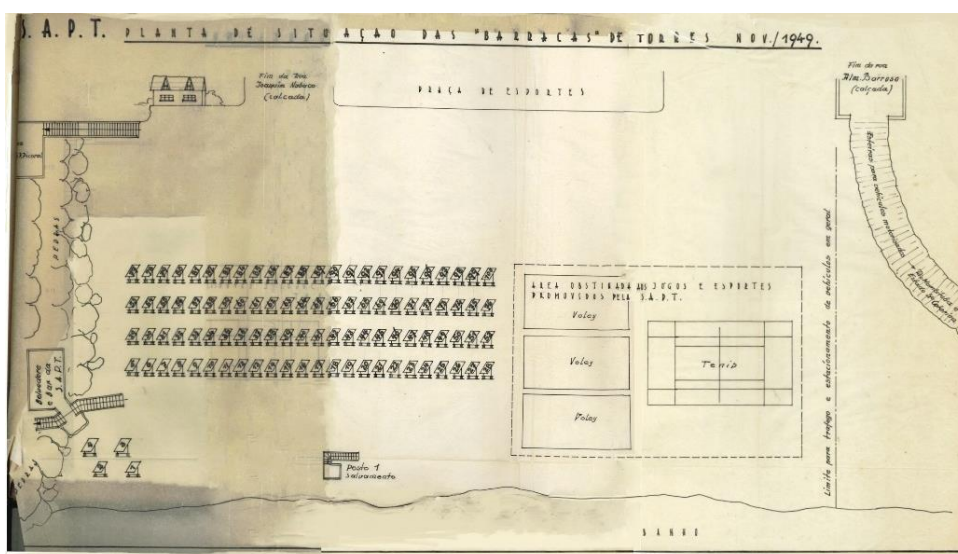


Figura 150: planta baixa indicando "barracas" da SAPT, abrigo, salva-vidas e demarcação de quadras esportivas. Fonte: Museu Três Torres

¹⁷⁰ Ver CARDOSO, E. M. **A invenção de Torres: do Balneário Picoral à criação da Sociedade Amigos da Praia de Torres**. São Leopoldo: Unisinos, 2008. O autor discute a questão do desenvolvimento da sociabilidade em Torres e as relações de distinção social entre a *elite porto-alegrense* e os moradores locais.

O bar Abrigo permaneceu em funcionamento como estabelecimento comercial durante muitos anos. Recentemente o edifício, que havia sido entregue à prefeitura de Torres, foi devolvido à SAPT (2015). Felizmente, numa ação conjunta entre o clube, o município e a iniciativa privada, o edifício está sendo restaurado e deve ser reativado em breve. Inicialmente o local funcionará como centro de informações turísticas¹⁷¹.



Figura 151: Barraquinhas em frente ao Abrigo. Fonte: Jaime Batista

A primeira sede da SAPT sempre foi considerada provisória. A persistente ideia de uma sede ampla ganhou força quando, em 1948, começou a ser planejado o Edifício Amigos de Torres. A diretoria da SAPT solicitou cooperação da Secretaria de Obras Públicas para a elaboração de um estudo do edifício. Cita-se que o encargo do projeto coube a um arquiteto de sobrenome Tarragó¹⁷². O estudo foi incorporado ao processo que solicitava ao Estado a doação de uma área para a construção de um grande edifício destinado, entre outros programas, a incrementar o turismo local¹⁷³. O empreendimento envolvia apartamentos, hotel e a sede da SAPT. Não tardou para que a construção fosse autorizada. A execução do projeto esteve a cargo do engenheiro Ernesto Woebke e Bruno Fischel foi o responsável pela administração da obra.

Para anunciar a boa nova aos sócios, a circular 1/48 apresentava a imagem de um “magnífico hotel em Miami”, no qual seria inspirado o futuro Edifício Amigos de Torres¹⁷⁴.

¹⁷¹ Informação obtida na página da Prefeitura Municipal de Torres, disponível em: <<http://www.torres.com.br/news/view/3>>, acesso em 6, out. 2016.

¹⁷² O trecho cita o nome Tarragó referindo-se a um arquiteto, porém não foram encontradas outras fontes que apresentassem mais informações sobre Tarragó. CHAIEB, 1996, p. 50.

¹⁷³ CHAIEB, 1996, p. 52.

¹⁷⁴ Circular 1/1948, p. 1. Acervo do Museu Três Torres.

Curiosamente, o edifício posteriormente construído em Torres supera em muito a escala do hotel apresentado.

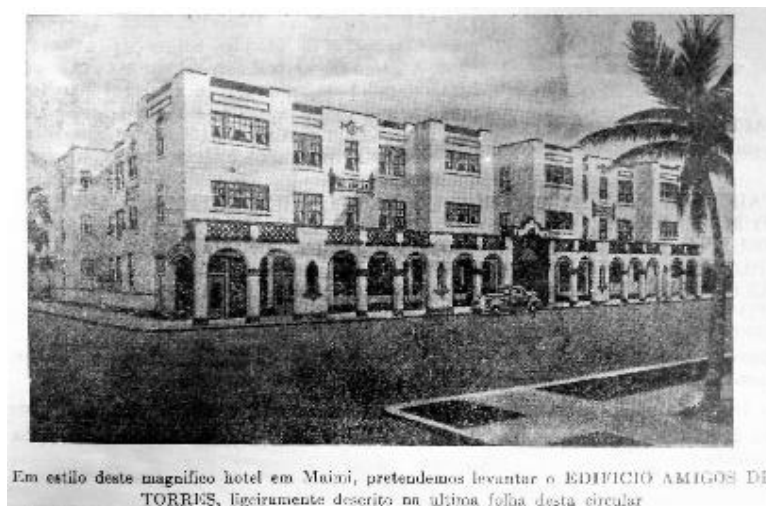


Figura 152: Recorte da circular 1/1948. Fonte: Museu Três Torres

O edifício de Miami (Figura 152) possuía características do Estilo Californiano¹⁷⁵. Estes atributos pareciam propícios à paisagem torrense e condizentes com o romantismo da ideia de retorno à natureza no período de férias. Os balneários dos países vizinhos Uruguai e Argentina, frequentados desde o início de século XX pela alta sociedade porto-alegrense, já haviam adotado estas tendências.¹⁷⁶ Posteriormente, os gaúchos seguiriam a mesma moda, notadamente em alguns bairros porto-alegrenses e em várias praias do litoral norte gaúcho. Cabe salientar a disparidade cronológica da adoção desse estilo, que no Rio Grande do Sul esteve em voga nas décadas de 1940-50, período em que começa a cair em desuso nos balneários platinos¹⁷⁷.

O grande edifício construído para a SAPT apresenta elementos do Estilo Californiano, como os arcos contornados de pedra rústica, óculos marcando o tramo central da fachada e revestimento com reboco crespo. Suas dimensões monumentais impressionam, em comparação com outros edifícios-quarteirão similares construídos em outras praias gaúchas. O projeto (Figura 153) apresenta a tradicional tripartição de base, corpo e coroamento, com térreo comercial, cinco andares-tipo e um andar de cobertura. A disposição de planta em “U”

¹⁷⁵ O estilo Neocolonial é origem Norte Americana e descendência Hispânica, também conhecido como Estilo Missões.

¹⁷⁶ VEIGA, 1993, cap. 2.9, n.p.

¹⁷⁷ Idem, ibidem.

corresponde à ocupação de três faces de um quarteirão até os alinhamentos, sem recuo viário. O aspecto geral do grande edifício é bastante limpo e geometricamente puro, acusando algum alinhamento com a arquitetura moderna. Tal fato fica mais evidente na fachada oeste, correspondente ao hotel, onde uma grelha ortogonal define as células dos quartos de hóspedes. Os balcões são guarnecidos de cobogós – elemento remanescente da arquitetura colonial, apropriado pela arquitetura moderna brasileira. Modernos são também os equipamentos sonoros e cinematográficos, e a técnica construtiva empregada na obra.

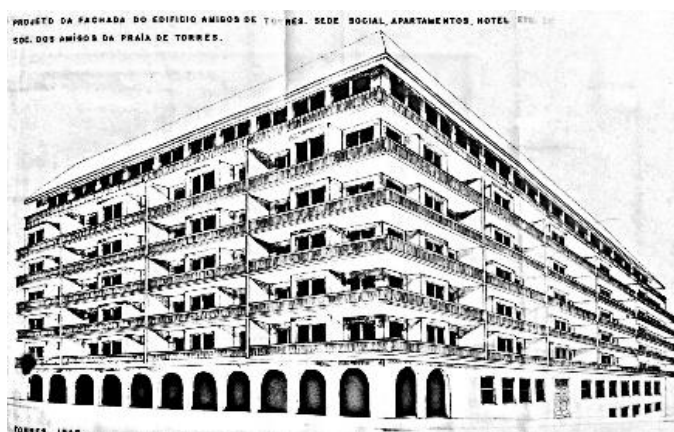


Figura 153: Projeto do edifício Fonte: Museu Três Torres

O prédio foi construído em duas etapas. A primeira fase da construção ocorreu de junho de 1949 a dezembro de 1950 (Figura 154) e corresponde ao subsolo, térreo e mais três andares de apartamentos, sendo que foi priorizado o término da porção nordeste do edifício. Mesmo não sendo ainda um edifício alto, já representava certa imponência na pacata paisagem urbana de Torres.



Figura 154: Parte do edifício já construído em novembro de 1949. Fonte: Relatório da Sociedade Amigos da Praia de Torres, fev. 1952. Museu Três Torres.

No relatório¹⁷⁸ da Sociedade, apresentado em assembleia geral em fevereiro de 1952 pelo então presidente do clube, sr. Arno Albert, são apresentadas as realizações da SAPT no biênio 1950-1952, com destaque à conclusão da obra do edifício mencionado.

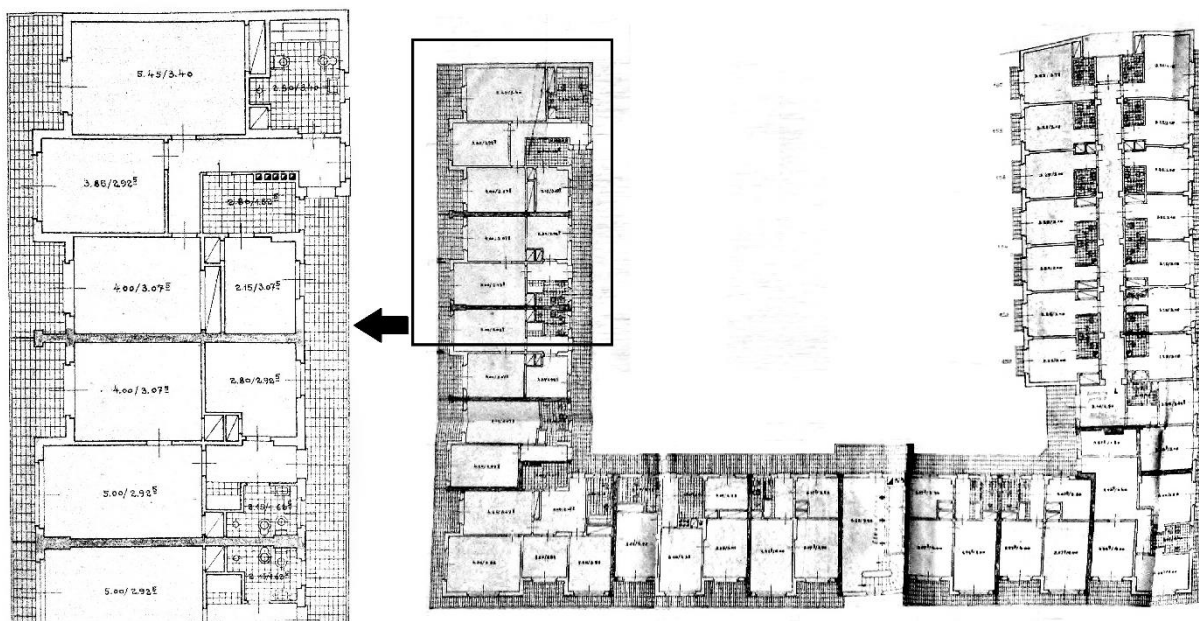


Figura 155: Planta baixa do pavimento tipo, com área residencial no “L” (leste e norte) e hotel na parte posterior da fachada oeste. Fonte: Museu Três Torres. Edição da autora.

Antes de expor as obras realizadas, a diretoria descreve o edifício tal como foi entregue pela gestão anterior, presidida por Plínio Kroeff. O documento registra que no início de 1950, parte do edifício estava construído, com a sede da SAPT ainda incompleta e sem o devido acabamento, localizada no térreo e subsolo (Figura 156). A sede da sociedade ocupava uma das alas térreas do edifício, diante da rua José Picoral, e também o miolo do quarteirão por ele formado. Nos dois andares acima, os quatorze apartamentos residenciais também estavam com os acabamentos incompletos.

¹⁷⁸ ALBERT, A. *Sociedade Amigos da Praia de Torres: Relatório*. Sociedade Amigos da Praia de Torres. Torres. 1952.

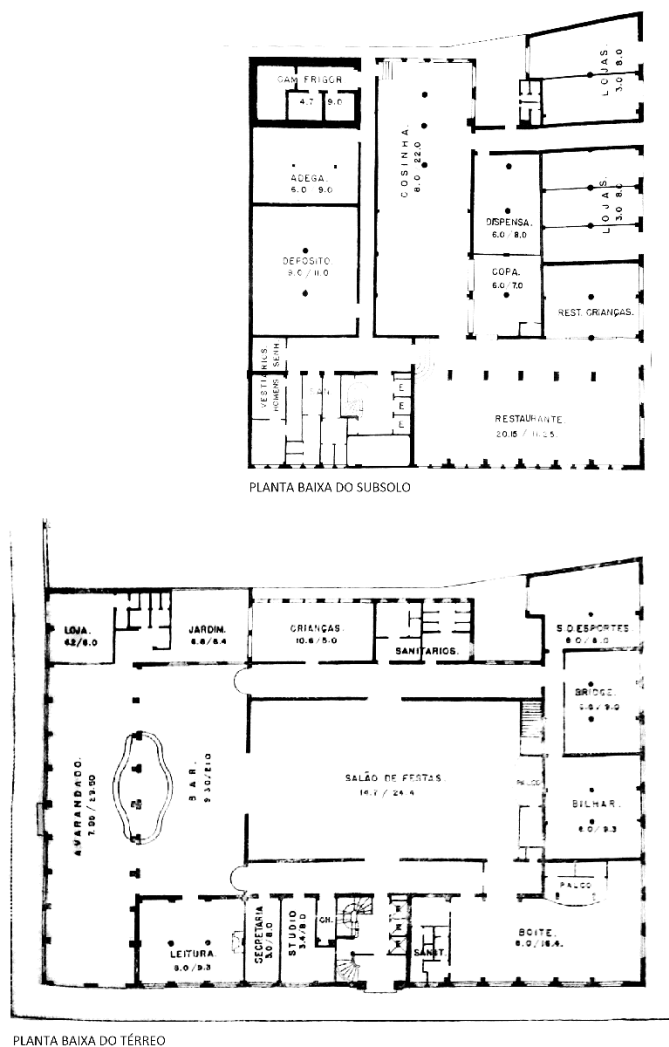


Figura 156: Plantas baixas do subsolo e do térreo do Edifício Amigos de Torres.
 Fonte: Museu Três Torres.

Naquele ano foram concluídos o salão de festas, o salão para crianças, os acabamentos dos apartamentos e foi construído “mais um andar com nove apartamentos sobre a parte já edificada até a escadaria de acesso ao prédio e mais três andares com seis apartamentos na continuação da rua 15 de Novembro [esquina] com a Júlio de Castilhos”. A presença de um telhado sobre o edifício indica que neste momento a obra foi interrompida ao concluir-se o terceiro andar (Figura 157). No setor residencial foi instalado um elevador para os cinco andares, financiado pelos proprietários dos apartamentos. Também foram lançados os alicerces para a construção do hotel. “As escadarias, que até então eram despidas, foram acabadas com granitina branca e as respectivas paredes revestidas de azulejos”.



Figura 157: Edifício SAPT em dezembro de 1950.

Fonte: Relatório da Sociedade Amigos de Torres, fev. 1952. Museu Três Torres.

Já em 1951 foram finalizados mais três apartamentos e a sede do clube foi ampliada com a construção de três salas de jogos, sala de ping-pong e quatro dependências para funcionários e artistas que se apresentam na boate, além da moradia do zelador. Também foi ampliada a copa que atende o salão e a boate, ligando-a por meio de uma escada à cozinha do subsolo.

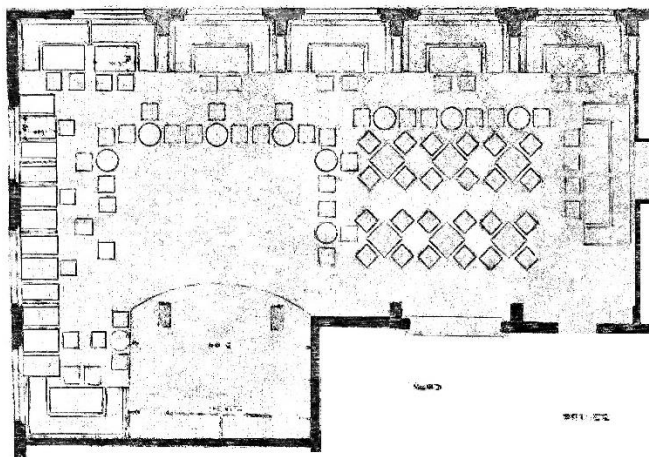


Figura 158: Planta baixa do salão de bailes.

Fonte: Museu Três Torres

Para flexibilizar o uso do salão de festas, que anteriormente havia sido projetado prioritariamente para bailes, o palco foi adequado também para espetáculos teatrais e reproduções cinematográficas¹⁷⁹. Para este mesmo ambiente, afim de proporcionar maior

¹⁷⁹ “Reconhecendo a necessidade de proporcionar aos sócios um maior número possível de distrações, decidimos aproveitar o atual salão de festas instalando nele um cinema, tendo para isso adquirido um conjunto cinematográfico, constituído por dois aparelhos sonoros de 35mm Gaumont Kallee, acompanhado de uma tela "pearl glace" que oferece uma luminosidade muito maior que as comuns. É interessante destacar que coube à S.A.P.T. o mérito de ser, no interior do Estado a primeira organização a instalar a referida tela. Na Capital do Estado, somente o Cine Vera Cruz possui instalação idêntica” (ALBERT, 1952, p.6)

conforto ao associado, providenciou-se uma aparelhagem para renovação do ar, investiu-se em iluminação indireta e em melhores equipamentos sonoros.

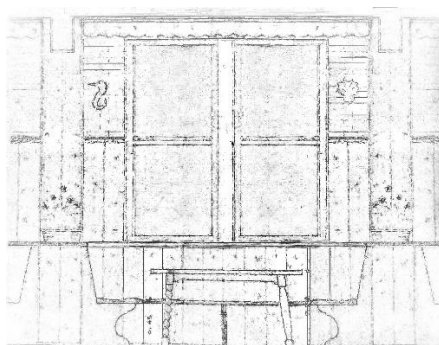


Figura 159: Desenho de mobiliário e revestimentos internos do salão de bailes (1952).
Fonte: Museu Três Torres

A partir de 1952 a SAPT iniciou os trabalhos de carpintaria em uma oficina própria¹⁸⁰. Toda a sede do clube foi mobiliada e no subsolo, o restaurante foi decorado com lambris de madeira, cortinas e adornos¹⁸¹ (Figura 159).



Figura 160: Edifício Amigos de Torres, concluído em 1953. Fonte: Museu Três Torres

¹⁸⁰ CHAIEB, 1996, p. 58.

¹⁸¹ A prancha, que contém os desenhos do mobiliário e decoração, não possui identificação do projetista.

A finalização do grande edifício ocorreu em 1953, ano em que foi inaugurado o Hotel da SAPT, com cinquenta e cinco apartamentos¹⁸². A sede da SAPT aqui descrita (Figura 160) configura um empreendimento singular no panorama das sociedades praianas gaúchas. O edifício projetado combina funções distintas e que buscam viabilizar a ousada empreitada e talvez rentabilizá-la. Desse modo, a sociedade adquire uma ampla sede social inserida num edifício monumental, que combina apartamentos, hotel, restaurante e lojas. O quarteirão do edifício SAPT cria um trecho de cidade multifuncional num ambiente urbano ainda precariamente configurado.



Figura 161: Salão de refeições do Hotel da Sapt (195?). Fonte: Jaime Batista

Na década de 1960, as instalações da sede central da SAPT já não atendiam a todas as exigências dos associados, que reivindicavam espaços para prática de esportes. O então presidente da SAPT, engenheiro Ivo Rizzo supervisionou, em fevereiro de 1963, o projeto para uma sede esportiva, concebido pelos arquitetos Francisco Pedro Bopp Simch e Edgar Sirângelo do Valle¹⁸³, as margens do rio Mampituba.

¹⁸² CHAIEB, 1996, p. 57. Mais tarde (1957) o hotel teve seu nome alterado para “Grande Hotel Torres”, para que os turistas e veranistas soubessem que o hotel não era de uso exclusivo dos associados da SAPT. CHAIEB, 1996, p. 75.

¹⁸³ Valle e Simch concluíram a graduação de Arquitetura e Urbanismo na UFRGS em 1958, (ROVATTI e PADÃO, 2002, p.125), e trabalharam juntos em durante 12 anos desenvolvendo projetos de diversos usos e escalas. **Edgar do Valle**, em 1963 (época do projeto da SAPT) realizou uma especialização no Illinois Institute of Technology, nos Estados Unidos, quando foi aluno de Mies van der Rohe. “Possui em seu currículo um montante expressivo de mais de 600 projetos executados no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Miami – USA, dentre os quais, o Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues (1976), em Porto Alegre. Foi professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Ufrgs e na Escola de engenharia da PUCRS em 1967. Ver: COELHO, Jânerson F. Edgar do Valle: Influências norte-americanas e prática de projeto em Porto Alegre – 1959-1979. XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis. Porto Alegre, 2015; Valle Arquitetos - página da web. Disponível em:

Os limites irregulares da área são estabelecidos pela barra do rio Mampituba e pelo mar. Geograficamente, a área é singular não apenas por ser um estuário importante. Neste local, as fronteiras não se restringem às águas. É o ponto extremo do nordeste do Rio Grande do Sul, divisa com o estado de Santa Catarina.

Os arquitetos conceberam para esta área, um anteprojeto geral, prevendo a retificação do terreno e a ordenação racional de um conjunto de edifícios que atenderiam separadamente aos programas sociais e esportivos. A disposição dos volumes edificados criava pátios independentes, possibilitando um zoneamento de áreas distintas: quadras de esportes, piscina adulta, playground com piscina infantil e área de esportes náuticos. Esta última localizava-se próximo à única borda sinuosa do lote, onde a barra do rio chanfrava o canto do terreno, formando uma marina junto à SAPT.

< <http://www.vallearquitetos.com.br/sobre.php>>, acesso em 5 out. 2016. **Pedro Simch** também atuou na docência na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Ufrgs de 1964 a 1968. Atua em projetos industriais, residenciais e institucionais. Destaca-se em seu currículo, o projeto da Sede da Federação das Indústrias (FIERGS), na década de 1980 e Teatro do SESI (1997). Ver: Pedro Simch Arquitetura, disponível em < <http://www.pedrosimch.com.br/>>, acesso em 5, out. 2016.

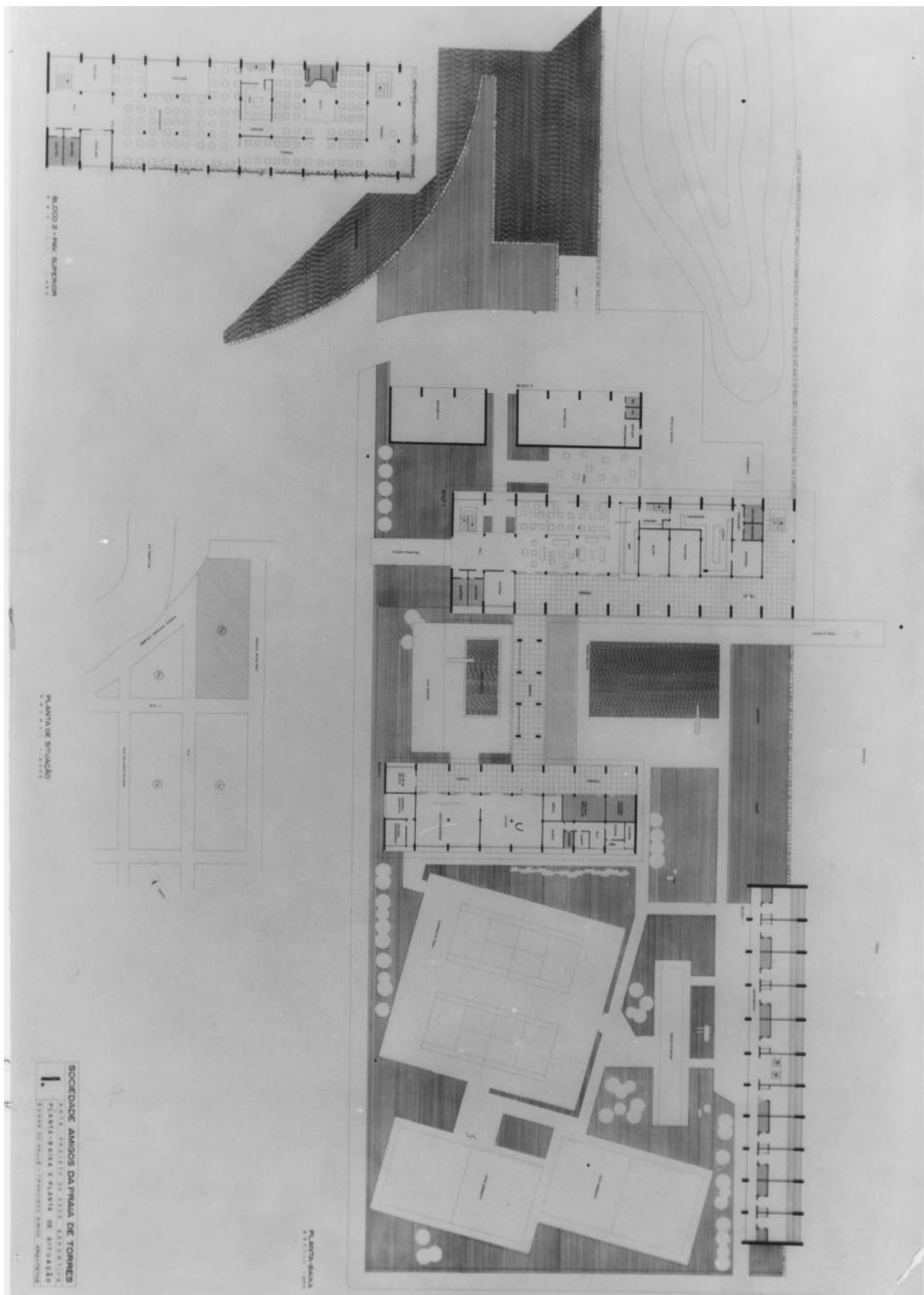


Figura 162: Anteprojeto da sede esportiva da SAPT. Planta baixa e planta de situação. Valle e Simch Arquitetos (1964). Fonte: Museu Três Torres. Digitalizado por Luana Gonzalez Bassa

Na planta da sede esportiva, os blocos de edifícios estão numerados de 1 a 4, provavelmente indicando sua ordem de construção. O bloco 1, possuía duas salas equivalentes, uma para acomodar um salão de festas, outra para uma sala de jogos. Havia também, neste edifício, vestiários, sanitários, uma casa para zelador, um local para a guarda de material esportivo, um salão de beleza e, de frente para as piscinas, uma prolongada varanda.

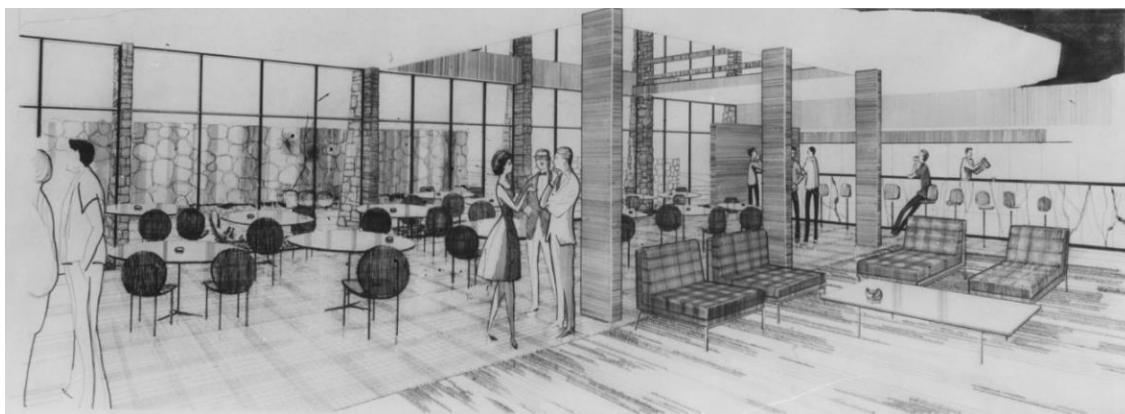


Figura 163: Perspectiva interna do bar e estar. Valle e Simch Arquitetos (1964).
Fonte: Museu Três Torres. Digitalizado por Luana Gonzalez Bassa

O Bloco 2 era o protagonista do conjunto. Com dois pavimentos, contava com hall, portaria, sala de jogos, diretoria, sanitários, copa, cozinha, sala de estar e bar, organizados no térreo, além de um grande salão de festas e boate no piso superior. O ambiente do bar possuía um espaço de dupla altura com o qual se integrava verticalmente ao salão de festas, acima. Na fachada leste, voltada para o mar e em boa parte da face sul deste bloco, avarandados contínuos contornavam a esquina, tanto no térreo quanto no segundo pavimento. Uma galeria coberta conectava este edifício ao bloco 1.

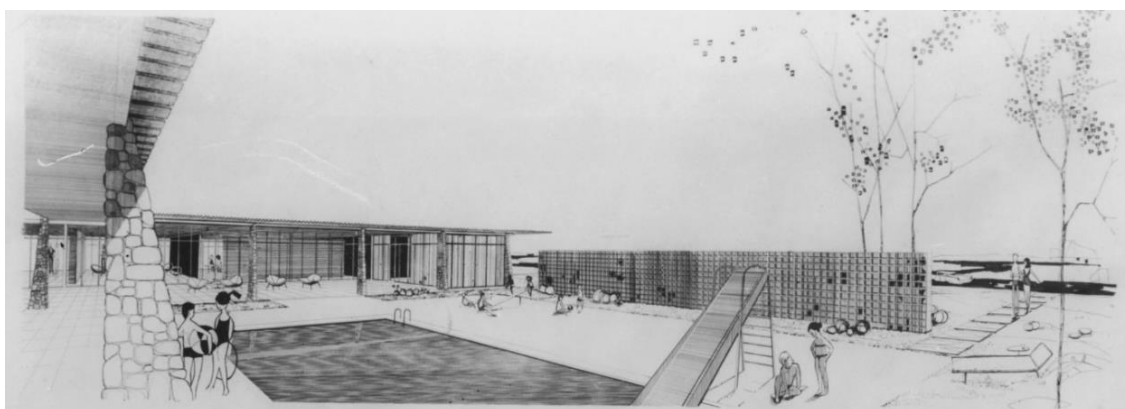


Figura 164: Perspectiva do pátio da piscina infantil. Valle e Simch Arquitetos (1964).
Fonte: Museu Três Torres. Digitalizado por Luana Gonzalez Bassa

Dois volumes menores conformavam o bloco 3, cuja função era a de guardar os barcos, lanchas e equipamentos náuticos. Ambos eram abertos na face de frente à barra do rio e opacos outros lados. No bloco 4, um pouco afastado dos demais, havia uma sequência de dez pequenos apartamentos, todos com a entrada voltada para o pátio de esportes da SAPT e com varanda de frente para o mar.

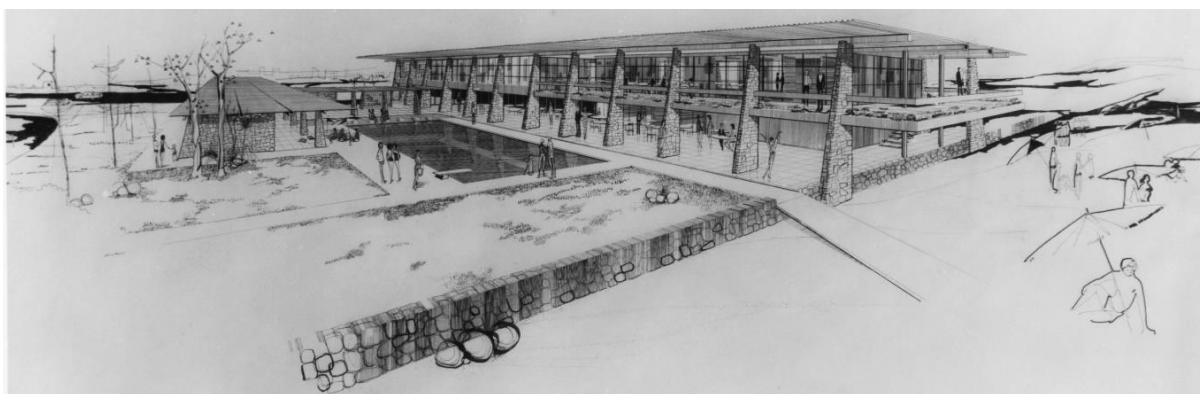


Figura 165: Perspectiva do restaurante. Valle e Simch Arquitetos (1963).
Fonte: Museu Três Torres. Digitalizado por Luana Gonzalez Bassa

O projeto era pautado por uma malha estrutural, segundo a qual, se organizavam os blocos edificados regulares de diferentes proporções, os caminhos lineares que interligavam as edificações e os pátios gerados pela composição de blocos e circulações. A relativa privacidade de alguns pátios era alcançada através do uso de planos verticais soltos, de modo a manter uma certa fluidez espacial. O conjunto possuía sua entrada e fachada frontal pela Rua Kalil Sehbe a oeste, no lado oposto à beira mar. Percebe-se, especialmente no edifício principal (bloco 2), uma gradação de opacidade em que o edifício se apresenta mais fechado a oeste e torna-se progressivamente mais permeável em direção à praia.

A coordenação modular tornava-se explícita, principalmente pelos apoios verticais exteriorizados junto às bordas das construções. A rigidez do regramento compositivo se contrapunha ao uso da pedra natural irregular nas colunatas, que possuíam o perfil externo inclinado, com a base larga e topo mais estreito, desempenhando um papel tanto estrutural quanto formal. O desenho apurado aparece novamente em outros elementos, como as vigas centrais longitudinais, as quais acumulam também a função de calha, ou as bordas do terraço do salão de festas, que conformam uma floreira contínua.

A solução construtiva parecia estar em acordo com a realidade local, pois propunha o uso de técnicas e materiais convencionais (pedra, concreto armado, madeira, vidro e telhas

de fibrocimento¹⁸⁴), num projeto em que a lógica respondia ao programa de necessidades e resultava num arranjo estético qualificado.



Figura 166: Primeiro pavilhão da sede esportiva da SAPT.
Fonte: Museu Três Torres. Digitalizado por Luana Gonzalez Bassa

O primeiro pavilhão da sede esportiva (bloco 1), foi inaugurado ainda nos anos 60, com algumas modificações em comparação ao projeto¹⁸⁵. A posição do edifício em relação às piscinas, corresponde ao projeto de Valle e Simch, no entanto, alguns aspectos não eram condizentes com a proposta inicial.

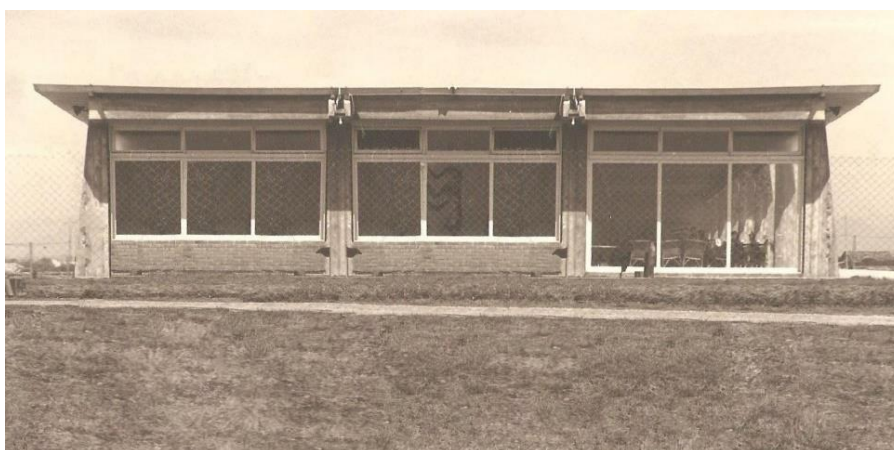


Figura 167: Lateral do pavilhão (196?).
Fonte: Museu Três Torres. Digitalizado por Luana Gonzalez Bassa e editado pela autora

¹⁸⁴ Apesar da falta de especificações nos desenhos e de não ter sido encontrado algum memorial descritivo que indique o uso dos referidos materiais, pela análise da planta e das perspectivas é possível identificar esses materiais no anteprojeto.

¹⁸⁵ Uma quadra de minigolfe, que não estava prevista no anteprojeto, foi construída e as quadras de tênis ainda não estavam prontas. Foram inauguradas no ano seguinte (1968).

O edifício era térreo, de pouca altura em relação à largura, bastante horizontalizado e com cobertura delgada e plana. A fachada norte (Figura 166), voltada para a foz do rio Mampituba, apresentava a colunata de perfil inclinado, mencionada anteriormente, porém sem o revestimento de pedra. A face leste, com vista para o mar, também foi modificada (Figura 167).

Posteriormente foi adicionado um segundo pavimento à construção existente, tornando-o relativamente semelhante ao bloco 2, principal edifício proposto no anteprojeto de Valle e Simch. Contudo, o esqueleto estrutural principal, anteriormente proposto como elemento periférico, manteve-se recuado do avarandado, que por sua vez, também não recebeu o mesmo tratamento da proposta inicial, ficando sem cobertura no segundo pavimento e sem permeabilidade na fachada leste (Figura 168).

Com a sede do Mampituba pronta para promover eventos sociais e esportivas, em 1967 o clube desvinculou definitivamente suas atividades da sede do Centro da cidade.



Figura 168: Ampliação da sede esportiva entre 1967 e 1968.
Fonte: Museu Três Torres. Digitalizado por Luana Gonzalez Bassa

No fim das contas, pouco daquele projeto de 1964 foi de fato executado. No entanto, a flexibilização permitida pela sistematização estrutural aplicada àquela proposta, acabaria pautando as próximas intervenções arquitetônicas do conjunto.

A existência de um caminho em direção à praia¹⁸⁶, a ausência de uma via pública que contornasse o terreno do clube e sua inserção junto à barra do Rio Mambituba, proporcionavam à SAPT uma privilegiada relação com o mar e o rio. Contudo, impediam o acesso público àquele local. Este pode ter sido o principal motivo pela não implementação total do anteprojeto de Valle e Simch. Na realidade, os limites do terreno da SAPT não

¹⁸⁶ A posição da seta presente na planta de Valle e Simch indica o direcionamento de dentro do clube para fora (praia), e não o oposto, sugerindo que aquele não era o acesso do visitante.

puderam se fixar tão próximos às margens do rio e em virtude disso o projeto inicial acabaria sofrendo profundas adaptações que não contaram com a participação de Edgar do Valle e Pedro Simch.

Em 30 de novembro de 1977, o arquiteto argentino naturalizado uruguaio, Isidoro Singer¹⁸⁷ assinou o “Memorial do planejamento do conjunto formado pela SAPT e praça pública junto ao rio Mampituba na cidade de Torres”. O arquiteto iniciou o documento traçando “considerações gerais sobre a cidade de Torres”:

Os valores turísticos de uma área se compõem de suas características naturais e do trabalho do homem que o realça com sua obra e cria a infraestrutura necessária para que seja aproveitável.

No caso da cidade de Torres, os valores naturais que mais chamam a atenção, são as rochas que formam a guarita, com suas praias adjacentes e a partir de onde se desenvolve a parte turística da cidade.

Mas não é só esta área que oferece possibilidades de atração. Existem outras, que mediante um adequado condicionamento ofereceriam aos turistas novos aspectos de uso, tal como a zona às margens do Rio Mampituba, sobre a qual estamos nos referindo. (p. 1)

Em seguida Singer explica que o desenvolvimento turístico de Torres se dá a partir do Parque da Guarita e segue ao longo da beira-mar até a barra do rio, e defende que neste limite natural seria importante criar um “novo ponto de encontro” entre a paisagem natural e as comodidades imprescindíveis para a apreciação turística. Ao destacar as características e os valores paisagísticos do local, o autor cita: “o rio com casas adjacentes que formam uma paisagem espontânea característica da zona” e criam a possibilidade de passeios ao longo do seu curso; a topografia contornada pelo estuário, que permite a prática da pesca; a praia e as variadas vistas para se contemplar, entre as quais: “a cidade com seu perfil ondulado juntos às rochas, o rio a serra e o mar”.

¹⁸⁷ Veio ao Brasil nos anos 1970, trabalhou na construtora Ivo A. Rizzo (que foi presidente da SAPT de 1962 a 1968), realizando inúmeros projetos no Rio Grande do Sul, especialmente em Porto Alegre e Torres. Ver: MARQUIES, 2012, p. 306

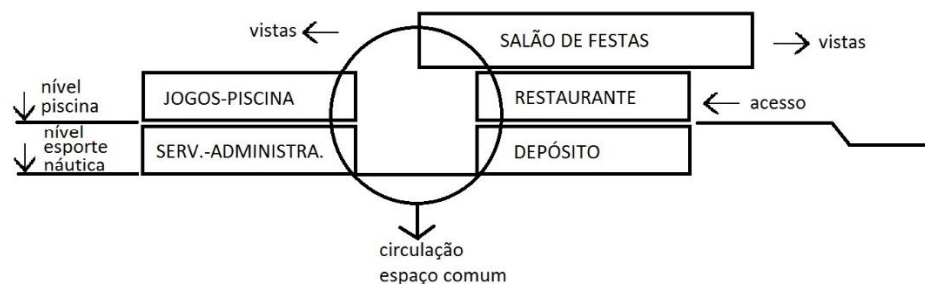


Figura 169: Esquema de redistribuição dos programas da SAPT.
 Fonte: SINGER, 1977, p. 4. Acervo do Museu Três Torres. Editado pela autora.

O tópico intitulado “Serviços a serem desenvolvidos pela prefeitura e pela SAPT com interesse turístico”, determina programas que atendam a esfera privada, semiprivada e pública. No domínio privado estaria a sede da SAPT, atendendo aspectos desportivos e sociais; os espaços semiprivados seriam um restaurante e uma boate, localizados na área da SAPT, mas com acesso independente; os espaços públicos seriam os serviços complementares da praia: “rua coberta contendo bares, mesas e lojas de artesanato”. Diferentes níveis no terreno seriam utilizados para relacionar algumas áreas e proporcionar autonomia às outras.

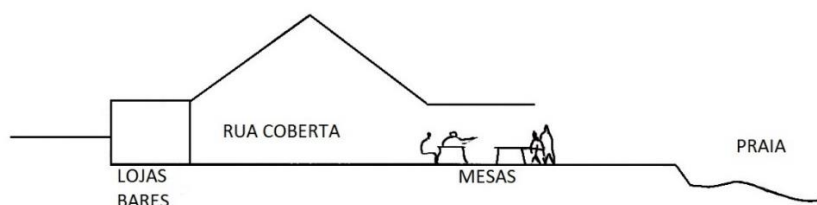


Figura 170: Corte esquemático da rua coberta entre a SAPT e a praia.
 Fonte: SINGER, 1977, p. 5. Acervo do Museu Três Torres. Editado pela autora.

A nova sede seria organizada segundo os princípios de aproveitamento da construção existente; flexibilidade de utilização; unificação dos blocos novos com os existentes e “conexão gradual com a praça”, que por sua vez, estaria vinculada à praia. As atividades da praça deveriam complementar a praia; “ter características de um mirante” e poder “ser identificada de longe como ponto de e que determine o fim do calçadão”.

Por último, Singer aconselha a utilização de vegetação “própria da região”.

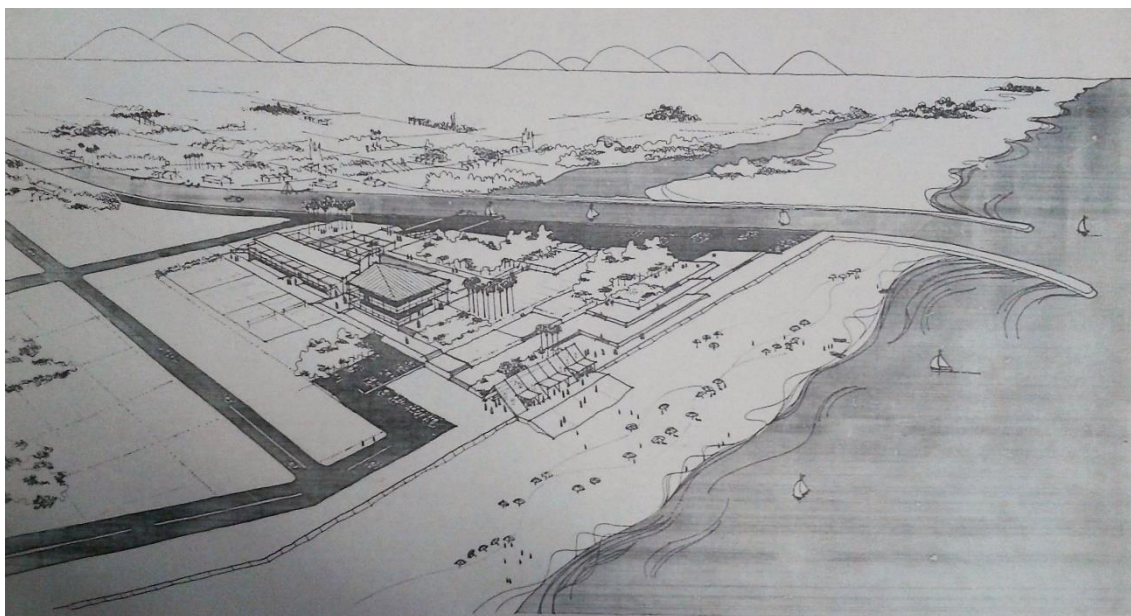


Figura 171: Perspectiva aérea da proposta de Isidoro Singer (1977).
Fonte: SINGER, 1977, n.p. Acervo do Museu Três Torres

Para ilustrar a proposta, o arquiteto anexou uma perspectiva (Figura 171) ao memorial descritivo.

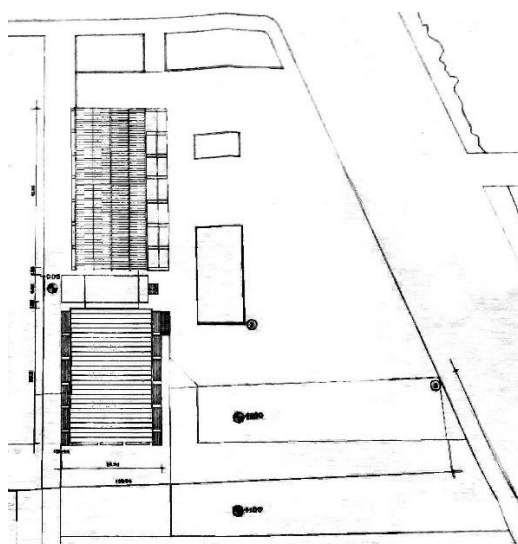


Figura 172: Planta de localização da ampliação da SAPT. Projeto executivo de 1979. Arquiteto Isidoro Singer. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Torres.

Na esfera privada, a nova sede da SAPT seguiu as diretrizes gerais propostas no memorial entregue à prefeitura da cidade, porém, a parte que se refere ao espaço público não foi executada. Em vez disso, um acesso de automóveis foi aberto ligando a avenida beira-mar à rua Beira Rio. O contorno do lote foi redesenhado (Figura 172). Em frente ao oceano foi feito um alinhamento paralelo ao limite da rua Kalil Sehbe e na borda do Mampituba retificou-se o terreno sem ortogonalidade em relação aos outros lados. As duas áreas residuais

foram transformadas em praças públicas, ao norte em frente à rua Beira Rio e a leste junto à avenida Beira Mar.

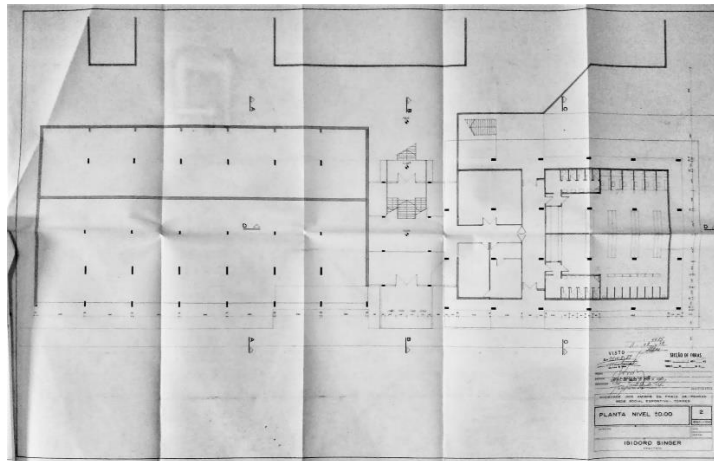


Figura 173: Planta baixa nível 0,00. Projeto executivo de 1979. Arquiteto Isidoro Singer
Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Torres.

Para o projeto de ampliação da sede, aprovado na prefeitura de Torres em 1979, Singer aproveitou a estrutura pré-existente organizada em malha regular, porém não deu prosseguimento à ideia de composição aditiva de edifícios interligados por circulações lineares. Implantou o novo bloco em frente ao primeiro, e entre eles, adaptou um recinto para a circulação vertical.

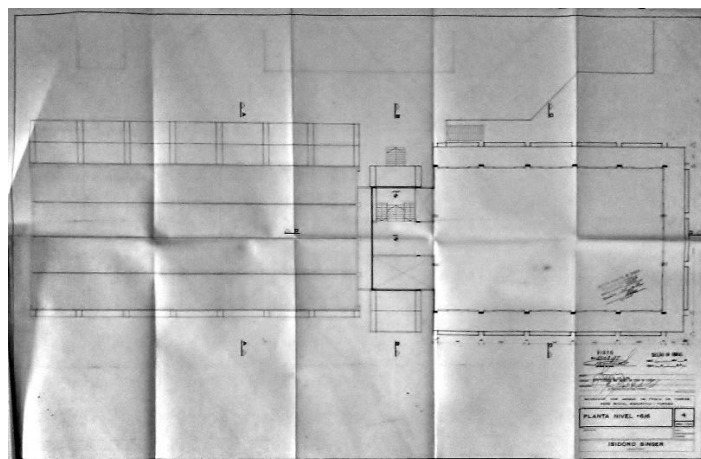


Figura 174: Planta baixa nível +315. Projeto executivo de 1979. Arquiteto Isidoro Singer
Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Torres.

O conjunto agora era formado por um único edifício de dois volumes simples linearmente dispostos, conectados por um ambiente intermediário.

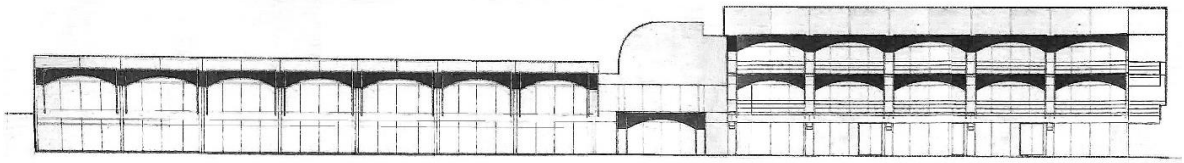


Figura 175: Fachada leste da ampliação da SAPT. Projeto executivo de 1979. Arquiteto Isidoro Singer. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Torres.

Desta vez a inspiração para a fachada não veio de tão longe e o arquiteto uruguaio buscou em território brasileiro certa influência para o avarandado com brises em treliças de madeiras azuis. Entretanto, em sua reinterpretação do uso do elemento da escola carioca, definiu o contorno inferior dos brises em uma sequência de arcos nas elevações frontal e laterais. O bloco mais antigo também recebeu o mesmo tratamento de fachadas.

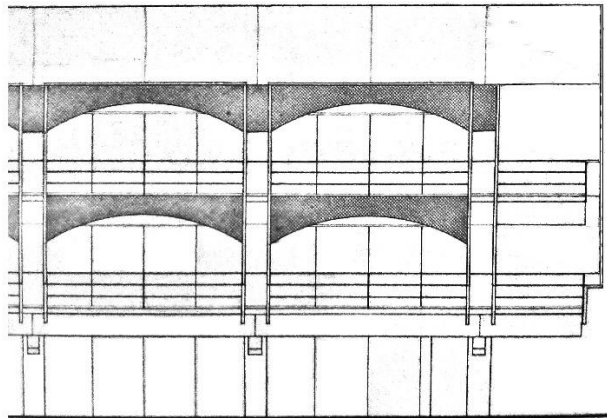


Figura 176: Detalhe do avarandado com quebra-sol em treliças de madeira, com os contornos inferiores arqueados. Projeto executivo de 1979. Arquiteto Isidoro Singer. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Torres.

A malha estrutural, presente desde o projeto dos anos 1960, permanece na ampliação de 1979, com a existência de mais apoios verticais nos pavimentos inferiores e vão livre no pavimento superior, ambiente do salão de festas.

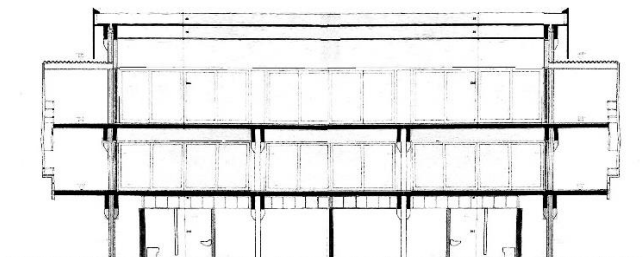


Figura 177: Corte transversal do projeto executivo de 1979. Arquiteto Isidoro Singer. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Torres.



Figura 178: Vista norte do edifício da SAPT.

Fonte: SAPT - página da web, disponível em <<http://www.sapt.com.br/>>, acesso em 3, out. 2015

A SAPT, mais antigo clube do litoral norte do Estado, mantém-se em atividade durante todo o ano, tendo atualmente como maioria de seus sócios, moradores de Torres. Sua memória está resguardada pelo Museu Três Torres, criado em 1996 para preservar o acervo referente à história de Torres e do próprio clube. Desde 1979, diversas ampliações e reformas foram realizadas em sua sede, as quais não estão registradas no presente trabalho, por não fazerem parte do recorte que a pesquisa abrange.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação procurou registrar a história da arquitetura das associações praianas que foram instrumentais no desenvolvimento dos balneários gaúchos ao longo do século XX. Para efetivar este registro, o trabalho buscou identificar as origens da busca pela orla marítima gaúcha como lugar de veraneio, percorrendo desde as primeiras moradias e hotéis, passando pelos esforços de urbanização até chegar à criação das sedes dos clubes praianos. Os aspectos socioeconômicos da sociedade rio-grandense daquele período, em crescente processo de desenvolvimento, aliado à pouca infraestrutura que propiciasse aos gaúchos a vilegiatura em outros locais além do litoral do Estado, contribuíram para a consolidação da cultura de veraneio nas praias marítimas e conseqüente criação das referidas agremiações. Nesta conjuntura, houve uma significativa participação de arquitetos relevantes no cenário gaúcho.

O registro adquire importância em função do rápido desaparecimento dos remanescentes desta história, tanto na escala urbana de loteamentos e cidades como dos edifícios das associações praianas. Os projetos urbanos de Ubatuba de Faria e outros mostram que havia a ideia de criar um ambiente carregado de idealismo, onde o veranista disporia de tranquilidade e suporte para seu lazer. Avenidas arborizadas demarcadas por prédios importantes e cruzadas por alamedas residenciais ajardinadas definiam um ambiente perfeito para quem ali pudesse estar. Dessas propostas, muitas sequer saíram do papel, enquanto outras foram parcialmente concretizadas. Portanto, o registro destes planos torna-se crucial para o entendimento das cidades do litoral norte gaúcho.

A arquitetura dos hotéis e associações praianas não se destaca por obras que sejam exemplares. Existem alguns episódios destacáveis, dois deles resultados de concursos públicos de projetos de arquitetura promovidos pelo IAB-RS. Cabe ressaltar a importância dessa entidade como protagonista na comunidade gaúcha da época, em virtude dos recorrentes concursos de arquitetura, que no litoral, ensejaram a singular proposta de Luís Fernando Corona para a SAPI (Imbé) e o monumental Hotel Atlântida, de Mauro Guedes de Oliveira. O projeto da SAPI era explicitamente inspirado da arquitetura de Oscar Niemeyer na Pampulha. Esta foi uma tentativa de trazer ao litoral gaúcho os aspectos característicos da consagrada escola carioca, que acabou frustrada em sua implementação. No Hotel Atlântida, que foi sede da APC, o arquiteto Mauro Guedes materializou, em estilo moderno, o equipamento urbano âncora idealizado por Ubatuba de Faria em planos urbanísticos de balneários-modelo. Em

Curumim, surge uma sede de associação que apresenta uma curiosa volumetria Art Déco que hoje se encontra bastante desfigurada. O projeto de Carlos e Suzy Fayet em Arroio do Sal mostra uma dupla de arquitetos importantes buscando aplicar os termos da arquitetura moderna a uma encomenda singela. A proposta de Valle e Simch para a SAPT em Torres, ajustada ao contexto e inovadora arquitetonicamente, não foi implantada em sua maior parte, e permanece registrada apenas nos documentos de projeto dos arquitetos. As demais sedes de associações são edifícios que testificam as influências do debate arquitetônico de sua época, com resultados pouco expressivos em si, mas relevantes historicamente.

O registro ordenado e ilustrado dessa produção arquitetônica e urbanística permite contemplar parte do processo de materialização das cidades praianas do litoral norte gaúcho, tanto naquilo que efetivamente se materializou como nas aspirações ideais que ficaram nos projetos não construídos.

Bibliografia

- A GAIVOTA. Atlantida (Cidade Balnearia). **A Gaivota**, Porto Alegre, p. 42, 43, 44, 1940. ISSN 12.
- ABREU FILHO, S. B. D. Urbanisme Parlant na Várzea: Arnaldo Gladosh e a feira permanente de amostras. In: ABREU FILHO, S. B. D.; CALOVI PEREIRA, C. **Porto Alegre de Papel: avenida e praça 1910-1980**. Porto Alegre: PROPAR - UFRGS, 2006. p. 1-28.
- ALBERNAZ, M. P.; LIMA, C. M. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. São Paulo: ProEditores, v. I, 1998.
- ALBERT, A. **Sociedade Amigos da Praia de Torres: Relatório**. Sociedade Amigos da Praia de Torres. Torres. 1952.
- BACH, A. Boliche causa polêmica em Capão. **Zero Hora**, Porto Alegre, 28 março 1990.
- BERTOLUCI, N. C. **Atlântida 60 anos**. Porto Alegre: [s.n.], 2012.
- BOESIGER, W.; GIRSBERGER, H. **Le Corbusier 1910-65**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.
- BRUAND, I. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BUENO, M. F. T. Obras da Arquitetura Moderna no Litoral do Rio Grande do Sul, Torres, 2015. No prelo.
- CALOVI PEREIRA, C. Primórdios da arquitetura moderna em Porto Alegre. **Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis**, Porto Alegre, v. 2, p. 47-72, 2000.
- CAMPOS, M. D. C.; D'AZEVEDO, M. G. **Protásio Alves e seu tempo (1859-1933)**. Porto Alegre: Ja Editores, 2006.
- CARDOSO, E. M. **A invenção de Torres: do Balneário Picoral à criação da Sociedade Amigos da Praia de Torres**. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em História. Unisinos, 2008.
- CHAVES, R. ZH Blogs. **Almanaque Gaúcho**, 2014. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2014/02/20/ainda-o-capao/?topo=13,1,1,13>>. Acesso em: 22 outubro 2015.
- CHIEB, José A., DINIZ, Pery P., MIRANDA, Jorge B.. **Memórias da SAPT**. Porto Alegre: Organizações Nova Prova, 1996.
- CINQUENTENÁRIO da SAT. Direção: Fabiano Sapiranga. Produção: Fabiano Sapiranga. Intérpretes: Sociedade Amigos de Tramandaí. [S.l.]: Fabiano Sapiranga. 1995.

CLAUSSEN, M. R. S. **O Processo de Urbanização do Município de Imbé, RS:** dinâmicas socioespacial e socioambiental. Porto Alegre: Instituto de Geociências, Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

COMAS, C. E. Espelho e Labirinto. **Summa+**, Buenos Aires, v. 9, p. 34-37, agosto 1994.

COMAS, C. E. D. O encanto da contradição. Conjunto da Pampulha, de Oscar Niemeyer. **Vitruvius**, p. , Setembro 2000. ISSN 004.06 ano 01. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.004/9850>>. Acesso em: 22 outubro 2015.

COMAS, C. E. D. **Precisões Brasileiras:** sobre um passado da arquitetura e urbanismos modernos a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-1945. [Tese de doutorado]. Vincennes. Saint Denis: Universidade de Paris VIII, 2002.

DIÁRIO DE NOÍCIAS. Curumim, sem desanimar, pensa no futuro. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 2 fev. 1964. 4.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Sociedade Amigos de Tramandaí. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 14 maio 1955. 8.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Sábado inauguração do ginásio: Arroio do Sal. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 14 Janeiro 1960. 23.

ESPINDOLA, L. A.; FLORENTINO, R. F.; BARROSO, V. L. M. **Raízes de Capão da Canoa.** Porto Alegre: Est Edições, 2004.

FARIA, L. A. U. D. Desenvolvimento do Turismo para as Praias de Mar. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 9 agosto 1942.

FIORI, R. H. **Arquitetura moderna e ensino de arquitetura:** Os cursos em Porto Alegre de 1945 a 1951. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1992.

JUNG, N. E. **Chalés litorâneos:** o litoral nordeste do Rio Grande do Sul na década de 50. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul , 1999.

LE CORBUSIER. **Precisões sobre um estado presente na arquitetura e no urbanismo.** Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

LEERSH, I. M. **A busca de um ideário urbanístico no início do século XX: Der Städtebau e a Escola de Engenharia de Porto Alegre.** [Tese de doutorado]. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, 2014.

LUCCAS, L. H. H. **Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre: sob o mito do “gênio artístico nacional”.** [Tese de doutorado]. Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MARQUES, S. M. **Fayet, Araújo e Moojen: Arquitetura moderna brasileira no sul – 1950/1970.** [Tese de Doutorado]. Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

MENNA BARRETO, T. **Evolução Urbana por Ubatuba de Faria e a Exposição de Urbanismo.** XI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Vitória: [s.n.]. 2010.

OLIVEIRA, A. L. V. F. **As Duas Atlântidas 1939/1952 O veraneio moderno e a constituição dos balneários do litoral norte gaúcho. [Dissertação de Mestrado].** Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

OLIVEIRA, R. P. D. D. **Saul Macchiavello & Antônio Rubio: Modernidade Arquitetônica em Porto Alegre (1928-1938).** [Dissertação de mestrado]. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

PADAKI, S. **The Work of Oscar Niemeyer.** New York: Reinhold, 1950.

PENEDO, A. **Arquitetura Moderna São José dos Campos.** São José dos Campos: Penedo, A., 1997.

PEREIRA, C. Z. **Entre Textos e Projetos: O arquiteto João Monteiro Neto em Porto Alegre.** [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - PROPAP, Universidade Federal do Rio Grande do Sul., 2013.

PINHEIRO, Maria L. B., **Uma Cidade Pitoresca: São Paulo nas décadas de 1930 e 1940.** In: V SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 1998, Campinas. **Anais.** Disponível em:
<<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/587>>, acesso em 17 set. 2016.

PIOVESANO, C. **Parecer de aprovação de projeto com indicações**. Prefeitura Municipal de Osório. Osório, p. 2. 1959. (2.880-57).

ROQUETTE-PINTO, E. **Relatório da excursão ao litoral e à Região dos Lagos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul, 1962.

RUSCHEL, R. R.; ELY, N. H. (.). **Torres tem História**. Porto Alegre: [s.n.], 2004.

S.A. O PAIZ. O Rio Grande do Sul de Hoje. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 27 dezembro 1928.

SÁNCHEZ, L.; OLIVEIRA, M. F. Patrimônio modesto em movimento: diálogos urbanos entre história social e arquitetura. **Vitruvius**, Fevereiro 2008. ISSN 093.03 ano 08. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/167>>. Acesso em: 20 out. 2015.

SCHOSSLER, J. C. **"As Nossas Praias"**: Os primórdios da Vilegiatura Marítima no Rio Grande do Sul (1900-1950). [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

SCHOSSLER, J. C. **História do Veraneio no Rio Grande do Sul**. Jundií: Paco Editorial, 2013.

SILVA, R. H. D. **Arquitetura de Veraneio Cascais**. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2010.

SINGER, I. **Memorial do planejamento do conjunto formado pela SAPT e praça pública junto ao rio Mampituba na cidade de Torres**. Sociedade Amigos da Praia de Torres. Montevideo, Uruguay, p. 6. 1977.

SOARES, L. S. **A saga das praias gaúchas**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

SOARES, L. S. **Imbé Histórico Turístico. Tramandaí**. 2ª edição revista e ampliada. ed. Tramandaí: L. Soares, 2002.

SOARES, L. S.; PURPER, J. **Tramandaí Terra e Gente**. Porto Alegre: Pallotti, 1985.

STROHAECKER, T. M. **A urbanização do litoral norte do estado do Rio Grande do Sul**. [Tese de doutorado]. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

SZEKUT, A. R. **Vertentes da modernidade no Rio Grande do Sul**: a obra do arquiteto Luis Fernando Corona. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

TEIXEIRA, A. F. De Porto Alegre a Tramandaí. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 maio 1941. 4.

TRAMANDAÍ conta com uma sede das mais notáveis no gênero no país. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 19 jan 1957. Reportagem transcrita por STOCKER JR, J. L. em 2013.

UBATUBA DE FARIA, L. A.; MOACYR, P. **Atlantida Cidade Balnear. Ante-Projeto**. Porto Alegre, p. 50. 1939.

VEIGA, E. J. G. **O Estilo Californiano em Porto Alegre, no período de 1948 a 1952**. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993.

VITRÚVIO. **Tratado de Arquitetura**. Tradução de M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

XAVIER, A.; MIZOGUCHI, I. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre**. São Paulo: Pini, 1987.